LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

O SILÊNCIO DA CHUVA

COMPANHIA DAS LETRAS

O SILÊNCIO DA CHUVA

Parte I

AS DUAS ARTES

EXAMINOU A ARMA COM A DELICADEZA de quem examina uma peça rara. Sentiu-lhe o peso, correu o dedo pelo cano até a alça de mira, abriu o tambor, fazendo-o girar, fechou-o com um movimento de mão e testou o gatilho; experimentou a empunhadura sem apontar para nada, olhos fechados, apenas tato. A inscrição *Detective Special*, ao longo do cano, lembrou-lhe velhos filmes policiais. Retirou da caixa e introduziu no tambor, uma de cada vez, lentamente, seis balas. Fechou o tambor, guardou a caixa de balas e a flanela no fundo da gaveta e colocou a arma dentro da pasta. Sobre a mesa, o dinheiro e o envelope. Colocou-os em outra divisão, separados do revólver. Percorreu a sala com os olhos, pegou a pasta, destrancou a porta do escritório e saiu.

Na sala contígua despediu-se de Rose, a secretária, e no hall do elevador encontrou Cláudio Lucena. Preferia não ter discutido com ele, mas agora não fazia diferença, já haviam discutido inúmeras vezes sem que a amizade fosse abalada. Antes de o elevador chegar ao térreo, todo resíduo de animosidade se dissipara. Trocaram algumas palavras na calçada e se separaram.

Caminhou pela rua São José, na direção do edifício-garagem Menezes Cortes. Não tinha pressa, não tinha dúvidas. Sua vaga cativa ficava no segundo piso e o acesso é feito pelas escadas rolantes da galeria. Estacionara a poucos metros da porta que dá para a escada. A escuridão do estacionamento contrastava com a luminosidade exterior. O movimento de saída ainda era pequeno.

Entrou no carro, sentou-se à direção, colocou a pasta no banco ao lado, recostou a cabeça e ficou algum tempo pensando nos últimos acontecimentos. A sensação era de paz. Abriu o porta-luvas e retirou o maço de cigarros, guardado desde que decidira deixar de fumar, pouco mais de dois meses antes. Saboreou o cigarro lentamente; as tragadas fortes, após longo tempo de abstinência, deixaram-no ligeiramente tonto, mas não o suficiente para alterar-lhe a lucidez. Assim que terminou, fechou novamente os vidros, abriu a pasta, retirou o revólver, encostou o cano na têmpora direita e puxou o gatilho.

1

Espinosa atravessou lentamente a rua, olhar no chão, mãos nos bolsos, em direção à praça. O sol ainda brilhava forte na tarde de primavera. Procurou um banco vazio, de frente para o porto, tendo às costas o velho prédio do jornal *A Noite*. À sombra de um grande fícus, deixou as ideias surgirem anarquicamente.

Poucas pessoas considerariam a praça Mauá um lugar adequado à reflexão, exceto ele e os mendigos. No começo era visto com desconfiança mas aos poucos eles foram se acostumando a sua presença. Nunca frequentou a praça à noite, respeitava a metamorfose produzida pelos frequentadores do Scandinavia Night Club ou da Boite Florida.

Enquanto prestava minuciosa atenção ao movimento dos guindastes no porto, deixou o pensamento emaranhar-se livremente em sua própria trama. Formara, havia tempos, a ideia de que momentos de solidão eram propícios à reflexão. Sentado naquele banco, acabara por concluir que isso não se aplicava a si próprio. A forma mais comum como transcorria sua vida mental era a de um fluxo semienlouquecido de imagens acompanhado de diálogos inteiramente fantásticos. Não se julgava capaz de uma reflexão puramente racional, o que, para um policial, era no mínimo embaraçoso.

A praça, apesar de pequena e situada num dos lugares mais movimentados do Rio, era o escape ao ambiente físico da delegacia. Terça-feira não era um dia particularmente ruim, especialmente se comparado às noites de sexta e aos fins de semana, quando a delegacia ficava repleta de prostitutas e punguistas da região do porto. Essa era sua clientela: prostitutas, punguistas, bêbados e drogados, anões do submundo portuário. Os grandes delitos cometidos nos escritórios do centro jamais chegavam à 1ª DP. Mesmo a prostituição de luxo que acontecia em prédios localizados a poucos metros da delegacia ficava ao abrigo da ação policial. Assassinatos eram raros no centro da cidade.

2

Apesar de ser uma tarde de terça-feira, o auditório da universidade na ilha do Fundão estava com quase todos os lugares ocupados quando o coordenador da mesa anunciou Bia Vasconcelos como a conferencista da tarde. Fazia um ano que se haviam visto pela primeira vez. No ano anterior, ela participara como debatedora e Júlio como conferencista; desde então haviam-se encontrado três vezes, acidentalmente, em dois *vernissages* e numa semana de arte no parque Lage. Estava vestida com simplicidade mas indiscutível elegância. Os cabelos negros e cheios, cortados na altura da nuca, realçavam o rosto e o pescoço. Aos trinta e quatro anos de idade, corpo e gestos harmonizavam-se como numa bailarina. Terminados os debates, Júlio ofereceu-lhe carona e convidou-a para um chope no centro da cidade. Ao saírem do prédio foram tomados pela luminosidade da tarde de setembro e pelo ronco de um grande jato comercial que decolava do Galeão. No carro, a sensação de privacidade e intimidade fez com que permanecessem em silêncio. Quando a primeira frase foi dita, já estavam na saída do campus universitário. Durante o percurso, houve mais silêncio do que conversa.

Encontraram vaga na avenida Chile, perto da catedral, e caminharam até a rua da Carioca. Nas calçadas repletas, pessoas tentavam arrematar um dia mal alinhavado. Na porta do

Cinema Íris um cartaz escrito à mão anunciava “Dois filmes e dois shows com garotas selecionadas”, enquanto outro, fartamente ilustrado, apresentava o filme *Exterminadora de orgasmos*. O movimento intenso e o barulho das lojas de discos impediam a conversa. Chegaram ao Bar Luiz faltando cinco minutos para as cinco horas. Escolheram uma mesa para duas pessoas, junto à parede. Na mesa ao lado, um turista estudava atentamente o mapa da cidade; numa outra mais distante, um grupo discutia; atrás de Bia, um mulato alto, camiseta de seda sem mangas, duas pulseiras de prata em cada pulso, corrente no pescoço e muitos anéis, argumentava em voz baixa com uma loura.

O interior *art déco* do Bar Luiz é protegido da rua por um painel de madeira e vidro canelado até a altura de dois metros. A parte de cima do painel é vazada, permitindo a visão dos sobrados fronteiriços com suas fachadas em cantaria e pequenas sacadas com grades de ferro batido. Júlio olhava apenas para Bia. Pela primeira vez estavam frente a frente, a pouco mais de dois palmos de distância. Pediram chope e salsichão, e Bia teve dificuldade para romper o invólucro de plástico que protegia os talheres; Júlio ajudou-a, as mãos se tocaram. Enquanto conversavam, captavam detalhes um do outro; sob a mesa pequena, os joelhos se esbarravam ocasionalmente.

A beleza de Bia não se oferecia toda ao primeiro olhar; era acrescida, a cada vez, de um traço ainda não revelado, e Júlio colhia cada revelação como se fosse uma epifania. Na conversa foram cautelosos, ela falou sobre o curso de artes gráficas que fizera na Itália, ele sobre sua dupla atividade como professor da faculdade de arquitetura e profissional liberal. O encontro durou pouco mais de uma hora. Às seis e quinze, Bia disse que precisava ir embora, recusou o oferecimento de Júlio para levá-la. Ao se despedirem, os lábios se tocaram levemente.

3

Às oito horas da noite, a maior parte dos carros estacionados no segundo piso do edifício-garagem já havia saído quando o homem gordo, esbaforido, avisou ao funcionário responsável pelo andar que havia um morto no automóvel estacionado ao lado do seu.

— Como o senhor sabe que ele está morto? — perguntou o funcionário, fingindo indiferença.

— Porque uma pessoa com um furo na cabeça e roupa empapada de sangue não está dormindo sobre o volante, porra!

A palavra *sangue* tem, às vezes, um poder mobilizador maior do que a palavra *morte*. O funcionário saiu da cabine e olhou na direção apontada pelo homem.

— Não posso abandonar meu posto.

— Merda! Isto não é um navio! Chame alguém e telefone para a polícia enquanto tomo conta do carro.

— Tomar conta do carro, para quê? O senhor não disse que o cara está morto?

— Para ninguém mexer em nada. Será que você não entende? Tem um cara morto logo ali. Pode ter sido assassinado.

A palavra *assassinado* produziu novo efeito, o funcionário abandonou a cabine e berrou por alguém no andar de cima.

Aos funcionários juntaram-se, em curto espaço de tempo, curiosos surgidos não se sabe de onde, mas o grupo diminuiu rapidamente de tamanho com a chegada do carro-patrulha da PM, luzes piscando no teto, subindo a rampa de acesso. A área foi isolada e o que restava do grupo foi dispersado, ficando apenas os funcionários da garagem e o homem que encontrara o corpo. O fato foi comunicado à delegacia da praça Mauá, com a observação de que a vítima era diretor de uma grande companhia localizada no centro da cidade.

Quando Espinosa chegou, meia hora depois, o patrulheiro fez um relato da ocorrência e entregou a carteira contendo documentos, cartões de crédito e alguns cartões de visita. Estava num dos bolsos do paletó, o outro bolso estava vazio. Não foi encontrado nenhum porta-notas e o morto não carregava dinheiro. Os documentos e os cartões de visita continham os dados necessários para identificá-lo. Ricardo Fonseca de Carvalho, quarenta e dois anos, diretor-executivo da Planalto Minerações. O endereço e o telefone da residência estavam nos cartões.

O homem gordo, sentado dentro do próprio carro, não estava mais esbaforido, mas visivelmente cansado. Assustou-se quando o rosto de Espinosa apareceu na janela ao seu lado.

— Boa noite, sou o inspetor Espinosa da 1ª DP, foi o senhor quem encontrou o corpo?

— Sim, senhor.

O homem gordo saiu do carro.

— Pode me dar seu nome, endereço e telefone?

A fala era calma, um pouco cansada, e não tinha nenhum traço de intimidação. Apesar dos anos de polícia, Espinosa não incorporara o linguajar típico dos colegas. Os relatórios que fazia, escritos em forma quase literária, exigiam deles um esforço extra. O modo de se vestir também não acompanhava o padrão da corporação, sobretudo o dos policiais mais jovens. Nunca usara tênis ou coletes de couro.

— Meu nome é Osmar... Osmar Ferreira Bueno. Já dei meu endereço e telefone para o outro policial.

— Senhor Osmar, sei que teve uma experiência desagradável e que a essa hora já devia estar em casa, mas seu depoimento é importante. Quero que me conte exatamente o que aconteceu, desde o momento em que viu o carro.

— Não tenho muito o que dizer. Quando fui abrir a porta do meu carro vi o homem caído sobre o volante, no carro ao lado. Não parecia estar dormindo. Pensei em enfarte. Bati no vidro duas ou três vezes; como ele não se mexia, abri a porta. Assim que a luz interna acendeu, vi o sangue na sua roupa; contornei o carro e pela outra janela vi o ferimento na cabeça. Fechei novamente a porta e saí correndo para avisar ao funcionário do estacionamento.

— O senhor tocou no corpo ou pegou algum objeto?

— Não. Não foi preciso tocar para ver que estava morto. Não toquei nem peguei nada.

— Enquanto o senhor foi avisar ao funcionário, alguém se aproximou do carro?

— Não. Fui correndo e voltei logo, o estacionamento já estava quase vazio e seria fácil ver qualquer pessoa se aproximar.

— Obrigado, senhor Osmar, entraremos em contato com o senhor.

Era evidente que o executivo fora roubado. Ninguém anda completamente sem dinheiro. Sobretudo um homem com aquelas roupas, aquele carro e diretor de uma empresa. Pelo tamanho do orifício, a arma utilizada deveria ser de calibre 38. A bala não atravessara a cabeça, ficara alojada no cérebro. Não havia sinais evidentes de luta e a chave estava na ignição. No cinzeiro, apenas um cigarro que, pelo cheiro, parecia recente. Não havia cinzas. O banco traseiro e o porta-malas estavam vazios.

Debruçado na murada da rampa de descida do edifício-garagem, olhar perdido na direção do convento de Santo Antônio, Espinosa tentava construir mentalmente a cena. Imaginou várias, todas partindo de um fato que parecia claro: o assassino estava na parte da frente do carro, ao lado do motorista, quando atirou.

Primeira cena. O assassino está escondido no banco de trás, esperando. A escuridão é quase total. Quando o dono do carro abre a porta, a luz interna se acende e ele é surpreendido e obrigado a entrar sob ameaça de arma. Após ter entregue a carteira e mais algum objeto pessoal, o executivo tenta reagir e é baleado. O assassino abandona o carro pela porta da direita e sai pela escada sem ser notado.

Segunda cena. O assassino está à espera fora do carro quando o executivo se aproxima; aponta a arma e o obriga a entrar pela porta oposta à do motorista. Entra em seguida e ordena que ligue o motor; quando o executivo se inclina para enfiar a chave na ignição, é atingido na cabeça. Para que as coisas tivessem se passado dessa maneira o pino de segurança da porta do motorista deveria ter sido encontrado trancado, o que não acontecera.

Permanecia a questão do motivo. Tentativa de sequestro não foi uma hipótese considerada. Era pouco provável. O local é inadequado, tem apenas uma saída e o executivo poderia tentar uma escapada dramática quando fossem passar pelo guichê. Além disso, um sequestro nunca é executado por apenas uma pessoa, e não havia indícios de um segundo assaltante.

Terceira cena. O assassino é conhecido do executivo, chegam juntos para pegar o carro. Assim que entram, ele encosta o revólver na cabeça do outro e atira. Tira a carteira e o relógio para simular um latrocínio, e sai pela escada de emergência.

Espinosa não se preocupava com o rigor formal dessas construções imaginárias e também não fazia nenhum esforço para retê-las na memória. Sabia que inúmeras outras surgiriam no curso da investigação sem que nenhuma conservasse a forma original, deixava fundirem-se umas às outras dando lugar a cenas mais complexas. Atravessou a rampa de descida e encaminhou-se de volta em direção ao carro. O perito do Instituto de Criminalística guardava numa maleta instrumentos e envelopes plásticos etiquetados.

— Estou levando o material para examinar — disse ele. — Por enquanto posso dizer pouca coisa. O tiro foi dado com a arma encostada na têmpora da vítima, provavelmente um revólver calibre 38. A morte foi instantânea. Não há indícios de luta nem impressões digitais. Mais detalhes, só depois de examinar o material.

— Obrigado, Freire, falo com você amanhã.

Já estava saindo quando se voltou para o perito.

— Só mais uma coisa. Encontrou alguma marca de batom nos lábios ou no rosto?

— Nada que fosse visível. O legista terá condições de verificar isso melhor.

Quarta cena. A caminho do estacionamento, o executivo encontra uma conhecida, beijam-se e seguem caminhando em direção ao edifício-garagem. Lá chegando, o executivo abre a porta para ela, contorna o carro, entra pela porta do motorista, senta-se e, antes de ligar o motor ou acender as luzes, é atingido.

Uma quinta cena, a do suicídio, não chegou a se esboçar. Não fora encontrada nenhuma arma no carro.

Às nove e meia da noite, havia pouco a fazer no local. O café situado no térreo do edifício-garagem, ao lado da escada rolante, estava fechado. (Alguém poderia ter visto Ricardo Carvalho, caso ele tivesse tomado um cafezinho antes de subir.) O fato é que lojas e bares estavam fechados e as ruas desertas. Também não havia mais ninguém na Planalto Minerações.

4

Espinosa tinha por princípio não dar certas notícias por telefone. Depois de passar pela delegacia, pegou seu carro e foi falar com a mulher do executivo. No caminho para o Jardim Botânico, acrescentou outras cenas às imaginadas.

Quando o porteiro perguntou seu nome, mostrou a carteira da polícia e disse que preferia subir sem ser anunciado.

— É o apartamento de cobertura, o senhor tem que apertar o C.

Espinosa não fez nenhum comentário. O elevador era todo espelhado e, a menos que tivesse subido alguém recentemente, também perfumado.

Teve que tocar duas vezes a campainha. Provavelmente o porteiro avisando pelo interfone que a polícia estava subindo. Logo que a porta foi aberta, a ideia se desfez. A mulher jovem e bela que o atendeu aparentava absoluta tranquilidade.

— Dona Bia Carvalho?

— Bia Vasconcelos — respondeu com firmeza e, ante a hesitação do policial, acrescentou:

— Mantenho meu nome de solteira.

— Sou o inspetor Espinosa, da 1ª DP.

— Aconteceu alguma coisa?

— Lamento, mas não lhe trago uma notícia boa.

— O que aconteceu?

— Posso entrar? — perguntou Espinosa sem responder.

— Claro. Entre, por favor. Mas o que aconteceu? — perguntou com voz sussurrante.

— Seu marido morreu — disse Espinosa —, assassinado.

Bia Vasconcelos empalideceu e procurou algo em que se apoiar. Espinosa segurou-a pelos braços e fez com que se sentasse no sofá. Durante alguns segundos, não disse nada, olhar fixo num ponto entre a parede e o teto.

— Sinto muito — disse Espinosa —, não há como dar essa notícia de modo suave.

— Como aconteceu?

— Posso lhe dizer como ele foi encontrado, mas não como aconteceu. Quer que eu pegue um copo d'água?

— Sim, por favor, a cozinha fica logo ali.

Espinosa voltou rapidamente com a água.

— A senhora quer algum calmante? Quer que avise alguém?

— Não, não quero tomar nada, quero que avise meu pai, o nome dele é Alírio Vasconcelos, o telefone está na primeira página daquele caderninho.

A mão tremia quando apontou para o caderno de endereços ao lado do telefone.

Enquanto Espinosa discava, ela se voltou para ele:

— Por favor, eu mesma falo.

Espinosa ouviu uma voz atender do outro lado da linha, enquanto levava o aparelho até onde ela estava sentada.

— Papai... Ricardo morreu... assassinado... É, assassinado... Não sei ainda... Sim, estou bem... Um policial chamado... — e, virando-se para Espinosa: — Como é mesmo o seu nome?

— Espinosa, inspetor Espinosa, da 1ª DP.

— Inspetor Espinosa — repetiu ela.

— Papai está perguntando se o senhor pode ficar aqui até ele chegar. Vem em poucos minutos.

— Posso. Ele não precisa vir correndo, não tenho pressa.

Ela repetiu a recomendação e desligou. Ficaram algum tempo sem falar. Bia Vasconcelos foi aos poucos recuperando a cor, quis saber a que horas o marido fora assassinado e como tinha sido. Espinosa lhe disse a hora aproximada e descreveu, da forma mais branda possível, como o marido fora encontrado. Ela voltou a deter o olhar no ponto situado entre a parede e o teto, permanecendo assim durante alguns segundos. Em seguida, sem que nada tivesse sido perguntado:

— Pouco tempo antes eu estava tomando chope com um amigo a pouca distância do local — a voz ainda sem modulação.

— A que horas? — aproveitou Espinosa.

— Entre cinco e seis horas da tarde, saí pouco depois das seis, queria passar no ateliê antes de vir para casa.

— E passou?

— Não. Fui ao cinema. Precisava refletir sobre algumas coisas e o cinema é um bom

lugar.

— Gostou do filme?

— O senhor tem um modo gentil de interrogar as pessoas.

— Não estou interrogando, a senhora falou espontaneamente sobre o chope com o amigo e sobre o cinema.

— Sem o amigo — completou Bia Vasconcelos.

Espinosa não insistiu. Fez algumas perguntas sobre os hábitos do marido, se tinha inimigos, se havia dito alguma coisa que pudesse ter relação com o crime, se notara alguma coisa estranha nele ao sair de casa pela manhã.

— Seu marido costumava andar com alguma pasta ou maleta?

— Sim, ele tem uma pasta de couro que carrega para todos os lugares.

— A senhora pode descrever a pasta?

— É uma pasta de couro marrom, tamanho padrão, com duas ou três divisões internas e suas iniciais gravadas na parte externa.

Aos poucos a voz recobrava a modulação e as cores voltavam ao rosto. Bia Vasconcelos continuava sentada. Espinosa se deu conta da música suave vinda de alguma parte da estante. Música clássica. Não foi capaz de identificar o compositor. Passados alguns minutos, a campainha da porta tocou.

Alírio Torres Vasconcelos era um homem de mais ou menos sessenta anos, voz grave saindo do peito largo. Depois de abraçar demoradamente a filha, apresentou-se e pediu ao inspetor que contasse com detalhes o ocorrido, o que Espinosa fez, omitindo os detalhes. Pelo modo como perguntava e pela reação às respostas, era evidente que não tinha grande simpatia pelo genro. No final, perguntou que providências tinham que tomar de imediato.

— Sinto muito — disse Espinosa —, mas alguém terá que fazer o reconhecimento do corpo no Instituto Médico Legal.

E acrescentou:

— Isso poderá ser feito amanhã. — E deixou o pai com a filha.

Na rua, lembrou-se de que almoçara apenas um sanduíche.

5

A Planalto Minerações ocupa o décimo segundo andar de um prédio na rua do Ouvidor, quase esquina com a avenida Rio Branco. A fachada em vidro fumê impede a visão a partir do exterior, protegendo de olhares curiosos os ocupantes de seus luxuosos escritórios. O ar-condicionado central mantém uma temperatura civilizada, num permanente bloqueio aos trópicos. Os elevadores são amplos, silenciosos e rápidos. O circuito interno de televisão e um cuidadoso sistema de segurança completam o quadro no qual o primeiro e o terceiro mundos são mantidos à distância.

A notícia do assassinato se antecipara a Espinosa. Na recepção, duas moças conversavam

excitadas, excitação que aumentou à vista da carteira do policial.

— Bom dia, sou o inspetor Espinosa da 1ª DP. Gostaria de falar com o diretor da companhia.

— O doutor Daniel Weil ainda não chegou... é o presidente, costuma chegar por volta das dez horas — a respiração ligeiramente ofegante: — O senhor quer falar com um dos diretores?

Cláudio Lucena, diretor-executivo da Planalto Minerações, devia ter a mesma idade que Ricardo Carvalho. Corpo atlético, elegantemente vestido, gestos amplos, voz um pouco fina destoando do conjunto. Recebeu Espinosa com uma expressão compungida não muito convincente.

— Inspetor, que tragédia, como pode ter acontecido uma coisa dessas? — enquanto se levantava e estendia a mão.

— É o que estou tentando descobrir — respondeu Espinosa.

— Sente-se, por favor — disse Lucena, apontando um confortável conjunto forrado de couro preto.

Espinosa, ao entrar, notara que o escritório era todo em preto, cinza e branco. Quadros e objetos não fugiam à regra. Apesar da falta de cores, era de muito bom gosto. Percebendo o olhar de Espinosa, Lucena comentou:

— Nossos escritórios, no Brasil e no exterior, obedecem todos ao mesmo padrão. Segundo nosso presidente, é uma forma de nos sentirmos sempre em casa.

E uma forma de dar maior destaque ao verde do dólar e ao amarelo do ouro, pensou Espinosa.

— Dona Carmem, dois cafezinhos, por favor — ordenou pelo interfone.

Sentando-se na poltrona em frente a Espinosa:

— Inspetor, estou pronto para ajudá-lo no que for possível.

— Obrigado, doutor Lucena. Quando o senhor viu Ricardo Carvalho pela última vez?

— Saímos juntos, ontem, às seis e quarenta e cinco, conversamos durante alguns minutos na calçada e tomamos direções opostas, fui procurar um táxi na avenida Rio Branco e ele foi pegar o carro no edifício-garagem Menezes Cortes. Devo ter sido a última pessoa a vê-lo com vida.

— Espero que tenha sido a penúltima, doutor Lucena.

— Quis dizer a última pessoa conhecida, inspetor.

— E o que o leva a supor que o assassino seja um desconhecido?

— Francamente não sei, apenas não posso admitir que algum conhecido tenha cometido o crime.

— O senhor vem sempre de táxi para a cidade?

— Venho, acho mais prático.

— Por que o senhor não aproveitava a carona do amigo?

— Eu moro no Leme, ele no Jardim Botânico, são caminhos diferentes.

Carmem entrou com a bandeja, um bule de prata, duas xícaras, dois copos d'água e um prato de biscoitinhos. A conversa foi suspensa enquanto o café era servido. De novo a sós.

— O senhor conhecia bem Ricardo Carvalho?

— Além de colegas éramos amigos, frequentávamos a casa um do outro e várias vezes viajamos juntos, acompanhados de nossas mulheres.

— E como ele era?

— Excelente diretor, inteiramente dedicado à Planalto Minerações, ambicioso e implacável nos negócios. Como amigo, era leal e cooperativo. Todos gostavam dele na companhia.

Parecia estar falando dele próprio. Após uma pequena pausa:

— Não entendo como alguém pôde ter feito isso.

— E fora da companhia, ele tinha algum inimigo? O senhor disse que ele era implacável nos negócios.

— Talvez tenha utilizado uma palavra forte, era um negociador hábil, não era um perdedor. De qualquer maneira, não fez nada que justificasse um assassinato.

— Nada justifica um assassinato — observou Espinosa.

— Sem dúvida. Pensava no motivo e não na justificativa.

— Alguma vez Ricardo Carvalho se referiu a algo que o senhor considere ter alguma relação com o crime?

— Não me ocorre nada e, sinceramente, inspetor, além de latrocínio, não vejo qual possa ter sido o motivo do assassinato.

— Como era sua relação com a esposa?

— Bia é uma pessoa maravilhosa, Ricardo nunca esteve à sua altura.

E, percebendo que fora enfático, acrescentou:

— Não se surpreenda por eu dizer isso de um amigo, inspetor, sobretudo de um amigo brutalmente morto, mas é a pura verdade, Ricardo sabia ganhar dinheiro, nisso era imbatível, mas nas relações afetivas era um fracasso.

A expressão interrogativa de Espinosa, testa franzida, era um convite a que Lucena continuasse, embora a voz fina e o tom doutoral o irritassem.

— Ricardo nunca se importou com as pessoas.

— Isso se aplicava à esposa?

— Não inteiramente. Uma mulher bela, inteligente e culta era importante em seu esquema de vida. O amor era prescindível. Creio mesmo que o considerava prejudicial.

— E o que ela achava disso?

— Bia tem sua profissão, é uma designer reconhecida internacionalmente, viviam em mundos diferentes ou mesmo opostos. Ultimamente os pontos de encontro entre esses mundos eram cada vez mais raros.

— Esses mundos opostos comportavam relações extraconjugais?

— O dele, certamente. Quanto a ela, acredito que não. É uma pessoa muito correta; caso se apaixonasse por alguém não continuaria vivendo com o marido.

— Não estava pensando em paixão, mas em encontros sem maiores compromissos.

— Não faz o estilo de Bia, ela não é mulher que se deixe conquistar facilmente.

— O senhor já tentou, doutor Lucena?

— Inspetor, Ricardo era meu melhor amigo e minha mulher é amiga de Bia.

— Isso me parece mais uma justificativa do que uma resposta, doutor Lucena.

— Não. Nunca tentei conquistá-la.

— Mais uma pergunta. O senhor sabe se o doutor Ricardo tinha alguma arma em casa?

— Não sei ao certo. Há pouco mais de um ano, quando fomos passar um fim de semana numa casa de praia, ele levou um revólver.

— O senhor é capaz de descrever a arma?

— Eu a vi muito rapidamente, só sei que era um revólver, mas não seria capaz de dizer a marca nem o calibre.

— Uma última pergunta. O senhor notou se doutor Ricardo levava alguma coisa quando saíram na terça-feira?

— Nada além de sua pasta.

— O senhor tem certeza de que ele estava com a pasta?

— Absoluta.

— Obrigado, doutor Lucena, o senhor ajudou muito.

— Se precisar de mim, estou a sua disposição, inspetor. Meu interesse é que encontre o assassino.

Doutor Weil, o diretor-presidente, ainda não havia chegado. Secretárias e demais funcionários pouco acrescentaram de útil ao depoimento do doutor Lucena; Rose, secretária de Ricardo Carvalho, não tinha ido trabalhar. Telefonara dizendo que não estava se sentindo bem. Isso significava que teria que voltar à Planalto Minerações, o que não deixava Espinosa particularmente alegre.

6

Poucas pessoas compareceram ao velório. Alírio Vasconcelos e Elísio chegaram junto com Bia. Elísio era o responsável pela galeria de arte e um pouco irmão de Bia. Filho de um antigo empregado de Alírio, perdera os pais aos nove anos de idade e fora criado por Alírio Vasconcelos como se fosse filho. Cursara a Escola de Belas-Artes e, antes de se formar, já era responsável pela Galeria Torres Vasconcelos. Fora difícil para Bia convencê-lo de que ficaria bem, durante a noite de vigília, apenas na companhia de Teresa. Os pais de Ricardo, também por insistência dela, não permaneceram na capela durante a madrugada. Ficaram apenas Bia e Teresa.

Depois do primeiro cafezinho no bar da capela, as duas amigas sentaram-se lado a lado, na poltrona em frente ao caixão. Depois da passagem pelo IML, o morto fora preparado de modo a parecer um artista de cinema dormindo.

— Então, minha amiga, quer dizer que Deus é realmente justo, como dizem? — falou Teresa, como se estivesse comentando os bons resultados de uma quermesse.

— O que é isso, Teresa? — respondeu Bia, chocada com a crueza do comentário. — Ricardo era meu marido, algum sentimento ainda nos ligava.

— Desculpe, querida, mas o único sentimento autêntico de seu falecido marido foi quando teve nas mãos, pela primeira vez, uma nota de dólar.

— Você está sendo cruel.

— Mas não estou sendo falsa. Aliás, nem falsa, nem injusta.

E continuou:

— Até hoje não consigo entender como uma mulher bonita, inteligente e, acima de tudo, de bom gosto, como você, casou-se com um homem como Ricardo.

— No início, ele foi gentil e carinhoso comigo — respondeu Bia um tanto constrangida com a situação.

— Tanto quanto é gentil e carinhoso todas as vezes que segura uma barra de ouro.

Não falava com raiva, mantinha um tom calmo e amistoso.

— Prefiro conversar sobre isso outro dia, não me sinto bem falando sobre Ricardo com ele morto à nossa frente — disse Bia, em voz quase inaudível, falando mais para si mesma.

— Tudo bem. Mas ele nunca teve essa delicadeza com você... estando viva.

O assunto foi encerrado. Passaram a falar sobre a palestra de Bia na Faculdade de Arquitetura e a época em que dividiam o mesmo quarto na Itália.

Haviam se conhecido em Milão. Bia frequentava o Istituto Europeo di Design, enquanto a amiga concluía o curso de direito. Filha de italianos, Teresa tinha direito à cidadania italiana, o que facilitara sua permanência em Milão e as viagens pela Europa. De volta ao Brasil, nunca se interessara por revalidar o diploma, casara-se com um advogado vinte e dois anos mais velho. Perdera um pouco da jovialidade, mas mantinha intactas a inteligência e a loquacidade. Pela manhã, quando os pais de Ricardo retornaram à capela, ambas foram para casa trocar de roupa e comer alguma coisa.

A partir das nove horas começaram a chegar alguns amigos, por volta das dez chegaram os colegas de diretoria e alguns funcionários da Planalto Minerações. Daniel Weil chegou arfando.

— Querida, que tragédia, fomos todos profundamente tocados por este crime brutal. Exigi do policial encarregado do caso que me mantivesse informado sobre o andamento das investigações. Saiba que pode contar conosco para qualquer coisa que precisar.

Lucena tentou um discurso mais pessoal, mas não encontrou receptividade. Alírio Vasconcelos manteve-se afastado, como se temesse o contato com aqueles homens. Sua vida, como a deles, tinha girado em torno do dinheiro, mas para ele esse não era o valor mais alto.

Enquanto ouvia palavras como “perda irreparável” e “insubstituível”, Bia teve a atenção

despertada para o homem que, da parede oposta, observava atentamente a cena: era o policial que estivera em sua casa. Não o viu mais durante a cerimônia.

Na hora de fecharem o caixão, Bia se aproximou do corpo, contemplou-o durante um tempo, tirou sua própria aliança de casamento e depositou-a sobre o corpo do marido. Não chorou, não abraçou, não beijou o morto. Terminado o enterro, quando os diretores da Planalto Minerações vieram cumprimentá-la, disse apenas:

— Obrigada. Os senhores foram muito gentis... e eficientes.

Nas palavras e nos gestos, uma desconcertante e perturbadora ambiguidade.

A única pessoa que aparentava tristeza verdadeira era Rose, secretária de Ricardo. Por várias vezes fez menção de aproximar-se de Bia, sendo que em duas ocasiões começou a dizer algo, mas foi interrompida por pessoas que chegavam para dar os pêsames à viúva. Antes das onze e meia estava tudo terminado. Assim, pelo menos, pensaram os presentes.

7

À tarde, Bia permaneceu em casa, guardando desorganizadamente objetos do marido, mais para se acostumar à ideia de sua morte do que pela necessidade de impor uma nova ordem. Dispensara a empregada, não queria a companhia de ninguém, muito menos de uma pessoa que participara do cotidiano de sua vida de casada. Seu pai telefonara, pouco antes do meio-dia, para saber se estava passando bem e se queria almoçar. Não. Não queria. Preferia ficar em casa. No final da tarde, Rose telefonou.

— Dona Bia?

— Sim — respondeu, reconhecendo a voz da secretária. — Como vai, Rose? Obrigada por ter ido ao enterro.

— Dona Bia, eu não deixaria de ir por nada neste mundo... Isto é, eu preferia não ter ido... Quer dizer, preferia que ele não tivesse morrido.

— Sei o quanto você gostava do doutor Ricardo — disse Bia, cortando-lhe o embaraço.

— Dona Bia, preciso falar com a senhora, tem umas coisas que a senhora precisa saber.

— Rose, Ricardo está morto, o que ele fazia não me interessa mais.

— Não é nada do que a senhora está pensando — disse rapidamente a secretária —, é sobre a morte dele.

— Sim?

— Não dá para falar daqui, nem agora, preferia me encontrar com a senhora — disse Rose.

— A morte dele está sendo investigada, Rose, não há nada que nós possamos fazer.

— Acho que tenho como ajudar em alguma coisa. Aquele policial esteve aqui no escritório ontem à tarde querendo falar comigo, disse que volta amanhã. Antes de falar com ele, gostaria de falar com a senhora.

E, com a voz muito baixa:

— Por favor, dona Bia, preciso falar pessoalmente com a senhora.

— Está bem — respondeu Bia. — Quando você quer se encontrar comigo?

— Hoje. Posso sair dentro de alguns minutos, pego um ônibus e vou direto para sua casa.

— Está bem — disse Bia.

Desligou o telefone. Faltavam quinze minutos para as seis horas. Rose já tinha estado em seu apartamento várias vezes, levando documentos para Ricardo assinar. Jovem, bonita e alegre, era extremamente reservada quando se tratava de assuntos ligados à Planalto Minerações ou a Ricardo Carvalho. Devia ser algo realmente importante.

Espalhou sobre a mesa da sala as ilustrações que trouxera do ateliê para o novo livro. A última estava pela metade. Ensaiou alguns retoques, mas não conseguia se concentrar, a todo momento verificava as horas. Às oito soou a campainha. Era o porteiro.

— Boa noite, dona Bia, um senhor pediu para entregar este envelope.

— Não deixou o nome?

— Não, senhora. Insistiu para eu trazer agora.

— Obrigada, Waldir.

Quando o porteiro ia se retirando, acrescentou:

— Estou esperando uma moça chamada Rose. Quando chegar, mande-a subir, por favor.

Não abriu o envelope, sabia de quem era. Estava exausta. Cada músculo do corpo estava retesado. Doíam ombros e pescoço. A noite estava fresca e aproveitou para tomar um banho quente para relaxar. Avisou ao porteiro que estaria no banho, caso alguém a procurasse. Abriu o chuveiro e deixou a água escorrer sobre as costas durante longo tempo. A tensão muscular não passou, mas o estado geral melhorou. Vestiu uma camiseta longa, bem folgada, pegou uma cerveja na geladeira e recostou-se no sofá da sala para ler o bilhete de Júlio.

Não fossem os últimos acontecimentos, aquele poderia ser um momento agradável. Durante muitas noites, quando das viagens e dos jantares de negócios do marido, ficara só, naquela sala agradavelmente mobiliada, lendo, ouvindo música, pensando em seu trabalho, deixando as ideias fluírem livremente. Morava no último pavimento de um prédio moderno de um apartamento por andar, os fundos dando para o parque Lage. À noite, o burburinho que chegava da rua Jardim Botânico era superado pelo barulho dos grilos e sapos, vindo do parque. O apartamento era confortável e de muito bom gosto, os móveis e objetos tinham sido escolha sua, o marido sabia o que era caro, mas não o que era bom. Abriu o envelope e leu o bilhete.

Bia,

Soube, há poucas horas, da morte de seu marido. Lamento muito. Sofro, por imaginar que você esteja sofrendo. Conte comigo para o que precisar. Espero vê-la em breve.

Com todo o carinho,

Júlio.

Os sentimentos estavam confusos. A atração por Júlio era um fato, havia muito não se sentia tão bem na presença de um homem, e o convívio com o marido tornara-se penoso. Sabia das aventuras amorosas de Ricardo, mas sabia também o quanto ele era superficial nas relações pessoais. Não tinha propriamente amigos, mas interesses, as mulheres serviam apenas como reafirmação permanente do seu poder de conquista. Duvidava que alguma vez, desde que o conhecera, tivesse se ligado afetivamente a alguém, e isso incluía a si própria. Júlio era um tipo de homem diferente. Pertencia a outro universo, mais próximo do dela e no qual se sentia mais à vontade. Mas Ricardo havia morrido fazia apenas quarenta e oito horas, sua vida ainda estava tão presente quanto sua morte.

Releu o bilhete e, a cada leitura, o sentido original era invadido por outros. Às frases de Júlio misturavam-se imagens de Ricardo, e as imagens de ambos mesclavam-se formando uma figura híbrida. Acordou no dia seguinte, deitada no sofá, luzes acesas, bilhete caído no chão junto à lata de cerveja. O corpo doía mais do que na véspera. Rose não aparecera.

Dois dias sem trabalhar: de nada adiantaria ficar em casa esperando as ideias e os sentimentos se aquietarem. Enquanto tomava café, passou os olhos rapidamente pelo jornal. Aprontou-se e saiu. Era sexta-feira. Caía uma chuva hesitante, silenciosa.

8

A Galeria Torres Vasconcelos adquirira uma sólida reputação no meio das artes plásticas graças à inteligência e sensibilidade de Elísio Sclar. A mesma reputação tinha junto aos bancos, mas nesse caso graças ao suporte e à garantia econômica da Gráfica Vasconcelos, um dos maiores fabricantes de agendas, calendários e etiquetas do país.

A antiga casa de dois pavimentos, no Leblon, fora inteiramente reformada para atender às necessidades da galeria. A sala de exposições ocupa todo o primeiro andar, correspondendo aos três amplos salões originais da casa cujas paredes divisórias foram derrubadas e as janelas laterais eliminadas. O ambiente é inteiramente branco. Na parte central, ao longo do salão, ficam dispostas banquetas de couro preto sem encosto. Ao fundo, uma escada vazada, com largos degraus de peroba maciça, dá acesso ao segundo pavimento com dois escritórios, dois banheiros e uma grande sala com porta reforçada, dotada de um sofisticado sistema de refrigeração e proteção contra incêndio, onde ficam guardados o acervo da galeria e as obras deixadas em consignação.

Uma entrada lateral para carros conduz ao sobrado situado na parte dos fundos da casa. Na parte de baixo do sobrado fica a garagem, com espaço suficiente para três carros, e na parte de cima o ateliê de Bia, com ampla janela lateral dando para a grande mangueira no quintal atrás da casa principal.

O ateliê é suficientemente amplo para conter uma prancheta e uma grande mesa de trabalho quase toda ocupada por potes contendo pincéis, espátulas, hidrográficas de todas as cores e caixas de lápis de cor de diferentes marcas. A única parede sem janelas ou portas é ocupada por uma estante repleta de revistas e livros de arte. Sob a janela que dá para a entrada de carros fica um móvel com gavetas para papéis de desenho. Um sofá de três lugares, suficientemente confortável para se passar a noite, completa o mobiliário. Ao fundo, duas

portas dão para o banheiro e uma pequena cozinha. O ateliê tem telefone, secretária eletrônica e fax independentes da galeria. O acesso é feito por uma escada lateral.

Ao chegar, Bia encontrou apenas o vigia e o zelador. Diariamente, antes de ir para a gráfica, seu pai passa pela galeria, mas nem ele nem Elísio haviam chegado. A luz vermelha da secretária piscava. Uma mensagem de Júlio, duas de Teresa e uma do seu editor. A mais antiga era de Júlio, antes de saber da morte de Ricardo, discreta e fazendo referência à palestra na faculdade de arquitetura.

Elísio e Alírio chegaram por volta das nove horas. Bia ligara a cafeteira e tentava colocar em ordem os papéis e livros utilizados na preparação da conferência. O computador, com duas diferentes versões da palestra, ainda estava sobre a mesa e acumulara um pouco de poeira. Ela não permitia que ninguém arrumasse o ateliê, o zelador tinha autorização apenas para limpar o banheiro e a pequena cozinha.

Elísio foi o primeiro a entrar.

— Que bom ver você por aqui — disse com alegria, procurando avaliar o estado de espírito da amiga.

Poucas pessoas conseguiam captar com tanta acuidade pequenos sinais reveladores da interioridade de Bia.

— Elísio! Acho que você é a primeira pessoa amiga que vejo nas últimas quarenta e oito horas.

Mal acabou de dizer a frase e o pai, que demorara mais para subir a escada, entrou na sala ofegante.

— E eu, não conto?

Bia beijou carinhosamente o pai e o quase-irmão.

— Querem café? Acabou de ser feito.

A chuva continuava tímida, a mangueira em frente estava florida e o cheiro de café invadia o ateliê. O ambiente era propício a uma conversa pessoal, mas enquanto tomavam café o assunto girou em torno do trabalho de Bia e do próximo leilão da galeria. Ninguém tocou no nome de Ricardo.

Depois que os dois saíram, Bia telefonou para seu editor e em seguida para Teresa. Ambos os telefonemas foram mais demorados do que gostaria. Não ligou para Júlio, ele devia estar na universidade. Após uma rápida arrumação, ligou para a Planalto Minerações. Atendeu a secretária de Cláudio Lucena.

— Dona Bia? Como vai a senhora?

— Bem, obrigada, Carmem.

— A senhora quer falar com o doutor Lucena?

— Não, gostaria de falar com Rose, ela ficou de me trazer alguns objetos pessoais de Ricardo.

— Rose não veio trabalhar hoje — respondeu. — Saiu daqui ontem comentando alguma coisa sobre encontrar-se com a senhora. Talvez tenha deixado para ir à sua casa hoje.

— Obrigada, Carmem.

Logo que desligou, sentiu uma compressão nas têmporas e um pequeno tremor nas mãos. O tremor cessou em seguida, mas a compressão aumentou gradativamente. Tomou uma aspirina acompanhada de mais café e recostou-se no sofá por alguns minutos. A chuva aumentara. Decidiu entregar-se ao trabalho, mas as duas horas que se seguiram foram inteiramente improdutivas. Rose não lhe saía da cabeça.

Encomendou salada e suco de laranja para o almoço num restaurante de comida natural que ficava a uma quadra da galeria. Talvez a dor de cabeça fosse por não ter jantado na véspera e ter tomado apenas uma xícara de café pela manhã. Enquanto esperava, sentada na banqueta giratória da prancheta, olhava em torno, detendo-se em cada objeto, como se fosse a primeira vez. Sentia-se bem no ateliê, era um lugar só seu. Ricardo fora lá apenas uma vez, para conhecer, e mesmo assim não permanecera mais do que quinze minutos. Ali não havia nenhuma marca de Ricardo, nada remetia à sua pessoa, nem mesmo uma fotografia.

Quando o almoço chegou, comeu a salada maquinalmente, sem sentir o gosto, até porque não havia muito gosto para ser sentido. Em seguida preparou um café novo, perambulou pela sala com a xícara na mão, contornando a prancheta e a mesa, mudou ligeiramente de lugar alguns objetos, retirou do envelope uma revista de arte que recebera pelo correio, e estava inteiramente tomada pela grande massa verde da mangueira quando o telefone tocou. Ficou em dúvida se deixava a secretária gravar a mensagem ou se atendia. Atendeu.

— Dona Bia?

— Sim.

— Quem está falando é o inspetor Espinosa. Como tem passado?

— Bem, obrigada, inspetor... Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Sim, estava esperando para falar pessoalmente com a senhora. Podemos conversar agora à tarde? Não tomarei muito tempo, posso estar aí dentro de quarenta minutos. Está bem assim?

— S... Sim. Eu estava de saída, mas posso esperar pelo senhor.

— Obrigado. Até já.

A compressão nas têmporas, que havia cessado, recomeçou. Nunca tivera contato com policiais e não nutria por eles nenhuma simpatia. Tomou outra aspirina acompanhada de mais um café, em seguida avisou ao vigia que encaminhasse o inspetor ao ateliê, quando chegasse. Inútil tentar trabalhar, deitou no sofá, fechou os olhos e ficou à espera.

Passados alguns minutos o telefone tocou, deixou que a secretária registrasse a chamada. Era Júlio dizendo que não conseguia encontrá-la em lugar nenhum, que tentaria encontrá-la em casa, à noite. O telefonema, ao invés de acalmá-la, acrescentou um pouco mais de tensão. Foi várias vezes à janela que dava para a entrada de carros. A chuva havia cessado.

O inspetor chegou antes do tempo previsto, sinal de que viera apressado. Mau sinal, no seu entender. Viu-o, da janela, caminhando a passos lentos em direção ao ateliê. Se viera correndo, agora não demonstrava pressa. Deteve-se algum tempo no topo da escada apreciando a mangueira. Bia o esperava na porta.

— Gosta de manga, inspetor? Essas são mangas-espada sem fiapo, uma preciosidade.

— E, pelo tanto que a mangueira está florida, a senhora terá uma bela colheita.

— Mandarei algumas para o senhor.

— Obrigado, mas por favor não mande para a delegacia, os policiais nem sempre são honestos.

O rápido diálogo no topo da escada serviu para aliviar um pouco a tensão da espera.

— Entre, inspetor. Aceita um café?

— Aceito. Com pouco açúcar, por favor. Muito agradável, seu ateliê.

Enquanto tomava o café, Espinosa vagava pela sala olhando atentamente os objetos, verificando a marca dos pincéis, apreciando as caixas de lápis, detendo-se em cada prateleira da estante. O olhar, contudo, não parecia policial, mas estético. Por fim, falou:

— Magníficos seus pincéis e suas tintas acrílicas, mas o que mais me fascina são seus lápis de cor. Recordações de infância, talvez, embora os meus não fossem Caran d'Ache.

— O senhor entende de arte, inspetor?

— Não... A menos que, como Thomas de Quincey, consideremos o assassinato como uma bela arte. — E acrescentou: — Já leu Thomas de Quincey?

— Lamento, inspetor. Sobre o que escreveu?

— Sobre suas experiências com ópio e sobre o crime. Tinha verdadeira paixão pelo assassinato, mas era um pacato inglês que não fazia mal a ninguém. Apenas escrevia sobre assassinato, não o praticava.

— É seu autor predileto, inspetor? — Havia um leve toque de ironia na voz.

— É um belo escritor — respondeu Espinosa —, mas não meu predileto.

— E o senhor sugere algum que não escreva apenas sobre ópio e assassinatos?

— Sem dúvida. Tenho particular simpatia pela literatura americana: Hemingway, Steinbeck, Faulkner e, sobretudo, Melville. Considero *Bartleby* uma pequena obra-prima. E nele não há nem ópio, nem assassinatos — acrescentou com um sorriso.

Bia estava desconcertada. Não sabia se tinha à sua frente um simplório ou um policial inteligente. Por precaução, optou pela segunda hipótese.

— Mas o senhor não veio aqui conversar sobre literatura e arte, não é verdade?

— Infelizmente, não — respondeu Espinosa —, preferiria falar sobre sua arte do que sobre a minha.

Enquanto falava seu olhar continuava a vagar pelos objetos da sala.

— Não quer sentar-se, inspetor? — disse Bia, apontando para o sofá.

— Obrigado. Incomoda-se se eu fumar?

— Esteja à vontade, eu também fumo.

— O que a senhora acha do doutor Lucena? — perguntou Espinosa, sem nenhum preâmbulo.

— É um *clone* do meu marid... do meu ex-marido. Converse com ele e saberá como era Ricardo. Os mesmos gestos, a mesma maneira de falar, as mesmas roupas, os mesmos valores... e provavelmente as mesmas amantes. Aliás, a partir de um certo ponto, ficou difícil

dizer quem copiava quem.

— Já conversei com ele e, para ser franco, tive a impressão de que ao descrever seu ex-marido estava descrevendo a si próprio. A senhora acha que essa situação poderia levá-lo a desejar a morte do amigo?

— Certamente não, inspetor. Não vejo Lucena atirando em meu marido por motivos psicológicos. Além do mais, não me parece haver dúvidas quanto a se tratar de um caso de latrocínio, não é verdade?

— É possível — respondeu Espinosa, continuando a examinar os pincéis que estavam dentro de um pote de madeira. — Os negócios do seu marido envolviam ouro e diamante. São dois materiais altamente explosivos.

— Mas não creio que suficientes para Lucena matar o melhor amigo, inspetor.

— Qual o grau de conhecimento que Rose, secretária de seu marido, tem dos seus negócios?

— Acho que sabe muita coisa, mas não tudo, nem eu sei de tudo o que ele fazia.

— Ela procurou a senhora depois da morte do doutor Ricardo? — O tom da pergunta era o de uma afirmativa.

— Estive com ela rapidamente, no enterro.

— E desde então não a viu mais?

— Não. Ela me telefonou ontem à tarde, querendo ir à minha casa. Estava muito nervosa e tinha alguma coisa importante para dizer. Primeiro pensei que estivesse querendo fazer confidências sobre aventuras de Ricardo, mas ela afirmou que não se tratava disso. Insistiu que a conversa teria que ser pessoal e não pelo telefone.

— A que horas foi esse telefonema? — perguntou Espinosa.

— Pouco antes das seis. Ficou de passar na minha casa depois de encerrado o expediente no escritório.

— Falou em lhe trazer algum documento?

— Não. Não mencionou documento. Por que o senhor está me perguntando essas coisas, ao invés de perguntar a ela? Tenho certeza de que ela vai cooperar. Gostava muito de Ricardo.

Espinosa fez uma pausa de alguns segundos e, sem alterar a voz:

— Rose desapareceu. Não foi para casa ontem, não foi trabalhar hoje e ninguém teve notícias dela desde que saiu da companhia ontem à tarde. A senhora sabe de alguém mais que estivesse a par desse encontro?

— Não, não comentei com ninguém, mas não sei se ela falou com alguém do escritório. Talvez Carmem, secretária do doutor Lucena, elas são amigas e trabalham na mesma sala. Rose mora com a mãe. Não passou em casa? Não deixou nenhum bilhete?

— A única coisa que sabemos — respondeu Espinosa — é que não chegou ao apartamento da senhora. Falei com o porteiro e me assegurou que nenhuma mulher a procurou ontem no final da tarde.

Rose estava desaparecida havia menos de vinte e quatro horas. Espinosa sabia que, em circunstâncias normais, isso não seria motivo para grandes apreensões. Nas condições presentes, havia motivo de sobra para preocupações.

— Que relação pode haver entre a morte de meu marido e o desaparecimento de Rose, se quem matou Ricardo matou para roubar? O senhor acha que ela também foi morta? — perguntou Bia, com a voz quase sumida.

— Não sei, espero que não. Caso ela volte a procurá-la, por favor, ligue imediatamente para mim.

9

Espinosa não retornou à delegacia. Do ateliê foi direto ao parque Lage, queria ver o movimento à tarde e no começo da noite. Welber, um jovem detetive de sua equipe, ficara encarregado de fazer a investigação no local e nas redondezas.

O parque, grande o suficiente para conter um estádio de futebol, é ricamente arborizado e possui uma vegetação rasteira que chega à altura da canela. É cortado por caminhos estreitos que convergem para uma grande área central e para o casarão onde funciona a Escola de Artes Visuais, situada a uns cem metros da rua. Durante o dia é frequentado sobretudo por crianças acompanhadas de mães e babás e, à noite, por casais de namorados e pelos frequentadores dos vários ateliês da escola. O grande portão de ferro, único acesso a carros e pedestres pela rua Jardim Botânico, fica aberto até as dez e meia da noite. O número dos vigilantes é insuficiente para cobrir toda a extensão do parque e o controle na entrada é praticamente inexistente.

Quando Espinosa chegou, Welber descia a alameda de acesso ao antigo casarão. Mais parecia um universitário em férias. Camisa polo, suéter jogado sobre os ombros, jeans, tênis importado; o único detalhe comprometedor da elegância era a camisa para fora das calças, recurso para esconder a arma enfiada na cintura. Os bancos espalhados pelo parque estavam molhados da chuva que caíra sem parar durante todo o dia. Conversaram dentro do carro.

O telefonema de Rose para Bia serviu de ponto de partida para mais uma sequência imaginária. A se admitir como verdadeiro o relato de Bia Vasconcelos, Rose teria pegado o ônibus no centro da cidade e descido no ponto em frente ao parque Lage. Se algum conhecido estivesse à sua espera, poderia tê-la convencido a entrar no parque. Rose pega o ônibus no centro da cidade, seis e quinze, seis e meia da tarde, o ônibus está lotado, ninguém presta atenção na moça discreta, em pé, espremida entre os demais passageiros, alheia ao que se passa à sua volta. Ao entrar na rua Jardim Botânico consegue um lugar para sentar, mas já está quase na hora de saltar, pouco depois toca a campainha. A partir desse ponto, as versões se bifurcam. Rose desce do ônibus, encaminha-se para a esquina, dobra à direita em direção ao prédio de Bia. Está escurecendo, cai uma chuva fina, mas a distância é pequena, caminha de cabeça baixa, protegendo o cabelo com a bolsa e não percebe quando Cláudio Lucena se aproxima, forçando-a a entrar num carro. Ou então: Rose desce do ônibus e se depara com Bia Vasconcelos esperando-a em frente ao portão do parque. Está de capa impermeável com capuz e abre um guarda-chuva para a secretária, convida-a a darem uma volta pelo parque para conversarem sem a interferência de ninguém, espera a visita do pai, que pode chegar a

qualquer momento; Rose concorda e tomam uma das trilhas, deserta por causa da hora e da chuva. Já distantes da alameda principal, Bia tira um revólver do bolso da capa e atira à queima-roupa. O corpo fica encoberto pela vegetação alta ou é empurrado para dentro do lago, o barulho do tráfego pesado abafa o tiro. De volta para casa, Bia tem apenas que esperar uma das ausências do porteiro para retornar ao apartamento sem ser vista. Numa versão mais vaga e com personagens menos definidos, Rose nem sequer chega a pegar o ônibus no centro da cidade em direção ao Jardim Botânico.

— Inspetor, o senhor não está prestando atenção ao que estou falando.

— Desculpe-me, Welber, continue seu relato.

— Na Planalto Minerações confirmaram que ela saiu às seis e quinze. Se levarmos em conta o tempo que levou para pegar a condução, o trânsito na hora do rush e a distância do centro até aqui, ela pode ter chegado entre sete e sete e meia. O ponto de ônibus fica quase em frente à entrada do parque e é também o ponto mais próximo do prédio do executivo.

— O que você conseguiu saber com os funcionários do parque? — perguntou Espinosa.

— Nada. Mostrei as fotografias da secretária e da mulher do executivo, mas ninguém se lembra de ter visto nenhuma das duas. O pessoal da limpeza sai às cinco horas, antes, portanto, da possível chegada de Rose. Outra dificuldade é que os cursos da Escola de Arte não são diários. Isso quer dizer que as pessoas que estavam ontem entre sete e nove horas da noite não serão necessariamente as mesmas que virão hoje. Peguei o horário dos cursos na secretaria da escola e verifiquei que somente na próxima terça-feira teremos alguma possibilidade de encontrar alguém que possa ter visto a secretária. As possibilidades de alguma informação útil são quase nulas. Falei com o porteiro do prédio, ele confirmou as declarações de dona Bia. Ela chegou a casa antes do meio-dia e não saiu mais; por volta das oito horas da noite, um homem deixou um envelope que o porteiro entregou pessoalmente.

— Ele conhecia o homem? Já tinha estado antes na casa dela?

— Não, não se lembra de tê-lo visto antes. Não deixou o nome nem quis subir, pediu apenas que entregasse o envelope imediatamente.

— Conseguiu fazer uma descrição? — perguntou Espinosa.

— Não muito precisa. Por volta dos quarenta anos, alto, bem-apessoado, voz grave, maneiras gentis. Não foram exatamente essas as suas palavras, mas foi o que pude depreender. Disse que seria capaz de reconhecê-lo.

O detetive fez uma pausa, como para marcar o que tinha ainda a dizer.

— Descobri uma coisa interessante. Os moradores do prédio não têm vaga fixa na garagem. Quando chegam, entregam o carro ao porteiro, que o estaciona. Entre sete e oito da noite é o horário de maior movimento de chegada, e o porteiro é obrigado a se ausentar da portaria várias vezes para remanejar os carros. Isso significa que nossa bela desenhista poderia ter aproveitado uma dessas ausências para sair e retornar sem ser vista.

— De fato, é interessante — observou Espinosa —, mas não me parece que uma pessoa que pretendesse sequestrar ou matar alguém o fizesse a poucos metros de casa, num lugar público, correndo o risco de ser vista, e depois de ter recebido um telefonema da vítima marcando um encontro em seu apartamento.

— Sempre há a possibilidade — continuou o jovem detetive sem se alterar — de algum conhecido ter escutado o telefonema e ter-se antecipado a Rose, vindo esperá-la no ponto de ônibus com o intuito de impedi-la de falar com Bia Vasconcelos.

— Uma terceira possibilidade — cortou Espinosa — é ter sido uma incrível coincidência, e seu desaparecimento nada ter a ver com a morte do executivo. Mas não acredito em coincidências desse tipo. Procure saber na Planalto Minerações com quem ela poderia ter comentado que viria aqui, ou quem poderia ter escutado o telefonema. Tenho que voltar a falar com dona Bia para saber quem foi o homem que enviou o envelope.

Espinosa não comentou com Welber um outro detalhe. Havia chamado sua atenção a declaração do porteiro, de que o portador do envelope exigia que fosse entregue "imediatamente". Poderia ser um modo de o porteiro testemunhar que Bia Vasconcelos estava em casa às oito horas, hora provável do desaparecimento da secretária.

A umidade do parque, após um dia de chuva, aumentava a sensação de frio. O calor dos corpos e o hálito quente dos dois haviam embaçado o vidro dianteiro do carro, no qual, durante a conversa, o detetive escrevera palavras numa tal superposição que o desenho resultante parecia um rendado. Ao saírem para o ar livre, Espinosa sentiu a insuficiência do paletó de linho com o qual fora trabalhar. Despediram-se e Welber foi pegar seu carro no estacionamento do parque.

Espinosa ficou algum tempo vagando pela alameda. Grupos de jovens caminhavam em direção à Escola de Artes Visuais carregando grandes pastas, rolos de papéis, telas, bolsas a tiracolo. De onde estava, podia ver os fundos do edifício de Bia Vasconcelos. Havia luz no apartamento de cobertura. Era cauteloso e tinha por hábito não precipitar os acontecimentos, mas naquele momento sentiu uma vontade irrefreável de tocar a campainha e perguntar: "Quem é o homem do bilhete?". Perturbava-o, porém, o sentimento de esse impulso não ser devido à necessidade de esclarecer um ponto do mistério, mas ao desejo de rever Bia Vasconcelos. Bastava descer a alameda, sair pelo portão da rua Jardim Botânico, dobrar a esquina, caminhar cem metros, e estaria novamente diante da mulher que mais o impressionara desde o fim de seu casamento. Tudo nela o agradava, ele lutava contra a ideia de que ela pudesse estar envolvida naquelas mortes. O que estaria fazendo naquele momento? Enquanto caminhava lentamente pelo parque, vieram-lhe à mente várias cenas: Bia assistindo televisão (muito banal); Bia deitada no sofá, ouvindo música clássica, folheando uma revista de arte; Bia de camiseta, descalça, pernas cruzadas em posição ioga, comendo um sanduíche; Bia guardando numa caixa os objetos do ex-marido; Bia telefonando para o homem do envelope...

Recomeçou a chover. Espinosa entrou no carro para se proteger. Ligou o motor e foi para casa.

10

Júlio estava havia quarenta minutos dentro do carro, do outro lado da rua, observando o movimento da academia de ginástica. Apesar da fachada de vidro, não conseguia ter uma visão completa do segundo andar, mas via passar a intervalos regulares uma fila de mulheres com roupas colantes coloridas, batendo as mãos acima da cabeça e levantando ritmicamente

as pernas à altura do rosto. Tudo lá dentro o enervava: música excessivamente alta, movimentos estereotipados, exibição do colante mais colorido, saúde exagerada e proibição de fumar.

Estava a ponto de desistir quando Alba saiu alegre e saltitante, colante roxo e verde, meia-calça preta, perneiras brancas, tênis, mochila pendurada no ombro. A alegria desapareceu à vista de Júlio atravessando a rua em sua direção.

— Oi, meu bem — disse ele, um pouco sem graça, e o rosto de Alba se transformou.

— Meu bem é o caralho! — ao mesmo tempo em que enfiava o dedo no peito de Júlio: — Você me deixa plantada durante uma semana, enquanto paquera uma dondoca, e ainda chega todo fresco me chamando de meu bem, porra!

— Ela não é dondoca — arriscou Júlio —, é uma designer conhecida internacionalmente.

— Ah! Uma intelectual — exclamou, irada. — E vocês ficaram a semana inteira falando sobre artes, merda!

— Você não entende... — tentou Júlio.

— Quem não entende é você, intelectual de merda. Meta uma coisa nessa sua cabeça, você é medíocre como pensador e como trepador. Decida-se por uma das duas coisas, porque a terceira opção, que é ser rico, não está ao seu alcance.

Saiu acelerada, esbarrando com a mochila no braço de Júlio.

Ainda pensava em suas palavras quando ela desapareceu na esquina. Não sabia o que o atingira mais, se o “pensador medíocre” ou o “trepador medíocre”. A terceira opção não o incomodara tanto, apesar de conter uma crítica implícita. Quando decidira abrir a academia de ginástica com mais três sócias, ex-colegas da Escola de Educação Física, Alba não dispunha de dinheiro, sua parte na sociedade foi o projeto arquitetônico feito por Júlio, o que a deixou como sócia minoritária. “Seu projeto não corresponde nem à quarta parte do capital”, dizia, quando queria atingi-lo.

A cena serviu para acentuar ainda mais a distância entre as duas mulheres, embora Júlio admitisse que a ira de Alba era justificada. Apesar do corpo modelado diariamente pela aeróbica, não se comparava a Bia em beleza e elegância. Sobretudo em educação. Precisava dizer tanto palavrão? Culturalmente, a distância é a que separa o Istituto Europeo di Design, em Milão, de uma academia de ginástica em Ipanema. Saiu caminhando na direção oposta à que Alba tomara.

Quinta-feira, dois dias haviam se passado desde a palestra e o encontro no Bar Luiz, e a imagem de Bia se sobrepunha cada vez mais à de Alba. Diante da elegância discreta de Bia, Alba parecia uma arara, pelo colorido e pela fala. Mas estava ali, ao alcance, já conhecida, garantida pelo hábito contra a imprevisibilidade dos acontecimentos. Até mesmo a cena de alguns minutos antes fora prevista por Júlio, com ligeiras diferenças. Provavelmente ela telefonaria à noite, o mais tardar no dia seguinte, pedindo desculpas por ter-se excedido, e tudo recomeçaria como recomeçara tantas vezes. Não tivera coragem, nem tempo, de falar sobre a morte do marido de Bia. Para Alba, significaria sinal aberto para ele tentar conquistar a mulher. “No que teria razão”, pensou. Além do mais, era muito romântica e um assassinato certamente daria lugar a fantasias. Não esperaria seu telefonema, telefonaria antes

convidando-a para jantar num restaurante chinês.

Não desejava magoá-la. Conheciam-se havia pouco mais de dois anos, um ano antes da inauguração da academia de ginástica, e durante esse tempo a relação fora satisfatória para ambos. Num balanço feito tempos antes, ocorrera-lhe a palavra "satisfatória" para definir a relação. "Talvez ela tenha razão", pensava agora, "uma relação apenas satisfatória é uma relação medíocre. Medíocre como pensador e como trepador. O hábito é a usina da mediocridade." Esta última frase foi dita em voz alta, atraindo olhares. Eram seis horas da tarde, o movimento nas calçadas de Ipanema era intenso. Turistas carregados de embrulhos voltavam a seus hotéis, ônibus passavam lotados, o trânsito estava mais lento do que os seus passos.

Havia dado a volta completa no quarteirão. Atravessou a rua e entrou no carro. Permaneceu algum tempo observando a academia de ginástica, como esperando outra saída de Alba, menos intempestiva. Abriu o porta-luvas, retirou o bilhete que escrevera para Bia e tomou a direção do Jardim Botânico.

11

Passava das nove horas quando chegou em casa. Depois de um banho demorado, telefonou para Alba, que atendeu ao primeiro toque, voz normal, como se nada tivesse acontecido. Uma de suas qualidades é não ser rancorosa. Adorou a ideia da comida chinesa. "É muito saudável." Antes de chegarem ao restaurante, a paz estava restabelecida. Bia não foi mencionada, embora estivesse presente o tempo todo, e Júlio esperava apenas o momento em que passaria de pensamento à fala, o que não aconteceu. Os assuntos eram em número reduzido e a sequência dos acontecimentos, previsível. À saída do restaurante, ela perguntaria: "Vamos para a sua casa ou para a minha?". Escolheria o apartamento de Alba, não por ser mais perto ou mais agradável, mas por razões estratégicas. Em caso de conflito, poderia sair em retirada. Não sabia se o empobrecimento da relação fora devido a ela ou a ele, que a subestimara.

O apartamento de fundos, em andar alto, dava para uma favela em Ipanema, distante apenas uma centena de metros. De sua janela, Alba presenciava rodas de samba, tiroteios (a parede do prédio era marcada por balas perdidas), brigas familiares, desabamentos de barracos na época das chuvas, além do espetáculo dos fogos de artifício anunciando para a população a chegada de mais uma remessa de drogas. De tempos em tempos assistia à encenação da polícia subindo o morro acompanhada por cinegrafistas das televisões, para "mais uma importante apreensão de grande quantidade de drogas, armas e munições", além da prisão de meia dúzia de pivetes apontados como perigosos bandidos. No dia seguinte, a cena seria destaque nos telejornais.

Naquela noite, porém, as coisas se passaram de forma diferente. Alba não perguntou onde iriam passar a noite, a proposta partiu de Júlio, o morro estava calmo e o esperado discurso sobre Bia Vasconcelos não aconteceu. Amaram-se como de costume e dormiram. Na manhã seguinte, após ter folheado o jornal e tomado café em silêncio, Alba perguntou:

— Quem matou o marido de Bia?

— Como você soube? — perguntou Júlio.

— Pela televisão, e depois li uma nota que saiu no jornal.

— Não sei, provavelmente foi uma tentativa de roubo ou de sequestro.

— Segundo o noticiário, a polícia não descarta a hipótese de vingança ou crime passional.

— Bobagem. É o que dizem quando não têm pistas — respondeu Júlio o mais naturalmente possível. E, despedindo-se apressado: — Preciso ir, meu bem, quero passar em casa antes de seguir para a faculdade.

No caminho, sentiu um gosto azedo de comida chinesa. Em casa, fez a barba, trocou de roupa e ligou para o apartamento de Bia. Já havia saído. Ligou para o ateliê. Atendeu a secretária eletrônica. Era o dia de encerramento da Semana de Arte e Percepção Visual. Tomou o caminho da universidade. Foi uma sexta-feira enfadonha.

12

Havia dois sábados consecutivos, Espinosa adiava a arrumação do apartamento. Não era questão de limpeza, mas de arrumação propriamente dita, segundo a faxineira, condição necessária para ela poder fazer o serviço. A ordem de Espinosa era para limpar tudo mas não tirar nada do lugar. Na opinião dela, isso era impossível, principalmente em se tratando dos livros. Na opinião de Espinosa, ela estava certa. Morava num prédio antigo de três andares sem elevador, no bairro Peixoto, em Copacabana. O apartamento era no último andar, de frente para a praça e, excetuando-se os livros espalhados anarquicamente pelos cômodos, era bem cuidado. Os moradores do prédio sabiam que Espinosa era da polícia, embora jamais tivesse comentado nada com ninguém.

Sua família fora a primeira moradora do prédio recém-construído, que, com suas paredes brancas cheirando a tinta fresca, assemelhava-se a um caderno novo. O velho, repleto de histórias da infância, ficara no bairro de Fátima, no centro da cidade. Hoje, constatava como eram poucas e lacunares as lembranças de sua vida, salvo as referentes à época em que moravam no bairro de Fátima e seus pais eram vivos. Até então a morte mais sofrida fora a de uma cadelinha que ganhara de um amigo do pai. Pela intensidade das lembranças desse tempo, que traziam com elas o cheiro da chuva no quintal, Espinosa tinha a impressão de poder recuperar cada momento daqueles anos de juventude. O mesmo não acontecia com os primeiros anos vividos em Copacabana, quase completamente atingidos pelo esquecimento. Lembrava-se de que o pai sobrevivera pouco mais de um ano à morte da mãe. As imagens dos enterros confundiam-se em sua memória. Tinha então catorze anos. A avó materna mudara-se para o apartamento do bairro Peixoto com o propósito de cuidar de sua educação e de sua vida. Com ela vieram os livros. Era revisora profissional. Os livros foram a ligação entre seus mundos. Datava dessa época o gosto pela leitura e provavelmente o exagerado desenvolvimento do mundo da fantasia. Fora uma relação não isenta de conflitos, mas plena de vida. Pouco antes de completar vinte e um anos fora convocado para uma conversa com a avó. Na opinião dela, prolongara além do necessário sua permanência e já providenciara seu retorno ao pequeno apartamento que mantinha no Flamengo, onde guardava o restante dos seus livros e sua história pessoal. “Vou-me embora antes que a história se inverta e eu passe a

precisar de você.” Não viveu muito mais tempo, morreu do que tinha de melhor: do coração, e com ela fora-se o último parente conhecido. Desde então era o responsável único pela própria sobrevivência. Como herança, o apartamento dos pais, livros da avó e nenhum depósito no banco além do suficiente para fazer o enterro daquela que nos últimos oito anos mantivera vivo o seu afeto.

Não telefonaria para Bia Vasconcelos num sábado antes das onze horas da manhã. Começou a recolher pequenas pilhas de livros junto à poltrona e ao sofá, em cima da mesa da sala, ao pé da cama, sobre as mesinhas de cabeceira, em cima de cadeiras, com a intenção de formar pilhas maiores junto a uma das paredes da sala. Não era a arrumação definitiva, mas era um início. A tarefa tornava-se lenta com as inúmeras paradas para releitura de páginas colhidas ao acaso. Às onze horas, havia composto uma curiosa estante sem prateleiras, arrumando os livros em pé junto à parede e formando fileiras separadas uma das outras por livros deitados. A pilha atingia a altura da cintura e ocupava a única parede livre da sala.

Ficou algum tempo observando a obra de engenharia. Em seguida lavou as mãos pretas de poeira e ligou para o apartamento de Bia. Atendeu a secretária eletrônica. Deixou recado e telefone. A meia hora seguinte foi improdutiva. Supondo que estivesse dormindo e prestes a acordar, deu por encerrada a arrumação. Pouco antes do meio-dia, o telefone tocou.

— Inspetor Espinosa? — perguntou a voz já conhecida.

— Sim. Como vai, dona Bia? Desculpe incomodá-la num sábado de manhã.

— Não é incômodo, inspetor. Alguma novidade?

— Nada de significativo — respondeu Espinosa. — Poderia passar rapidamente no seu apartamento? Não lhe tomarei mais do que cinco minutos.

— Se forem cinco minutos... Vou almoçar com meu pai. Alguma coisa importante?

— Não tomarei mais que os cinco minutos concedidos.

— Está bem. Vou ficar à sua espera.

— Obrigado, chego num instante.

A chuva da véspera limpara a atmosfera e fazia um belo dia de primavera quando ele chegou ao prédio de Bia. Ela o recebeu vestida para sair; no rosto, não trazia nenhum traço dos acontecimentos da semana.

— Bom dia, inspetor, o senhor não descansa? — o tom de voz era amável e o sorriso simpático parecia autêntico.

— Sem dúvida, mas às vezes lamento por isso.

E acrescentou:

— Se eu não tivesse descansado na quinta-feira à noite e tivesse ido à casa de Rose, ao invés de esperar para interrogá-la na Planalto Minerações, talvez ela não tivesse desaparecido.

— Não há por que se culpar, inspetor, o senhor não podia adivinhar que ela ia desaparecer ou que guardava alguma informação importante.

— Dona Bia, minha função não é adivinhar, é suspeitar. Meu erro foi ter descansado. Mas não quero esgotar meus cinco minutos falando sobre o que já sabemos.

— Posso dispor de um pouco mais do que isso, inspetor. Meu pai ficou de passar para me pegar. Enquanto ele não chega, podemos conversar.

— Preciso saber apenas de uma coisa — disse Espinosa. — Quem é o homem que lhe deixou um envelope às oito horas da noite de quinta-feira?

A atmosfera mudou instantaneamente e a receptividade inicial deu lugar a uma atitude defensiva. O corpo se retraiu e o sorriso desapareceu.

— Isso é importante? — perguntou ela secamente.

— Pode ser, não sei ainda.

E em seguida:

— Foi o homem com quem esteve no Bar Luiz, na tarde de terça-feira?

— Foi.

— Sinto muito, mas preciso saber seu nome e, se possível, endereço e telefone.

— Chama-se Júlio Campos de Azevedo. É professor da faculdade de arquitetura. Participamos de um seminário sobre arte, na universidade, e ele me deu uma carona até o centro da cidade. O chope foi um convite gentil da parte dele. Foi a primeira vez que saímos juntos. Não sei onde mora, tenho apenas o telefone.

Tudo foi dito num recitativo monótono.

— Posso ver o conteúdo do envelope? — perguntou Espinosa.

— Não sei se o guardei, tenho que procurar.

— Eu espero — disse Espinosa —, é melhor a senhora mesma procurar.

O bilhete foi encontrado e entregue ao inspetor. Depois de lê-lo mais de uma vez, ele comentou:

— Para quem saiu uma única vez com a senhora, ele se expressa de forma muito íntima, não acha?

— É uma forma carinhosa de se expressar, inspetor, nem todo mundo é policial.

Após anotar o nome e o telefone, Espinosa saiu com a certeza de que sua imagem fora definitivamente abalada. Até então tinha mostrado a face do policial atencioso e compreensivo. Não sabia se tivera êxito em ocultar o encantamento por ela. A partir daquele momento, provavelmente passaria a ser o tira intrometido invadindo sua privacidade. A forma como ela se despedira não deixara dúvidas quanto a isso.

Procurou um telefone público e discou o número que ela lhe dera. A voz de Júlio, numa gravação, anunciava que ele não estava em casa, “caso queira passar um fax...”, e a mensagem era repetida em inglês e em francês. Negócios internacionais ou estratégia para impressionar clientes? Ligou em seguida para a delegacia e pediu para localizarem o endereço. A resposta surpreendeu Espinosa. Eram quase vizinhos. Júlio morava a poucas quadras de distância, na rua Santa Clara, numa casa de vila com dois pavimentos, que funcionava como residência e escritório. Isso foi verificado numa visita à vila e numa rápida conversa com a vizinha.

Voltou para casa e aproveitou o que restava da tarde de sábado para terminar a arrumação do apartamento, ou pelo menos para deixar patente o seu esforço. Passada uma hora, percebeu que retirava livros espalhados e os empilhava ou depositava em outro lugar. Apenas remanejava o caos.

As cenas começaram a emergir de forma incontrolável, todas envolvendo Bia e um outro personagem que deveria ser Júlio. Como Espinosa não o conhecia, a figura era lacunar, mal delineada, ou adquiria características mais precisas guardando grande semelhança com ele próprio quando eram amorosas, e perdendo nitidez quando se tratava do casal tramando a morte de Ricardo Carvalho ou atraindo Rose para uma cilada. Aos poucos as cenas foram dando lugar a imagens isoladas. Próximo ao final da tarde, quase convencera a si mesmo da improbabilidade de duas pessoas jovens, bonitas (era o que já pensava de Júlio), bem-sucedidas, cultas e com um futuro promissor terem tramado e executado um assassinato, talvez dois, correndo o risco de serem descobertas e de passarem o resto de suas vidas numa prisão. Afinal, não havia um único indício de que as coisas tinham se passado dessa maneira, o que havia era o seu próprio imaginário enlouquecido.

A tarde chegara ao fim e a sala estava às escuras. Havia muito tempo estava sem uma companheira. Acendeu um abajur, foi à cozinha inspecionar a geladeira e decidiu-se por uma pizza num restaurante bem movimentado.

13

Júlio reconstruiu todos os momentos, desde o encontro com Bia no Bar Luiz, e concluiu que algo mudara. A morte de Ricardo Carvalho instaurara uma distância entre ambos que antes não havia. Os telefonemas não atendidos, os recados sem resposta, o silêncio em relação ao bilhete que deixara na portaria, nada combinava com a receptividade durante a conversa no bar. Por outro lado, compreendia que a morte do marido fosse motivo suficiente para abalar qualquer mulher e provocar um recolhimento temporário.

Estava confuso e assustado. Bia não era uma mulher comum, sua simples proximidade provocava sentimentos e ações desmedidos, sentia-se exigido muito além de suas possibilidades sem que ela impusesse ou pedisse coisa alguma. Não sabia quais deveriam ser os próximos passos, não sabia sequer se deveria tomar a iniciativa ou esperar que ela restabelecesse o contato. Havia também Alba, cabeça feita pelas novelas de televisão e corpo moldado pelas academias de ginástica. Doce criatura, cuja única aspiração era ser feliz para sempre, o que, na opinião de Júlio, incluiria necessariamente casamento e filhos. Aos trinta e oito anos, Júlio já tivera dois casamentos e dois filhos, e não tinha a mínima intenção de continuar a série. Jamais fora um ousado. Até aquele momento, sua vida se caracterizara pela prudência, raramente ultrapassando os limites nada ambiciosos que estabelecera para si próprio. A combinação da atividade universitária com a de profissional liberal lhe assegurava a estabilidade necessária para o que considerava uma vida sem surpresas desagradáveis.

Como era domingo, deixou-se ficar na cama até meio-dia. Sem a companhia de Alba, podia dedicar-se a pensar em Bia sem ficar constrangido. Tomou um café reforçado, vestiu-se (não gostava de andar descomposto dentro de casa, mesmo estando sozinho) e começou a

separar o material de que precisaria para a aula do dia seguinte, quando soou a campainha da porta. Pensou, contrariado, que poderia ser Alba. Não estava com vontade de vê-la. Mesmo assim, ensaiou um sorriso ao abrir a porta.

— Professor Júlio de Azevedo?

— Sou eu mesmo.

— Boa tarde professor, sou o inspetor Espinosa, da 1ª DP.

A surpresa foi tal, que Júlio não registrou completamente a frase, guardou apenas as palavras "inspetor" e "DP", enquanto olhava confuso a carteira que Espinosa exibia.

— Desculpe-me — perguntou ele —, inspetor...?

— Espinosa.

— Da polícia?

— Sim — respondeu Espinosa, sem repetir a delegacia. — Podemos entrar? Gostaria de conversar um pouco com o senhor.

— Por favor, entre.

— Desculpe ter vindo sem avisar, mas somos quase vizinhos e resolvi passar para ver se o senhor estava em casa.

— Claro — disse Júlio, como se fosse a coisa mais natural do mundo receber a visita de um inspetor de polícia num domingo à tarde.

— Aceita um café, inspetor? Fiz há pouco.

— Aceito. Com pouco açúcar, por favor.

"Gentileza ou estratégia para recuperar-se do susto?", pensou Espinosa enquanto olhava em volta. Eram duas salas separadas por um grande arco sem porta. A primeira era menor, mas confortável e de muito bom gosto, a outra certamente era utilizada como sala de trabalho. De onde estava sentado, dava para ver uma prancheta e uma mesa com computador e impressora. Júlio voltou trazendo uma pequena bandeja com dois cafezinhos e dois copos d'água, que depositou sobre a mesinha de centro.

— Qual o motivo da visita, inspetor? — perguntou, já refeito do susto.

— Um encontro, um bilhete, uma morte e um desaparecimento — respondeu Espinosa, como se estivesse comunicando o resultado de uma reunião de condomínio.

— Como? — perguntou Júlio sorrindo. — O senhor pode ser mais claro?

— Comecemos do começo — disse Espinosa. — O senhor conhece dona Bia Vasconcelos?

— Conheço, somos amigos, mas o que ela tem a ver com isso?

— Há quanto tempo o senhor a conhece? — continuou Espinosa, ignorando a pergunta.

— Há exatamente um ano. Conhecemo-nos em setembro do ano passado, por ocasião de um seminário promovido pela universidade. Vimo-nos casualmente durante o ano em duas exposições, e voltei a encontrá-la há uma semana, quando participamos da mesma mesa no seminário deste ano.

— Só isso? — perguntou Espinosa.

— É. O que o senhor está querendo sugerir?

— Não se encontraram no Bar Luiz, no centro da cidade, na terça-feira passada?

— Não nos encontramos no Bar Luiz — respondeu Júlio. — Saímos juntos da conferência, ofereci-lhe uma carona porque ela estava sem carro, e propus um chope para aliviar a tensão depois de três horas de exposição e debates.

— E a que horas terminou esse encontro?

— Às seis horas da tarde, mais ou menos.

— Uma hora antes de o marido de Bia Vasconcelos ser assassinado.

— E o que uma coisa tem a ver com a outra?

— É o que pretendo descobrir, professor. O que o senhor fez depois do encontro?

— Fui até a Papelaria União, na rua do Ouvidor, comprar material de desenho.

— O que o senhor comprou?

— Papel vegetal, tinta nanquim...

— O senhor tem a nota de compra?

— Claro que não, não guardo as notas de tudo o que compro.

— E na quinta-feira, no início da noite, onde o senhor estava?

— Em Ipanema, na academia de ginástica de uma amiga, depois fui ao Jardim Botânico deixar um bilhete para Bia Vasconcelos. Soube naquele dia da morte do marido.

— E veio a saber alguma coisa sobre o desaparecimento da secretária?

— Qual secretária?

— Rose, secretária de Ricardo Carvalho, desapareceu na quinta-feira, por volta das sete e meia da noite, a caminho do apartamento de dona Bia Vasconcelos.

— Estou sabendo disso agora, inspetor.

— Não acha curioso — continuou Espinosa — que o senhor estivesse presente nos dois locais e nas mesmas horas de ambos os acontecimentos?

— Pelo que posso depreender, o crime e o desaparecimento aconteceram em locais de grande movimento, milhares de pessoas estavam próximas. Eu era uma delas.

— Sem dúvida — atalhou Espinosa —, mas o senhor foi o único, que eu saiba, a estar nos dois lugares. Poderia ter ficado sabendo por dona Bia que nas terças-feiras o marido dela saía do escritório por volta das seis e meia, a Papelaria União fica praticamente ao lado do prédio da Planalto Minerações, poderia ter seguido Ricardo Carvalho até o estacionamento.

— Muito engenhoso, inspetor. E o que fiz com a secretária? Também a matei?

— Não estou afirmando que o senhor tenha assassinado nenhum dos dois. Estou apenas assinalando coincidências e construindo cenas imaginárias. Não chegam a ser hipóteses, são apenas fantasias.

— E que fantasia o senhor elaborou sobre a secretária?

— No caso dela, o senhor teria que contar com o auxílio de alguém para saber que ela iria

ao apartamento de dona Bia naquele dia e naquela hora.

— Suas fantasias, por mais interessantes que sejam, inspetor, não incluem um dado importante: por que eu iria matar uma ou duas pessoas que não conhecia e cujas mortes não me beneficiariam em nada?

— O conteúdo do bilhete que o senhor mandou para dona Bia sugere uma relação íntima entre ambos.

— Apenas sugere — respondeu Júlio. — Na verdade, não há a menor intimidade entre nós. Repito que a única vez em que estivemos juntos a sós foi no Bar Luiz, na tarde de terça-feira. Concordo que imprimi um cunho íntimo ao bilhete, mas é o jeito de eu me expressar. Além do mais, inspetor, não acredito que o senhor, nos dias de hoje, ainda pense que pelo fato de um homem estar interessado numa mulher casada ele vá sair por aí matando maridos e secretárias.

— De fato. Muitas empresas teriam que fechar as portas — disse Espinosa, sorrindo. — Mas, como salientei, são apenas fantasias.

E, levantando-se para sair:

— Só mais um detalhe, professor. Após ter deixado o bilhete na portaria do prédio de dona Bia, o que o senhor fez?

— Fui para casa e, em seguida, saí para jantar com a amiga a quem me referi há pouco.

— A da academia de ginástica?

— É.

— Como eu poderia entrar em contato com ela? — perguntou Espinosa. — Para uma conversa não oficial, nada que possa preocupá-la.

— Devo ter um cartão da academia em algum lugar — respondeu Júlio, encaminhando-se para a outra sala. Em menos de meio minuto estava de volta, com um cartão entre os dedos.

— Aqui está, inspetor. O nome dela é Alba Antunes.

— Obrigado, o senhor foi muito gentil. Obrigado também pelo café, estava delicioso.

Júlio acompanhou o inspetor até a porta e ficou vendo-o afastar-se em direção à rua. Estava perplexo e assustado. As ideias afloravam e avolumavam-se sem muita ordem. Sentia-se como personagem de conto fantástico. Quem era aquele homem? Sem dúvida, um policial, mas o que de fato pretendia com aquela visita? Realmente suspeitava de alguma coisa ou tratava-se apenas de um jogo cênico para colher alguma informação? Seria um policial corrupto preparando terreno para futuras extorsões? Ou um delirante em pleno abuso de autoridade? O que parecia claro é que aquela não fora uma visita oficial, tampouco um interrogatório. Mas, apesar do tom ameno do inspetor e da declaração de que se tratava de fabulações, havia uma ameaça óbvia. O que Júlio não tinha meios para avaliar era se a ameaça era para valer ou mero jogo intimidativo. De toda forma, estava assustado.

14

Quando chegou à academia, por volta das nove horas da manhã, várias turmas já haviam

pago tributo à beleza. A recepcionista, que não precisava de ginástica alguma, olhou para Espinosa como quem examina imagens ancestrais num álbum de fotografias. Após rápida inspeção, decidiu que não se tratava de candidato a alguma atividade oferecida pelo Ipanema Health Center. Também não parecia fiscal da Prefeitura, não carregava pasta. Pela mesma razão, não parecia vendedor. Talvez marido ou namorado de alguma aluna, apesar da idade.

Desconcertado pelo exame silencioso da secretária, Espinosa tomou a iniciativa:

— Bom dia, gostaria de falar com a senhora Alba Antunes.

— Quem deseja? — perguntou a secretária, parecendo surpresa pelo fato de Espinosa falar.

— Meu nome é Espinosa.

— De que firma o senhor é?

— Como assim?

— O senhor não pertence a nenhuma firma? — insistiu a mocinha.

— De certo modo, sim — respondeu Espinosa, sorrindo —, mas trata-se de assunto particular.

— Um momento, por favor, vou ver se ela não está em aula — e começou a apertar uma série de teclas no telefone.

A recepção era separada, por divisória de vidro, de uma grande sala repleta de aparelhos. Esteiras rolantes, bicicletas ergométricas, pranchas com halteres e uma infinidade de apetrechos, todos sendo utilizados por jovens de ambos os sexos, suando em bicas. Não fosse a profusão de espelhos, a iluminação intensa e a música que vazava do segundo andar, pareceria a câmara de torturas de um castelo medieval. Enquanto esperava, Espinosa oscilava seu olhar entre a sala de musculação e a camiseta da secretária que, de tão decotada em cima, embaixo, atrás e dos lados, mais parecia um babadouro. A moça teve sucesso com uma das teclas.

— Albinha, tem um senhor querendo falar com você. — E após alguns segundos de escuta: — Senhor Espinhosa.

— Espinosa.

— Senhor Espinosa — repetiu ela —, disse que é pessoal.

— Diga a ela que foi o professor Júlio quem me deu o endereço — interrompeu Espinosa.

A secretária repetiu, fez algumas evoluções com o chiclete dentro da boca, passou o dedo pela alça da camiseta e, após vários "hum... hum", desligou.

— O senhor pode subir pela escada ao fundo da sala de musculação. Terceiro andar.

Espinosa atravessou a sala de musculação como um padre atravessando um campo de nudismo. Apesar de acostumado a subir os três lances de escada do prédio onde morava, os dois lances da academia deixaram-no ligeiramente ofegante. Não saberia dizer se pela exibição de juventude e músculos à sua volta ou se pela camiseta da secretária.

O escritório de Alba era um aquário de vidro ocupando a parte dos fundos do terceiro pavimento. Uma grande mesa com meia dúzia de cadeiras em volta, dois arquivos de aço e uma espécie de armário embutido ocupando uma das paredes laterais compunham o

mobiliário. A parede dos fundos era tomada por pôsteres de olimpíadas. O único toque feminino era um jarro de flores no centro da mesa. Alba estava sentada preenchendo fichas. Sorriu e estendeu a mão.

— O senhor é amigo de Júlio? — perguntou, sem desmanchar o sorriso e convidando-o a sentar-se à sua frente.

— Não propriamente. Conhecemo-nos ontem à tarde e conversamos durante algum tempo em sua casa. — E após uma pequena pausa: — Sou o inspetor Espinosa, da 1ª DP.

— Polícia? — perguntou Alba, franzindo o nariz. — Inspetor de polícia? Aconteceu alguma coisa com Júlio?

— Não. Fique tranquila.

— Já sei! — disse —, é por causa do marido daquela dondoca com quem Júlio anda saindo.

— Ele tem saído com ela? — aproveitou Espinosa, mas Alba já havia se recuperado da surpresa e se colocado na defensiva.

— O senhor está investigando a morte do executivo?

— Estou.

— E por acaso o senhor suspeita do Júlio?

— A senhora acha que há motivos para suspeitar?

— Inspetor, se esse é realmente o motivo de sua visita, e se posso considerar isto uma visita, creio que o senhor está na pista errada. Não sei nada sobre a relação dele com a mulher do executivo. Além do mais, Júlio não mataria ninguém, não é capaz nem de brigar comigo, quanto mais de matar um homem. No meu entender, é possível uma pessoa matar outra por acidente, por impulso incontrolável e com premeditação. Pelo que li nos jornais, não foi acidente. Impulso incontrolável não acontece com Júlio, ele peca por excesso de controle em tudo o que faz. E premeditação para matar alguém está inteiramente fora de cogitação, faltam a ele coragem e ousadia. Portanto, inspetor, se o senhor suspeita do Júlio, pode procurar outro suspeito.

Espinosa teve vontade de aplaudir. Além de ter um belo corpo, a moça era dona de uma bela cabeça e de uma firme determinação em defender o namorado.

— Dona Alba, eu não disse que suspeitava do professor Júlio. Na verdade não estou, por enquanto, procurando suspeitos, apenas tentando esclarecer algumas coincidências.

A fala mansa, grave e pausada de Espinosa teve um efeito tranquilizador sobre Alba.

— O professor me contou que na quinta-feira esteve com a senhora até seis horas da tarde e que às nove foram jantar num restaurante japonês.

— Chinês.

— Certo, chinês, não estou interessado na nacionalidade do restaurante, mas nos horários e em alguns detalhes que eu consideraria subjetivos. Por exemplo. Qual era o estado de espírito do professor ao deixá-la às seis horas e ao reencontrá-la às nove?

— Não nos separamos às seis, mas às seis e meia. Não creio que o tenha deixado com o estado de espírito muito bom. Briguei muito com ele.

— Posso saber por quê?

— Porque não dava notícias havia uma semana. Acho que estava às voltas com a tal da Bia Vasconcelos.

— A senhora acha ou tem certeza?

— Acho. Ele me disse que só esteve com ela na terça-feira, durante um seminário na universidade.

— Comentou alguma coisa sobre terem estado juntos num bar, no centro da cidade, após o seminário?

— Não, mas faz seu estilo. Júlio é um sedutor, seduz com a mesma naturalidade com que cachorro abana o rabo e, em ambos os casos, o objetivo é apenas um: atenção e um pouco de carinho. Não é um conquistador, é apenas gentil, atencioso e delicado, e isso encanta as mulheres.

— E apesar de a senhora ter brigado com ele, poucas horas depois foram jantar juntos?

— Júlio sabe que sou explosiva. Minha raiva é momentânea, não guardo rancor; quando me telefonou convidando para jantar, já não havia raiva nenhuma.

— E como estava ele?

— Bem, tranquilo, como sempre esteve.

— Muito obrigado — disse Espinosa, levantando-se —, a senhora me ajudou muito. Caso se lembre de alguma coisa que possa ser importante, aqui está meu cartão. — E saindo: — Sua academia é muito bonita.

— O projeto foi do Júlio — disse sorrindo.

Na saída, despediu-se da secretária, mais uma oportunidade de reter sua imagem na lembrança.

Uma coisa Espinosa não negava a Júlio: o bom gosto pelas mulheres. Embora diferentes, Bia e Alba tinham três características em comum: beleza, inteligência e autonomia. Enquanto dirigia, comparava as duas mulheres, como se fosse ele a decidir-se por uma ou por outra. A beleza de Bia era mais aristocrática e sua sensualidade transparecia em pequenos detalhes; a beleza de Alba era selvagem e a sensualidade, assim como todo o resto, explosiva. Culturalmente, a superioridade da primeira era indiscutível; afetivamente, a segunda parecia mais rica. Bia era, sem dúvida, mais interessante; Alba, apesar do temperamento explosivo, tinha uma presença apaziguadora e um afeto mais claro. Sem saber, Espinosa fazia o mesmo balanço que Júlio fizera quinta-feira ao sair de Ipanema em direção ao Jardim Botânico.

Não considerava Júlio e Bia suspeitos. Embora acreditasse que a potencialidade para matar estivesse presente, em igual intensidade, tanto nos criminosos como nos santos, ou sobretudo nestes, Espinosa acreditava também que forças poderosas operam para impedir que essa potencialidade passe ao ato. No caso de Bia e Júlio, os fatores impeditivos eram numerosos e fortes. Ambos eram jovens, bonitos, bem-sucedidos profissionalmente, sem problemas financeiros, emocionalmente estáveis, com um passado irreprochável e um futuro promissor. É um conjunto suficientemente forte para impedir que alguém, sem motivo aparente, cometa um assassinato, ao que tudo indicava, premeditado. Mesmo sabendo que

crimes hediondos foram cometidos por pacatos pais de família, Espinosa se recusava a aceitar a hipótese de um dos dois, ou ambos, terem cometido o crime.

Tentava imaginar Bia saindo do Bar Luiz, fazendo o táxi parar a dois quarteirões de distância, encontrando-se "casualmente" com o marido, beijando-o carinhosamente e caminhando de braços dados em direção ao estacionamento, para, uma vez dentro do carro, matá-lo com um tiro. Não combinava. Não era capaz de reconhecer em Bia essa assassina fria e calculista. E sobretudo: por que ela o faria? Afinal de contas, se Ricardo Carvalho não era o marido ideal, pelo menos deixava-a inteiramente livre. Tinha os olhos tão voltados para si mesmo que nem sequer se daria conta de um possível caso amoroso da mulher. Dinheiro e liberdade não lhe eram negados. O que ela tinha que oferecer em troca era muito pouco: sua bela presença em algumas reuniões sociais.

Raciocínio análogo aplicava-se a Júlio. Não tinha nenhuma relação com o morto, sequer o conhecia. Sua relação com Bia era por demais incipiente para dar lugar a um gesto passional de tal envergadura e cujo objetivo era duvidoso. A se acreditar no depoimento de ambos, nada havia acontecido além de um simples chope. Estava inclinado a dar crédito ao retrato traçado por Alba, faltava a Júlio impetuosidade e ousadia, além de motivo, para cometer o crime.

Estava na hora de explorar outros veios, e nada mais adequado do que começar pela Planalto Minerações.

15

Deixou o carro no estacionamento da delegacia e caminhou até a rua do Ouvidor. Não gostava da Planalto Minerações, não gostava dos executivos da Planalto Minerações, não gostava do tipo de atividade da Planalto Minerações e, no entanto, ali estava novamente. Não foi preciso mostrar a carteira, a recepcionista o reconheceu logo que entrou no hall da empresa.

A solicitação para falar com o diretor-presidente não provocou nenhuma surpresa. Sentiu-se como se tivesse uma entrevista com hora marcada. A recepcionista apertou a tecla de um ramal, anunciou seu nome em voz baixa, respondeu algumas perguntas e voltou-se para Espinosa:

— Doutor Daniel vai recebê-lo. Aguarde um instante, por favor.

Tal como as demais salas, o hall era todo em preto, branco e cinza. As únicas cores eram as das flores nos vasos e as das roupas das pessoas. A secretária do presidente veio buscá-lo pessoalmente. Não era alta, não era loura, não era bonita. Parecia-se mais com a madre superiora de um convento do que com uma secretária, não tinha idade nem sexo definidos.

— Bom dia, tenha a bondade de me acompanhar.

Não era uma solicitação, era uma ordem.

Atravessados um corredor e duas salas, entraram na sala do presidente da Planalto Minerações. Não diferia muito da sala de Cláudio Lucena, a não ser pelo tamanho. A mesma ausência de cores, o mesmo tipo de móveis, a mesma assepsia. Não havia um único objeto excessivo, mesmo em cima da grande mesa com tampo de vidro, atrás da qual estava sentado

Daniel Weil, que se levantou para cumprimentar Espinosa.

— Bom dia, inspetor, espero que venha com alguma notícia esclarecedora. — Falava como se estivesse abrindo uma reunião de diretoria.

— Lamento, doutor Weil, mas nada está claro até o momento. Vim procurar sua ajuda.

Espinosa sabia que era um jogo, aquele homem não chegara à presidência de uma multinacional graças apenas à oratória empolada, mas sabia também que o velho era sensível a esse tipo de adulação.

— Em que posso ajudá-lo?

— Falando-me sobre doutor Ricardo, o tipo de trabalho que fazia, sua relação com os demais diretores e sobre qualquer coisa que, na sua opinião, possa ter alguma relação com o crime.

Daniel Weil falou durante uma hora e dez minutos, com uma oratória digna de uma plateia de congressistas. Falou sobre sua trajetória na empresa, os grandes empreendimentos internacionais, as ações beneficentes junto às comunidades carentes, as campanhas de vacinação na África e nos países asiáticos atingidos pela guerra, o aproveitamento da tecnologia de prospecção do solo na perfuração de poços artesianos em regiões pobres do Nordeste, a dedicação dos funcionários, desde o mais humilde até os diretores e, finalmente, Ricardo Carvalho, "que Deus o tenha", e Cláudio Lucena. Nenhuma referência foi feita ao desaparecimento de Rose.

Espinosa saiu atordoado. Precisaria de algum tempo para deixar dissipar a cortina de fumaça levantada pelo velho. Não somente as figuras de Ricardo e Lucena tinham se diluído, como não conseguia mais distinguir entre a Planalto Minerações e o Rotary Club. A habilidade do velho para não dizer nada era surpreendente. Terminada a entrevista, Espinosa perguntou se poderia falar mais uma vez com dr. Cláudio Lucena. O velho concordou um tanto contrafeito, devia achar que, após sua fala, não caberia a mais ninguém dizer nada. Providenciou, porém, para que Cláudio Lucena recebesse o inspetor.

Lucena, apesar de hábil e inteligente, tinha como ponto fraco o narcisismo. Bem alimentado, era capaz de fornecer algo de aproveitável, mesmo tendo como interlocutor um inspetor de polícia. A voz fina e monocórdica continuava a incomodar Espinosa, mas da conversa igualmente longa que mantiveram alguns dados interessantes vieram à tona.

A Planalto Minerações era subsidiária de uma multinacional com sedes em Bruxelas, Londres, Amsterdã e Rio de Janeiro, cujo objetivo principal era explorar jazidas de ouro em países do Terceiro Mundo. Possuíam capital e tecnologia de ponta. Como não tinham interesse na posse da terra, mas na exploração do subsolo, faziam acordos com os grandes e pequenos proprietários rurais para a exploração de suas terras, o que frequentemente era acompanhado de conflitos familiares e políticos. Era nisso que Ricardo Carvalho se mostrava um hábil e "implacável" negociador. Ficou claro que essa tarefa estaria agora a cargo de Cláudio Lucena. O resto da conversa foi pura retórica. Nenhuma pergunta sobre o paradeiro de Rose. Se naquela empresa os funcionários eram dedicados aos patrões, a recíproca não parecia ser verdadeira. Ao se despedirem, Espinosa perguntou:

— Eu poderia conversar alguns minutos com dona Carmem, sua secretária?

— Claro, inspetor. Farei com que fique à sua disposição o tempo que o senhor julgar necessário.

Carmem era alta, magra, ossos salientes, pele naturalmente morena, nem bonita nem feia, mas não destituída de sensualidade, olhos negros atentos e sorriso profissional. Tal como Rose, fora escolhida após rigorosa seleção. Trabalhava na Planalto Minerações havia quatro anos e sabia mais sobre Cláudio Lucena do que ele próprio. Tinha um bom salário e em troca era-lhe exigido competência, dedicação e discrição. A entrevista foi na sala de reuniões da diretoria, não ocupada naquele momento. Ela esperou que Espinosa tomasse a iniciativa.

— Dona Carmem, estamos às voltas não apenas com um assassinato mas também com o desaparecimento de sua colega de trabalho. Preciso de sua ajuda em ambos os casos.

— Não sei como posso ajudá-lo, inspetor.

— Primeiramente, me falando sobre Rose.

— Posso falar sobre ela como colega de trabalho, mas sei muito pouco sobre sua vida privada. Trabalhamos juntas desde que vim para a Planalto Minerações, há quatro anos, mas não estabelecemos uma relação de amizade fora da companhia.

— Rose é mais antiga que a senhora na empresa?

— É. Quando fui contratada ela já trabalhava na companhia havia quase um ano.

— Ela passou pelos mesmos critérios de seleção que a senhora?

— Sim. Mas a decisão final foi do doutor Ricardo, com quem ela iria trabalhar.

— Foi também assim no seu caso?

— Foi assim com todas as secretárias executivas. A seleção é feita pela empresa, mas a escolha final é do diretor com quem se vai trabalhar. Acho razoável que seja assim, afinal é uma relação muito estreita e muito extensa no tempo.

— Vocês conversavam? Falavam sobre seus problemas uma com a outra?

— Naturalmente. Nossas salas são contíguas e, salvo ocasiões especiais, deixamos a porta de comunicação aberta. Quando os diretores estão empenhados num projeto ou fechando um contrato, mal temos tempo de nos ver, mas quando as coisas estão calmas, temos tempo para conversar.

— Ela estava diferente no dia ou nos dias que precederam a morte de Ricardo Carvalho?

— Não, a não ser na quinta-feira à tarde, quando deu um telefonema para dona Bia.

— A senhora ouviu o telefonema?

— Não. Ouvi apenas quando ela falou o nome da esposa do doutor Ricardo; em seguida, fechou a porta que separa nossas salas.

— A senhora se lembra da hora em que ela saiu, no dia da morte do doutor Ricardo?

— Saíram quase ao mesmo tempo. Ela deve ter tomado o elevador seguinte ao dele.

— Notou alguma coisa de diferente nela?

— Não. Nesse dia nos vimos pouco. Sei a hora em que saiu porque passou na minha sala para devolver um colírio que me pedira emprestado. Já estava com a bolsa quando se despediu de mim. Doutor Ricardo e doutor Lucena tinham acabado de sair.

— A senhora disse que a relação das secretárias com os diretores é estreita e extensa no tempo. Quão estreita era a relação de Rose com o doutor Ricardo?

E, antes de a secretária responder, acrescentou:

— Sei que é uma pergunta delicada, mas sua resposta pode ser decisiva para sabermos o que aconteceu com sua colega.

— Inspetor, a relação é estreita mas não íntima. Tal como ela, planejo as viagens do doutor Lucena, digito seus contratos e relatórios, sei de suas consultas médicas, envio flores para sua esposa nas datas, sei do seu estado de espírito antes mesmo de ele me cumprimentar pela manhã... mas não durmo com ele. Creio que o mesmo pode ser dito sobre Rose, embora nunca tenhamos conversado a respeito.

— Obrigado, dona Carmem. Caso se lembre de algo que possa ser importante, por favor, telefone-me.

Antes de Espinosa se levantar para sair, Carmem pousou a mão no seu braço e perguntou:

— Inspetor, o que o senhor acha que aconteceu com Rose?

Pela primeira vez, alguém na Planalto Minerações manifestava real interesse pelo que tivesse acontecido com a secretária.

16

Depois de oferecer licor a Espinosa, d. Maura ficou passando de leve o dedo na borda do cálice, enquanto contava sua história. Olhos vermelhos de choros recentes e antigos, voz cansada de quem julgava já ter dito tudo o que tinha para dizer na vida. Espinosa respeitara os sofás cobertos com plástico, destinados talvez a visitas mais ilustres, que provavelmente nunca viriam. A sala era escrupulosamente limpa, os porta-retratos sobre o aparador, fazendo ângulo uns com os outros, numa disposição geométrica de pretensão estética. Em moldura prateada, destacando-se das demais pela posição central e pelo tamanho, a fotografia do capitão Euclides em uniforme de campanha, morto em decorrência da explosão de uma granada durante exercícios militares no campo de Gericinó.

Quando não estava com as mãos ocupadas com o cálice, d. Maura alisava o vestido estampado em tons cinzas ou puxava a saia pela bainha, assegurando-se de que lhe cobria convenientemente os joelhos, apesar de ocultos pelo tampo da mesa. Os anos de reclusão voluntária no apartamento na Tijuca haviam contribuído para a palidez geral e o envelhecimento precoce.

Entristecera tudo o que tinha para entristecer. Pelo menos era o que supunha, até o desaparecimento de Rose, havia uma semana. Quando o marido morreu, a filha tinha apenas nove anos de idade e desde então vivia apenas para ela. As visitas dos antigos companheiros do marido foram rareando com o tempo, até cessarem completamente; havia já alguns anos, não tinha ninguém a quem recorrer, toda a sua esperança estava depositada naquele homem alto, magro, de fala cansada, sentado à sua frente.

Não, não notara nada de especial na filha, apenas um certo desassossego após a morte do dr. Ricardo, mas achava natural que assim fosse. Ela não fizera nenhum comentário que

pudesse servir de pista para seu desaparecimento, assim como nada sabia da visita que a filha pretendia fazer a d. Bia Vasconcelos na última quinta-feira. Rose sempre fora extremamente discreta e falava pouco sobre o que acontecia na Planalto Minerações.

Tivera namorados, como todas as moças, chegara a pensar em casar com um deles, tenente do exército, mas a lembrança das inúmeras mudanças quando o pai era vivo não ajudara em nada o amor que não era forte. Nos últimos dois anos os namoros foram rareando. Eram poucos os telefonemas, e a visita masculina, quase nenhuma. Dedicava-se cada vez mais à companhia, apesar da opinião da mãe de que nesses lugares apenas os homens progridem, as mulheres permanecem o resto da vida como secretárias.

No início, Rose ainda comentava alguma coisa sobre Ricardo Carvalho. D. Maura notara mesmo certo entusiasmo, mas nos últimos dois anos os comentários haviam desaparecido completamente. Chegara a pensar em algum desentendimento entre a filha e o diretor. Pensara durante dias em como fazer a pergunta, não queria se intrometer em seu trabalho, ao mesmo tempo temia uma resposta que confirmasse a suspeita. Durante o jantar, precedida de rodeios, a pergunta foi feita e a resposta foi imediata e acompanhada de amplo sorriso:

— Que tolice, mamãe, eu e doutor Ricardo nos damos maravilhosamente bem.

E não se tocou mais no assunto. Uma nova preocupação, porém, ganhara espaço na mente tão ocupada de d. Maura. Que significado atribuir a esse "maravilhosamente bem"? Os cuidados com a casa e as novelas de televisão encarregaram-se de adiar a resposta por tempo indeterminado.

Em momento algum, durante a conversa com Espinosa, fez qualquer pergunta ou comentário que sugerisse a possibilidade de a filha estar morta. A força da ideia transparecia apenas no susto, a cada vez que o telefone tocava, e no sentimento de pavor com que atendia a cada telefonema que, por mais inocente que fosse, exauria o que restava de suas forças. A certa altura da conversa, ofereceu café a Espinosa. Por gentileza e por necessidade de fazer uma pausa. Falar, mais ainda que pensar, era-lhe profundamente penoso.

Espinosa percorreu a sala com o olhar. Todas as madeiras brilhavam. Dentro da cristaleira, cujo vidro não tinha uma única marca de dedos, as louças e os cristais do casamento, arrumados com o mesmo rigor geométrico que os demais objetos da sala. Ocorreu-lhe que não fora convidado a sentar-se no sofá, não por desimportância, mas porque a mesa era o lugar mais íntimo. Nela, mãe e filha tomavam o café da manhã e jantavam; nela, conversavam mais do que em qualquer outro lugar da casa. Por estar ligado de alguma forma a sua filha, Espinosa era no momento pessoa íntima. O café foi tomado em silêncio, olhares vagando pela sala ou fixos nas xícaras.

— Sua filha mantém algum diário? — Espinosa tomava todo o cuidado para não empregar o verbo no passado.

— Que eu saiba, não — respondeu a senhora, surpresa com a pergunta.

— Compreenda, dona Maura, precisamos lançar mão de tudo o que possa fornecer alguma pista do paradeiro de Rose, o que inclui diário, cartas, anotações, bilhetes, telefonemas etc. Sei que respeita a privacidade de sua filha, mas, nas condições presentes, não posso deixar de examinar o quarto dela. Se a senhora puder me acompanhar, poderá ajudar bastante.

— O senhor acha que ela fugiu, com medo de também ser morta? — perguntou, com os

olhos úmidos.

— O que a leva a supor que tenha fugido? Ela estava sendo ameaçada?

— Não, não é isso, é que ela nunca saiu sem me avisar... o senhor acha que foi sequestrada? — continuou perguntando, como se não esperasse ou não quisesse ouvir nenhuma resposta.

— A resposta pode estar no quarto, entre seus objetos pessoais — respondeu Espinosa.

Com alguma relutância, d. Maura conduziu Espinosa ao quarto de Rose. Era extremamente arrumado, o que facilitava a procura. O problema é que não sabia o que estava procurando. Examinou armários e gavetas, olhou debaixo da cama (sempre fazia isso), abriu todas as malas e bolsas guardadas.

— A senhora conhece as coisas dela, pode me dizer se estão faltando vestidos, sapatos, roupas íntimas, alguma mala?

— Já pensei nisso. Não parece estar faltando nada.

Na estante, uns duzentos livros, de qualidade razoável. Na prateleira mais próxima do chão, três lombadas escuras sem nada escrito chamaram a atenção de Espinosa. Eram agendas antigas. Faltavam as dos dois últimos anos.

MAX

MAX EXPERIMENTARA VÁRIOS ESTACIONAMENTOS na zona sul. Não gostava muito de supermercados, em geral eram frequentados por casais ou por famílias inteiras, o que dificultava ou impossibilitava sua ação. Como assaltar um carro entupido de crianças que podem começar a berrar a qualquer momento? Preferia mulheres sozinhas, ficam apavoradas e entregam tudo, temendo algo pior. Acontecera assim na primeira vez. Tinha perdido o emprego havia mais de um mês e não conseguira encontrar outro. Embora tivesse curso secundário, não tinha profissão. Sequer sabia datilografia. O primeiro assalto foi por desespero, mas foi tão fácil e rendeu tão bem, que não viu razão para procurar emprego. O esquema funcionava havia um ano.

Suas melhores atuações foram no edifício-garagem Menezes Cortes, no centro da cidade, mas se repetisse com frequência o mesmo lugar, arriscava-se a ficar visado. Nunca assaltava homens, sobretudo se fossem jovens e fortes, poderiam reagir, e o revólver de imitação que usava nessas ocasiões não seria de grande valia. Além do mais, nunca atirara em ninguém. Não era fraco, mas também não estava disposto a enfrentar jovens executivos que frequentam academias de ginástica e aprendem artes marciais. Um velho serviria, são facilmente assustáveis e não costumam reagir.

Já estava havia mais de meia hora escondido atrás da coluna próxima à escada de emergência, quando viu o executivo bem vestido, carregando uma pasta, encaminhar-se para o carro estacionado a poucos metros de distância. Não era o que procurava. Relativamente jovem, alto, forte, com jeito decidido, poderia reagir. Viu quando entrou no carro e abaixou os vidros, mas, ao invés de dar partida no motor, recostou a cabeça no assento e acendeu um cigarro. Passados alguns minutos, apagou o cigarro e levantou novamente os vidros, mas ao invés do barulho do motor sendo ligado, o que Max ouviu foi um estampido surdo.

Esperou algum tempo. Nenhum movimento dentro do carro. Olhou para os lados à procura de alguém. Esperou mais alguns segundos. Nada aconteceu. Ninguém, além dele, vira ou ouvira nada. Aproximou-se do carro e espiou. O corpo estava imóvel. Sobre o banco da frente, ao lado do motorista, havia uma pasta e junto dela um envelope, no chão o revólver utilizado pelo homem. Olhou novamente para os lados à procura de testemunhas. Ninguém. Abriu a porta do lado do motorista e a luz interna acendeu. Recuou assustado, fechando a porta. Mais uma vez percorreu com os olhos o estacionamento. Nenhum movimento próximo. Abriu novamente o carro e enfiou a mão entre o peito do morto e o volante do carro, procurando o bolso do paletó. O corpo imprensado contra o volante dificultava a busca, mesmo assim conseguiu retirar a carteira. Tentou alcançar a pasta, passando o braço por detrás do morto, não teve sucesso. O contato com o corpo provocou-lhe um leve tremor. Estava disposto a abandonar o local, quando viu o pino de segurança do lado oposto levantado. Fechou a porta, contornou o carro e abriu a outra porta. A pasta estava aberta. Ao lado dela, o envelope no qual estava escrito em letras de fôrma “À polícia”. Dentro dele havia um maço de notas preso com elástico. Eram notas de cem dólares. Muitas. Colocou o envelope dentro da pasta juntamente com o revólver e bateu a porta. Ao se voltar para sair, julgou ter visto uma silhueta de mulher na porta de acesso à escada. Tudo muito rápido, poderia ter sido imaginação sua. Desceu pela escada com a pasta debaixo do braço e ganhou rapidamente a rua.

1

A preocupação de Max era a pasta, boa demais para estar em suas mãos, iniciais gravadas em dourado, nenhuma coincidindo com as dele. Um pequeno detalhe, pensou, mas são os pequenos detalhes que acabam com a vida da gente. Na esquina da rua Sete de Setembro, um camelô vendia sacolas. Experimentou várias até encontrar uma na qual coubesse a pasta. A de melhor tamanho era branca com grandes rosas vermelhas, preferiu outra, não tão boa, quadriculada de preto e cinza. A alça não era resistente, decidiu carregá-la debaixo do braço, segurando pelo fundo. Considerando que não chamava mais atenção, resolveu afastar-se o mais rapidamente possível. Atravessou a avenida Rio Branco e encaminhou-se para a estação do metrô no largo da Carioca.

No vagão repleto, manteve a sacola espremida contra o corpo. Apesar do que acabara de viver, sentia-se, naquele momento, como um funcionário público voltando para casa após um dia de trabalho. Pensou na mulher que não o esperava, nos filhos que não tinha e na casa que não era sua, onde ocupava um cômodo, nos fundos, por favor. Subitamente, foi invadido por um temor que nunca experimentara antes: "E se fosse assaltado?". Obviamente não seria por estar carregando vários milhares de dólares, ninguém desconfiaria disso, mas ultimamente assaltavam nos trens suburbanos, nos ônibus, no metrô, por qualquer bobagem, para tirar alguns trocados dos trabalhadores. Na estação da Central do Brasil teria que fazer baldeação, mas preferiu continuar em direção à Tijuca, considerava a região da Central particularmente perigosa, sobretudo na hora de maior movimento. Além do mais, tinha conseguido lugar para sentar. Pensou em mudar o revólver de lugar. Para isso, teria que tirá-lo de dentro da pasta e colocá-lo na sacola, mais ao alcance da mão, assim poderia se defender em caso de tentativa de roubo. Mas a operação certamente atrairia a atenção das pessoas, teria que abrir a pasta que estava dentro da sacola, retirar o revólver, fechar a pasta, colocar o revólver entre a pasta e a sacola, tudo isso num vagão cheio de gente. Melhor ficar quieto e não chamar a atenção.

Quantas notas teria no envelope? Cem? Duzentas? Seriam todas de cem dólares? Fez o cálculo de cabeça, dez mil, vinte mil dólares! Nunca vira tanto dinheiro, e ainda tinha o que estava na carteira que jogara na sacola junto com o revólver. Começou a suar nas mãos. Felizmente a sacola era plastificada, caso contrário poderia ficar molhada e se romper com o peso da pasta. Enxugou as mãos na calça, uma de cada vez para não largar a alça. O que mais teria dentro da pasta? Tinha visto um envelope. O revólver parecia importado, poderia dar um bom dinheiro. Esboçou um sorriso ao pensar que fora a primeira vez que roubara um homem grande e forte. Só que estava morto. Deviam ser mais ou menos da mesma idade. Que estupidez, um cara novo, bonitão, rico, meter uma bala na cabeça, assim, sem mais nem menos. Por que será que fizera aquilo? Por amor não foi, rico não se mata por amor, rico só se mata por dinheiro.

Desceu na praça Saens Pena. Estava longe de casa, mas pelo menos estava longe do centro, e a região era menos ameaçadora. De qualquer maneira, não podia ficar sentado num banco de praça, como um idiota, esperando que uma patrulha da PM pedisse seus documentos. "Pois não, seu guarda, estão dentro da pasta, junto com dez mil dólares e um revólver carregado, com uma cápsula deflagrada. Na verdade, não tenho documentos, mas minhas iniciais estão gravadas aqui na frente." Felizmente era branco, se fosse preto a probabilidade de ser abordado pela polícia seria muito maior. Mas, mesmo sendo branco, tinha que pegar

uma condução para o Méier. Tinha também que se livrar da pasta e da carteira.

Atravessou a praça e entrou na primeira rua de pouco movimento que encontrou. Apenas algumas pessoas nas calçadas, a maioria voltando para suas casas após o trabalho. Em frente a uma mercearia fechada, viu sacos de lixo amontoados. Escolheu o que parecia mais vazio, despejou o conteúdo junto ao meio-fio e caminhou até o quarteirão seguinte, com o saco de lixo vazio junto à sacola. Depois de certificar-se de que não estava sendo observado, retirou o conteúdo da pasta, verificando cuidadosamente cada compartimento, e fez o mesmo com a carteira. Colocou tudo dentro da sacola comprada no camelô, dobrando-a ao meio e formando um embrulho; em seguida, meteu a pasta e a carteira vazias dentro do saco de lixo, amarrou bem a boca e largou-o junto a outro monte de sacos de lixo em frente a um prédio de apartamentos. Agora estava tudo bem, pobre está sempre carregando embrulho. Sua estratégia de sobrevivência foi a de não chamar a atenção, era um homem comum, sem nenhuma característica marcante. Fisicamente, passava despercebido em qualquer lugar. Socialmente, já nascera invisível.

Eram quase nove horas da noite quando desceu do ônibus na rua Dias da Cruz, no Méier. A casa, espremida entre duas outras, era estreita e comprida. A irmã e duas filhas pequenas ocupavam os cômodos dos fundos; no da frente, que correspondia a mais da metade da casa, ficava o brechó montado pela irmã quando o ex-marido a deixara. Não havia um palmo de espaço livre. Pequenos móveis, roupas, sapatos, relógios, eletrodomésticos, louças, bonecas, brinquedos, objetos de decoração, caixas, latas e bolsas de todos os tamanhos, máquina de costura, instrumentos de trabalho, canetas, óculos, cinzeiros, bibelôs, uma hélice de avião feita de madeira, pendurada no teto. Resíduos arqueológicos da classe média suburbana. No quintal mínimo, nos fundos da casa, o quarto igualmente mínimo, com um banheiro cujo chuveiro ficava em cima da privada, era ocupado por Max. Não pagava aluguel, contribuía irregularmente com algum dinheiro, quando dava sorte no trabalho. Mudara tantas vezes de atividade que não lhe perguntavam mais o que fazia. Era o homem da casa.

O brechó estava às escuras, apenas a luz azulada da televisão iluminava debilmente o corredor em frente ao quarto da irmã, que respondeu ao seu “oi” sem desviar os olhos da novela. As meninas dormiam. Atravessou a cozinha, abriu a porta dos fundos, cruzou em duas passadas o pequeno pedaço de terra que chamavam de quintal, entrou no quarto, acendeu a luz, passou o trinco na porta, jogou a sacola em cima da cama, tirou rapidamente a roupa, entrou no banheiro e teve uma diarreia. Tomou banho sem se levantar da privada. Vestiu short e camiseta, sem se enxugar, e despejou o conteúdo da sacola sobre a cama: o maço de notas que retirara do envelope, o revólver, o dinheiro que estava na carteira juntamente com alguns cartões plastificados, uma fotografia e cartões de visita, e o envelope dentro do qual havia uma carta escrita à mão. Deixou a carta de lado, retirou o elástico do maço de dinheiro e começou a contar. Contou rápido demais e se atrapalhou, recomeçou mais devagar. Contou duas vezes, verificou se todas as notas eram do mesmo valor, voltou a contar. Vinte mil dólares.

O dinheiro que estava na carteira era porcaria; uma nota de cinquenta, três de dez e duas de um. Carteira de identidade, carteira de motorista e alguns cartões de visita com números de telefone e fax. Nenhum cartão de crédito. A fotografia era de uma mulher. Muito bonita, pensou Max, só pode ser a mulher, ninguém anda com fotografia de amante na carteira.

Quando pegou o revólver, as mãos estavam úmidas de suor. Era um Colt 38 com a inscrição *Detective Special* no cano. Poderia conseguir uns trezentos dólares por ele. Retirou as balas, limpou cuidadosamente a arma e escondeu-a dentro de uma mala, debaixo da cama. Só então retomou o envelope com a carta.

Teve que ler várias vezes até fazer sentido. Na parte de cima da folha, em letras de fôrma, tal como do lado de fora do envelope, estava escrito: *À polícia*. E logo abaixo, escrito à mão: *Os vinte mil dólares são um pagamento para sumirem com a arma, com este bilhete, e arquivarem o caso por não encontrarem o autor do 'crime'. Ninguém será prejudicado. Vocês podem ficar com a consciência tranquila, já que não estarão se apropriando indevidamente do dinheiro, eu o estou oferecendo*.

Max não acreditava no que estava lendo. Virou e revirou o papel, procurou alguma coisa mais no envelope, releu o bilhete inúmeras vezes. Com o papel na mão, deixou-se cair deitado na cama, olhar fixo no teto. "O cara era completamente maluco. Como é que enfia uma bala na cabeça e ainda deixa vinte mil dólares para a polícia sumir com a arma? É confiar demais na corrupção. E se não tivesse morrido? Com aquele dinheirão todo, a polícia terminaria o serviço. Mas por que ocultar o suicídio?"

Uma coisa fazia sentido para Max: ele não roubara, apenas recebera os honorários pelo serviço prestado ao morto. Embrulhou o dinheiro e o bilhete em vários sacos plásticos, um dentro do outro, e guardou-os dentro da caixa de descarga da privada. Vira isso num filme. Só conseguiu dormir quando estava clareando.

Acordou três horas depois sobressaltado com os barulhos do dia. Pulou da cama como que impelido por uma mola, entrou no banheiro, subiu na privada, meteu a mão dentro da caixa de descarga e sentiu o volume do saco plástico boiando. Desceu do vaso e olhou-se no espelho da pia. Não viu um novo homem, viu apenas um homem preocupado. Fez a barba, vestiu-se e decidiu tomar café no bar da esquina. Precisava pensar no que fazer e pensava melhor na rua do que em casa. O dinheiro que tinha no bolso, mais o que tirara da carteira, daria para alguns dias. Não queria sair trocando dólares a torto e a direito, ninguém acreditaria que fora a justa recompensa por um trabalho. Precisava de um dinheiro mais imediato, antes de decidir o que fazer com os dólares. Resolveu vender o revólver. Uma arma pode ser passada adiante sem maiores problemas, enquanto que dólares podem levantar suspeitas de mais dólares em casa.

A primeira sondagem foi com o português dono do botequim. Não se interessou.

— Nada de armas, comigo é na porrada.

Tentou, sem sucesso, mais alguns comerciantes conhecidos. Na banca do jogo do bicho, concordaram em que ele deixasse a arma para que pudessem mostrá-la a possíveis interessados. Dariam alguma notícia no dia seguinte. Voltou para casa, arranjou uma caixa no brechó, embrulhou o revólver com papel de jornal, botou dentro da caixa e amarrou com barbante. Em nenhum momento pensou em ficar com ele. Sabia que era um caminho sem volta. Não tinha quaisquer escrúpulos em roubar os ricos da zona sul, sabia que perderiam apenas o dinheiro que tinham no bolso e alguma joia ou relógio, o mundo se encarregaria de repor o que fora roubado. Matar era outra história. Por isso sempre assaltava com um revólver de imitação, mesmo numa situação crítica não atiraria em ninguém. Nunca cometera nenhum delito em seu próprio bairro, só agia no centro e na zona sul, e jamais planejara nada. O indicador do momento da próxima ação era sempre o bolso, só tentava uma nova investida

quando o dinheiro estava acabando. Tinha plena consciência de que quanto mais frequentes fossem suas ações, maiores seriam as probabilidades de ser pego. Andou pelas ruas do bairro até a hora do almoço.

Almoçou com a irmã e foi para o quarto planejar os próximos passos. Nada de comprar carro ou roupas caras. Daria algum dinheiro para ela e para as meninas, diria que havia ganhado nas corridas (embora nunca tivesse ido ao Jockey). Poderia passar uma semana em Saquarema ou Cabo Frio — com uma mulher, é claro. Gostava de trepar, o que não sabia era o que falar com as mulheres. Uma semana num hotel, no primeiro dia já teria dito tudo o que tinha para dizer. Poderia passar os outros seis trepando, embora para isso não precisasse viajar. Lembrou-se de quando saíra com uma moça e fora com ela a uma pizzaria. Ficara o tempo todo olhando para o copo de chope e para as mesas vizinhas sem dizer uma palavra, enquanto ela cantarolava baixinho a primeira frase de uma antiga música de carnaval que dizia: “Vai, com jeito vai, senão um dia a casa cai...”. Talvez fosse melhor viajar sozinho, não teria dificuldades para arranjar mulher nesses lugares, ainda mais com dinheiro no bolso. A dúvida é se ia para a praia ou para a montanha. Crescera no Méier, não tinha nenhuma intimidade com o mar, melhor ir para Caxambu ou Cambuquira. Adormeceu. Acordou às quatro da tarde, sorriu, e se vestiu para sair.

Caminhou pela rua Dias da Cruz até a estação do Méier. Gostava do movimento intenso nas calçadas, sentia-se completamente diluído e mesclado àquela massa de gente desconhecida. Parava num bar para tomar café e o garçom nem sequer o olhava. Nas vitrines das lojas, nada o atraía; era um sobrevivente, não um consumista. Voltou para casa no início da noite, a tempo de assistir ao jornal na televisão. A morte do diretor da Planalto Minerações foi notícia no telejornal local. A polícia já iniciara as investigações para prender o culpado. “Não é necessário”, pensou Max, “ele já está preso e condenado à prisão perpétua.”

2

Vendeu o revólver pela metade do valor, mas não se importou, tinha bastante dinheiro em casa. Resolveu que trocaria os dólares aos poucos, uma nota de cada vez e sempre em casas de câmbio diferentes. Queimou os documentos do morto, ficando apenas com a fotografia da mulher e um cartão de visitas que juntou aos dólares e à carta dentro da caixa de descarga. Não sabia por que guardara a fotografia e o cartão, não tinha nenhuma intenção de entrar em contato com a viúva, não era maluco.

Vinte mil dólares. Se gastasse quinhentos por mês, o que era muito, poderia viver quatro anos sem fazer nada. Deitado na cama, mãos cruzadas atrás da cabeça, abarcou todo o quarto com um pequeno movimento dos olhos. Sentiu um mal-estar difuso, quase dor. Quatro anos sem fazer nada, fazendo o quê? Trancado naquele cubículo de merda? Chegara à conclusão de que roubos e assaltos estavam fora de questão, não poderia se arriscar a ser preso tendo todo aquele dinheiro em casa. O que faria durante esses quatro anos? Sairia todos os dias, fingindo que ia trabalhar, e ficaria andando sem rumo pelas ruas? Passaria as tardes nos bancos de praça, como um aposentado?

Estava havia um dia e meio trancado no quarto, pensando. Tentara ajudar a irmã no

brechó, mas não conseguira se concentrar nas tarefas mais simples. Quando algum comprador fazia uma pergunta, levava algum tempo até sintonizar com o som da voz; para responder à pergunta, levava ainda mais tempo. Achou melhor ficar no quarto. Era isso, ganhara uma aposentadoria e não sabia o que fazer com o resto da sua vida. Pelo menos com os próximos quatro anos. Se ficasse sem fazer nada, não teria em que gastar o dinheiro, duzentos e cinquenta dólares por mês seriam suficientes. Nesse caso, os quatro anos se transformariam em oito.

Sempre vivera de ousadia, nunca de planejamento, e agora ali estava, deitado numa cama, fechado num quarto, planejando um futuro econômico e estúpido, com medo de ser roubado. Não era o que pretendia para o resto dos seus dias. A palavra-chave era "ousadia". Que diferença faria, ficar preso na prisão ou naquele quartinho miserável de subúrbio? Acabaria como o executivo, metendo uma bala na cabeça, embora certamente não tivesse sido esse o seu motivo. O que mais o intrigava não era o homem ter se matado, muita gente faz isso por diferentes motivos, o que não entendia era o dinheiro e a carta. Por que uma pessoa se mata e ainda deixa vinte mil dólares para a polícia sumir com a arma? A primeira resposta, que parecia óbvia para Max, era: porque ele não queria que parecesse suicídio. E se ele queria que parecesse assassinato, provavelmente queria que alguém levasse a culpa. Mas ninguém se suicida só para botar a culpa em outro, não faz sentido. Uma coisa é certa, o cara queria mesmo se matar. Fez tudo calma e deliberadamente. Até fumou um cigarro antes. Parecia que estava ouvindo música, esperando a namorada. Pensou na hipótese de o executivo ser católico, sabia que, para a Igreja, quem se mata morre em pecado. Mas, porra, o cara não ia enganar Deus.

De repente, Max saltou da cama e ficou em pé, olhando perplexo para a parede. "Claro, porra! O seguro! O cara tinha um puta seguro de vida, e seguro de vida não funciona em caso de suicídio." Começou a andar de um lado para o outro dentro do quarto, dois passos em direção ao banheiro, dois passos em direção à porta. Numa das idas em direção ao banheiro, seguiu direto, subiu no vaso e retirou o pacote de plástico de dentro da caixa de descarga. O olho brilhava mais para o cartão de visitas do que para os dólares. Pegou o cartão e a fotografia, e guardou de volta o dinheiro na caixa. Precisava confirmar sua hipótese. Eram duas horas da tarde. Durante uma hora ensaiou o que dizer e fazer. Vestiu-se, botou o cartão e a fotografia no bolso, comprou duas cartelas de fichas para telefone no jornaleiro e procurou o telefone público mais protegido do barulho da rua. Discou, limpou o pigarro da garganta e, quando a voz atendeu do outro lado, seu coração bateu mais forte.

— Alô.

— Eu gostaria de falar com a senhora Ricardo Fonseca de Carvalho, por favor.

— É ela quem está falando.

— Boa tarde, senhora, aqui é da companhia de seguros, gostaria de conversar com a senhora sobre o seguro de vida do seu marido.

Silêncio do outro lado da linha. Três ou quatro segundos que, para Max, pareceram horas. Finalmente:

— Sinto muito, ainda não estou preparada para falar sobre isso... além do mais, não sei nada sobre o seguro de vida do meu ex-marido, é melhor o senhor falar com a secretária dele

na Planalto Minerações, é ela que cuida de todos os seus papéis.

— Pois não, a senhora pode me dar o nome dela, por favor?

— Rose.

— Obrigado.

Quando desligou, Max sentiu que todo o seu plano fora por água abaixo. Por isso não gostava de planejar nada, sempre alguma coisa dava errado, as coisas não acontecem de acordo com o planejado. Resolveu tomar café no bar, enquanto pensava em que fazer. Talvez fosse melhor assim. A viúva poderia não concordar com sua proposta e ele não teria como forçá-la, poderia não se importar com o seguro, poderia chamar a polícia. Decidiu telefonar para a secretária, melhor tratar com ela do que com a viúva. Voltou à cabine e ligou para a Planalto Minerações. Eram quatro horas da tarde de quinta-feira. A telefonista passou a ligação para o ramal.

— Alô.

— Rose?

— Sim, quem está falando?

— Não importa, meu bem, preste bastante atenção ao que vou lhe dizer. Seu ex-patrão não foi assassinado, ele se suicidou. Armou a coisa para que parecesse suicídio. Isso quer dizer que ele deve ter um seguro de vida que não quis que se perdesse. Acontece que posso provar que não foi assassinato, ele...

— Quem está falando? — interrompeu Rose. — Você é completamente maluco.

— Não me interrompa e ouça até o fim — continuou Max. — Tenho uma carta, escrita por ele à mão, provando que foi suicídio. Se você é uma secretária eficiente, sabe que a pasta dele é de couro marrom com as iniciais R.F.C. em dourado na parte da frente; se ainda não acredita, posso lhe dar o número de sua carteira de identidade e de sua carteira de motorista. Ah, sim, a mulher dele é muito bonita, se é que a fotografia na carteira é da mulher.

Rose ouvia tudo, petrificada. Sem dúvida, o sujeito estava com os pertences de Ricardo. Não sabia o que fazer; se desligasse, poderia perder o contato. Estava inteiramente confusa, quando Max continuou a falar.

— Preste atenção. Eu não só tenho a carta escrita por ele, e você poderá confirmar se é ou não verdadeira, como estava lá na garagem quando ele se matou. Eu é que peguei o revólver e a pasta.

Rose não conseguia dizer uma única palavra.

— Agora ouça bem. Se ele tem um seguro, o valor deve ser alto, posso torná-lo inútil, basta mandar uma cópia da carta para a companhia de seguros, o que será uma pena, porque ninguém ganhará nada. Minha proposta é que dividamos a quantia por três, se você se encarregar de convencer a viúva. São quatro horas da tarde. Eu lhe dou uma hora para encontrar as apólices. Certamente você sabe onde estão. Poderá ver o valor antes de mim e pensar no assunto. Voltarei a ligar às cinco em ponto.

Desligou.

Sabia que a hora seguinte seria decisiva. Não apenas quanto à comprovação da sua

hipótese mas também quanto aos valores da secretária. Talvez ela precisasse de um reforço extra, um pouco de pressão, ameaça, ou mesmo se convencer de que ele falava a verdade. Andou durante quase uma hora, pensando nas várias possibilidades de resposta da secretária. Às cinco horas, voltou a ligar.

— Rose?

— S... Sim.

— Então? Encontrou?

— Encontrei.

— Beleza, sabia que você não ia falhar. E qual é o valor?

— Cerca de um milhão de dólares.

Max quase desabou. Perdeu inteiramente a pose. Pigarreou, tossiu, a voz desafinou.

— Um milhão de dólares?

Não conseguia avaliar o quanto era um milhão de dólares. Para ele, ultrapassava o limite do pensável.

— Mais ou menos — respondeu a moça, quase profissionalmente —, vai depender da cotação do dólar no dia.

E continuou:

— Como vou saber que você está falando a verdade? O que me garante que você não matou Ricardo Carvalho e agora está tentando uma jogada? — A voz da secretária estava visivelmente diferente.

— Meu bem, porque se eu tivesse assassinado o seu patrão não estaria me arriscando a você me entregar à polícia.

— Mas você roubou as coisas dele.

— Um delito menor, querida.

— Não me chame de querida.

— Está certo, meu bem. Agora ouça. Podemos marcar um encontro e eu lhe mostro a carta, você deve conhecer a letra dele melhor do que ninguém. Além disso, contarei as circunstâncias em que ela foi encontrada, tenho a mais absoluta certeza de que acreditará em mim. Aliás, será impossível não acreditar. Antes de nos encontrarmos, porém, eis o que você vai fazer...

— Não disse que vou fazer coisa nenhuma.

— Eu sei, meu bem, fique calma e ouça. Não sabemos se a viúva vai concordar com nossa proposta...

— Sua proposta — cortou Rose —, não estou fazendo proposta nenhuma e acho você um louco.

— Está bem, mas espere eu acabar. Como estava dizendo, ela pode estar nadando em dinheiro e não dar importância a um milhão de dólares, pode ter princípios muito rígidos e reagir à ideia, o mesmo se aplica a você. Diga a ela que você está sendo ameaçada por mim, que se não aceitar a proposta, mandarei a carta para a polícia, e mandarei para as pessoas

certas, pessoas que vão querer, elas mesmas, fazer o negócio, e não costumam ser nada gentis. É escolher: ou nós três ganhamos um bom dinheiro ou ninguém ganha nada. Telefone para ela e marque um encontro entre vocês duas para hoje à noite por volta das sete horas. Tenho certeza de que você saberá ser convincente. Depois de sair da casa dela, encontre-se comigo às nove horas na estação de metrô no largo da Carioca. Leve flores na mão, para eu saber quem é você. Levarei a carta.

Desligou, antes que ela tivesse tempo de dizer qualquer coisa.

Estava empregando a mesma técnica utilizada nos assaltos: não dar tempo à vítima para pensar. As secretárias são pessoas disciplinadas e obedientes, ela obedeceria, poderia ter desligado o telefone nas duas vezes e não o fizera, prova de que estava interessada. Além do mais, a possibilidade de ganhar trezentos mil dólares não aparece duas vezes na vida de uma secretária. Quanto à viúva, não tinha cara de burra, o marido estava morto, por que recusaria? Na verdade, não tinha direito a nem um centavo, e ele estava lhe oferecendo trezentos mil dólares.

3

Rose esperou alguns minutos para decidir o que fazer. Certamente o autor do telefonema era o homem que ela vira de relance no edifício-garagem. A questão não era tanto quem ele era, mas o que fazer com ele.

Os documentos pessoais de Ricardo estavam num arquivo separado, que ela mesma organizara. Dentro do envelope da companhia de seguros havia outro envelope com a apólice. O prêmio era de aproximadamente um milhão de dólares e a beneficiária, Bia Vasconcelos. Um milhão de dólares é muito dinheiro para qualquer um, mas Rose achava que a viúva poderia prescindir do benefício. Tinha sua profissão e era filha única de um homem cujo patrimônio não era nada desprezível, cedo ou tarde teria seu milhão de dólares.

Não era esse o seu caso. Ser secretária é um estigma, sua mãe tinha razão quando dizia que nas empresas apenas os homens progridem, as mulheres permanecem secretárias até o fim da vida. E em se tratando de uma herança de Ricardo, achava muito mais justo que a beneficiária fosse ela do que Bia Vasconcelos, que nem sequer usava o sobrenome do marido.

O segundo telefonema desfez a dúvida que ainda poderia restar quanto ao desconhecido. Não era o telefonema de um assassino, mas de um oportunista. Certamente um oportunista inescrupuloso. Ninguém que presencia um suicídio e aproveita para roubar o morto é digno de respeito. Ficou imaginando como seria ele. Meia-idade, pouca instrução, ladrão ocasional, impulsivo e com reduzido senso crítico. Não devia ser inteiramente destituído de inteligência, pois fora capaz de chegar à hipótese do seguro de vida. Não lhe parecia perigoso, mas não convinha facilitar.

A proposta era primária. Forçar Bia Vasconcelos com a ameaça de mandar a carta para a polícia era ingenuidade. A boa ideia era outra, mas ele não percebeu seu alcance. Só pensou em enviar a carta para a companhia de seguros, por vingança, caso Bia não concordasse, não pensou na possibilidade de negociar com a companhia.

Conhecia suficientemente Bia Vasconcelos para saber que ela não se deixaria chantagear,

era demasiado orgulhosa, preferiria abrir mão do seguro. Com ela não haveria negociação. A possibilidade era negociar com a companhia de seguros. A polícia sequer levantara a hipótese de Ricardo não ter sido assassinado. Evidentemente não encontrariam o assassino e, passado algum tempo, o caso seria arquivado. Ninguém imaginaria que Ricardo tivesse cometido suicídio, e a companhia de seguros teria que pagar à viúva o prêmio de um milhão de dólares. Se a carta não deixasse margem a dúvidas, poderia ser infalível como instrumento de negociação com a companhia: a carta por quinhentos mil dólares. Para a companhia de seguros, melhor pagar quinhentos mil do que um milhão de dólares, e Rose tinha suficiente experiência do mundo dos negócios para saber que aceitariam. Havia, no entanto, dois problemas. Primeiro, ela não estava de posse da carta. Segundo, uma vez feita a proposta à companhia de seguros, iniciariam investigações para tentar provar o suicídio e não pagar nada a ninguém.

Teria que se encontrar com o homem do telefonema e convencê-lo a entregar-lhe a carta. Esse problema, dependendo de quem ele fosse, poderia ser resolvido. O segundo problema era mais complicado. Obviamente, a polícia não fizera uma perícia cuidadosa. A cena do crime se apresentara com tanta evidência, que não se preocuparam com um possível suicídio, não havia por que procurar resíduos de pólvora na mão do morto se ele fora baleado por outra pessoa. A dúvida de Rose era se esses resíduos ainda poderiam ser encontrados. Caso ela procurasse negociar a carta, a companhia de seguros poderia pedir a exumação do corpo para um novo exame pericial.

Essas eram questões que Rose não sabia responder no momento. O melhor a fazer era conseguir a carta e adiar o mais possível um pedido de exumação. Enquanto isso, tinha que encontrar um meio de tirar o homem da jogada. Os quarenta e cinco minutos seguintes foram empregados na elaboração de um plano de emergência, que poderia ser aperfeiçoado posteriormente.

O primeiro passo era telefonar para Bia Vasconcelos, com a voz angustiada, marcando um encontro... ao qual não compareceria. Em seguida, ir para casa, conversar com a mãe, arrumar uma pequena mala, arranjar um hotel perto do centro e estar às nove horas na estação de metrô do largo da Carioca. Não esquecendo o ramo de flores. O detalhe definia, para ela, o tipo de homem com quem iria tratar.

Não foi difícil contar a história para a mãe. A emoção era verdadeira, assim como boa parte do relato.

— Por favor, mamãe, preste atenção no que vou lhe dizer e procure não me interromper. Sei que você, algum tempo atrás, desconfiou que eu tinha um caso com doutor Ricardo; agora posso lhe dizer que sua desconfiança tinha fundamento. Começou quando o acompanhei numa viagem ao Nordeste; desde então nos encontramos regularmente nos dias em que ele dizia sair mais cedo do escritório para jogar tênis. Costumava me esperar no carro, no edifício-garagem Menezes Cortes, e dali íamos para um hotel. Nessa terça-feira saí do escritório logo depois dele, e quando acabei de subir a escada que dá para o segundo andar do estacionamento, ainda na porta, vi um homem atirando em Ricardo. Ele me viu, mas saí correndo escada abaixo. Estava assustada, não sabia o que fazer, não poderia explicar para ninguém o que estava fazendo lá, peguei o metrô e vim para casa. O homem deve ter me seguido, descobriu nosso endereço e telefonou me ameaçando de morte caso eu conte alguma coisa à polícia, e agora

quer que eu me encontre com ele a qualquer custo. Não sei o que está querendo. Pode estar querendo me matar. Vou desaparecer por uns tempos. Talvez ele desista, talvez seja preso. Você não pode dizer a ninguém que estive aqui hoje nem pode contar a ninguém esta história. Minha vida depende de você guardar segredo. É melhor você não saber para onde vou, não se preocupe, estarei bem e em segurança. Assim que as coisas se acalmarem, darei notícias.

A velha senhora queria fazer várias perguntas mas não conseguia formular nenhuma. Imagens afloravam sem que houvesse um nexo claro entre elas. Emudeceu. Além de muda, ficou paralisada, em pé, no meio da sala, olhar fixo na cristaleira. Rose se aproveitou da momentânea paralisação da mãe e entrou no quarto para pegar algumas coisas. Pegou o mínimo necessário, para não levantar suspeitas caso revistassem o quarto. Já estava saindo, quando se lembrou das agendas dos dois últimos anos, colocou-as na pequena mala, junto com as poucas coisas que pegara. Fez uma série de recomendações à mãe, garantiu-lhe que estaria bem e em segurança, e tomou um táxi para o Flamengo.

O Hotel Novo Mundo está acostumado a receber mulheres sozinhas que viajam a negócios. Preencheu a ficha como professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Deixou suas coisas no quarto, verificou se a roupa estava adequada e mandou chamar outro táxi. Às nove horas estava em frente ao guichê da estação do largo da Carioca com um ridículo buquê de flores na mão.

Passados alguns minutos, um menino lhe entregou um pedaço de papel no qual estava escrito: "Compre um bilhete, desça para a plataforma e entre no primeiro trem, fique alguns segundos e assim que ele der o sinal de partida, saia novamente". Fez o que ordenava o bilhete e saiu no exato momento em que as portas do vagão se fechavam, ainda com as flores na mão. O homem do telefonema era exatamente o que ela imaginara, um pouco mais bonito, talvez.

4

Max aproximou-se sorrindo. A moça era exatamente como imaginara: obediente, tímida e assustada, só não imaginara que fosse tão bonita.

— Desculpe ter feito você entrar e sair do trem, mas precisava me certificar de que estava sozinha.

— E com quem eu poderia estar?

— Sei lá, você poderia ter falado com a polícia — disse Max, um pouco sem jeito. — Mas tudo bem, o importante é que você veio. Vamos a um lugar onde dê para conversar. Tirou-lhe as flores das mãos e os dois foram andando para a saída. Deixou o buquê sobre a borboleta da estação.

— Vamos até a Cinelândia, podemos tomar um chope enquanto conversamos.

Durante a caminhada, em silêncio, Rose sentiu que o homem estava tenso, mas parecia que muito mais em função de sua dificuldade para iniciar uma conversa do que pela situação geral. Foi ela quem quebrou o silêncio.

— Ainda não sei o seu nome.

— Max — disse ele —, de Maximiliano — completou.

Vestia calça e jaqueta jeans e camiseta com a inscrição “I Love Rio”, com um coração vermelho no lugar de cada “o”. Rose estava com o vestido mais discreto que tinha e com o mínimo de pintura no rosto. Não usava adereços e prendera os cabelos formando um coque. Max estava encantado com a discrição e o recato da moça. Chegando ao restaurante, escolheram uma mesa ao ar livre. Ele pediu chope e ela Coca-Cola com gelo e limão.

— Então — iniciou ele —, falou com a viúva?

— Falei, mas não foi nada fácil. De início, ficou furiosa, queria chamar o pai, os amigos, a polícia, mas aos poucos consegui acalmá-la. Mesmo assim não aceitava a história do suicídio. Disse que você é um louco, que matou e roubou o marido dela e que ainda está querendo tirar vantagem.

— E você, o que acha?

— Não sei, estou confusa. É difícil acreditar que o doutor Ricardo tenha se suicidado.

— Pois foi o suicídio mais claro e decidido que já vi.

— Dona Bia disse que você inventou essa história de suicídio para escapar da acusação de assassinato.

— Meu bem, ninguém viu coisa alguma. Jamais ligariam a morte do seu patrão à minha pessoa. Eu não precisava me proteger de nada. Por que razão iria levantar a mais leve suspeita sobre mim se não estivesse absolutamente limpo?

— Acredito em você — disse Rose timidamente —, por isso estou aqui.

E continuou:

— O que é difícil de acreditar é que o doutor Ricardo tenha se matado.

— Pois pode acreditar, meu bem, a prova está aqui no meu bolso.

E, num gesto cuja lentidão fora ensaiada, Max retirou do bolso da jaqueta um envelope recoberto por um plástico azulado. Desdobrou cuidadosamente o plástico, retirou a carta de dentro do envelope e a esticou na mesa, voltada para ela.

Rose leu várias vezes, sem tocar no papel. Não havia a menor dúvida, a carta era de Ricardo, conhecia aquela letra melhor do que a sua. Não precisaria nem lê-la, bastaria olhar a caligrafia. O que a fez reler várias vezes foi o conteúdo. Conhecia a engenhosidade de Ricardo, mas jamais suspeitaria que fosse capaz de um golpe como aquele. Negociar com a polícia, mesmo depois de morto, e com a certeza de sair vitorioso na negociação; não pôde deixar de sentir um certo orgulho.

— E essa história dos vinte mil dólares? — perguntou Rose.

— É absolutamente verdadeira, estão comigo — respondeu Max, e continuou: — Você está entendendo a situação? Não estamos fazendo nada de condenável, o dinheiro era destinado a quem sumisse com a arma. Aconteceu de eu estar lá antes de a polícia chegar. Fiz exatamente o que ele queria que fosse feito. O dinheiro me pertence de direito.

— É, mas o dinheiro era para encobrir o suicídio, e agora você está querendo ficar com ele e mais o dinheiro do seguro. Se fizermos isso, estaremos traindo o doutor Ricardo.

Max ficou um pouco confuso com o raciocínio da moça e procurou rapidamente recuperar

o domínio da situação.

— Meu bem, não vamos tornar público seu suicídio, vamos apenas negociar com a viúva. Além de nós, ninguém ficará sabendo de nada, a menos que a mulher não aceite fazer o negócio.

— Não creio que ela aceite sem ver a carta — disse Rose.

— Muito bem, tiramos uma cópia e mostramos a ela.

Rose sentiu que os próximos passos seriam decisivos. Pediu que ele guardasse a carta no envelope, ficou alguns segundos olhando para o copo, pensativa, e, finalmente, olhando-o nos olhos, disse:

— Max, acredito em você. Acreditei quando você telefonou e acredito mais ainda agora. Nunca fiz nada parecido com isso e não me sinto fazendo nada de errado. Não quero ficar o resto da minha vida naquela empresa como secretária. Com esse dinheiro posso comprar um apartamento. Moro com minha mãe num alugado. Poderia abrir um negócio, uma confecção... mas isso somente será possível se dona Bia concordar. Ela é capaz de abrir mão de todo o dinheiro, só para não dividi-lo conosco.

— Mas ela não pode ser tão burra assim — disse Max, indignado.

— Não é burrice, é orgulho. Você não a conhece. Dinheiro não é problema para ela, é filha única de pai rico. Por incrível que pareça, um milhão de dólares vai torná-la mais rica, mas não vai alterar seu modo de vida. Acredito que a única coisa capaz de sensibilizá-la é ela se convencer de que o marido se matou. Mulher nenhuma permanece insensível a isso. O que não sabemos é qual será sua reação, poderá ser raiva ou culpa, e ambas poderão funcionar a nosso favor.

Max estava encantado, era como se as palavras viessem perfumadas. Finalmente encontrara uma parceira. Bonita, inteligente, obediente, e precisava de sua ajuda. Não havia razão para não confiar nela. E estava pensando no quanto era um homem de sorte, quando Rose falou:

— Precisamos tirar uma cópia da carta, não vamos nos arriscar a entregar o original para dona Beatriz ler.

— Posso fazer isso amanhã de manhã — respondeu Max.

— Certo, mas tem um detalhe que me preocupa. Quem faz a cópia é o funcionário da copiadora, e geralmente eles olham rapidamente o documento para verificar se pode dar boa cópia. No caso da carta, o aviso para a polícia, em letras de fôrma, no alto da página, certamente chamará a atenção. É um risco que não podemos correr.

O olhar de Max era todo interrogação.

— Se você quiser — continuou Rose —, tenho uma copiadora na minha sala na Planalto Minerações, sou eu mesma que opero a máquina, ninguém verá nada. Mas você terá que deixar a carta comigo pelo menos até amanhã na hora do almoço. Você não estará correndo risco nenhum. Sabe onde trabalho e posso lhe dar meu endereço, que você poderá verificar agora mesmo, telefonando para minha casa. Minha mãe não dorme enquanto não chego.

— Não desconfio de você — disse Max aborrecido.

— Mas devia. Você acabou de me conhecer, não sabe quem eu sou nem do que sou capaz.

— Não preciso saber mais nada.

Havia um toque de orgulho na voz de Max.

— No meu tipo de atividade, tenho que saber imediatamente com quem estou tratando, se é um medroso ou um valentão, se é do tipo que fica quieto ou se sai berrando pela rua; e posso lhe garantir, nunca me enganei. Você não é do tipo que faz trapaça. Além do mais, como você mesma disse, sei onde é o seu trabalho...

— ... e onde moro — completou Rose, empurrando um guardanapo de papel onde anotara o endereço e o telefone.

Max dobrou o papel e guardou no bolso da jaqueta, sem ler. Naquele momento, estava mais interessado na mulher concreta à sua frente do que em endereços, referências ou garantias. As coisas estavam caminhando muito melhor do que planejara ou mesmo imaginara. A noite estrelada, a temperatura agradável, a iluminação da Biblioteca Nacional e do Teatro Municipal, tudo contribuía para fazer da Cinelândia o cenário ideal para a história que, no pensar de Max, se iniciava naquele momento. Uma nova vida.

Rose temia que tudo estivesse indo rápido demais. Aquele homem devia ser naturalmente desconfiado, o excesso de otimismo e confiança que demonstrava poderia, de uma hora para outra, se transformar no contrário. Procurou mudar o tema da conversa, não convinha demonstrar interesse excessivo na carta. Perguntou pelo próprio Max, por sua história pessoal.

Max achava que tudo estava indo bem até o momento em que ela resolveu perguntar sobre sua vida. Que interesse isto poderia ter para o sucesso do plano? O que ela queria saber? Que ele morava no quarto de empregada da casa da irmã, no Méier? Que sua principal ocupação era assaltar mulheres em estacionamentos de supermercados? Que era tão cagão que, se alguma mulher reagisse, gritando, ele sairia correndo? O que ela estava querendo? Por que mulher quer logo saber a história da vida da gente? Encolheu-se.

Rose percebeu. Melhor manter a conversa num nível puramente prático, sem referências pessoais além das estritamente necessárias. No entanto não podia desprezar o evidente interesse que ele estava manifestando por ela, e isso, independentemente de qualquer plano. A questão estava em como misturar os dois ingredientes em proporções exatas. E não tinha a noite toda à sua disposição, a menos que Max estivesse pensando que dormiriam juntos, o que seria um erro tático e uma precipitação. Não sabia nada sobre ele. Deveria ter entre trinta e cinco e trinta e oito anos, não mais do que isso. Bonito, boa forma física, mas um olhar mais atento era capaz de constatar que a vida não lhe fora favorável. A roupa era de lojas populares, as mãos eram delicadas mas maltratadas, a fala levemente cafajeste piorava quando ficava irritado. A única coisa contida eram os gestos. O que estava fazendo no edifício-garagem se não tinha carro? Rose tentava construir um quadro o mais completo possível com os poucos elementos disponíveis, e o interessante é que a presença física de Max não ajudava muito, ele era uma curiosa mistura de boa forma física e má forma social.

O momento de irritação passara, Max examinava o rosto de Rose como se fosse um objeto inanimado, até se dar conta de também estar sendo olhado pelo rosto. Surpreendeu-se. Enquanto olhava, perdera-se inteiramente no olhar, descorporificara-se. O olhar de Rose devolvera-lhe o corpo e o próprio eu. Sentiu-se grato, sem saber por quê. Retirou o envelope

do bolso e entregou-o a Rose.

— Espero por você amanhã, na sua hora de almoço, na esquina da rua do Ouvidor com a avenida Rio Branco.

Chamou o garçom, pagou a conta, levantou-se, esperou Rose guardar o envelope no fundo da bolsa e, segurando-a pelo braço, disse:

— Podemos pegar o metrô aqui mesmo, vou acompanhá-la até sua casa.

A viagem de volta foi silenciosa. Para compensar o embaraço e desviar o pensamento da carta, Rose permitiu um contato maior dos corpos, ao balanço do vagão. Às dez e meia, estava entrando no seu prédio. Despediram-se na portaria. Em seguida, tomou o elevador, apertou um andar qualquer, esperou a luz da minuteria se apagar, tornou a descer e esperou no escuro durante vários minutos, até certificar-se de que Max fora de fato embora. Pouco depois das onze e meia um táxi a deixava na porta do Hotel Novo Mundo.

5

Max chegou à esquina da avenida Rio Branco com a rua do Ouvidor antes do meio-dia. Esquecera-se de perguntar a Rose qual era a hora do seu almoço, tampouco se preocupara em determinar em qual das quatro esquinas iriam encontrar-se, e aquele era um dos cruzamentos mais movimentados do centro da cidade. Escolheu a esquina mais próxima do prédio da Planalto Minerações. Apesar da hora, a temperatura estava agradável, o céu estava nublado, mas não estava chovendo.

Max tinha os olhos voltados na direção da Planalto Minerações. Cada mulher que surgia no horizonte visual era uma promessa de Rose. Ela certamente convenceria a viúva do executivo. Seria uma completa estupidez da mulher não aceitar o que estavam propondo, ninguém joga fora um terço de milhão de dólares. Caso oferecesse muita resistência, poderiam fechar um acordo em cinquenta por cento, metade para a viúva e metade a ser dividido entre ele e Rose. Era razoável. Afinal de contas, era ela a beneficiária. Melhor prestar atenção às outras esquinas, poderia vir de outro lugar. É verdade que estava bem visível, ela não teria dificuldade para encontrá-lo. Resolveu relaxar e olhar os jornais e revistas expostos na banca da esquina. Havia um grande mapa da cidade aberto. Procurou o Méier e a rua Dias da Cruz. Meio-dia e meia. Chegara demasiado cedo.

O movimento de carros e pedestres àquela hora do dia era dos mais intensos. A cada vez que o sinal abria para os carros, acumulava-se uma assustadora quantidade de gente esperando para atravessar a rua. Max desaparecia, engolfado pela multidão. Num daqueles momentos, Rose poderia não vê-lo. Melhor afastar-se um pouco da esquina para ficar mais visível. Deveria ter marcado embaixo do prédio em que ela trabalhava; apesar do risco de serem vistos juntos, não haveria o perigo de se desencontrarem. Provavelmente ela resolvera esperar as pessoas saírem para o almoço a fim de poder tirar cópia da carta sem risco de ser surpreendida. Uma e dez. Talvez tivesse acontecido alguma coisa. E se a polícia resolvesse interrogá-la justo agora? Melhor telefonar para verificar se estava tudo bem, mas para isso era necessário afastar-se do local marcado. Não havia por que afobar-se, uma e vinte, o almoço vai até as duas horas.

A sequência dos acontecimentos, desde a cena no edifício-garagem, veio à lembrança. Tudo tinha sido absolutamente inesperado: o suicídio, os vinte mil dólares, o bilhete, a certeza de ser atendido, o valor do seguro, Rose. O mais impressionante era o bilhete. Tudo levava a crer que o executivo não tivera qualquer dúvida quanto a ser atendido em suas reivindicações. É verdade que ele se enganara quanto ao destinatário, mas, no final das contas, o resultado fora o mesmo. O bilhete era a chave que abriria os cofres da seguradora.

Foi somente enquanto pensava nesses fatos que Max se deu conta da possibilidade de negociar com a seguradora. Se ele e Rose teriam que abrir mão da parte da viúva, por que não entrar num acordo diretamente com a companhia de seguros? A quantia que caberia a ele e Rose seria a mesma, com a vantagem de não terem que contar com a aceitação da viúva. Os cinquenta por cento que caberiam a ela ficariam com a seguradora, os outros cinquenta por cento ficariam com eles dois, sem confusão com a viúva. Fantástico. Precisava falar com Rose urgentemente.

Quinze para as duas. Certamente acontecera alguma coisa. Na outra esquina, em diagonal à sua, tinha um telefone. Poderia telefonar sem abandonar o posto. Copiara os telefones da Planalto Minerações num pedaço de papel, não era aconselhável andar com o cartão de Ricardo Carvalho no bolso. Decidiu esperar até as duas horas. Durante esses últimos quinze minutos confundiu várias mulheres com Rose. Deu-se conta de que estivera com ela somente uma vez, e de que as mulheres são capazes de mudar completamente de aparência de um dia para o outro, basta modificar o penteado, o estilo de roupa, a pintura do rosto, acrescentar óculos escuros e pronto, outra mulher. Mas não havia nenhuma razão para Rose fazer isso. Ou havia? Atravessou a avenida Rio Branco na diagonal antes de os carros pararem completamente. Na beira da calçada, um menino vendia cartelas de fichas para telefone. Quando pegou o pedaço de papel no bolso, a mão estava suada.

— Planalto Minerações, boa tarde.

— Gostaria de falar com Rose, secretária do doutor Ricardo.

— Rose não veio trabalhar hoje, o senhor quer deixar recado?

— ...

— Alô... alô... quer deixar algum recado, senhor?

— ...

Max sentiu a vista ficar turva, como se o sangue tivesse fugido da cabeça. Não teve medo de desmaiar, as pernas estavam firmes e a mão que apertava o telefone era forte como uma torquês. Na verdade, o esvaziamento que sentia não era de sangue, era de ideias. Não conseguia pensar, estava momentaneamente incapaz de concatenar duas ideias das mais simples. O máximo que conseguiu foi repor o fone no gancho.

Ela podia ter ficado doente! Claro! Era isso! Retirou novamente o telefone do gancho, pegou o papel onde anotara o telefone da companhia, no verso estava o número da casa de Rose. A voz, do outro lado, era fraca e tremida, mas atendeu ao primeiro toque.

— Eu queria falar com a Rose, por favor.

— Quem deseja falar com ela?

— Um amigo. Por favor, é urgente. Ela está doente?

— Rose não voltou para casa ontem... não sei o que aconteceu com ela — respondeu a senhora com evidente nervosismo. — Quem é o senhor? — repetiu.

— Sou um amigo — afirmou já sem muita convicção —, deixei-a ontem à noite em casa, vi quando entrou na portaria.

— Nunca ouvi sua voz. O senhor não pode estar dizendo a verdade. Rose saiu de casa ontem de manhã para trabalhar e não voltou até agora.

Max não acreditava no que estava ouvindo. Já não sabia mais se Rose era Rose mesmo, ou, pelo menos, se era a mesma Rose de quem a senhora estava falando. Confirmou o endereço. Era o mesmo onde deixara Rose na noite anterior. E se a mulher com quem se encontrara tivesse dado o nome de Rose, o telefone e o endereço de Rose, mas não fosse Rose? O pensamento lhe parecia absurdo. Não telefonara para a Planalto Minerações, na primeira vez, e mandara chamar Rose? E não fora ela a atender? E se outra secretária ao ouvir voz de homem tivesse resolvido fazer uma brincadeira e ao dar pela coisa não tivesse mais podido voltar atrás? Mesmo porque, pelo tanto que estava em jogo, certas pessoas seriam capazes de matar Rose e assumir temporariamente o seu lugar. O fato incontestável era que a mulher que estivera com ele na noite anterior ficara com o bilhete do morto, única chave possível para o cofre que continha um milhão de dólares. Ainda estava com o fone na mão, um pouco distante do ouvido mas suficientemente próximo para ouvir a voz da senhora do outro lado da linha. Desligou.

Continuava em frente ao telefone, fisionomia abobalhada, olhando fixamente para dentro do orelhão. Uma voz às suas costas perguntou:

— O senhor já terminou?

Percebeu que havia começado a chuviscar quando o rosto já estava todo molhado. Perdera inteiramente o senso de orientação. Sentiu a cabeça vazia e a sensação de estar prestes a desmaiar. Apoiou-se num poste e esperou passar o mal-estar. Mesmo sem se ver, sabia que estava branco feito fantasma. Assim que se sentiu melhor, caminhou meia quadra, entrou na galeria dos Empregados do Comércio. No meio da galeria tinha um bom café. Pediu xícara grande, tomou duas.

O café devolveu o nível normal de excitação. Retornou à avenida Rio Branco e saiu caminhando em direção à praia do Flamengo. Como perdera todas as direções, qualquer uma servia. Caminhou sem ver as pessoas, sem prestar atenção nos carros, sem se importar com a chuva fina que continuava a cair. Ao passar pela Cinelândia, olhou de esguelha para o bar onde, na véspera, sentara com Rose fazendo planos e sonhando com o futuro. O que o fazia sentir-se um completo imbecil era o fato de ter incluído nesse futuro a jovem que julgara dócil, meiga e obediente. “Imbecil, cretino, retardado...”, repetia as palavras em voz alta, não tanto para os outros ouvirem, mas para ele próprio. No final da avenida, procurou o local mais fácil para atravessar as várias pistas até chegar ao Monumento aos Pracinhas no parque do Flamengo. Não queria ir a lugar nenhum, apenas andar. Contornou o monumento, atravessou as pistas internas ao parque e chegou à murada de pedra da Marina da Glória. Surpreendeu-se quando percebeu que estava à beira-mar, embora não fosse mar aberto, mas a pequena enseada que abrigava os barcos. Caminhou ao longo da murada, a poucos metros dos veleiros e lanchas ancorados. Muitos tinham nomes estrangeiros, alguns dos quais não sabia se eram de gente ou de lugar. *Maria Candelária*, *Vagabond*, *Bruma Seca*, *Rosa do Prado* (este último

provocou um leve mal-estar), *Casablanca* (parecia nome de filme), *Tokay* (evocava o Oriente). *Dona Dinorá*. Como é que alguém põe o nome de um veleiro de "Dona Dinorá"? Ou bem se trata da mulher amada, e então é Dinorá, ou então de alguém muito próximo, mãe, avó, amiga... e também é Dinorá. "Dona" Dinorá parece nome de mulher do patrão. Continuou andando ao longo da murada, contornou a sede da marina e desembocou na praia do Flamengo, deserta àquela hora da tarde e com chuva.

Atravessou a faixa de areia e caminhou quase um quilômetro pela beira da água. Por fim, sentou-se na areia, de frente para o Pão de Açúcar. Até aquele momento deixara as ideias fluírem livremente, agora sentia necessidade de um mínimo de arrumação. Sobre uma coisa não restava qualquer dúvida: a secretária o tinha passado para trás. Com aquela cara de moça bem-comportada, armara toda a jogada e o deixara do lado de fora. Se não dormira em casa, já tinha tudo tramado ao ir encontrar-se com ele. E o imbecil bancando o sabido. Estava claro, para ele, que a partir do segundo telefonema que dera para Rose, na Planalto Minerações, ela assumira o controle da situação. Max repassou cada momento da conversa que haviam tido na véspera, lembrou-se de cada gesto de Rose, do seu olhar meigo, mais interessado nele do que no dinheiro. Começou a chorar convulsivamente, mais de raiva do que de tristeza. Chorou até a exaustão. Estava a menos de duzentos metros do Hotel Novo Mundo.

6

A semana seguinte transcorreu sem novidades. Nenhum sinal de Rose. Nem mesmo um palpite quanto a estar viva ou morta. Os suspeitos da morte do executivo não eram verdadeiramente suspeitos, pelo simples fato de não haver qualquer motivo para terem cometido o crime. Tentativa de sequestro era uma hipótese afastada. E roubo, se houvera, fora puro oportunismo. Era segunda-feira de manhã na delegacia da praça Mauá, e a alma de Espinosa não estava sorridente.

— Espinosa, telefone — gritou alguém cujo ânimo não estava melhor que o seu.

— Inspetor Espinosa?

— Dona Bia, como tem passado? — respondeu, reconhecendo imediatamente a voz.

— O senhor tem um bom ouvido, inspetor.

— E a senhora, uma bela voz.

— Obrigada... Inspetor, há duas coisas que achei melhor comunicar ao senhor, não sei se são importantes, mas ambas têm me intrigado.

— A senhora quer que eu vá até aí? — perguntou, esperançoso.

— Não há necessidade, é pouca coisa e posso falar pelo telefone, a não ser que o senhor esteja muito ocupado no momento.

— Por favor, fale o tempo que quiser.

— A primeira coisa aconteceu na quinta-feira passada e só me chamou a atenção há dois dias. Eu estava em casa, por volta das duas e meia ou três horas da tarde, quando me telefonou um homem, dizendo ser da companhia de seguros, querendo falar a respeito do seguro de vida de Ricardo. Eu não sabia da existência de nenhum seguro, Ricardo nunca falara nada a

respeito. Mandei que ele entrasse em contato com Rose. Foi somente neste fim de semana que liguei o telefonema ao seu desaparecimento. Posso estar imaginando coisas, mas achei que devia lhe comunicar.

— Fez muito bem. E a outra coisa? A senhora disse que eram duas.

— A outra é que, tirando as coisas de Ricardo do armário, encontrei uma caixa de revólver...

— Sim?

— Estava vazia.

Fez-se um silêncio, suficientemente grande para que ambos pensassem que o outro tinha desligado ou a ligação caído, mas nenhum dos dois tinha qualquer dúvida sobre a presença no outro lado da linha.

— Ele não poderia ter retirado o revólver da caixa e guardado em outro lugar, mais à mão? Na gaveta da mesa de cabeceira, na gaveta de roupas, dentro de alguma pasta?

— Não, inspetor, eram exatamente essas gavetas que eu estava esvaziando. Quanto a estar dentro de alguma pasta... Ricardo tinha apenas uma, que carregava sempre com ele. O senhor já me perguntou sobre ela.

— Obrigado, dona Bia. Caso encontre o revólver, avise-me, por favor. Entro em contato com a senhora mais tarde. Mais uma vez, obrigado pelo telefonema.

Depois de desligar, considerou que a vida não era tão ruim como pensara alguns minutos antes.

Segunda-feira de manhã era quando libertavam travestis, punguistas e bêbados detidos durante o fim de semana. A delegacia parecia uma feira livre.

— Welber! — gritou Espinosa, sem muita esperança de ser ouvido. Mas foi.

— Welber, vá até a Planalto Minerações e empenhe todo o seu charme com a secretária de Cláudio Lucena para que ela o ajude numa busca no gabinete de Ricardo Carvalho.

— E o que devo procurar?

— Uma apólice de seguro de vida e um revólver. Procure saber se a companhia fez algum seguro conjunto dos funcionários ou dos diretores. Caso não tenha feito, pergunte que companhia de seguros costumam indicar. Se Ricardo Carvalho fez seguro de vida, é possível que Cláudio Lucena também tenha feito, eles eram muito amigos. Quanto à arma, não deixe de examinar um único centímetro daquele escritório. Você vai andando e eu telefono para o doutor Weil e o doutor Lucena pedindo que facilitem a busca. A secretária deixo por sua conta. Antes, porém, passe no apartamento de Bia Vasconcelos e pegue a caixa da arma que ela encontrou dentro do armário do ex-marido.

— Inspetor, o senhor mencionou a apólice de seguro e me lembrei de que, semana passada, aquele investigador seu conhecido da companhia de seguros esteve aqui duas vezes.

— Qual investigador?

A voz baixara um tom. Espinosa era todo atenção.

— Aquele ex-tira enorme de cabelos grisalhos.

— Aurélio.

O ex-policial estava livre, marcaram encontro no Bar Monteiro, na rua da Quitanda, quase esquina com a rua do Ouvidor, a uma quadra da Planalto Minerações. A escolha do local nada tinha a ver com essa proximidade, mas com a qualidade do chope e do sanduíche de pernil. Ao entrar no bar, não foi preciso procurar muito; Aurélio ocupava boa parte do espaço disponível. Era ainda mais alto que Espinosa e pesava algo em torno de cento e dez quilos. Sem gordura, puro músculo. A pequena mesa do bar parecia uma prancheta pousada no seu colo. Apesar do tamanho, levantou-se com agilidade para abraçar o amigo.

— Lamento não termos nos encontrado na semana passada, Aurélio, mas estava às voltas com o caso do executivo assassinado no edifício-garagem.

— Pois era exatamente por causa dele que eu estava à sua procura.

O garçom apareceu para anotar os pedidos.

— Dois chopes e dois sanduíches de pernil.

— Ele estava segurado pela sua companhia?

— Estava, tinha um seguro em favor da mulher.

— E...?

— Nada de mais, se não fosse um seguro de um milhão de dólares.

— Um milhão de dólares? — perguntou Espinosa, quase se levantando da cadeira.

— Mais ou menos, dependendo da cotação do dólar.

— Há quanto tempo foi feito o seguro?

— Há pouco mais de dois anos. Normalmente investigaríamos, mas com esse prêmio, e feito há tão pouco tempo, temos que ir fundo.

— Alguém mais na Planalto Minerações fez seguro de vida com vocês?

— Cláudio Lucena, mas não na mesma época nem no mesmo valor.

— Quem fez primeiro?

— Lucena.

— Nesse caso, é possível que Ricardo Carvalho, ao decidir fazer um seguro de vida, tenha consultado o amigo, o que significa que, além de Ricardo, também Cláudio Lucena e as respectivas secretárias devem ter conhecimento do seguro.

— Tem mais um detalhe — acrescentou Aurélio —, o seguro foi feito na mesma época em que Ricardo fez uma série de viagens a Nova York. Pelas informações que tive, os negócios da Planalto Minerações passam mais por Londres e Amsterdã do que por Nova York. Valeria a pena, com sua autoridade policial, verificar se algum contrato justificava as várias viagens de Ricardo naquelas datas. Ele pode ter ido fazer exames médicos, consultar um especialista... Em seguida, um seguro de um milhão de dólares, é muita coincidência.

— Tudo bem, mas a coincidência é entre as viagens e o seguro, e não entre a doença e o seguro. Não há qualquer indício de que Ricardo estivesse doente, pelo contrário, era a própria imagem da saúde. Além do mais, cuidado para não colocar a carroça na frente dos bois. Ricardo Carvalho não tinha um seguro de vida e por isso foi morto; ele foi morto, e então a

questão do seguro veio à tona.

— Concordo que ninguém é morto porque tem um seguro de vida; se assim fosse, ninguém faria um... a não ser pelos beneficiados.

— Aurélio, como você mesmo disse, a única beneficiária é a viúva. Você acredita que Bia Vasconcelos tenha dado um tiro na cabeça do marido para receber o seguro?

— Sei muito pouco sobre ela, nunca a vi pessoalmente, pela fotografia parece muito bonita. Pelo que consegui saber, o tal Ricardo transava com tudo quanto é mulher que conhecia, a esposa pode ter acumulado quantidade de raiva suficiente para detonar a cabeça do marido. Os dados de que dispomos indicam que ela é economicamente independente, dificilmente mataria o marido para receber o seguro. Por outro lado, o fato de ela ser a única beneficiária pode funcionar a favor dela. Ninguém iria desconfiar. Matou não pelo dinheiro, mas porque cansou de ser traída.

— Muito antiquado.

E, em seguida ao comentário:

— Diga uma coisa, Aurélio, foi você que telefonou para a viúva na quinta-feira à tarde?

— Não, nem sabia que tinham telefonado.

— Alguém telefonou, e a viúva, não querendo falar sobre o assunto no momento, sugeriu que a pessoa telefonasse para a secretária do marido.

— E a pessoa telefonou? — perguntou o investigador.

— Não sei. A secretária desapareceu na sexta-feira, após ter dado um telefonema misterioso para a viúva. Até o momento, não temos o menor sinal do seu paradeiro. Outro detalhe que pode ser interessante é que o executivo tinha um revólver que desapareceu. Não sei ainda detalhes sobre a arma, mas assim que souber lhe aviso.

Espinosa completou o relato com a história do encontro de Júlio e Bia na tarde do assassinato de Ricardo. Os sanduíches e chopes chegaram. Durante alguns minutos, houve um silêncio reverente. Antes de terminar a primeira metade do seu sanduíche, Aurélio encomendou mais um. Espinosa sabia que Aurélio não estava escondendo nada, assim como o investigador sabia que Espinosa não lhe sonegaria informações. O fato, porém, é que nenhum dos dois sabia muita coisa. Restava a possibilidade de outros chopes e sanduíches, quando algum dado novo surgisse. Conversaram sobre o tempo em que se conheceram na polícia, o trabalho na companhia de seguros, sobre os salários. Era uma norma não estabelecida explicitamente mas obedecida por todos, não falar em esposas e filhos. Despediram-se prometendo trocar informações.

Espinosa não voltou à delegacia pelo caminho mais curto, passou antes no sebo que ficava na rua do Carmo. Encontrou uma bela tradução de *Vida e aventuras de Nicholas Nickleby*, de Dickens, em dois volumes impressos em papel cuchê, mais barato do que pagara pelo sanduíche e pelo chope. Entrou na delegacia como se carregasse um troféu debaixo do braço. Welber chegou muito depois.

— Então, como foi? — perguntou Espinosa.

— A secretária é durona, mas acabou colaborando. Os papéis e documentos estavam todos num arquivo pessoal, muito bem organizado. Olhamos cada folha de papel. Nenhum sinal de

apólice de seguro de vida. Em compensação, encontrei isto.

E abriu um pacote do qual retirou uma flanela que embrulhava uma caixa de balas calibre 38.

— Estavam na gaveta da escrivaninha de Ricardo Carvalho. Passei no apartamento de Bia Vasconcelos e peguei a caixa da arma. É de um Colt 38.

A munição era importada e faltavam umas vinte balas na caixa. Eram do mesmo tipo da que foi retirada da cabeça do executivo. Por que Ricardo Carvalho estava armado? De quem estava se defendendo ou quem estava querendo ameaçar? Parecia ter levado a arma para o escritório naquele dia ou na véspera. Que fim tivera? Não estava no escritório, não estava em casa e não estava com ele quando foi morto. A possibilidade de a arma ter sido roubada do carro era remota. Quando a polícia chegou ao local, havia um número razoável de testemunhas, qualquer um que tentasse se apossar da arma seria visto, mesmo sendo policial.

Outra hipótese era a de não ter sido ele a sair com a arma, e até mesmo de a caixa de balas ter sido colocada na sua gaveta por outra pessoa. Rose? Cláudio Lucena? Ambos saíram quase ao mesmo tempo que Ricardo. Mesmo Lucena, que se encontrara com ele no hall do elevador, poderia estar esperando sua saída para entrar rapidamente em sua sala, colocar a caixa de balas na gaveta e sair ainda a tempo de se encontrarem no hall do elevador, sobretudo numa hora de movimento, quando os elevadores demoram mais do que o normal. O mesmo raciocínio poderia ser aplicado a Rose. Qualquer um dos dois poderia ter seguido o executivo até o edifício-garagem e atirado nele. Uma coisa era clara: quem matara Ricardo Carvalho roubara-lhe a pasta.

Espinosa fez um resumo, para Welber, da conversa que tivera com Aurélio. Não pôde evitar de comunicar depois ao delegado-titular a história do seguro de vida de um milhão.

Somente na terça-feira, uma semana após a morte de Ricardo Carvalho, Espinosa acionou sua rede de informantes. Na verdade, já havia acionado antes, mas não com a ênfase necessária. Algumas ameaças fizeram com que os primeiros resultados começassem a chegar. Não havia vagabundo novo na área, nenhuma notícia de pistoleiro contratado para o serviço, nada sobre uma pasta de couro com iniciais gravadas, nenhuma relação do executivo com drogas. Mais alguns apertos, algumas detenções para interrogatório, ameaças de fazer cumprir a lei, e a primeira informação quente chegou aos seus ouvidos na quarta-feira pela manhã: um ponto de bicho da zona norte recebera, para passar adiante, uma arma estrangeira que correspondia à descrição fornecida por Espinosa.

7

A depressão de Max diminuíra com a mesma intensidade com que aumentara sua raiva. O que não podia era deixar a história dos vinte mil dólares tornar-se pública. E até essa possibilidade ele tinha dado àquela filha da puta. Restavam duas opções: primeira, contentar-se com os vinte mil dólares e ficar quieto; segunda, sabia onde ela morava, um dia teria que voltar para casa, deixara a mãe sozinha...

Já estava havia quase uma semana dentro do quarto, mesmo para comer saía apenas uma vez por dia. Quando a irmã bateu na porta, chamando-o, ensaiou uma desculpa qualquer. A

surpresa ao se deparar com dois homens só não foi maior que o susto quando um deles mostrou o distintivo da polícia murmurando alguma coisa que Max não ouviu direito ou não quis ouvir. A irmã, olhos arregalados, era uma grande pergunta muda.

— Vista-se — disse o mais novo dos policiais.

No carro, foi ainda o mais novo que ordenou que cruzasse as pernas, algemando-lhe o pulso direito ao tornozelo esquerdo. Durante o percurso do Méier à praça Mauá, não lhe dirigiram a palavra uma única vez. Quando o mais velho falou, já estavam dentro da sala de interrogatório.

— Muito bem, Max, vamos deixar as formalidades de lado. Sabemos seu nome, endereço e ocupação, podemos ir direto ao que interessa.

E Max ficou pensando qual seria a ocupação que lhe atribuíam, mas preferiu não perguntar. O mais velho abriu um grande envelope pardo e de dentro dele surgiu o Colt 38, *Detective Special*. Os olhos de Max quase saltaram das órbitas e o sangue pareceu sumir-lhe das veias.

— Então? Desde quando resolveu sair por aí dando tiro na cabeça das pessoas?

A voz de Espinosa era calma, pausada, como se tivesse todo o tempo pela frente.

— Eu... eu não atirei em ninguém, doutor.

— Entendo. Sua arma, então, atirou sozinha?

— Ela... a arma... não é minha, inspetor.

— Bem, se não é sua, de quem é?

— Não sei exatamente.

— Não sabe exatamente?

Espinosa coçou a barba por fazer, e olhou com olhar paciente para Max.

— E, sem ser *exatamente*, de quem pode ser a arma? Porque se não é sua e se você não conhece o dono, então vendeu uma arma roubada. Pelo que sabemos, você não costuma usar arma em seu trabalho; como, então, sai por aí oferecendo esta arma a todo mundo?

De novo, Max ficou curioso para saber a que eles se referiam como “seu trabalho”. Continuou sem perguntar, estava mais interessado em saber como o revólver fora parar nas mãos deles, e não havia a menor dúvida quanto a ser a mesma arma.

— Inspetor, se eu contar, o senhor não vai acreditar.

— Experimente. Quem sabe?

— Peguei essa arma num saco de lixo.

— E como sabia que ela estava no saco de lixo?

— Eu vi quando a colocaram.

— E quem a colocou? — perguntou Espinosa, como se estivesse conversando com uma criança.

— Foi uma mulher.

— Uma mulher?

E foi a vez de Espinosa ficar surpreso.

— Que tal se você nos contar a história toda desde o começo?

— Na terça-feira passada, eu estava na esquina da rua da Quitanda com a rua São José, pouco depois das seis horas da tarde, quando uma mulher andando depressa, quase correndo, esbarrou em mim e continuou andando depressa, olhando para trás, como se estivesse sendo perseguida. Perto de onde estávamos, havia um monte de sacos de lixo. Ela parou, olhou em volta, retirou alguma coisa de dentro de uma pasta e enfiou num dos sacos. Assim que se afastou, peguei o saco, o revólver estava logo em cima. Rasguei um pedaço do plástico, embrulhei a arma e trouxe para casa. Quando vi que era estrangeira, achei que poderia vender por um bom preço. Ofereci a alguns comerciantes, até que o apontador do bicho aceitou ficar com ela para ver se encontrava algum interessado. Essa é toda a história.

Max iniciava sua vingança.

— Não é, não, Max, esse é apenas um pedaço da história. Quero saber muito mais. A menos que você queira ser acusado de assassinato.

— O que é isso, inspetor, nunca matei ninguém.

— Mas esta arma matou, e quero saber quem a estava segurando no momento do tiro.

— Nesse caso, inspetor, deve ter sido a moça.

— Como era ela?

Max a descreveu da melhor maneira possível.

— Welber, pegue a foto que trouxemos da casa da secretária, misture com algumas outras e traga aqui.

Em poucos minutos, Welber trouxe cinco fotos, que espalhou em cima da mesa.

— Qual dessas é a mulher que você viu? — perguntou Espinosa.

— Essa aqui, doutor, é ela mesma — repetiu Max, entusiasmado.

— Como era a pasta que ela carregava?

— Era uma pasta de couro marrom.

Espinosa olhou para Welber e ambos saíram da sala. A história fazia sentido, ele não tinha como inventá-la. Pelo menos não podia inventar Rose, assim como não podia adivinhar o dia e a hora exatos do crime. E ainda tinha o detalhe da pasta. Tudo se encaixava perfeitamente. A única coisa que não se encaixava era o próprio Max.

Depois de deixarem Max esperando durante uma hora, voltaram à sala.

— Vamos liberá-lo — disse o mais velho —, mas você está proibido de sair da cidade ou de ir para lugar ignorado. Assim como o encontramos uma vez, podemos encontrar de novo. Se você resolver brincar de esconder, quem vai cuidar de você quando o encontrarmos vai ser o meu colega aqui, o detetive Welber, e garanto que você nunca mais na vida vai pensar em fugir. Fique na casa de sua irmã, onde poderemos encontrá-lo. Pode ir.

Espinosa sabia que Max seria mais útil solto do que preso. Além do mais, sabia intimamente que ele não matara o executivo. Não tinha cara de assassino.

Max saiu da delegacia desnorteado. Preferia ter levado alguns safanões e sofrido as

ameaças costumeiras. Essa história de ser bem tratado e de acreditarem nele não combinava com a maneira de agir da polícia. Aquele inspetor tinha um jeito diferente, mas nada fazia sentido. Devem ter tido uma trabalheira dos diabos para encontrar a arma, e ele não sabia até agora como isso fora possível. Chegaram rapidamente até ele e nem sequer revistaram o quarto, levaram-no para a delegacia, ele inventara uma história e acreditaram ou fingiram acreditar na história que contara, e em seguida soltam-no. Não conseguia entender nada.

— Fui tratado como bacana. Só faltou perguntarem pelo meu advogado.

Duas horas depois, Max já estava acreditando que era isso mesmo.

— Deixa de ser estúpido, mano, ninguém que vem lhe desentocar neste cômodo de subúrbio vai achar que você é bacana. Esses tiras estão aprontando pra cima de você. Aliás, o que você aprontou para armarem essa cena toda?

— Não aprontei nada, mana, foi um equívoco.

— Max, *nós* somos um equívoco. Ninguém comete equívocos conosco, tudo o que dizem está certo pelo simples fato de dizerem.

Max refletiu alguns segundos sobre a frase da irmã e voltou a pensar no episódio da delegacia. Como sabiam dele? As alusões ao seu “trabalho”, sua “ocupação”, o que de fato sabiam? E se sabiam, por que o deixaram livre? A única razão plausível para o fato de estar em casa e não atrás das grades era pensarem que ele poderia levá-los à secretária, mas isso era precisamente o que esperava deles. Era evidente que não sabiam dos vinte mil dólares e muito menos do bilhete. Apesar de terem encontrado a arma, continuavam pensando em assassinato e não em suicídio. Riu, não disso, mas do fato de que poucos dias antes chorara por ter sido enganado e não poder reclamar à polícia, e agora era a polícia que ia até ele para reclamar. Com isso, passara a contar com o auxílio dela para encontrar Rose. Acabara o resto da tristeza, ficara o resíduo da raiva, necessário para mover sua busca pessoal. Por sorte não vendera nenhum dólar, poderiam chegar até o dinheiro escondido, do mesmo modo como chegaram até ele por causa da venda do revólver. O melhor que tinha a fazer era esconder o dinheiro em outro lugar. Até porque, se encontrassem Rose, ela poderia denunciar a existência dos dólares e a polícia inteira cairia em cima dele. Esse era um cuidado que teria que tomar em relação à secretária. No caso de ser encontrada, seria confrontada com a história inventada por ele, e o mínimo que ela poderia fazer em troca era contar a história do suicídio, do bilhete e dos dólares. Por outro lado, sem contar com a ação da polícia, a possibilidade de reaver o bilhete era remota. Havia ainda outro aspecto da questão que não podia ser desprezado. Agora que a arma do crime conduzira a polícia até ele, o bilhete era o único álibi de que dispunha contra a acusação de assassinato.

A primavera começara havia uma semana. Em termos de Rio de Janeiro, isso significava que se esgotara todo e qualquer resíduo de frio e, em termos do Méier, significava que começara o verão. O quartinho sem forro e com uma janela que mal dava para passar um sopro não era o local mais adequado para refletir sobre a situação. Apesar da dor do momento, sentira-se bem na semana anterior vagando pelo parque do Flamengo. O inconveniente era a distância. Mas ele se sentira bem. A areia, sob a chuva rala, formava uma camada fina levemente endurecida e úmida, enquanto a parte de baixo ainda estava seca. Pensou que parecia com ele, seco por dentro, esvaziado.

8

Quando decidiu telefonar, já eram quase onze horas da noite, mas Aurélio atendeu na segunda chamada.

— Que tal outra rodada de chope e sanduíche de pernil? Tenho algumas pequenas peças para acrescentar ao nosso quebra-cabeça.

— Espinosa, estava pensando em você.

A voz era alegre, apesar de um pouco cansada.

— Pode ser amanhã, no mesmo lugar, à uma hora da tarde? — perguntou Espinosa.

— Pode, mas a menos que queira ver um ex-policial insone, diga alguma coisa que me sirva de alimento até nos encontrarmos amanhã.

Espinosa contou que a arma do crime fora encontrada, mas não fez qualquer referência a Max ou à história que ele contara sobre Rose. Concordaram que seria melhor conversarem mais detalhadamente no dia seguinte.

Não estava com sono e estava com fome. A geladeira nada oferecia além de umas verduras queimadas pelo frio, pedaços de queijo acumulados ao longo da última década, três fatias de pão de fôrma de data ignorada e algumas latas de cerveja. Resolveu aproveitar a cerveja e encomendar uma pizza.

O que mais o preocupava no momento era o fato de a história contada por Max fazer pleno sentido e ele não estar lhe dando a importância devida. A secretária é vista afastando-se às pressas do local do crime e escondendo a arma num monte de lixo, o exame de balística confirma que a bala que matou Ricardo Carvalho saiu daquela arma, a mãe da secretária sugere que algo estava acontecendo entre a filha e o diretor. Basta misturar esses ingredientes para que se tenha um crime passional. O fato de Max estar no momento exato e no local exato seria coincidência. O difícil era acreditar nesse tipo de coincidência.

Dormiu tarde e acordou tarde. Quando chegou à praça Mauá, eram dez e meia da manhã. O tempo de que dispunha até a hora de se encontrar com Aurélio foi gasto com relatórios, formulários e atendendo ao telefone. O dia estava lindo, mesmo visto de uma janela da praça Mauá. Às quinze para uma, saiu em direção à rua da Quitanda.

Chegou ao restaurante ao mesmo tempo que Aurélio. Muito do que Espinosa sabia aprendera com ele, e não se sentia bem sonegando informação ao ex-colega, de modo que, assim que conseguiram um lugar para sentar, foi direto ao assunto.

— Aurélio, ontem à noite eu não lhe disse tudo.

— Eu sei, por isso estamos aqui.

Espinosa foi expondo os dados de que dispunha sobre a morte de Ricardo Carvalho. A arma encontrada graças à rede de informantes do jogo do bicho, o fato de ter sido vendida por Max, quem era Max, o completo desaparecimento de Rose, a conversa que tivera com a mãe dela, o possível caso amoroso entre o executivo e a secretária e, finalmente, a história contada por Max sobre a forma como encontrara a arma. Aurélio ouviu tudo sem dizer uma única

palavra. Em certas passagens ficava com o sanduíche levantado, a boca aberta esperando, como se a cena tivesse sido congelada.

— O que você acha desse Max? — perguntou, quando Espinosa terminou o relato.

— Não acredito que tenha cometido o crime — respondeu Espinosa —, não é conhecido como contraventor. Provavelmente comete pequenos delitos, mas não se sabe que ele tenha ameaçado a vida de alguém. Segundo o pessoal do bicho, há informações não confirmadas de que pratica assaltos em estacionamentos usando uma arma de brinquedo. Na minha opinião, é inofensivo.

— Espinosa, ninguém que pratica assaltos é inofensivo. Mesmo utilizando arma de brinquedo.

— É um ladrãozinho de merda, Aurélio, nunca machucou ninguém e nunca roubou mais do que o dinheiro das compras de alguma incauta.

— E você acha pouco?

— Acho, se comparado a assassinato.

— Gostaria de vê-lo, para poder concordar com você.

— Isso é fácil — disse Espinosa —, posso providenciar o encontro.

— E quanto à história contada por ele? — perguntou Aurélio.

— Esse é que é o ponto. Não acredito em nada do que ele contou. E isso o torna suspeito, só não sei do quê.

— Você acha que ele pode ser cúmplice da secretária na morte do executivo?

— Não creio. Ele não tem qualificação para isso. Não é nem nunca foi pistoleiro, não há nenhum indício de que tenha conhecido a secretária, mas não descarto a possibilidade de terem vindo a se conhecer após a morte do executivo.

Aurélio palitava os dentes e depositava os palitos quebrados no prato.

— Diga-me uma coisa, Espinosa, alguém verificou se havia resíduo de pólvora ou de trotil na mão do executivo?

A pergunta foi feita sem nenhuma ênfase. Espinosa diria que a ênfase era precisamente não ter ênfase alguma. Foi tocado por ela, talvez porque internamente estivesse fazendo essa pergunta a si mesmo havia algum tempo, sem formulá-la claramente.

— Suicídio? Você não estará dizendo isso porque é uma resposta conveniente para a companhia de seguros? Afinal de contas, é seu ganha-pão.

— Pode ser — respondeu Aurélio —, mas não descartaria essa hipótese.

— Aurélio, ninguém se mata e depois desaparece com a arma...

Ficou olhando para o amigo e completou:

— ... a menos que algum outro faça isso. Quanto ao exame na mão do executivo — continuou —, é claro que não fizeram exame nenhum, até porque não ocorreu a ninguém que pudesse ter sido suicídio, era uma óbvia cena de assassinato, quando muito, latrocínio acompanhado de morte.

— Continua sendo — disse Aurélio —; estou apenas acrescentando alguns ingredientes.

Espinosa estava convencido de que a solução da história dependia de Rose. Enquanto ela não fosse encontrada, teriam que acreditar na versão de Max, que era tão sólida quanto um castelo de cartas. A hipótese de suicídio tinha apoio num indício muito tênue, além de esbarrar em dificuldades quase intransponíveis. De qualquer forma, se na semana anterior estava na estaca zero, agora dispunha de alguns caminhos. Com um pouco de sorte, poderia fechar a história na semana seguinte. A conversa com Aurélio, como de hábito, fora bastante proveitosa. Para ambos os lados, acreditava. Despediram-se às três horas da tarde.

Desde que fora transferido para a delegacia da praça Mauá, adquirira o hábito de toda sexta-feira visitar uma livraria do centro da cidade. Como estava a apenas uma quadra de distância, resolveu passar pelo sebo da rua do Carmo. Estava namorando uma edição antiga, ilustrada, de *Moby Dick*. Não era uma edição rara, nem cara, apenas disputava um lugar na fila do imaginário de Espinosa.

Mais um sábado se aproximava e renovava-se a proposta de arrumar os livros no apartamento. Esperava por um sábado chuvoso. Nada melhor que um sábado chuvoso para se arrumar estantes de livros. O problema maior é que ele tinha os livros, o que não tinha era estantes. A sexta-feira terminou sem novidades.

Gostava das manhãs de sábado. Enquanto tomava café da manhã lendo o suplemento literário do jornal, decidiu continuar a arrumar os livros de modo a que eles próprios formassem uma "estante viva". A parte feita no sábado anterior mantinha-se de pé, o que o estimulava a continuar até a altura que seus braços alcançassem. Na hora do almoço constatou que progredira pouco, o primeiro capítulo do *Nicholas Nickleby* era o responsável pelo atraso. Às quatro horas da tarde, quando o telefone tocou, o progresso fora quase nulo. Welber ao telefone.

— Inspetor, encontraram a mãe de Rose morta. Assassinada. A perícia já foi para o local. Passo aí para pegar o senhor.

O percurso até a Tijuca foi rápido, mas o suficiente para Welber contar o pouco que sabia. A senhora morrera por enforcamento, mas as primeiras informações faziam referência a algo mais. Acontecera na hora do almoço. O porteiro a vira chegar da feira por volta das onze horas da manhã e, pouco antes das três horas, tocara a campainha, havia prometido trocar o reparo da descarga da privada. Esperara alguns minutos e voltara a tocar a campainha. Como ninguém respondesse, utilizara a chave da porta de serviço que d. Maura deixara com ele. O corpo estava sentado e amarrado a uma das cadeiras da mesa de jantar; um dos braços, livre, pendia ao longo do corpo. Estava amordaçada com uma echarpe. Morrera enforcada com as cordas de náilon arrancadas do secador de roupas.

Antes mesmo de entrar, Espinosa sentiu o cheiro de sangue misturado com amoníaco. Havia sangue na mesa, no corpo da mulher e no chão. Os detetives estremeceram ao ver o braço livre que pendia ao longo do corpo. Três dedos tinham sido cortados, e o instrumento fora uma tesoura de trinchar frango que estava jogada em cima da mesa juntamente com um vidrinho de amônia... e os dedos. O detalhe do vidro de amônia era o requinte de perversidade acrescentado à brutalidade da cena.

— É o que você está pensando mesmo — disse o perito, que olhava Espinosa olhar a cena —, foi usado para reanimar a velha a cada vez que ela desmaiava de dor.

Sem dúvida, fora torturada para dizer algo que não sabia. O mais revoltante é que não havia necessidade de cortar três dedos para constatar isso.

9

Quando saíram e lacraram a porta, já era noite. Apesar do cansaço, nenhum dos dois estava com vontade de comer nada. Antes de voltarem à delegacia, procuraram um lugar, próximo dali, onde pudessem tomar uma cerveja. A imagem dos dedos em cima da mesa não os abandonava.

Foram necessários alguns chopes para amolecer a alma. Durante o primeiro copo, não falaram; durante o segundo, fizeram alguns comentários sobre o bar com as mesas invadindo a calçada estreita; quando o garçom trouxe o terceiro, Espinosa perguntou ao colega:

— Como está se sentindo?

— Pelo número de chopes ingeridos ou pelos dedos da senhora?

— Pelos chopes, pela senhora não precisa dizer.

— Estou me sentindo bem... dentro do possível.

Nos vinte anos de polícia Espinosa vira muita coisa, quase tudo, achava, mas era impossível não se chocar com a cena de uma senhora com os dedos cortados a tesoura antes de ser enforcada. Ao entrarem na sala, enquanto procurava se recuperar do choque, percebera Welber afastando-se rapidamente em direção ao banheiro. Tanto quanto a cena em si, repugnava o fato de ter sido obra de um semelhante.

— Estou bem — repetiu ele.

— Então me deixe em casa. Não creio que você queira passar a noite de sábado bebendo num bar em companhia de um policial.

O olhar de Welber foi de quem consideraria a proposta, caso Espinosa se dispusesse a uma conversa pessoal, o que seria excepcional, mas o inspetor não deu continuidade ao tema. Não que tivesse segredos que todos esperassem serem revelados, não via nada em sua vida privada que pudesse interessar aos colegas e, no que dependesse dele, ela permaneceria privada. Uma conversa pessoal e um pouco de atenção fariam bem a Welber naquele momento, mas Espinosa não se sentia bem no papel de pastor de almas.

Antes que o chope fosse transformado em pretexto para confidências, pediu a nota e se levantou da mesa. De volta para Copacabana, a conversa manteve-se afastada de assuntos pessoais.

Espinosa tinha de polícia quase o mesmo tempo que Welber tinha de vida, perdera muitas das antigas certezas, não chegara a nenhuma verdade visível e ampliara consideravelmente a região do seu ser onde as dúvidas eram armazenadas.

Entrou em casa pensando se teria uma história pessoal ou várias e, dependendo da resposta, se ele seria uma ou várias pessoas. Antes de acender a luz do abajur da sala, descartara a pergunta como estúpida, apesar de arrastar até o banheiro um rabo de dúvida.

Considerava sua vida de casado tão distante no tempo e tão estranha quando comparada ao

seu presente atual, que parecia pertencer a outra pessoa, da mesma forma que o homem atual guardava poucos traços do menino do bairro de Fátima. Seu próprio filho, pelo tempo que estava no exterior, era como se fosse filho de outro homem.

A história com a primeira mulher entortara antes mesmo de se casarem. Conheceram-se ainda estudantes de direito, ela caloura, ele veterano, apaixonaram-se vertiginosamente. O pequeno cartaz no mural da faculdade anunciando o concurso para a polícia civil era como o letreiro anunciando um filme com final feliz. O trabalho em regime de plantão permitiria terminar o curso de direito e manter o bico como ajudante num escritório de advocacia. Sinal aberto para o casamento. Ela apontara pelo menos uma dúzia de razões para ele não entrar para a polícia. Mesmo assim, fez o concurso e foi aprovado. Casaram-se. Um ano depois, nascia o filho. O casamento terminou ao mesmo tempo em que ela terminava o curso de direito. Durara quatro anos.

Enquanto pensava em tudo isso, acendia as luzes do apartamento, sem nenhuma razão aparente além da necessidade de esclarecer a si mesmo. Fez o caminho inverso, apagando cada uma delas, deixando aceso apenas o abajur da sala. Tomou um banho demorado, desembrulhou um sanduíche dito natural, que estava na geladeira, abriu uma cerveja, esticou-se no sofá da sala e começou a pensar na morte, não na ideia abstrata de morte, mas em quanto tempo ainda teria de vida. Isso aos quarenta e dois anos, numa noite de sábado, num apartamento de solteiro em Copacabana. Concluiu que já estava morto. Foi dormir.

Parte II

OUTUBRO

1

Abri os olhos sem pressa de acordar. A lembrança que serviu de ponto de partida para o domingo foram os dedos de d. Maura espalhados sobre a mesa. Fechei os olhos e tentei dormir. Não deu certo. Passava das onze horas, dormira o suficiente. A luz que penetrava pelos minúsculos orifícios da persiana era débil, quase ausente, acompanhada do ruído da chuva, que eu não estava certo se era ouvido ou apenas suspeitado. Depois de alguns minutos de luta contra a realidade, decidi levantar e preparar o café. Enquanto esperava o gorgolejo da máquina, peguei o jornal na porta e fui escovar os dentes. O que vi no espelho foi um sujeito que pelos cabelos e expressão fisionômica lembrava um dos irmãos Marx. A lembrança produziu um efeito melancólico, ao invés de cômico. A máquina anunciava que o café estava pronto quando resolvi descer até a banca de jornal para comprar *O Dia*, provavelmente o único a dar alguma notícia. No *Jornal do Brasil* não havia nada sobre o assassinato. Fora ocultado da imprensa o detalhe dos dedos cortados, o que, sem dúvida, seria matéria de destaque; sem ele, a morte da velha senhora num apartamento da zona norte não merecia ser noticiada em jornal de classe média alta. De volta, subindo as escadas, encontrei a pequena notícia em página interna de *O Dia*. O café estava pronto. O cheiro era bom, mas a boca estava amarga.

Minutos antes, quando estava para acordar, antes mesmo de abrir os olhos, uma imagem tentara abrir caminho entre as remanescentes do sonho, mas foi contida pela atenção dispensada à luminosidade cinzenta do dia e ao ruído da chuva. Enquanto escovava os dentes, voltou a se insinuar, mas foi cortada pela visão melancólica de Harpo Marx. Agora irrompia com toda a força, ocupando o espaço da vigília. Bia Vasconcelos sentada ao meu lado para o café da manhã, andando pela sala, pegando um livro ao acaso, escolhendo uma música. A visão durou apenas alguns segundos. Bia desapareceu e em seu lugar surgiram Júlio, minha ex-mulher, Alba, Rose, sendo que esta última eu conhecia apenas de fotografia. Tentei invocar novamente a imagem de Bia, em vão. Talvez o problema fosse aquela sala. A diferença em relação ao seu apartamento era impressionante. A sofisticação *clean* da designer e o amontoado barroco do policial comprador de livros. Levantei-me da mesa e fui novamente me olhar no espelho. Voltei à sala. A mesa colonial, o sofá e as poltronas de almofadas soltas, herdados dos meus pais e ainda com a forração original, os quadros e os chamados objetos de decoração, isso somado à imagem no espelho, ficou a sensação de que Bia e eu habitávamos universos paralelos.

A sala do meu apartamento tem uma pequena sacada com apenas dois palmos de largura e dois metros de comprimento. A vantagem desse detalhe arquitetônico é que, ao invés de janela, a sala tem portas de vidro e de venezianas dando para fora. Abri as duas bandas, mesmo correndo o risco de deixar a chuva molhar o tapete, para ver se, com mais ar circulando, meu estado de espírito melhorava. O que houve foi um encontro entre a exterioridade do dia e minha interioridade, ambas cinzentas. Peguei mais uma xícara de café na cozinha. Fazia tempo que deixara de fumar, e aquele era o momento em que a falta era mais aguda. Segundo depoimento de Bia, o marido também deixara de fumar havia alguns meses, no entanto havia cinza recente no cinzeiro do carro e um maço aberto no porta-luvas. Há pessoas que, apesar de abandonarem o vício, mantêm um sempre à mão. Evidentemente, o assassino não ia fumar enquanto dava um tiro no executivo e ainda se preocupar em colocar a guimba no cinzeiro. Quem fumou aquele cigarro foi alguém conhecido de Ricardo ou o próprio Ricardo

Carvalho. Neste caso, ou decidira voltar a fumar, ou não havia mais necessidade de se preocupar com os malefícios do fumo.

Os livros empilhados contra a parede da sala testemunhavam meu esforço de cooperação com a faxineira. No fim de semana anterior cheguei a achar bonito, ou pelo menos inventivo, uma estante de livros sem estante, só livros. Sem dúvida, havia charme na bagunça do apartamento. Sua desarrumação não era uma simples degradação da ordem, mas uma ordem diferente dos padrões das revistas de decoração. No entanto, por mais que estas ideias atenuassem meu desânimo, eu tinha a mais absoluta certeza de que Bia Vasconcelos jamais moraria num lugar como aquele, o que significava que não éramos compossíveis. O desejo de fumar aumentou e me servi de uma terceira xícara de café.

Quem teria cortado os dedos da pobre senhora? A violência da mutilação chegou a deslocar para um segundo plano sua própria morte. Era evidente que os dois crimes estavam interligados, como também era evidente que o desaparecimento de Rose provocara involuntariamente a morte da mãe. Se a mesma pessoa matara d. Maura e Ricardo Carvalho, isso reduzia o número de suspeitos. Rose era a primeira a ser eliminada. Não a via torturando e matando a própria mãe. Bia e Júlio já tinham sido retirados da primeira lista de suspeitos, e desta, agora, com mais razão ainda. Cláudio Lucena poderia ser o mandante, mas não o executante dos dois crimes, sobretudo do segundo. Dos conhecidos, sobrava Max. Não havia por que sair à procura do "selvagem filho da puta que mutilara e matara a velhinha" pelo simples fato de que o assassino poderia não corresponder à imagem que as pessoas costumam fazer de um "selvagem filho da puta que mutila e mata velhinhas". Aquele não era o crime de um bruto selvagem, mas de um perverso agindo friamente. E não há retrato que corresponda ao perverso. Pode parecer com qualquer um de nós.

Depois de abrir a porta da varanda, eu retornara à mesa para continuar a leitura do jornal, entrecortada pelas divagações e consulta ao espelho. O cinzento do céu misturava-se ao do prédio do outro lado da praça. A chuva ficou mais forte e um vento sudoeste começou a empurrá-la para dentro da sala. Levantei-me mais uma vez e fechei as portas de vidro, deixando as venezianas abertas. Vaguei pelo apartamento. Uma quarta xícara de café estava fora de questão. Os jornais não ofereciam mais interesse, e o único telefonema que realmente importava naquela manhã de domingo não acontecera. Bia não acharia bonita minha estante-de-livros-sem-estante. O que tornava Bia inalcançável? O fato de ser rica e ter sido educada na Europa? Ou o fato de ser uma artista e eu um policial? Desde que a conhecera, essa questão era colocada pelo menos uma vez por dia. Não tinha qualquer ilusão quanto à pureza das pessoas, sabia muito bem que o imaginário de uma freira podia ser ainda mais violento que o de um policial, e que um pacato pai de família era capaz de perversidades inimagináveis. Não me via diferente dos demais. Era policial como poderia ser professor numa escola secundária. Mas uma coisa era o que eu pensava de mim e de minha profissão, outra coisa era a representação que o social fazia do tira, e Bia Vasconcelos não parecia fugir à regra. Policial só frequenta a sociedade para fazer sindicância. O telefone tocou. Welber.

— Inspetor, desculpe incomodar num domingo de manhã, mas Max desapareceu.

— Desapareceu como? Não está na casa da irmã? Não saiu para dar uma volta? Hoje é domingo — acrescentei, embora sabendo que, para um vagabundo como Max, isso não fazia a menor diferença.

— Sumiu, inspetor. Desde ontem à noite, quando o senhor mandou detê-lo, não é encontrado em lugar nenhum.

— Continuem procurando. Se esse cara sumir, vamos ser ridicularizados, ele esteve em nossas mãos.

Desaparecer em seguida ao assassinato da mãe de Rose era muita coincidência, ainda mais quando a seu favor havia apenas “uma cara que não era de assassino”. Max não poderia saber da morte da velha a menos que fosse o assassino ou que novamente “estivesse passando por perto”, já que a única notícia fora dada pelo *O Dia* e ele estava sumido desde a véspera.

O prazo que me fora dado pelo delegado-titular para tomar conta do caso e apresentar um relatório minimamente esclarecedor estava se esgotando, e apesar de a situação original ter sido acrescida de mais uma morte e um desaparecimento e de ter sido encontrada a arma do crime, eu não considerava que tivesse feito progresso significativo na elucidação da morte de Ricardo Carvalho. Tínhamos um candidato ideal à fogueira: Max. Marginal, autor de pequenos assaltos com revólver de brinquedo, sem antecedentes criminais, que vendera a arma do crime para bicheiros da zona norte. A história segundo a qual estava passando próximo ao local do crime no momento exato em que a suposta assassina se desfazia da arma, não seria aceita nem pela mãe dele. No entanto, por razões que não saberia enunciar, eu não acreditava que ele tivesse assassinado o executivo. A outra possibilidade dependia de se dar crédito à história contada por Max, juntar com alguns dados decorrentes do relato de d. Maura, e incriminar Rose. Isso se alguém fosse capaz de fornecer seu paradeiro... e se estivesse viva. Excetuando-se essas duas possibilidades, que eu nem sequer considerava como hipóteses mas como meras possibilidades de conferir alguma inteligibilidade aos fatos, não dispunha de mais nada. A hipótese de crime passional cometido por Júlio, com ou sem cumplicidade de Bia, era ridícula. Atribuir o crime a um assassino ocasional, sem nenhuma ligação com a vítima, cuja intenção original fosse apenas roubar, não fazia sentido. Ricardo fora morto com sua própria arma, o que sugeria dois caminhos. No primeiro, alguém ter-se-ia apossado da arma, anteriormente ou na hora do crime, para atirar no executivo; no segundo, Ricardo Carvalho teria cometido suicídio. Este segundo caminho, por sua vez, apresentava dois complicadores. O primeiro é que a arma não fora encontrada dentro do carro, o segundo é que essa versão não dava conta do desaparecimento da secretária nem do assassinato de sua mãe.

A chuva diminuíra um pouco, permitindo que eu abrisse a porta de vidro da sacada. Uma consulta à geladeira revelou que restavam dois congelados: talharim à bolonhesa e talharim à bolonhesa. Escolhi o primeiro e guardei o segundo para o jantar. O domingo prometia ser eletrizante, como todos os domingos.

Após comer o primeiro talharim à bolonhesa sem mesmo me dar ao trabalho de tirá-lo da embalagem, dediquei as três horas seguintes à leitura de *Vida e aventuras de Nicholas Nickleby*, que comprara no sebo. Pouco depois das cinco horas, o telefone tocou pela segunda vez.

— Inspetor Espinosa?

— Sim.

— Desculpe telefonar num domingo, mas o senhor disse que se eu me lembrasse de algo... É Alba Antunes quem está falando.

— Não tem nenhum problema, dona Alba, nada seria capaz de piorar meu domingo. A senhora salvou o meu dia.

— Por favor, não me chame de senhora.

— Certo, Alba. De que você se lembrou?

— Não me lembrei de nada, mas tem acontecido uma coisa que achei melhor comunicar.

— Sim?

— Pode não ser importante ou ser impressão minha, mas... nas últimas vezes que Júlio e eu saímos juntos, alguém nos seguiu o tempo todo, de carro.

— Conte-me com mais detalhes.

— Não tem muito o que detalhar. Uma vez fomos ao cinema e depois a um restaurante. Como era eu que estava dirigindo, percebi que um mesmo carro estava sempre atrás do nosso no percurso até o cinema e depois até o restaurante. No dia seguinte, Júlio passou na academia para me pegar; dessa vez, era ele quem dirigia, mas prestei atenção e vi que tinha um carro atrás do nosso. Era o mesmo da véspera e tenho certeza de que nos seguia. Não consegui distinguir o rosto do motorista, nem sei se era homem ou mulher, nas duas vezes estava escuro.

— O seguidor tentou fazer alguma coisa? Forçou o carro de vocês, ameaçou-os de alguma maneira?

— Não. Não nos molestou em nenhum momento, apenas não é agradável ser seguido. Há, porém, um detalhe, inspetor, não comentei nada com Júlio.

— Por quê?

— Júlio é muito assustado. Qualquer dorzinha que sente acha que está com uma doença gravíssima. Uma vez, ficou perseguidíssimo porque achou que estava com mercúrio no sangue. Se digo que estamos sendo seguidos, vai se considerar morto. O que me preocupa é que, quando estou sozinha, não sou seguida, o que me leva à conclusão de que o perseguidor está atrás de Júlio. E Júlio não sabe se defender de nada, inspetor.

— Admitindo-se que da primeira vez fosse verdade, na segunda não seria uma impressão provocada pela primeira? Afinal, é frequente um carro ficar atrás do outro durante um longo percurso.

— E ficar nos esperando enquanto jantamos, vamos ao cinema ou trepamos?

— ...

— A única coisa que posso dizer — continuou — é que se ele quisesse nos fazer algum mal, já teria feito, não faltaram ocasiões. A não ser que esteja esperando para pegar Júlio sozinho. Não posso perguntar a ele se está sendo seguido sem alarmá-lo.

— E você acha que ele é realmente tão desprotegido e incapaz de se defender?

— Eu não acho, inspetor, tenho certeza. Quando brigamos, tenho que me controlar para não assustá-lo demais. Minha raiva é um pouco exuberante. Quando me dou conta, ele já está encolhido, procurando a saída mais próxima.

— Alba, posso fazer muito pouco por vocês. Se a coisa continuar e ficar caracterizada uma perseguição, poderei solicitar proteção. Por enquanto, tomem cuidado, evitem lugares desertos e mantenham os olhos abertos. Se você tem certeza de estarem sendo perseguidos, é

melhor avisar Júlio para que ele se proteja.

— Tudo bem. Estou mais intrigada que assustada.

— Se continuarem a ser seguidos ou se tentarem fazer alguma coisa, telefone imediatamente.

Estava perplexo com a força do sentimento materno nas mulheres. Basta um homem se mostrar desprotegido e exibir um olhar de boi perdido no pasto que logo chove mulher à sua volta. Esse Júlio era evidentemente um imbecil e, no entanto, duas mulheres maravilhosas estavam prontas a ajudá-lo a decidir se tomava sorvete de morango ou de chocolate. Essa Alba não é boba, se está dizendo que estão sendo seguidos é porque estão. Restava saber por que e por quem e, a essa altura dos acontecimentos, não convinha facilitar, já dispúnhamos de dois mortos e dois desaparecidos. O que de mais importante e imediato eu tinha a fazer era encontrar Max.

Não gostava de outubro e não gostava de domingo. Outubro estava começando num domingo. Pior do que isso só se a segunda-feira caísse num domingo. A chuva recomeçara, e o melhor a fazer era esperar a hora do segundo talharim à bolonhesa.

2

"Preferia não fazê-lo", repetia tranquila e pacificamente Bartleby, o escrivão, para seu patrão e protetor. Também eu, *preferia não fazê-lo*. Preferia, numa segunda-feira de manhã, não ter que ir à delegacia, não ter que assistir pela enésima vez à liberação dos bêbados arruaceiros, travestis, punguistas, valentes e brigões, prostitutas e drogados. Preferia não ter que preencher formulários inúteis ou fazer relatórios, que eram expressão da incompetência policial. Preferia não ter que assistir à cena da velha senhora com os dedos cortados a tesoura. Preferia, ao me encontrar com uma bela mulher, não ter que proferir a frase fatídica: "sou o inspetor Espinosa da 1ª DP". Ocorre que "meu patrão" jamais entenderia a frase de Bartleby, sobretudo dita por mim. Com esse espírito, dirigi-me para a delegacia na manhã de segunda-feira. A chuva da véspera continuava, mais fina e insistente, molhando mais a alma do que o corpo.

Welber informou com mais detalhes a tentativa frustrada de prisão de Max. Ele desaparecera juntamente com todos os seus pertences. Não ficara nada no quartinho da casa no Méier. A irmã nem sequer sabia que ele não estava mais em casa. Max sumira sem deixar pista do seu paradeiro. Não comentara nada com a irmã que sugerisse uma razão para a fuga repentina. Começava a me convencer de que tinha sido uma tolice deixá-lo solto. Ou eu me enganara completamente no julgamento que fizera dele, ou algo acontecera entre o dia em que fora solto e aquele domingo, para que rompesse o trato feito comigo. Malandro não rompe trato com a polícia, sabe que não terá uma segunda oportunidade.

Não acreditava na hipótese de os dois crimes terem sido cometidos pela mesma pessoa, embora tivesse certeza de estarem relacionados. Na verdade, um único detalhe era comum aos dois: não terem sido encontradas impressões digitais além das pertencentes às próprias vítimas. Se minha hipótese estivesse correta, teríamos não um, mas dois assassinos, o que não contribuía em nada para melhorar minha manhã de segunda-feira.

Dificilmente Max teria fugido para outra cidade. Era um rato nos labirintos do Rio de Janeiro, sentir-se-ia inseguro num ambiente que lhe fosse estranho. Estava escondido em algum lugar da cidade e uma hora teria que botar a cara de fora. O fato é que Max não parecia estar fugindo de nós e, nesse caso, alguém estava matando e fazendo sumir pessoas e eu não tinha a menor ideia de quem era.

A manhã transcorreu sem novidade. Antes que começassem a fazer piadas sobre o fato de termos soltado o principal suspeito do crime, encarreguei Welber de acionar nossa rede de informantes para localizar Max. Provavelmente estava enfurnado num hotelzinho de quinta categoria. Encomendei um Big Mac e um milk-shake no McDonald's que ficava do outro lado da praça, e fiquei à espera de alguma inspiração ou de algum acontecimento miraculoso que mudasse o rumo da investigação. Aliás, "mudar o rumo" era um eufemismo. Não tínhamos rumo algum. Nos filmes americanos, os policiais não ficam tão desamparados. O médico legista praticamente desvenda o crime para o detetive, este só tem que fazer uma perseguição espetacular pelas ruas de Nova York, São Francisco ou Los Angeles. Caso o legista falhe, há sempre a possibilidade de se enviar um fio de cabelo encontrado no local do crime para o FBI e no dia seguinte saberemos até por qual time de futebol seu proprietário torce. Aqui, neste aprazível Terceiro Mundo, o relatório do legista raramente informava se a vítima morrera por tiro ou por envenenamento.

Welber segurava um envelope.

— Inspetor, chegou o resultado do exame da arma.

Freire fizera a gentileza de mandar entregar. O resultado era detalhado e minucioso. A arma vendida por Max aos bicheiros fora a mesma que matara o executivo e era também a mesma que estava na caixa encontrada vazia por Bia Vasconcelos no armário do marido. O que até então sabíamos por investigação sumária era agora confirmado tecnicamente. Ricardo Carvalho fora morto com sua própria arma. Arma esta que teria sido jogada num monte de lixo por Rose, sua secretária, recuperada por Max e vendida aos bicheiros. Obviamente, Max acusara a secretária para se proteger. Havia, porém, um detalhe que se repetia agora e que, apenas por essa repetição, despertou minha atenção. Para ele ter jogado a culpa na secretária, precisava saber que ela desaparecera, caso contrário poderia ser desmascarado. Como ele poderia dispor dessa informação? O mesmo acontecia agora. Se sua fuga estava ligada à morte da mãe de Rose, como poderia estar de posse dessa informação? Max estava sabendo coisas demais.

No dia seguinte terminaria o prazo que me fora dado pelo delegado-titular para a investigação do caso. Se não conseguisse um mínimo de inteligibilidade que justificasse a continuação da investigação em regime de dedicação exclusiva, eu retornaria ao regime de plantão, o que prejudicaria seriamente seu andamento. É verdade que o progresso fora mínimo, mas exatamente por isso necessitávamos de mais tempo. Restava saber se o delegado iria concordar.

Precisava verificar uma hipótese. Liguei para Aurélio. Não estava. Deixei recado para que me telefonasse. Conseguimos nos falar no final da tarde.

— Olá Espinosa, mais um chope?

— Seria ótimo, mas antes preciso de uma informação. Por acaso você está seguindo o

professor e a namorada dele?

— Qual professor, Espinosa?... Não importa, não estou seguindo ninguém, portanto, não estou seguindo o professor e a namorada. Quem são eles?

— Pessoas ligadas ao caso do executivo. Não são importantes. Mesmo assim, obrigado, achei que não poderia ser coisa sua pelo simples fato de terem percebido, mas precisava eliminar a hipótese. Podemos tomar o chope amanhã, se você estiver disponível.

Desliguei, com o pressentimento de que algo estava para acontecer e não era boa coisa.

Quem estava seguindo Júlio e Alba não fazia a menor questão de não ser percebido. Isso poderia significar duas coisas. Ou era um amador incompetente, ou não estava se importando em ser notado, fazendo mesmo questão que isso acontecesse. Restava saber se era somente com o intuito de assustar ou se pretendia fazer algo mais contundente. Liguei para a academia de ginástica. Atendeu a mocinha que servia de ideal de corpo na recepção. Disse meu nome, que ela não confundiu com Espinhosa, e mandei chamar Alba.

— Inspetor, que prazer, como está o senhor?

— Se vou continuar lhe chamando pelo nome, não é justo que você me trate de senhor.

— Tudo bem — disse um pouco embaraçada —, é que seu nome também é cerimonioso. Espinosa não era nome de um filósofo?

— Era.

— Então! Ter nome de filósofo é o mesmo que ser tratado de senhor.

Resolvi não entrar na discussão, até porque o que estava em questão não era meu nome ou que tratamento eu deveria ter, mas a segurança dela. É verdade que também a de Júlio, mas no momento eu estava mais interessado no que poderia acontecer a ela.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Por que a pergunta? Pelo que lhe contei? Está preocupado comigo?

Respondi que sim à última, respondendo desta forma às três perguntas.

— Alguém vai lhe acompanhar quando voltar para casa?

— Isso é um oferecimento?

— É uma preocupação, mas pode ser oferecimento.

— Ninguém vai me acompanhar. Aceito sua oferta. Devo sair por volta das oito horas.

— Não saia antes de eu chegar.

Eram dez para as seis. Achei melhor sair antes que o tráfego em direção à zona sul ficasse engarrafado. No percurso fiz fantasias inconfessáveis. Cheguei a Ipanema com uma hora de antecedência e aproveitei para passar numa livraria conhecida. Saí quarenta minutos mais tarde com um Joseph Conrad debaixo do braço. Às dez para as oito entrava na academia, decepcionado ao constatar que a recepcionista já saíra. Como já sabia o caminho, entrei e subi a escada nos fundos da sala de musculação. Fui recebido por uma das sócias, que me convidou a esperar dentro da sala-aquário. Alba estava tomando banho. Chegou em poucos minutos, cheirando a sabonete e com os cabelos lisos molhados caídos sobre os ombros. Abraçou-se a meu braço, despediu-se da amiga e descemos a escada, ela parecendo uma

colegial; quanto a mim, desde que a recepcionista me olhara como se eu fosse um animal pré-histórico, não sabia como me classificar dentro daquela academia. Quando chegamos à calçada, perguntou:

— Está realmente preocupado comigo ou é uma paquera?

De fato, eu era um animal pré-histórico. Não sabia como responder. Até porque, se a resposta à primeira parte da pergunta era “sim”, a resposta à segunda parte poderia ser “talvez”.

— Estou preocupado com você — respondi, um tanto atrapalhado.

— Só isso? Que pena.

— Onde está seu carro? — perguntei.

— Não vim de carro, raramente venho, só quando chove. Moro relativamente perto e gosto de andar. Sempre que posso, venho a pé.

— Então vamos pegar o meu, está do outro lado da rua.

— Por que não vamos a pé? A noite está agradável, podemos ir conversando. Em vinte minutos, no máximo, estaremos lá.

— Seria mais seguro se fôssemos de carro.

— Você está realmente preocupado comigo — espantou-se.

— Alba, nessa história, que ainda é curta, duas pessoas foram assassinadas e duas desapareceram. Não estou disposto a facilitar, mas, se você quiser, podemos ir caminhando.

Estávamos em frente à academia de ginástica. As luzes estavam acesas e a sensação era de segurança. O mesmo não se poderia dizer da rua, a iluminação não era tão eficiente devido à copa das árvores e o movimento não era grande, era uma rua quase exclusivamente residencial. Deixei o livro no carro e retornei à porta da academia onde Alba novamente enlaçou meu braço e saímos andando em direção à sua casa. Assim que iniciamos a caminhada, ouvi o ruído de um motor sendo ligado. Como estávamos andando no sentido da contramão da rua, não me preocupei. Olhei para trás e vi um carro cinza-metálico dobrando a esquina, não deu para distinguir a marca.

— Como era o carro que seguiu vocês?

— Não tenho certeza quanto à marca ou ao ano, mas tenho certeza de que era cinza-metálico, foi o que me chamou a atenção.

Andamos um bom pedaço em silêncio. Ela, contrariando sua índole, e eu, pensando na pistola que estava debaixo do braço esquerdo, praticamente fora de ação porque Alba imobilizava meu braço direito. Já me certificara de que ninguém nos seguia. Não havia motivo para preocupação a não ser pelo carro cinza-prata que saiu ao mesmo tempo que nós. Troquei Alba de lado para liberar meu braço direito e dei-lhe o braço esquerdo. Era muito esperta, percebeu o significado da mudança e perguntou se eu queria voltar para pegar o carro. Tranquilizei-a e disse que poderíamos continuar a pé. Tínhamos andado uma quadra e a tensão diminuíra consideravelmente quando avistei o carro cinza-prata dobrando a esquina uma quadra à nossa frente, vindo em nossa direção. Mandei Alba ficar atrás de uma árvore sem se mexer, enquanto descia o meio-fio disposto a interceptá-lo e esclarecer aquela situação. Ele já

estava na metade da quadra quando o motorista percebeu minha intenção. Acelerou, botou um braço para fora e tive tempo apenas de pular para trás enquanto tentava sacar a arma. Disparou uma vez. A pontaria não podia ser boa porque estava atirando com a mão esquerda, o carro estava em movimento e a rua estava escura. Quando passou por nós, eu já tinha sacado a pistola; disparei três vezes, um dos tiros quebrou o vidro traseiro do carro. Aparentemente, nenhum acertou o motorista.

Alba parecia colada à árvore, assustada. Pessoas surgiram dos prédios e dos carros perguntando se precisávamos de ajuda.

— Não, obrigado, está tudo bem. Tenham apenas um pouco de paciência enquanto retiro esta bala encravada. Não, ninguém se feriu, a única ferida foi a árvore, mas nada grave.

Enquanto alguns procuravam ajudar, outros faziam discurso contra a violência nas ruas do Rio.

— Vamos embora daqui — eu disse. — É melhor voltarmos para pegar o carro.

Alba deixou-se levar sem dizer coisa alguma.

Voltamos as duas quadras que tínhamos andado, pegamos meu carro, que eu deixara em frente à academia, e fomos para o apartamento de Alba. O percurso foi feito quase em silêncio. O único a falar fui eu, para saber se ela estava se sentindo bem. Acompanhei-a até o apartamento e, assim que entramos, ela me pediu que olhasse cada cômodo. Liguei para a delegacia fazendo um brevíssimo relato do ocorrido e dando uma descrição do carro e o número da placa. Sobre o atacante não consegui dizer nada. O que vi nitidamente foi o cano do revólver apontado na minha direção.

— Posso lhe oferecer uísque, vodca ou cerveja — disse Alba, rompendo seu silêncio. — No que me diz respeito, vou tomar um uísque duplo.

— Obrigado, acompanho você, mas não precisa ser duplo.

— Espinosa, o filho da puta quis nos matar.

— Não creio — respondi —; se fosse esse o caso, já teria matado.

— Por que você pensa isso?

— Ninguém faz todo aquele estardalhaço para, no final de tudo, acertar apenas uma árvore. Acho que era mais encenação do que tentativa real. Claro que poderia ter nos matado assim como poderia ter morrido, mas creio que foi um risco calculado.

— Se o que ele queria era apenas assustar, podemos telefonar para ele e dizer que eu estou me borrando de medo. Ele não precisa fazer mais nada.

Disse isso, alteando a voz, enquanto buscava gelo na cozinha. Serviu duas doses iguais e sentou-se ao meu lado no sofá. Levantou-se em seguida e ligou o som. Para minha surpresa, o disco que estava no aparelho era a suíte *Peer Gynt*, de Grieg. Voltou a sentar-se ao meu lado, encostada no braço do sofá, com os dois pés, de meias, em cima das almofadas.

— Espinosa, quem você acha que é esse sujeito? Quem ele queria matar? Você? Eu? Nós dois? E por quê? O que eu fiz, para alguém querer me matar?

— Não sei responder a nenhuma das perguntas. A única coisa que sei é que tem alguma coisa a ver com a morte do marido de Bia Vasconcelos e da mãe da secretária.

— Que mãe da secretária? Mataram também a mãe da secretária, merda? O que está acontecendo?

— A mãe de Rose, secretária de Ricardo Carvalho que desapareceu no dia seguinte ao do assassinato, foi encontrada morta em casa neste sábado, também assassinada.

Desnecessária a referência aos dedos cortados.

— E você acha que o atentado de hoje está ligado a essas duas mortes?

— Tenho que achar; caso contrário, terei que admitir serem acontecimentos fortuitos, o que é contrariado pelo fato de vocês estarem sendo seguidos há dois dias. Pode ser que ele tenha me confundido com Júlio, já que nas outras vezes vocês estavam juntos. Quando me viu com mais clareza, eu estava me dirigindo para o meio da rua, metendo a mão dentro do paletó, num gesto típico de quem vai sacar uma arma, ele se assustou e atirou primeiro. Pode ser que não fosse essa a sua intenção inicial. Sinto muito, as coisas ainda não estão claras para mim.

— Você poderia ter morrido — disse ela, como se apenas naquele momento tomasse consciência do perigo.

— Não acredito que ele faça outra tentativa. Matar alguém é muito mais fácil do que se imagina, sobretudo se não nos importamos com as consequências. Ele já conseguiu o que queria, pelo menos com você. Minha dúvida é se ele pensou que eu fosse Júlio. É pouco provável que o alvo do atentado fosse você. Meu palpite é que ele queria atingir Júlio e somente na última hora, quando me viu descer o meio-fio sacando a arma, é que percebeu que se enganara. Nada mais tinha a fazer a não ser atirar; se não o fizesse, eu atiraria nele.

— Minha surpresa permanece a mesma. Por que iriam querer atirar em Júlio?

— É uma boa pergunta, talvez ele possa responder.

Faltavam dez minutos para as nove horas. Menos de meia hora antes tinham tentado matar-nos. O uísque ajudara a relaxar, mas não apagava a lembrança dos acontecimentos recentes. Não tínhamos jantado, e eu não pretendia continuar a beber de estômago vazio; não sabia da resistência da minha parceira, mas a minha era mínima, e não sabia como as coisas caminhariam a partir de então.

— Você não janta? — sugeri, mais do que perguntei.

— Estou sem fome, mas se você quiser tenho alguns congelados ou podemos encomendar uma pizza. Só não quero sair de casa.

Optamos por encomendar a pizza, que acabei comendo quase que sozinho, e substituímos o uísque por cerveja. Às dez e meia, com a conversa tomando um rumo demasiadamente pessoal, achei que era hora de ir embora.

— Você vai me deixar sozinha?

— Não há perigo, ele não vai tentar mais nada, pelo menos hoje, e algo me diz que você estará mais segura se não estiver comigo ou com Júlio. De qualquer maneira, deixe o telefone perto de você e, qualquer suspeita de ameaça, telefone-me imediatamente.

— Tudo bem, mas com você aqui eu ficaria mais tranquila.

Mas eu não ficaria, pensei ao mesmo tempo em que ela terminava a frase. Saí rápido, antes que mudasse de ideia. Ainda era segunda-feira e algo me dizia que a semana seria longa e

movimentada.

Não fui direto para casa, passei antes na vila onde morava Júlio. Era mais do que evidente que não iria encontrar um carro cinza-prata com o vidro traseiro quebrado e talvez um buraco de bala na carroceria. Não sabia exatamente o que me levava àquela vila e a espiar furtivamente pela janela às onze horas da noite. O carro de Júlio, que não era cinza-prata, estava estacionado em frente à casa e o capô estava frio. Havia luz na sala que funcionava como escritório. Apesar do barulho da televisão do vizinho, dava para ouvir música dentro da casa. Fui embora, sentindo-me um perfeito idiota.

Os dois lances de escada me deixaram ligeiramente ofegante. Na secretária eletrônica, dois recados: Aurélio, pedindo confirmação para o almoço no dia seguinte, e Bia, pedindo que ligasse caso não chegasse muito tarde. Não sabia o que era muito tarde. Presumi que onze e quinze da noite não era madrugada. Tirei o paletó, livrei-me do coldre, abri uma cerveja e liguei para ela. Atendeu ao primeiro toque.

— Desculpe-me pela hora, mas não sabia o que a senhora considera "muito tarde".

— Obrigada por ter ligado, inspetor, tudo bem, nunca durmo antes de uma hora.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não sei, não estou certa, é mais uma impressão.

— Continue, por favor.

— Acho que estou sendo seguida, isto é, tenho certeza de estar sendo seguida, mas não aconteceu nada além disso.

— Como a estão seguindo?

— De carro. Não mais de uma pessoa.

— Um carro cinza-prata?

— Como o senhor sabe? — E após alguns segundos: — É a polícia que está me seguindo?

— Não.

— Como, então, o senhor sabia que era cinza-prata?

— Porque acertei três tiros nele.

— O quê?

— Dei três tiros nele hoje à noite.

— Mas o que está acontecendo? Como o senhor atira num carro que apenas agora está sabendo que me seguia? E por que atirou? Claro que não foi porque me seguia.

Achei que a moça devia estar atordoada e que merecia esclarecimento. Descrevi por alto o que acontecera, sem dizer o nome da acompanhante, não sabia o que ela sabia sobre Júlio e Alba.

— O senhor está bem? Não se feriu?

— Estou bem. Nem eu e parece que nem meu seguidor nos ferimos.

— Felizmente.

— A senhora seria capaz de descrever a pessoa que a está seguindo?

— Infelizmente, não. O que me chamou a atenção foi o carro, sempre o mesmo, mas não consegui distinguir o motorista.

— Não creio que ele pretenda fazer mal à senhora, mas, de qualquer forma, se perceber que está sendo seguida, veja se consegue dar um jeito de me ligar. A senhora tem telefone celular?

— Tenho.

— Não saia sem ele. Se estiver sendo seguida, telefone-me do carro, de preferência sem que seu seguidor perceba. E lembre-se, ele não estará mais num carro cinza-prata.

Tinha certeza de que o carro seria encontrado no dia seguinte, abandonado.

Já estava começando a admirar a eficiência do perseguidor. Deixava mais do que evidente que estava seguindo, mas ninguém em nenhum momento conseguiu ver sua cara. E também estava me convencendo de que, quando atirara em mim, não fora para acertar, mas para abrir caminho sem ser visto.

Deixei para falar com Aurélio no dia seguinte. Queria tomar banho e dormir. A primeira coisa foi feita, a segunda não foi tão fácil.

3

Na delegacia todos já sabiam do tiroteio da véspera. O carro foi encontrado abandonado numa rua em Botafogo. Era roubado. Acertei dois dos três tiros que disparei. Não havia marcas de sangue. Acertei apenas lata e vidro. Melhor assim. Welber se aproximou para saber se estava tudo bem, se eu tinha visto o atirador, como ele sabia que eu estaria naquele lugar àquela hora.

— Não vi quem atirou, vi apenas o braço de fora empunhando a arma.

— E como ele sabia que você estaria lá?

— Não sabia, era de noite e ele me confundiu com Júlio Azevedo. Está seguindo o casal há dias. Ontem à noite Bia telefonou dizendo que também está sendo seguida e a descrição que deu do carro coincide.

— O que ele quer?

— Meu palpite é que está querendo assustar. Com minha reação, é provável que mude de estratégia. Alguma notícia do Max? — perguntei.

— Nenhuma. A irmã parece sinceramente preocupada. Ele nunca saiu levando todas as coisas. Tinha uma mala debaixo da cama, que não está mais lá.

— Welber, ninguém desaparece sem deixar traços. O que temos que encontrar são os traços deixados por Max e por Rose. Volte à casa do Méier e reviste como um perdigueiro o quarto dele. Enquanto isso, vou ao apartamento de Rose.

Telefonei para Aurélio. Não estava. Deixei um recado transferindo nosso almoço para o dia seguinte. Comprei um Big Mac e um milk-shake, mandei embrulhar para viagem e rumei em direção à Tijuca.

O apartamento guardava ainda alguns vestígios do que se passara. Nunca mais exibiria a

mesma limpeza de quando d. Maura era viva. Comecei pelas fotografias. Certamente a senhora guardava uma caixa de fotografias ou mesmo álbuns. Não foi difícil encontrar a caixa, estava na parte de cima do armário de roupas. Era uma caixa de sapatos amarrada com barbante. Havia centenas de fotos em cores e em preto e branco. Das primeiras, algumas mais antigas estavam quase apagadas, as em preto e branco estavam todas em bom estado. Passei duas horas tentando identificar pessoas e lugares. A quase totalidade das fotos era de quando o marido estava vivo. Naquelas em que Rose aparecia, era ainda pequena. Tal como a vida de d. Maura, as fotos cessaram com a morte do marido. Nada revelaram sobre o possível paradeiro de Rose.

Depois de comer o almoço que trouxera, dediquei o resto da tarde ao quarto de Rose. Armário, cômoda, estante, malas, bolsas, caixas, cadernos, livros, nada ficou por ser visto. Cada livro da estante foi retirado e examinado, poderia conter algum papel, fotografia, bilhete de amor, flor seca, qualquer coisa que pudesse servir de pista. O único indício que encontrei foi a própria falta. Não havia nada que indicasse que aquela moça trabalhava na Planalto Minerações e que era secretária de Ricardo Carvalho. Não podia ser acidental. Ninguém consegue apagar tão completamente os sinais de sua vida profissional e talvez amorosa a menos que esse apagamento tenha sido proposital. E, nesse caso, ela era perita. O único deslize foi a falta das duas agendas. Era pouco provável estarem na Planalto Minerações.

O apartamento tinha dois banheiros, um da mãe, o outro dela. Seus objetos pessoais estavam todos lá, inclusive a escova de dente. Perfumes, cremes, pentes, escovas, absorvente íntimo, nada faltava, o que confirmava as informações de que Rose desaparecera a partir de sua saída da Planalto Minerações, por volta das seis horas da tarde da terça-feira em que Ricardo Carvalho fora assassinado.

O único problema é que tudo estava certo demais. Se as coisas tinham acontecido daquela maneira, por que alguém teria necessidade de torturar e matar a mãe de Rose? Ela não teria nada a revelar. Se fora torturada, era porque o torturador sabia que ela sabia de alguma coisa.

Estava escuro quando saí do apartamento. O porteiro evitou falar comigo, defesa natural que pobre tem contra a polícia. Fui direto para casa. A secretária eletrônica sinalizava vários recados. Os dois primeiros eram de Aurélio; um acusando o recebimento, outro confirmando o almoço para quarta-feira, mesmo horário e lugar. O terceiro recado era de Welber, pedindo que eu ligasse com urgência, alguma coisa estava acontecendo com Bia Vasconcelos. Os recados seguintes eram de Bia: “Inspetor, é Bia Vasconcelos, estou sendo seguida novamente e parece que pelo mesmo sujeito. Não é o mesmo carro, agora é uma caminhonete preta, não sei a marca. Estou na avenida Atlântica, indo em direção a Ipanema”. Novo telefonema: “Inspetor, sou eu novamente, liguei para a delegacia mas ninguém entendeu nada, continuo falando do telefone celular, o trânsito está lento e ele encosta de leve no meu para-choque. Não é fácil falar no telefone sem ele perceber. Está muito próximo. Estou falando sem colocar o fone no ouvido senão ele perceberia. Já tentei encostar no meio-fio, mas ele permanece colado à minha traseira, vou entrar no primeiro posto de gasolina que aparecer”... “Estou entrando num posto de gasolina na esquina da praia de Ipanema com o Jardim de Alá. Ele também entrou. Pode me ver falando. Vou...” Novo recado: “Inspetor, estou na casa de uma amiga em Ipanema. Por favor, telefone assim que puder”, e deixava o número e o endereço. Liguei para o número. Atenderam imediatamente.

— De onde fala? — perguntei à voz feminina que atendeu.

— Com quem quer falar? — perguntou nervosa.

— Sou o inspetor Espinosa, gostaria de falar com dona Bia Vasconcelos.

Ela atendeu em seguida.

— Inspetor, graças a Deus, venha me buscar, por favor. Larguei o carro no posto de gasolina e fugi.

— E seu perseguidor?

— Não sei, não vi mais. Peguei um táxi, entramos pela rua Visconde de Pirajá e não vi mais o carro dele. Acho que se atrapalhou quando larguei o carro no posto.

— Muito bem. Fique onde está, que vou buscá-la. Devo chegar dentro de quinze minutos. Enquanto isso, não atenda ao interfone, não abra a porta para ninguém. Quando eu chegar, toco a campainha três vezes. Quem mais está aí com vocês?

— Só a empregada.

— Diga a ela para não sair. Ninguém sai enquanto eu não chegar.

— Está bem. Por favor, venha rápido.

Demorei quinze minutos para ir de Copacabana a Ipanema numa hora em que o trânsito ainda estava lento. Encontrei Bia e a amiga tensas. Não vi a empregada. Feitas as apresentações, pedi que me contasse tudo em detalhes, inclusive se era capaz de reconhecer o perseguidor.

Bia contou o que havia para contar. Não havia muito a acrescentar ao que já falara pelo telefone. Achava que não conseguiria identificar o perseguidor, ele estava de óculos e de chapéu ou boné. Não lhe ocorreu anotar a placa do carro, estava muito nervosa e assustada. Quando entrou no posto de gasolina, ele também entrou. Nesse instante, viu um táxi que acabava de abastecer, e o carro dela estava bloqueando o do perseguidor. Abriu rapidamente a porta e entrou no táxi. Depois de algumas voltas para se certificar de não estar sendo seguida, lembrou-se da amiga que morava perto. Enquanto fazia o relato, Bia olhava para a amiga procurando confirmação, como se a amiga estivesse com ela durante os acontecimentos, e a amiga balançava a cabeça como se realmente tivesse participado.

— Muito bem, a primeira coisa a fazer é buscar seu carro. Espere aqui enquanto faço isso. Poderia me dar as chaves?

— Deixei no carro. Chaves, documentos, telefone celular, tudo.

— Não se preocupe. Volto num instante.

O gerente do posto estacionara o carro. Depois de me identificar e certificar de que estava tudo em ordem, perguntei ao frentista que atendia Bia quando ela fugiu se tinha percebido um carro grande, preto, tipo caminhonete, que chegou junto com o dela. O rapaz não se lembrava, era hora de muito movimento e não dava para prestar atenção em todos os carros, além do mais estava ocupado com o carro cuja proprietária desaparecera. Agradeci o cuidado que tiveram e voltei para o apartamento da amiga de Bia, que ficava a poucas quadras do posto. Não havia nenhuma caminhonete suspeita.

Subi para o apartamento onde as três mulheres me aguardavam. (A empregada também

estava presente.)

— Não há mais perigo, pelo menos por hoje.

A frase, que fora dita com o intuito de acalmar, acabou soando como ameaça.

— Como "por hoje"? — perguntou a amiga de Bia. — O senhor acha que ele recomeça amanhã?

— Não sei se amanhã, mas é provável que repita a dose.

— Mas o que ele está querendo?

— Não sei ainda, não está querendo machucá-la fisicamente, isso é certo, acho que está querendo mostrar que é capaz de aparecer a qualquer momento em qualquer lugar.

— Com que intuito?

— Persuasivo.

— Persuasivo de quê?

— Ele ainda não disse.

— Inspetor, o que o senhor está querendo dizer? Não consigo entender.

— São suposições, apenas. Penso que ele está querendo alguma coisa da senhora, e não só da senhora mas de outras pessoas com as quais está fazendo o mesmo, mas ainda não decidiu revelar o que é. Talvez considere que o momento não é oportuno ou talvez ainda não saiba exatamente a natureza daquilo que está querendo; quando souber e quando chegar o momento adequado, já terá criado um clima propício a uma intervenção mais direta. Mas, como disse, são apenas suposições, muito vagas por sinal.

— O que devo fazer? E o que o senhor acha que pode fazer?

— Altere um pouco sua rotina e evite lugares ermos quando estiver desacompanhada. Qualquer sinal suspeito, avise-me imediatamente. Ande sempre com o celular na bolsa.

— O senhor acha que isso tudo tem alguma coisa a ver com a morte de meu marido?

— Acho. Agora é melhor acompanhá-la até sua casa. A senhora vai no seu carro e eu a seguirei no meu.

Segui-a até seu prédio, prestando atenção em todas as caminhonetes, e eram muitas. Chegamos sem sobressaltos. Enquanto o porteiro guardava o carro na garagem, ficamos em pé, na portaria, conversando. Poderíamos ter subido, não precisávamos esperar por ele. No entanto não houve da parte dela convite ou insinuação para que eu subisse. Despedimo-nos ali mesmo na calçada e tomei a direção da minha casa.

A presença de Bia continuava me perturbando. Alba também me perturbara. Perturbações diferentes. Se ambas eram intensas, a provocada por Bia era, além de intensa, extensa, afetava uma região maior do meu ser. Possuía ainda outra característica, que era a de permanecer mais tempo. Tomei um banho bem quente, que para mim é melhor do que Valium, atrás das bandejas de gelo encontrei um último congelado que, a uma olhada rápida, parecia talharim à bolonhesa ou lasanha à bolonhesa, abri uma cerveja e aguardei os três apitos do micro-ondas.

4

Assim que entrei na delegacia, Welber veio ao meu encontro. Queria saber se eu havia encontrado alguma coisa no apartamento da velha. Disse que só encontrara vazios, mas que não devíamos desanimar porque, na minha opinião, nesses vazios apareceriam coisas. A busca no quarto de Max não teve resultado muito diferente. Duas coisas, porém, chamaram a atenção de Welber. A primeira delas foi a tampa da caixa de descarga do banheiro ligeiramente fora do lugar, além do fato de a caixa, que não era limpa havia tempos, conter marcas de água pelo lado de fora, como se alguém tivesse metido a mão na água e, ao retirá-la, escorresse um pouco pelo lado de fora. Outra coisa foi um pedaço de plástico azul jogado na cesta de papéis e que ainda trazia marcas de dobras, como se tivesse sido utilizado para embrulhar alguma coisa. Concluímos que Max escondera algo na caixa de descarga da privada. Truque primário, mas, dependendo de quem procura, pode funcionar. O que Max esconderia na caixa de descarga, embrulhado em plástico? A resposta admitia poucas variações: joias, dinheiro, droga. Considerando que não havia nenhum indício de Max ter-se envolvido com drogas algum dia, restavam joias e dinheiro. Provavelmente produto de suas incursões pelos estacionamentos dos supermercados. Havia ainda outra possibilidade: a de o plástico ter servido para embrulhar a arma. O raciocínio foi silencioso e não foi comunicado a Welber. Precisava arrumar as ideias. A cena foi-se montando sozinha, sem esforço de minha parte. Rose chegando ao edifício-garagem com a arma que tirara da gaveta de Ricardo escondida na bolsa. Encontram-se, como de costume, ela entra no carro e, antes de o motor ser ligado, atira no amante e sai correndo, desnorteada, com a arma na mão. Max, que presenciara tudo, intercepta-a. Ela larga a arma no chão e sai correndo. Max pega a arma e segue-a. Tenta fazer chantagem. Rose foge, com medo de ser denunciada. A cena fazia sentido, mas eu sabia que em relação aos fatos falhava em pelo menos dois pontos: o seguro de vida de Ricardo Carvalho e o assassinato da mãe de Rose, ambos permaneciam sem explicação.

Telefonei para Aurélio confirmando o almoço. Ainda não sabia se contava a ele essa minha última cena-fantasia, não falara nem com Welber. Pensei ainda na possibilidade de Rose, ao ser chantageada por Max, tê-lo atraído e morto, escondendo o corpo em seguida. Isto, porém, exigiria sangue-frio e não combinava com a cena da moça nervosa largando a arma no chão do estacionamento. A menos que não tenha largado... que Max a tenha desarmado à força. Mesmo assim, o seguro e a morte da velha ficavam de fora. Deixei a cabeça fantasiar livremente. Para isso, não precisava fazer qualquer esforço.

Cheguei ao restaurante antes de Aurélio. Não era uma boa hora para se encontrar mesa vaga, mas não esperei mais do que dez minutos. Quando Aurélio chegou, eu já estava sentado tomando o primeiro chope. Deslizou seus cento e dez quilos por entre as mesas com a leveza de um gato, o que sempre me deixava fascinado.

— A vantagem de se chegar atrasado é que o amigo providencia a mesa — disse, abrindo o enorme sorriso.

Acomodou o corpanzil como pôde no espaço que nos cabia, olhou para mim de um jeito conhecido e disse:

— Quer dizer que estão comentando o fato de você ter deixado o pássaro voar?

Não havia maldade, ironia ou censura na frase. Pelo que eu conhecia de Aurélio, a

observação significava: “Cuidado, amigo, podem te ferrar”.

— O pássaro que deixei voar, Aurélio, não consegue ultrapassar nem o muro do quintal. Pode ser que seja menos inofensivo do que imaginei, mas não acredito que seja um assassino. Trata-se de um tímido. Falta a ele o desassombro do matador.

— Espinosa, não é à toa que você tem nome de filósofo, onde já se viu chamar de tímido um sujeito que é assaltante? Ele assalta mulheres e casais idosos em estacionamentos de supermercados e você vem me dizer que se trata de um tímido, que lhe falta desassombro. Porra, Espinosa, tímido é você. Esse cara foi pego com a arma do crime, contou uma história na qual nem ele acredita, mas encontrou um santo policial que acredita. Você é o bilhete de loteria premiado desse cara, Espinosa.

A voz de Aurélio era compatível com seu tamanho e ele tinha consciência disso, de modo que falava com o freio de mão puxado, em certos momentos dava para sentir cheiro de borracha queimada.

— Não sou santo, Aurélio; acontece, às vezes, por um momento, de eu permitir que a intuição tome o lugar da razão. Isso não quer dizer que eu seja o salvo-conduto de Max. Se ele for culpado, ferro ele.

— Eu só não quero, meu amigo, é que você se ferre, ou que acabem ferrando você por causa dessa sua alma santa. Afinal de contas, o tal do Espinosa era filósofo ou santo? Penso o seguinte: esse Max foi, como de costume, fazer seu assaltozinho no edifício-garagem. Quando viu o executivo entrar no carro, achou que poderia jogar com o fator surpresa e o ameaçou. O que ele não contava era com o fato de Ricardo estar armado e inverter a situação. Por um golpe de sorte qualquer, conseguiu tirar o revólver do executivo e matá-lo. Nada aconteceria se não fosse estúpido a ponto de vender a arma do crime. A partir de então, não teve outro jeito senão inventar a história da secretária.

— Aurélio, você sabe tanto quanto eu que essa história serve apenas para mandar para a cadeia esse pobre suburbano, mas está longe de ser a verdade do assassinato. E o que você me diz do desaparecimento da secretária, da morte da mãe dela, do seguro de vida de Ricardo, que, diga-se de passagem, foi você mesmo quem descobriu? Para conseguir rápido um culpado você joga fora todos esses dados? Conheço sua competência policial, não aceito o que está dizendo.

— Tudo bem, a história não está bem costurada, mas acontece que tem gente querendo acabar com você.

— Aliás, ontem quase que conseguem.

— Como assim?

— Um sujeito num carro furou uma árvore a um palmo da minha cabeça.

— Porra, e você ainda fica protegendo marginal?

— Aurélio, você nunca viu esse Max. Eu entrego meu distintivo se esse cara passou dirigindo um carro em Ipanema, atirando com uma das mãos enquanto com a outra se desviava dos carros estacionados e das balas que eu mandava em cima dele. Nunca. Isso é coisa de profissional e não de um punguista bundão que mora por favor na casa da irmã.

— Nesse caso — disse Aurélio —, tem personagem novo na cena, já que nenhum dos

conhecidos se encaixa no papel. A não ser que você considere a possibilidade de o sócio, o tal de Lucena, sair por aí treinando pontaria em policiais.

— Aquele não é de matar ninguém, manda matar.

— Então, meu caro, você voltou à estaca zero.

— Infelizmente, não. Na estaca zero, eu tinha um morto, agora tenho dois mortos e dois desaparecidos. Estou pior do que na estaca zero.

— E suas investigações? — perguntei.

— Sem progresso. A ideia de pedir exumação foi arquivada, não há nada que a justifique. Estou tão desamparado quanto você.

Pelo que eu conhecia de Aurélio, ele estava escondendo algo. Sabia também que o que estava escondendo não era artigo de troca, não havia qualquer sinal, por leve que fosse, de que me passaria a informação caso eu lhe fornecesse algo igualmente valioso em troca. Ou, quem sabe, eu não era mais capaz de decifrar os signos do amigo.

Aurélio tomava chope como se fosse guaraná. O mesmo não acontecia comigo, três copos podiam repercutir sensivelmente no resto da tarde. Despedimo-nos na altura do meu terceiro ou quarto chope, que correspondia à primeira dúzia de Aurélio.

No caminho para a praça Mauá, resisti a entrar no sebo do Carlos Ribeiro. O velho mercador de livros ficaria para outro dia. Procurava sempre caminhos diferentes para voltar à delegacia. Não eram muitas as possibilidades, mas permitiam algumas variações. Naquele dia não entrei no sebo mas entrei numa velha papelaria da rua da Quitanda porque, da calçada, vi no alto de uma prateleira um vidro, que devia ser de litro, de tinta Parker Quink. Eu tinha uma caneta Parker Vacumatic do tempo da guerra — da segunda, é claro — e não resisti ao vidro poeirento cujo rótulo, porém, estava perfeito. Mesmo que fosse acometido de furor escrevente, jamais conseguiria gastar toda aquela tinta. Era um vidro comum nas escolas e repartições do governo na época em que se usava caneta-tinteiro, informou o vendedor. Ao sair da papelaria, surgiu a fantasia do prisioneiro em sua cela, podendo dispor apenas de papel e caneta. Pensei na minha Parker Vacumatic e no vidro de tinta azul real lavável. Daria para escrever as minhas memórias e as de todos os outros prisioneiros. Lembrei-me também de que era policial e não prisioneiro. Teria que arranjar outra fantasia, o que para mim não era problema, difícil era manter o nível de realidade compatível com a profissão.

— Inspetor, não há o menor sinal de Max. Acionamos prostitutas, bicheiros, guardadores, porteiros, além de toda a vizinhança da casa da irmã, e não obtivemos o menor indício do seu paradeiro.

— Procurem nos hospitais e necrotérios, não há traço mais evidente do paradeiro de uma pessoa do que seu próprio corpo.

Achei a frase grandiloquente e sem sentido, mas já tinha dito e o jeito era sustentá-la. A verdade é que até aquele momento não pensara na possibilidade de Max estar morto e no entanto era uma possibilidade nada desprezível dadas as circunstâncias da morte de d. Maura. Se ele não era o assassino, e eu achava que não era, a probabilidade de ser a próxima vítima era grande.

— Procurem cadáveres não identificáveis, principalmente queimados e mutilados.

Passava um pouco das quatro. A delegacia estava quente e repleta de gente. Falavam alto, os telefones tocavam ao mesmo tempo sem que ninguém atendesse, e de algum lugar não localizável vinha o som rachado de um rádio de pilha. Guardei o vidro de tinta no meu escaninho e desci para a praça. Passados menos de quinze minutos, começou a chuviscar. Voltei para a delegacia. O resto do dia não acrescentou uma única vírgula à minha história pessoal.

5

Manhã de quinta-feira. Haviam se passado quinze dias desde a morte de Ricardo Carvalho, e eu não fornecera ao delegado-titular nada que justificasse minha permanência no caso. Antes que fosse mandado de volta à escala de plantão, resolvi fazer uma visita à irmã de Max.

Estacionei o carro numa rua transversal e, antes de entrar, caminhei uma quadra para a direita e outra para a esquerda da casa de Max procurando os pontos de jogo do bicho. Havia um do outro lado da rua na mesma quadra. Voltei e encontrei a porta do brechó aberta, entrei sem tocar a campainha. A mulher me reconheceu imediatamente e, sem que fizesse o menor movimento, seu corpo se encolheu como uma ostra. Pelo silêncio da casa, presumi que as meninas estivessem na escola. Perguntei se podíamos conversar e sugeri que fechasse a porta para evitar interrupções. Era uma mulher ainda jovem e seria considerada bonita caso não estivesse tão afastada de qualquer cuidado consigo mesma. Apesar de esguia, o corpo lhe pesava e a alma era amarga.

— Quero ajudá-la, sei que seu irmão não é má pessoa.

— O senhor é o detetive que esteve aqui junto com outro e levou meu irmão para a delegacia.

Isso foi dito sem raiva, sem ênfase, como quem está apenas nomeando as peças do jogo; não as regras, estas ela parecia reconhecer que seriam estabelecidas por mim.

— Sou o inspetor Espinosa, estive aqui com meu colega, o detetive Welber.

Ela balançou a cabeça, afirmativamente, concordando com o que ela própria afirmara. Em seguida, sentou-se na única cadeira que havia na sala enquanto eu me ajeitava sobre um velho baú de madeira encostado à parede. Considerei aquilo como indicativo de um começo de conversa.

— A senhora não tem ajudado muito e preciso encontrar seu irmão, acho que ele corre perigo.

— Ele sempre correu perigo. Desde que ficamos sozinhos, ele corre perigo.

— Mas, pelo jeito, conseguiu sobreviver, acho que agora a ameaça é maior. O que estou querendo dizer é que agora ele corre perigo de vida.

— Inspetor, pra nós, perigo é sempre de vida.

— Então a senhora sabe do que estou falando.

— Max disse que o senhor tratou ele bem — disse, mudando o tom da conversa.

— Não havia por que tratá-lo mal.

— O que o senhor quer de mim?

— Quero que a senhora me ajude a encontrar seu irmão... enquanto é tempo.

— Eu nunca soube da vida dele. Às vezes ele sumia a semana toda, quando voltava, dava algum dinheiro e não dizia nada.

— Ele não falou para onde ia, não disse o nome de alguém ou de algum lugar?

— Nada. Eu nem sei quando ele saiu. Só sei que telefonaram para ele, voz de homem, fui eu que atendi, mas não sei o que falaram. Aliás, Max não falou quase nada, o outro é que falava, ele só concordava.

— Quando foi isso?

— Sexta-feira à tarde. Não sei se ele dormiu aqui de sexta para sábado.

— Ele deu alguma coisa para a senhora guardar?

— Não.

— Por favor, não me oculte nada, a vida dele pode depender de sua resposta.

— Max não daria nada de ilegal para eu guardar, nunca me comprometeu com nada que pudesse me prejudicar.

— Eu não disse que era ilegal.

Disse a frase como quem aponta uma falha na defesa, mas a mulher simplesmente ignorou minha observação.

— Esse homem que telefonou disse o nome? — continuei perguntando. — Como era a voz dele?

— Não disse o nome. A voz era grossa, do tipo acostumado a mandar.

— Ele só telefonou uma vez? A senhora já tinha ouvido a voz antes?

— Nunca tinha ouvido aquela voz, tenho certeza.

— Seu irmão escondeu alguma coisa dentro da caixa de descarga do banheiro. A senhora tem alguma ideia do que pode ter sido?

— Nenhuma, nem sabia que tinha escondido alguma coisa, muito menos na caixa de descarga.

Apesar da postura defensiva e da evidente contrariedade por estar conversando com um policial, sua atitude não era humilde ou submissa, havia naquela mulher uma altivez que a tornava imune a qualquer tentativa de intimidação de minha parte.

— Vou deixar meu telefone e o do detetive Welber. Caso surja alguma notícia ou a senhora se lembre de alguma coisa que possa nos ajudar a encontrar seu irmão, telefone, mas não fale nada com mais ninguém, mesmo da polícia.

Despedimo-nos com um aperto de mão, sem nada dizer. Da casa, fui direto ao ponto de bicho mais próximo. Uma mesinha improvisada e dois banquinhos de madeira debaixo de uma marquise era tudo. Um homem de cabelos grisalhos, sentado num dos banquinhos, anotava os jogos, enquanto outros dois rondavam perto dali. Esperei até não haver ninguém apostando, me aproximei da mesa e me sentei no banquinho ao lado do apontador, abrindo discretamente

a carteira da polícia. O homem grisalho não se alterou. Olhou para mim com olhar interrogativo, enquanto os outros dois se aproximaram.

— O que vocês sabem sobre Max, o homem que vendeu o revólver?

Os três se entreolharam, olharam para mim, um deles pigarreou e acendeu um cigarro.

— Não quero criar confusão para vocês, quero apenas saber se alguém viu ou sabe do paradeiro de Max.

Silêncio. O de cabelos grisalhos falou:

— Desde a semana passada que não vemos ele.

— Deve ter saído carregando alguma mala ou sacola. Podia estar acompanhado de outro homem. Procurem saber se alguém viu ou sabe de alguma coisa. Telefonem para este número. Não falem com ninguém a não ser comigo.

Saí dali refletindo sobre o paradoxo de confiar na informação que me seria dada por marginais do jogo do bicho e não confiar que essa informação fosse dada aos meus colegas de delegacia policial. O pior é que eu sequer sabia ao certo a extensão da minha desconfiança, mas uma das coisas que a vida na polícia me ensinou foi a desconfiar de policial.

De volta à praça Mauá, decidi almoçar um Big Mac no McDonald's da esquina da avenida Rio Branco. Refletia sobre a relação entre a *fast food* e a *fast life* quando surgiu Welber.

— Espinosa, encontramos alguma coisa.

Quando Welber me tratava pelo nome, era sinal de que considerava a notícia importante.

— Foi encontrado um corpo queimado, no acostamento de uma estrada secundária, na Baixada.

Na véspera, espalháramos o pedido de notícias sobre qualquer corpo que fosse encontrado, principalmente com sinais visíveis de ocultação de identidade. Pouco antes do meio-dia recebemos a informação que Welber transmitia.

— O corpo está carbonizado, impossível a identificação. Sabemos apenas que é de homem branco e que a estatura corresponde aproximadamente à de Max.

Do McDonald's fomos direto para o Instituto Médico Legal.

Quando o legista mostrou o corpo, a primeira coisa que me chamou atenção foi a semelhança com o búrguer do meu sanduíche, a segunda coisa foram as mãos decepadas. O corpo parecia ter sido assado numa churrasqueira até não restar um único centímetro de carne que não estivesse torrada. Se fosse filme americano, a identificação somente poderia ser feita pela arcada dentária. Acontece que quase ninguém possui o registro de sua arcada dentária, muito menos se for pobre que não possui nem dentista e, na maioria dos casos, nem tem arcada dentária. O corpo carbonizado não trazia nenhum resíduo de roupa, sapato ou adereço, mas eu tinha certeza de que era o corpo de Max, antes mesmo de qualquer exame ser feito. Se é que algum exame pudesse ser conclusivo quanto à identidade do cadáver, o que eu achava improvável. Um galão de gasolina era o suficiente para fazer aquilo. Provavelmente o legista não teria dificuldade para determinar a *causa mortis*. Talvez tiro. A mão decepada e o fogo foram posteriores. A identidade do morto, porém, só poderia ser estabelecida através do exame de DNA, para o qual a polícia não estava aparelhada e era caro, o que significava que

não seria feito. Por minha conta, incluí mais um morto na lista. Agora tínhamos três mortos e uma desaparecida.

6

Na saída do Instituto Médico Legal, comuniquei a Welber minha intuição de que aquele era o cadáver de Max. Tamanho, sexo, cor e a massa corporal. Quanto às mãos decepadas, quem corta os dedos de uma senhora com tesoura de cortar frango é perfeitamente capaz de passar as mãos de Max num moedor de carne e dá-las para o primeiro cachorro que encontrar na rua. Decidimos não comunicar a ninguém nossas suspeitas. Caminhamos até o carro em silêncio.

— Welber, temos que encontrar a secretária, algo me diz que ela é o elemento que articula os demais dessa trama. Aliás, dizer que isso é uma trama já é exagero, não temos trama nenhuma, o que temos é um emaranhado. Precisamos encontrar Rose para ver se conseguimos transformar emaranhado em trama. Até porque os mortos já são em número suficiente para formar uma pequena fila na nossa consciência.

— Inspetor, sequer sabemos se ela tomou conhecimento da morte da mãe. A única notícia foi publicada na página interna de um jornal que ela provavelmente não lê. Além do mais, não sabemos se ela está no Rio ou se viajou para outro estado. Sabemos apenas que, se viajou, não foi de avião, a não ser que com identidade falsa, o que não quer dizer muita coisa além do fato de não querer ser descoberta. Tentar na rodoviária alguém que a reconheça por uma foto é praticamente impossível. Por lá circulam cem mil pessoas por dia e já se passaram quinze dias desde que ela sumiu. O que podemos especular é que, se saiu do Rio, com certeza não soube da morte da mãe.

— Então, vamos fazê-la saber.

— Como?

— Apesar de terem se passado cinco dias, creio que se fornecermos os ingredientes para uma matéria sensacionalista, há chance de a morte de dona Maura ganhar os noticiários nacionais de televisão.

Welber dirigia o carro. Diminuiu a marcha.

— É cruel pra cacete... vir a saber da morte da mãe dessa forma... vão falar da tortura...

— Sei que é cruel, mas não tem outro jeito. Se ela estiver viva, tem grande possibilidade de ser a próxima vítima. Temos que encontrá-la antes do assassino ou fazer com que venha ao nosso encontro.

O resto da tarde e a manhã do dia seguinte foram utilizados para plantar a notícia. Os dedos cortados com tesoura de frango foram o passe para a rede nacional de televisão e para jornais de outros estados, interessados em explorar a violência no Rio de Janeiro. O que não esperávamos é que o assunto adquirisse a dimensão que tomou. Antes de o fim de semana terminar, uma emissora de televisão levara ao ar uma mesa-redonda com psicólogos, psicanalistas e psiquiatras sobre perversão, psicopatia, psicose, tentando elaborar um retrato psicológico do monstro mutilador. Mas se a difusão da notícia era quase garantia de ter

chegado à destinatária, por outro lado não granjeou louros para a delegacia. O delegado-titular só faltou cortar nossos dedos.

O fim de semana seria dedicado à espera. No final da tarde de sexta-feira, telefonei para Bia e para Alba para saber se foram perturbadas por alguém. Havia uma nítida diferença no modo pelo qual cada uma me respondia. Bia, embora não dissesse nada, deixava claro que eu era um policial. Era gentil, amável, mas, mesmo nos momentos de maior proximidade, não abandonava o tratamento de "senhor". Considerava quase impossível que algum dia pudéssemos tornar-nos íntimos, não por ela ser rica, mas por eu ser policial. Para certas pessoas, qualquer barreira pode ser rompida, racial, religiosa, econômica, mas a representada pela imagem do policial permanece intransponível. E acho que têm razão.

A reação de Alba era bem diferente. Logo de início o tratamento cerimonioso foi por terra, ao mesmo tempo em que foi eliminada a distância corporal. Quando caminhávamos pela calçada, Alba segurava meu braço com ambas as mãos, e isso antes de sermos atacados. Bia e eu jamais nos tocamos, a não ser pelo aperto de mãos quando nos cumprimentamos. Com Bia eu me sentia estrangeiro, com Alba me sentia como se fosse um próximo, com a vantagem extra, tipo brinde-bonificação, que era a visão da recepcionista da academia de ginástica.

O primeiro telefonema foi para Bia. Não estava em casa, liguei para o ateliê. O telefone tocou até entrar a mensagem da secretária eletrônica. Disse meu nome e, antes de terminar o recado, ela atendeu. Eu sabia que ela estava ouvindo a mensagem do outro lado.

— Inspetor Espinosa — disse, logo que levantou o fone —, que bom ouvir sua voz.

E eu não tinha inteira certeza quanto à verdade daquelas palavras.

— Como vai, dona Bia? Deixaram a senhora em paz nestes três dias?

— Felizmente, inspetor. Acho que o perseguidor desistiu.

— De qualquer forma, continue com os procedimentos que combinamos. Procure não sair sozinha. Se não houver outro jeito, evite lugares ermos, jamais saia sem o telefone celular na bolsa e, qualquer suspeita, ligue para mim.

— Fico tranquila sabendo que o senhor está atento, inspetor. Obrigada pela atenção.

Não sei por quê, quando ela desligou, pensei no filme *Sexo, mentiras e videoteipe*.

Em seguida liguei para Júlio. A mesma coisa. Educado, formal, gentil: — Não, inspetor, ninguém incomodou mais. Agradeço sua atenção.

Porra, foram feitos um para o outro.

Liguei para Alba, na academia. Depois de algumas transferências de ramal, atendeu.

— Oi, Espinosa, pensei que tivesse me achado muito perigosa. Afinal, no primeiro dia em que saímos juntos, atiraram em você.

Sem dúvida, era outra receptividade.

— Como vai, Alba? Estou telefonando para saber se estão deixando você em paz.

— Espinosa, você acha que faço toda essa ginástica para me deixarem em paz? O dia em que isso acontecer é porque estou morta.

— Não me refiro a esse tipo de perturbação, mas àquele outro da segunda-feira — disse, tentando não sorrir.

— Ah, não. Acho que você botou ele pra correr. Por falar em correr, não quer correr um pouco aqui na academia? Não que esteja precisando, você até que é enxuto, mas outro dia, quando subiu as escadas, chegou aqui em cima bufando. Isso é falta de exercício.

Houve um leve tom malicioso na voz ou foi impressão minha?

— Alba, só de olhar aqueles rapazes nos aparelhos eu perco o fôlego.

— Espinosa, você perdeu o fôlego foi com as meninas. Nossa atendente está até hoje esperando que alguém a olhe como você a olhou.

— *Touché*.

— O que foi que você disse?

— Que você está cheia de razão. Posso acompanhá-la hoje, novamente? Se sair daqui agora, devo estar aí por volta das sete e meia.

— Tudo bem, devo sair lá pelas oito horas. Mas tem um detalhe...

Achei que fosse dizer que Júlio também estaria lá.

— O que é? — perguntei aflito.

— Às sete e meia, Adriane não estará mais aqui.

— Adriane? Quem é Adriane?

— A recepcionista — disse rindo.

— Mas você estará, é o que importa.

Desliguei, surpreso comigo mesmo. Começava a noite de sexta-feira.

Não era encontro de trabalho, o telefonema indicava isso, mas também não era claramente um encontro amoroso, estava amparado nos anteriores, que foram estritamente profissionais, apesar de o último terminar com uma tonalidade afetiva nada ambígua. Minhas fantasias juvenis sempre incluíram uma situação na qual eu e uma mulher éramos alvo de um atentado ou coisa parecida, e eu heroicamente a protegia com meu próprio corpo, e dessa proximidade corporal surgia uma paixão avassaladora. A situação perigosa era rápida e eficientemente superada e tínhamos o caminho livre para nos amarmos. O encontro com Alba reproduzia a cena prototípica juvenil com todos os ingredientes, faltava apenas a paixão avassaladora. Ou, com minha incompetência congênita para qualquer romantismo, deixara passar o momento. Tudo indicava que estava havendo uma segunda oportunidade, apesar de não achar as coisas muito claras.

A verdade é que em determinado momento de minha vida me dei conta de ter perdido o código das formas de aproximação amorosa. Quando era rapaz, numa festa, o simples fato de ao dançar segurar a mão da moça para baixo ao invés de para cima, ou trançar os dedos ao segurar a mão eram sinais inequívocos de início de namoro; se, numa situação qualquer, uma mulher ao nos ver detinha o seu olhar um átimo além do normal, era sinal de que poderíamos tentar uma aproximação; se essa mesma fração de tempo prolongava um aperto de mão numa apresentação, era o prenúncio de um encontro possível; um piscar de olho era capaz de dar início a uma relação amorosa. Éramos minimalistas e não sabíamos. Agora, quando uma mulher como Alba agarra meu braço com ambas as mãos ao caminharmos, quando envolta num roupão pergunta se vou deixá-la sozinha no apartamento, como na noite após o atentado, mas

ao mesmo tempo refere-se a Júlio como sendo seu namorado, não entendo mais nada. Perdi meu código antigo e não conheço o novo. Efeitos do casamento.

Cheguei, faltando quinze minutos para as oito horas. Fui direto para a escada nos fundos da sala de musculação. Alba me viu chegando, desceu e nos encontramos no meio do caminho, no segundo andar. Estava alegre, sorridente e cheirosa. O último item me deixou particularmente perturbado. Beijamo-nos na face e descemos, ela um degrau atrás do meu, com as duas mãos nos meus ombros. Estava inteiramente de preto: tênis, meia-calça, short e camiseta de mangas compridas, nas costas uma minimochila de couro. O colorido do rosto compensava a falta de cor da roupa. Quando já estávamos na calçada, perguntou se eu viera de carro.

— Vim, mas, se você quiser, podemos ir caminhando.

Olhou-me com um olhar interrogativo e acrescentei:

— Não se preocupe, não haverá bangue-bangue.

E começamos a refazer o percurso da última vez. Novamente segurou meu braço com ambas as mãos. Impossível os corpos não ficarem muito juntos.

Mais por hábito do que por necessidade, como quem não está certo da direção a seguir, olhei em torno. Numa olhada rápida, parecia limpo. No entanto, chegando à primeira esquina, ao invés de continuarmos pela mesma rua, decidimos tomar um caminho diferente, dobramos à direita e fomos pela Visconde de Pirajá. O movimento de carros e gente era intenso, boa parte do comércio ainda estava aberta, o céu estava nublado mas sem ameaça de chuva e a temperatura agradável. Conversamos como dois enamorados que, por motivos alheios às suas vontades, há tempos perderam-se um do outro e agora se reencontraram por acaso. Celebramos o reencontro quando chegamos ao apartamento: encomendamos uma pizza gigante e abrimos uma garrafa de vinho.

Demo-nos conta da extensão e da intensidade do reencontro no dia seguinte, corpos entrelaçados, lençóis embolados, luz entrando pela persiana que não chegou a ser abaixada. A boca seca pelo vinho fez com que me levantasse à procura de água. O relógio da cozinha marcava sete e quinze. Liguei a máquina de café. Alba passou por mim inteiramente nua e beijou minhas costas. Pegou uma caixa de suco de laranja na geladeira. Levamos o café e o suco de laranja para a cama. Quando levantamos pela segunda vez, passava do meio-dia. Corpo e alma sorriam.

A CARTA ROUBADA

1

Sábado, uma hora da tarde. Depois de telefonar do apartamento de Alba para Welber, refiz o percurso da véspera para pegar meu carro. Continuava estacionado em frente à academia. No caminho para casa, tentei arrumar na cabeça alguns dados fornecidos por Welber. O laudo cadavérico extraoficial praticamente confirmava minha suspeita, o corpo encontrado na Baixada Fluminense coincidia com a avaliação que fizéramos, de memória, do corpo de Max. Antes de ser queimado, levou um tiro na cabeça, entre os olhos. Coisa de profissional. A impressão que eu tinha é que nos afastávamos cada vez mais de Ricardo Carvalho, ponto de partida e motivo de nossa investigação. Sua morte parecia diluir-se na bruma dos acontecimentos que lhe sucederam; cada um dos quais, por sua vez, tendia rapidamente a perder realidade para dar lugar a um outro e assim por diante. Não que eu achasse que as mortes já sabidas não tivessem realidade. Longe disso. O que me assustava era o deslocamento ou a multiplicação do centro de interesse da trama. E mais uma vez me dava conta de que não tínhamos propriamente uma trama, ou ainda, não tínhamos um universo de fatos no centro do qual estava o assassinato de Ricardo Carvalho. Estava mais inclinado a pensar vários universos do que pensar que todos os acontecimentos pertenciam a um campo único cujo centro se deslocava. Mas, na verdade, essas considerações serviam apenas para disfarçar um fato fundamental: eu estava perdido e minha bússola quebrara.

Tem gente que, quando entra em casa, é recebido pela mulher, pelos filhos ou por um alegre cachorro abanando o rabo; eu sou recebido pela secretária eletrônica. Tenho quase certeza de que ela pressente minha chegada, ouve meus passos na escada, reconhece o barulho das chaves e, como não tem rabo para abanar, começa a piscar freneticamente. E pelo tanto que piscava naquela tarde de sábado, parecia que finalmente o mundo me descobrira.

De todos os telefonemas, um me chamou especialmente a atenção: voz de mulher que eu nunca ouvira e que interrompeu o recado antes de completar a primeira frase e de se identificar. Havia ainda um recado da irmã de Max. Depois de tomar banho, fazer a barba e preparar café, comecei a responder os telefonemas pela irmã de Max. “Uma mulher ligou para cá de manhã bem cedo perguntando por Max. Ficou espantada quando eu comecei a perguntar por ele. Disse que tinha coisas a falar sobre Max. Expliquei-lhe que ele desaparecera e que a polícia estava interessada. Perguntou quem estava cuidando do caso e dei seu telefone.” A voz era desconhecida para ela. Como a mulher tinha meu telefone e eu não tinha o dela, nada havia a fazer senão esperar.

Mais uma tarde de sábado, livros para colocar em ordem, pequenos consertos no apartamento, promessas de arrumar o inarrumável. A diferença estava na noite anterior. A espontaneidade de Alba era quase escandalosa comparada ao meu sentimento de ser estrangeiro no mundo. Enquanto eu ficava procurando signos orientadores dos meus atos, Alba deixava-se ser. Isto. Pura e simplesmente, deixava-se ser. Na cama, não pretendia ser a maior amante do mundo; falando, não queria ser a mais inteligente e persuasiva; andando nua pelo apartamento, não tinha por finalidade exibir o corpo (lindo); da mesma maneira que, ao respirar, não queria demonstrar que estava viva. Alba é espontaneamente, eu sou artificialmente, Bia é afetadamente. Não sei se isto adianta alguma coisa ou leva a algum lugar, ao menos tem a vantagem de marcar as diferenças. E são diferenças que fazem diferença. Se Bia viesse ao meu apartamento, tenho certeza de que eu perderia parte do tempo

me justificando. Os móveis que mantinha porque foram de meus pais, os livros que estavam empilhados porque não tivera tempo de mandar fazer uma estante, o carpete que não trocara porque não decidira se trocaria os móveis da sala. Se fosse Alba, meus embaraços continuariam existindo, mas não sentiria necessidade de me justificar.

Sentado na sala, com a porta da varanda completamente aberta, o foco do meu olhar não incidia sobre coisa alguma em particular, oscilava entre o meu pé estendido sobre a mesinha de centro, o prédio do outro lado da praça e o morro mais distante. Nem meu pé nem o morro tinham naquele momento qualquer interesse particular. Nenhuma das coisas visíveis interessava especialmente. Quando me detinha conscientemente em algo, era sobre os detalhes da noite anterior, o que incluía frases, fragmentos de frases, corpo, segmentos de corpo, odores, texturas, movimentos, hálitos, suores, olhares, sons, formas, intensidades. O que tornou Alba acessível enquanto Bia permanecia inacessível? Será que Alba pertence a uma classe inferior de mulheres para as quais esse fato não se constitui como problema? Algo que poderia ser enunciado da seguinte maneira: “policiais somente podem se relacionar afetivamente com mulheres de classes inferiores”. Resumindo, policiais são uma classe inferior de homens, e classe inferior relaciona-se com classe inferior. Em vez de luta de classes, ajustamento de classes.

Não posso negar que tenho uma certa curiosidade por Júlio Azevedo. O que o torna preferido? Sem dúvida, é bem-apessoado, tem uma bela voz, é arquiteto e professor universitário e tem uma secretária eletrônica que atende em três idiomas. E curiosidade é uma forma de atração. No entanto, a pessoa dele não me agrada. Medroso, hesitante, ambivalente nas relações afetivas, profissionalmente ambíguo, sedutor inconsequente... O retrato era estranhamente familiar... A curiosidade foi cedendo lugar à indignação, mas não estava claro qual o objeto da indignação, podia ser Júlio como podia ser eu mesmo. Estava ficando confuso. Inacreditável a capacidade que tenho para me confundir.

Quando ficava sozinho em casa nos fins de semana, o que acontecia sempre, colocava em ação meu plano de arrumação total. O apartamento deveria ficar arrumado como se eu fosse hospedar alguém importante. O plano não incluía apenas a ordem aparente mas também meus livros, discos e tudo mais. Secretamente, acreditava que uma vez o mundo dos objetos estando arrumado, minha vida afetiva se arrumaria automaticamente. Dada a ordem de grandeza do projeto, precisava escolher um ponto de partida. Poderia começar pelos livros (como já havia ensaiado) ou pelos objetos pessoais, pelas roupas ou pelos móveis, pelos eletrodomésticos que estavam à espera de conserto ou pelo estofamento dos móveis da sala. Como a decisão era difícil, até mesmo pela falta de uma tabela de hierarquias domésticas, eu ficava andando da sala ao quarto, do quarto à cozinha, desta ao banheiro, e voltava à sala. Quase sempre o tempo se esgotava e eu me surpreendia largado no sofá lendo um livro que encontrara nesse périplo. Era exatamente o que acontecera, quando fui despertado pelo telefone.

— Inspetor Espinosa?

— Sim.

— Meu nome é Rose...

2

Júlio me telefonou domingo por volta de meio-dia, Bia ligou no meio da tarde. Ambos queriam marcar encontro comigo, mas preferiam que não fosse na delegacia. Quando propus que nos encontrássemos à noite, sem esperarmos a segunda-feira, tive impressão de que ficaram aliviados. Marcamos encontro num desses bares da avenida Atlântica com mesas espalhadas pela calçada e frequentados mais por turistas do que por cariocas, mas que são ótimos para uma conversa privada, salvo pelo assédio dos engraxates, dos vendedores de marionetes, dos desenhistas oferecendo-se para fazer o retrato da bela senhora, dos vendedores de flores e de bilhetes de loteria.

Cheguei primeiro, logo em seguida chegaram Bia e Júlio, cada qual em seu carro. Evidentemente haviam combinado os telefonemas e o encontro, o que não tinha nenhuma importância quanto ao motivo de quererem falar comigo mas tinha importância pelo fato de indicar que continuavam a se encontrar. Bia estava vestida do modo mais discreto possível e estava linda. A impressão que dava é que quanto mais se esforçava por esconder-se, mais aparecia. Júlio apenas confirmava minha suspeita de que fisicamente era parecido comigo e eu esperava que a semelhança terminasse aí. Eu escolhera uma mesa central de modo a ficarmos protegidos dos intrusos, e foi encantador ver Bia esgueirando-se sinuosamente por entre as cadeiras até chegar onde eu estava. A conversa foi um tanto esquizofrênica até o garçom trazer os chopes e as batatas fritas. Sua saída foi como uma palavra de ordem para que Júlio e Bia introduzissem simultaneamente o tema do encontro.

— Estamos sendo ameaçados — e, como eu não demonstrasse surpresa, completaram — ... pela polícia.

Fiquei surpreso.

— Por isso não queríamos que o encontro fosse na delegacia.

Pedi que contassem tudo.

— Não temos muito o que contar — Bia disse. — Assim que cessaram as perseguições de automóvel, tiveram início os telefonemas. Os primeiros eram um pouco incoerentes, já que nada de específico era dito. Havia uma referência velada à morte de Ricardo, mas nada era dito com muita clareza. Nenhum pedido, nenhuma instrução, nada que esclarecesse a intenção de quem estava telefonando.

— Voz de homem ou mulher?

— Homem — responderam em uníssono. — O segundo telefonema foi mais revelador — continuou Bia. — Assim que ele começou a falar, ameacei chamar a polícia. Foi então que ele disse: “Não precisa chamar, madame, a senhora já está falando com ela”. Desliguei assustada. Não sabia a quem recorrer. Se o telefonema era autêntico, eu estava sendo ameaçada pela própria polícia. Foi então que decidi falar com Júlio. Meu susto foi ainda maior quando ele disse que também estava sendo ameaçado. No terceiro ou quarto telefonema, não lembro bem, a coisa ficou mais clara, isto é, ficou claro o que pretendia o chantagista, mas ficou muito mais confuso para mim.

— Quantos telefonemas foram, no total?

— Cinco ou seis, não sou capaz de precisar — disse Bia.

— O mesmo para mim. Acho que ele telefonava para nós dois à mesma hora, como se soubesse quando cada um de nós estaria em casa.

— Por que o verbo no passado? Você acha que pelo fato de estar me contando, os telefonemas vão cessar, como se eu soubesse quem é o autor? — disse isso de um jeito não muito simpático.

— Claro que não, inspetor; se desconfiássemos do senhor, não estaríamos aqui.

Também não gostei do plural, "desconfiássemos", "estaríamos". Não estava naquele instante me dirigindo aos dois, mas apenas a ele, por que incluir Bia na minha pergunta? Foi a vez de ela falar:

— Inspetor, sabemos que é difícil para um policial honesto ouvir a declaração de duas pessoas vítimas de chantagem da própria polícia, mas se o chamamos é porque temos plena confiança no senhor. Além do mais, ainda não lhe contamos tudo.

— E o que estão esperando?

Foi Júlio quem continuou:

— Apesar da referência anterior, não tínhamos prova alguma de que o suposto chantagista pertencia de fato à polícia. A impressão que me dava é que ele estava de posse de algumas informações, mas não sabia relacionar umas às outras e esperava obter a chave da articulação através do procedimento intimidativo. Acontece que, como não tínhamos nada a acrescentar ao que ele já sabia, a ameaça ficou sem conteúdo preciso. Era evidente que estava jogando verde para colher algum dado a mais. Disse que sabia que Bia e eu éramos amantes — o que não é verdade, só que ele não sabe; disse que matamos Ricardo Carvalho para ficarmos com o dinheiro do seguro; disse ainda que não tínhamos nenhum álibi convincente; e terminou dizendo que era uma pena que duas pessoas jovens e bonitas terminassem seus dias em prisões infectas, alvos de agressões de toda espécie. Não pediu nada. Terminou o telefonema dizendo que voltaria a ligar para negociar nossa liberdade.

Meu constrangimento devia ser visível, afinal de contas, tinha sido o único a entrar em contato com eles e a poder dispor das informações. Não convinha dizer que, além de mim, Welber, Aurélio e o delegado-titular dispunham da maioria das informações referentes ao caso; isso somente iria aumentar o pânico em que estavam. Tanto quanto eu, eles deviam saber que um milhão de dólares era suficiente para apagar a consciência moral de muito policial, sobretudo daqueles que já a tem desbotada a ponto de mal se perceber o que está escrito.

O fato é que, passados vinte dias desde a morte de Ricardo Carvalho, muita gente estava de posse de informações, ainda que fragmentadas, e isso, não apenas na polícia como também na companhia de seguros e na própria Planalto Minerações. Estava mais inclinado a admitir que o autor dos telefonemas era um aproveitador sem nenhuma ligação direta com as mortes e os desaparecimentos. Mesmo assim, tinha que descobrir quem era. Sabia que podia confiar na honestidade de Welber, mas não tinha tanta certeza quanto a poder confiar no seu silêncio. Um pequeno comentário sem nenhuma maldade, um descuido quanto a alguma anotação, uma menção descuidada a algo que levantasse suspeitas... em se tratando de um milhão de dólares, o faro dos policiais corruptos é superior ao de qualquer animal.

— Vou pedir duas coisas a vocês. A primeira é para não comentarem estes telefonemas com ninguém. A segunda é para continuarem atendendo e entrarem no jogo. Ele vai querer

ficar com o dinheiro do seguro em troca de deixá-los de fora do processo. Aceitem o jogo, prolonguem o mais possível as negociações e mantenham-me informado de cada passo e de cada detalhe por mais insignificantes que pareçam. E não se preocupem porque não deixarei vocês correrem risco.

Não sabia como poderia protegê-los sem contar com o auxílio de mais gente. Teríamos que ser só nós dois, Welber e eu, e, mesmo assim, depois de eu ter uma conversa com ele.

Não havia a menor possibilidade de o encontro se desviar para temas mais suaves e de podermos tomar alguns chopes descontraidamente apreciando o luar na praia de Copacabana. E tinha minhas dúvidas quanto a isso ser possível algum dia, e mesmo que fosse, não seria com os três presentes, um teria que sair de campo e não seria Bia. Despedimo-nos sem que ela tivesse tomado um único gole do seu chope. Talvez tomasse apenas vinho ou champanha. Chope na avenida Atlântica era coisa para suburbano ou turista. Depois de eles saírem, fiquei um bom tempo pensando no que haviam me contado. A bem da verdade, fiquei pensando mais em Bia contando do que no conteúdo contado. É fantástica a força com que em mim a imagem invade o mundo das palavras. Eu devia me tornar cineasta. Ou fotógrafo. Ou pintor. Um menino que devia ter pouco mais de dez anos invadiu o espaço das mesas e cadeiras, com uma caixa de madeira presa no antebraço.

— Brilho, doutor?

— Não, obrigado. Estão limpos.

— É pra me ajudar.

— Os sapatos são de camurça, não podem levar graxa.

— Eu passo uma escova dura. Vai ficar novinho.

— Tudo bem, ao trabalho.

E fiquei pensando em Bia passando por entre as cadeiras, num movimento de corpo permitido apenas às que foram abençoadas pelos deuses.

3

No dia seguinte, fui acordado pelo telefone. Nada mal para uma manhã de segunda-feira.

— Inspetor Espinosa?

Era a mesma voz do telefonema interrompido de sábado.

— Sim.

— Quem está falando aqui é Rose, ex-secretária do doutor Ricardo Carvalho na Planalto Minerações.

Minha boca estava pastosa, os olhos tentavam se adaptar à claridade que penetrava pela janela que eu acabara de abrir e uma fração mínima dos meus neurônios esforçava-se para estabelecer as conexões necessárias para minha fala não parecer demasiadamente retardada, mas o suficiente para eu perceber que era um telefonema importante. Tratei de despertar.

— Esperava seu telefonema, dona Rose. Lamento profundamente o que aconteceu à sua mãe.

A voz de Rose explodiu num misto de dor e raiva:

— Quem foi o animal que fez aquilo, inspetor?

— Ainda não sei, mas tenho esperança de, com seu auxílio, conseguir pegá-lo.

E antes que ela desligasse, como fizera no sábado, perguntei:

— Onde a senhora está?

— Acho que estarei mais segura se ninguém souber onde estou.

— Mas quero saber onde está, exatamente para protegê-la.

— Como protegeu minha mãe?

— Dona Rose, estive com sua mãe na véspera de sua morte e não havia o menor sinal de ameaça. Foi o desaparecimento da senhora que me levou a ela, e não alguma ameaça que estivesse sofrendo.

— Desculpe, ainda estou chocada com o que aconteceu.

— Não quer me dizer onde posso encontrá-la?

— Por enquanto prefiro não dizer; telefonarei para o senhor quando achar que é o momento.

— A senhora pode estar correndo risco de vida.

— Eu sei, por isso não quero dizer onde estou. Quando quiser falar comigo, deixe o recado na minha secretária eletrônica. E desligou.

Se pelo menos eu tivesse tomado o café da manhã, teria sido mais persuasivo. Seis e vinte da manhã. A moça acorda cedo. Inútil tentar dormir novamente. Como compensação, procurei caprichar no café da manhã. Recolhi todos os pedaços de queijo que estavam na geladeira, brie, camembert, emmenthal e um ressecado e endurecido provolone, restos de algum antigo queijos e vinhos, juntei uma geleia importada, preparei uma quantidade extra de torradas e botei a cafeteira para funcionar. Não era como o café da manhã do Plaza de Nova York, mas dava para enfrentar a manhã de segunda-feira na praça Mauá. O fato, porém, é que já deixara escapar Max e não queria repetir a dose com Rose. A caminho do centro da cidade, pensava em como não deixá-la escapar. Ela não tentaria ir ao apartamento, era esperta o bastante para saber da possibilidade de o prédio estar sendo vigiado. Sua própria secretária eletrônica pode ser acionada por telefone e, caso precise de dinheiro, pode retirar em caixas automáticos. Pode ficar longo tempo sem aparecer.

Cheguei à delegacia antes das oito horas. Quando faltavam dez minutos para as nove, Aurélio ligou. A companhia de seguros estava pressionando-o para aprofundar a investigação do caso Ricardo Carvalho. Quarenta e dois anos é muito cedo para morrer, sobretudo em se tratando de alguém que fez um seguro de vida de um milhão de dólares. Não acreditavam na possibilidade de sua morte nada ter a ver com o seguro de vida. O candidato mais próximo à crucificação por parte dos diretores era Aurélio, e ele estava pedindo socorro.

— Espinosa, tenho que mostrar serviço à companhia. Eles insistem na tecla do suicídio. Chegaram a levantar a hipótese de o executivo ter pago alguém para matá-lo. Acham impossível que uma pessoa com um seguro destes não morra de velhice. Para eles, seguro de vida é para ser levado ao pé da letra. Por um milhão, você não morre antes de lhe caírem os

cabelos, os dentes e outras coisas mais.

— Aurélio, desta vez não posso ajudá-lo, estou na mesma situação que você. Meu prazo se esgotou e o máximo que consegui foi multiplicar os cadáveres e os desaparecidos.

— Que tal almoçarmos juntos para analisarmos os dados de que dispomos? — perguntou. Não era o estilo de Aurélio, nunca forçava uma situação, devia estar realmente desesperado. Concordei com o almoço, embora não estivesse disposto a lhe oferecer mais do que já havia fornecido. Não pretendia revelar a ninguém o telefonema de Rose. Combinamos o almoço para uma hora da tarde, um pouco contra minha vontade, não me sentia bem sonegando informações a um amigo.

Aurélio estava realmente preocupado. Aposentara-se muito cedo e sua pensão era substancialmente engordada com o salário de investigador da companhia de seguros. No entanto, para que isso se mantivesse, era preciso mostrar serviço, e aquele era o tipo do caso que, se resolvido favoravelmente à companhia, poderia representar um aumento de salário. Devia estar sendo alvo da máxima pressão para descobrir o que seus diretores consideravam um caso óbvio de fraude.

Despedimo-nos com a promessa de que ajudaria no que estivesse ao meu alcance. E a promessa era autêntica.

De volta à delegacia, caminhei durante algum tempo pelas ruas do centro sem deliberar sobre o percurso. Caminhava como que guiado pelo piloto automático. Não gosto de fazer isso por períodos grandes de tempo, há sempre o risco de nos acostumarmos. Creio até que todos nascemos no piloto automático e que apenas alguns, um dia, assumem o comando. Naquele momento eu estava com pouca visibilidade, guiava-me com dificuldade por entre os passantes e o pensamento tinha dificuldade de manter uma linha minimamente coerente. Apesar das deficiências, retornei à delegacia são e salvo. A semana estava apenas começando.

Era o vigésimo dia. Os fatos ainda estavam bastante descosturados e meus relatórios, pouco conclusivos. O que me parecia fora de dúvida era que o desaparecimento de Rose estava ligado à morte de Ricardo Carvalho e que a morte de d. Maura estava ligada ao desaparecimento de Rose, mas não diretamente à morte do executivo. Era possível que o desaparecimento de Max estivesse diretamente ligado a todos os demais acontecimentos, mas eu achava pouco provável. Para o vigésimo dia da investigação, era pouco. O diretor-presidente da Planalto Minerações telefonara mais de uma vez para ficar a par dos “progressos da investigação”.

A segunda-feira estava chegando ao fim, mas eu não iria embora para casa. Esgotara-se o prazo que o delegado-titular me dera para a investigação da morte do executivo, e aquele era o meu primeiro plantão na rotina normal da delegacia. A partir daquele momento, a investigação do caso Ricardo Carvalho seria conduzida juntamente com os outros casos em andamento. Os jornais e a televisão desinteressaram-se. O destaque dado pela mídia à tortura e morte da mãe de Rose era devido à brutalidade do fato em si e não à sua possível ligação com a morte do executivo. A imprensa não havia estabelecido qualquer ligação entre os dois casos.

4

Estava perdido quanto ao que esperar e como me comportar com Alba. Há apenas dois dias dormíramos juntos e no entanto ainda me sentia cerimonioso diante de sua desconcertante espontaneidade. Não havia dúvidas de que gostara de mim, minha dúvida era sobre o que significava esse gostar. Poderia significar “gostei de dormir com você” e nada mais, como poderia significar “estou apaixonada, você é o homem de minha vida”. Havia ainda o fato de ela, em momento algum, ter descartado Júlio como seu namorado (ou a palavra mais adequada é “amante”?). Ou será que ela é do tipo fácil, que vai com qualquer um? O simples fato de fazer a mim mesmo essas perguntas me deixava desconfortável. Sentia-me antiquado como um Simca Chambord pneus banda branca.

Não adiantava perguntar a ninguém sobre o significado dos atos de Alba. Se por um lado ela apresentava a imagem estereotipada das mulheres de academia, por outro era capaz de sustentar um diálogo inteligente e ágil, era dona de suas ideias e de sua voz, além de ouvir Grieg e Vivaldi quando estava em casa. Quem não a conhecesse, certamente iria opinar com base na imagem física, que, apesar de ótima, nada indicava quanto às suas ideias.

Liguei para a academia. Quanto mais falasse com ela, mais disporia de elementos para uma interpretação. Eram cinco e meia da tarde. O pretexto era um jantar no dia seguinte. A voz de Alba era alegre e fresca.

— Oi, querido, saudades?

— Pensei em jantarmos juntos amanhã... hoje estou de plantão... poderia pegá-la...

— Seria ótimo, Espinosa, mas não vai ser possível. Júlio ficou de se encontrar comigo depois do expediente na academia.

— Desculpe, eu não sabia...

— Não fique embaraçado, querido, tenho algumas coisas para acertar com ele. Mas quarta-feira, se você estiver disponível, estarei pronta para enfrentar mais um capítulo do nosso bangue-bangue — disse sorrindo.

A noite foi tranquila e eu pude avançar algumas páginas do Conrad, que felizmente não tirara do banco de trás do carro e que foi uma agradável companhia na noite da praça Mauá. A leitura foi pontuada de intercorrências policiais e de elaboradas fantasias envolvendo Alba e Bia, não as duas juntas, uma de cada vez já era demais para mim. Às seis e quinze da manhã, o telefone tocou. Era Rose. Queria marcar hora para nos encontrarmos. Era a segunda vez que ela me pegava com sono e pouca agilidade mental. Duvido que fosse proposital, seria muita sofisticação para uma amadora. Disse que tinha telefonado para meu apartamento e, como ninguém respondeu, deixou o recado e lembrou-se de ligar para a delegacia. Tudo bem, mas permanecia o fato de ligar sempre de manhã muito cedo. Marcamos o encontro para as seis horas da tarde na estação do metrô do largo do Machado. Eu deveria ir com a mão esquerda enfaixada com gaze. Era amadora.

Tinha tempo bastante para descansar. Fui para casa pensando em Rose. Por que queria me encontrar? A menos que fosse ingênua, o que não parecia, corria o risco de ser acusada da morte de Max. A menos que ignorasse o fato... ou que o cadáver queimado não fosse o dele. Assim que entrei em casa, notei algo de diferente. Demorei alguns segundos para me dar conta de que a secretária eletrônica não estava piscando apesar de eu ter passado vinte e quatro

horas fora de casa. Era como se eu tivesse sido abandonado por meu cachorro. Tomei banho, deitei e regulei o despertador para cinco horas da tarde.

A estação do metrô estava superlotada. Faltavam cinco minutos para as seis horas e eu dava os últimos retoques na gaze com o esparadrapo. Percorri a estação de ponta a ponta exibindo a mão esquerda. Dois trens chegaram e partiram sem que eu fosse abordado por nenhuma moça com cara de secretária. Olhava em volta tentando identificar minha amiga oculta e o máximo que conseguia era admitir toda e qualquer moça com um aspecto razoável como pretendente ao cargo. Seis e quinze, nada. Às seis e meia, todas as pessoas presentes quando cheguei haviam sido substituídas por outras, apenas eu permanecia o mesmo. Desmanchei a atadura e fui embora. Ela agora sabia como eu era, enquanto eu a conhecia apenas de fotografia.

Na saída da estação procurei uma cesta de lixo para me desfazer das ataduras, o que fiz com certo embaraço, sentindo que me olhavam como se fosse um farsante. E de fato era. A voz veio de muito perto e me assustei.

— Inspetor Espinosa?

Era uma mulher jovem, bonita, vestida com jeans, camiseta e tênis, com uma bolsa a tiracolo. Antes que eu falasse qualquer coisa, foi dizendo:

— Desculpe fazê-lo esperar tanto, mas precisava saber se não tinha mais alguém.

— E por que eu traria mais alguém para me encontrar com você? Afinal, não me parece tão perigosa.

Tentei brincar, mas ela estava séria apesar de simpática.

— Não me refiro a um colega seu, mas a alguém que soubesse que iríamos nos encontrar. Vamos sair daqui?

Caminhamos até o carro em silêncio olhando disfarçadamente um para o outro numa investigação preliminar. Assim que entramos no carro, perguntei:

— Então, passei no exame?

— Desculpe-me por tudo isto, inspetor, mas é que estou assustada. O que fizeram com minha mãe deu a medida...

— Vamos a um lugar onde possamos conversar e eu possa prestar atenção ao que você tem a dizer.

— Tudo bem, mas, por favor, vamos a um lugar movimentado, me sinto mais segura.

Paramos no Restaurante Lamas, a duas quadras de distância. Àquela hora ainda não estava tão movimentado quanto ela gostaria, mas estava ótimo para conversarmos sem ninguém na mesa ao lado escutando. A hora era indefinida, tarde para lanche e cedo para jantar. Depois de percorrermos o cardápio um tanto perdidos, pedimos um lanche completo. Afinal, eu acordara há pouco mais de uma hora, ainda não era tempo de beber.

— Inspetor, soube da morte de minha mãe pela televisão e ainda não falei com ninguém a respeito. Por que fizeram aquilo?

— Porque queriam uma informação que julgaram que estaria de posse, e mataram-na para que posteriormente não reconhecesse o autor.

— Que informação era essa?

— A primeira delas era onde você estava, a segunda creio que seria retirada de você pessoalmente.

— Quer dizer que minha mãe morreu para me proteger...

— Não estou certo quanto a isso, acho que morreu porque não sabia onde você estava.

— Não precisavam...

A voz era triste e havia uma tristeza verdadeira em seu rosto, mas o olhar era seco como um estampido.

— Por que estão atrás de você? E quem está atrás de você?

— Não sei.

— O que você não sabe? Quem está atrás de você ou o que querem? Ou ambas as coisas?

— Ambas as coisas.

— Nesse caso, é melhor irmos embora e você deixar de me telefonar às seis horas da manhã para depois ficar contando mentiras.

— Qu... que mentiras? O que você sabe a respeito de tudo isso?

— Certamente menos do que você, mas o suficiente para saber que está mentindo. Por exemplo, o que aconteceu com Max?

A pergunta a atingiu em cheio, mas ela recuperou-se rapidamente dando a resposta clássica:

— Que Max?

— O que contou que viu você sair correndo do edifício-garagem Menezes Cortes, após ter atirado em Ricardo Carvalho, e livrar-se da arma do crime jogando-a num monte de sacos de lixo na rua da Quitanda.

— Filho da puta, ele disse isso?

— Então você o conhece?

— Ele descobriu que eu era secretária do doutor Ricardo Carvalho e telefonou para a companhia tentando me cooptar para tirar dinheiro da viúva.

— De que maneira?

— Não cheguei a saber ao certo, acho que era qualquer coisa relativa ao seguro de vida que ela iria receber, queria que eu servisse de intermediária, telefonou duas vezes na tarde em que doutor Ricardo foi enterrado, depois não telefonou mais.

— Da maneira como você reagiu, me deu a impressão de que vocês se conheciam.

— Ele queria marcar um encontro comigo, mas eu recusei. Nunca nos vimos.

— Por que, então, ele iria inventar a história do revólver? A meu ver, ela só faria sentido se ele tivesse certeza de que você não pudesse refutá-la.

— O senhor está insinuando com isto que ela seja verdadeira?

— Tenho que admitir todas as possibilidades, afinal, você não a refutou. E várias outras coisas eu gostaria de saber. Por exemplo, na noite em que Ricardo Carvalho foi assassinado,

você saiu logo depois dele do escritório, aonde você foi? Posso levantar várias hipóteses. Primeira. Vocês eram amantes e se encontravam regularmente nos dias em que ele ia jogar tênis e o local de encontro era o edifício-garagem. Fiz uma rápida investigação na academia que ele frequentava e constatei que apenas esporadicamente aparecia nas terças e quintas. Ao invés do tênis, vocês iam para um motel. Ele se cansou de você e você o matou. Segunda hipótese. Você foi se encontrar com ele no edifício-garagem, como de costume. Chegando lá viu-o ser morto e conhecia o assassino. Para seu azar, o assassino também viu você. Fugiu com medo de ser morta. Terceira hipótese. Igual à segunda, com a variante final de que tentou chantagear o assassino. Ameaçada de morte, fugiu. Quarta hipótese, você foi cúmplice...

— Chega — interrompeu exaltada —, isso tudo é absurdo.

— Então, que tal me contar a verdade? Pode começar me dizendo por que marcou este encontro comigo.

— Já disse, porque estou com medo.

— Medo de quê?

— De me matarem, porra, de fazerem comigo o que fizeram com mamãe.

— Voltamos ao começo. O que você sabe que faz com que queiram matá-la?

— Eu vi o assassino e ele me viu.

— Você o conhecia?

— Não, mas ele me seguiu, descobriu onde eu morava e me ameaçou por telefone. Disse chamar-se Max.

— Escute, mocinha, tenho vários motivos para prendê-la, mas o mais forte no momento é ter marcado este encontro para contar esse amontoado de mentiras. Alguns policiais são estúpidos, não todos. Quer que eu acredite que foi testemunha de um assassinato, que o assassino a seguiu até sua casa e que telefonou dando nome e endereço e que, com medo de ser morta, fugiu deixando sua mãe entregue ao assassino? Ou você é imbecil, ou acha que sou imbecil. Quando quiser falar a verdade, telefone. E não precisa fazer toda aquela palhaçada da estação do metrô.

Deixei o dinheiro na mesa, levantei-me e fui embora. Antes de abrir completamente a porta do carro, ela já estava me puxando pela manga do paletó.

— Desculpe. Não acho que você seja imbecil. Vamos conversar, estou disposta a contar a verdade. Você mora sozinho? Podemos ir à sua casa? Fico aterrorizada também em lugares públicos.

5

— Está acordando, não toquem nele, não sabemos o que aconteceu. Acho melhor chamar uma ambulância.

As vozes eram fracas, mas distintas. Minha boca estava com um pouco de terra e sentia uma forte ardência na parte de trás da cabeça. Quando me dei conta do que acontecera, tentei levantar rápido, mas as pernas não obedeceram inteiramente, eu estava bastante tonto. Dois

rapazes me ajudaram a ficar de pé. Perguntei a um deles o que tinha acontecido.

— Não sei. O senhor estava caído no chão quando manobramos para entrar na vaga, aqui está muito escuro e quase passamos por cima do senhor, a sorte foi que entramos de frente e não de ré. O que aconteceu? O senhor sentiu-se mal e caiu?

Eram dois a perguntar.

— Fui agredido, estava abrindo a porta do carro... tinha uma moça comigo... o que aconteceu com ela?

— Não vimos nada, estávamos estacionando o carro quando vimos o senhor caído. O senhor está machucado? Quer que o levemos a um hospital?

— Não, obrigado. Eu estou bem.

Não estava bem. A cabeça doía bastante e ainda estava tonto. Estava também um pouco enjoado. Minha arma estava no coldre e carteiras e dinheiro nos bolsos. Nada estava faltando, a não ser o carro e Rose. Voltei ao restaurante para me lavar e liguei para Welber. Preferia manter o ocorrido longe dos ouvidos da delegacia. Enquanto esperava, interroguei guardador, porteiros, jornaleiro. Nada. Ninguém viu nada.

Quando Welber chegou, quarenta minutos depois, eu estava tomando um chope numa mesa perto da entrada. Seu rosto era de preocupação. Antes de se sentar, rodeou-me, examinando-me ostensivamente.

— Espinosa, seu cabelo atrás está empapado de sangue, vamos a um hospital.

Eu me lembrava de quando era criança e que minha mãe dizia: "Se saiu sangue está tudo bem, ruim é quando sai pra dentro". Enquanto terminava a bebida, fiz um relato sucinto do ocorrido. Procuramos ainda alguém que tivesse visto alguma coisa, mas foi inútil. O local onde parara o carro era afastado da entrada do restaurante, as lojas já estavam fechadas, não havia ponto de ônibus perto, era hora do jantar, o trecho da rua não era movimentado à noite.

Welber me levou de carro para casa. No caminho, perguntei-lhe inúmeras vezes como alguém poderia saber que eu estaria naquele momento, naquele local, com aquela pessoa. Tudo bem, fui seguido o tempo todo, mas como meu seguidor sabia que aquele era o dia e a hora de me seguir? Ou será que estavam me seguindo todos os dias e todas as horas? Pouco provável. Escuta telefônica? Não haveria razão para tanto. Foi então que tive certeza de que a porrada na cabeça não destruíra muitos neurônios.

— A secretária eletrônica! — gritei.

Welber pisou no freio reflexamente e olhou para mim assustado.

— A secretária, Welber — continuei dizendo.

— O que tem a secretária? De qual secretária você está falando?

— Da minha secretária, Welber, ela não piscou para mim quando entrei em casa hoje.

Meu colega teve certeza de que a pancada produzira sérios danos. Mesmo assim, foi gentil e pediu que eu explicasse do que estava falando.

— É o seguinte — falei como se estivesse me dirigindo a uma criança. — Não tem um único dia — eu disse — em que chego em casa e não encontro a secretária eletrônica piscando, indicando que tem recado gravado. Hoje cheguei em casa depois de um plantão de

vinte e quatro horas e ela não estava piscando. É impossível que o telefone não tenha tocado durante o dia inteiro. Sabe por que ela não estava piscando, Welber? Porque alguém entrou na minha casa e ouviu os recados. Foi assim que soube que Rose telefonara para mim.

Meu companheiro estava evidentemente sentido por eu não ter-lhe contado nada sobre Rose. Há quanto tempo eu sabia dela? Onde estava escondida? Por que fugira? Contei-lhe sobre os telefonemas e o encontro.

— Ninguém poderia saber de nada, Welber, você é a primeira pessoa com quem estou falando sobre a moça. A menos que ela tenha falado com alguém, do que duvido, estava apavorada.

Chegamos em casa. A primeira coisa que fiz foi verificar os recados na secretária. O primeiro recado do dia era de Rose. Ela não se identificava, mas para quem estivesse ligado no caso era fácil adivinhar quem era. Pedi a Welber que se servisse de bebida e me esperasse enquanto tomava uma chuveirada. A água fria na cabeça diminuiu o mal-estar. Voltei à sala vestindo um roupão sem ter-me enxugado inteiramente.

— Meu caro, duas constatações. Primeira. O filho da puta é competente. Segunda. Eu sou um incompetente.

Welber tentou me consolar, mas foi inútil.

— O fato é que o sujeito entrou no meu apartamento, ouviu meus recados e saiu sem deixar rastro. Seguiu-me durante toda a tarde sem que eu desconfiasse, tirou a moça das minhas mãos sem que eu sequer o visse e ainda saiu com meu carro sem deixar testemunhas. Porra, Welber, o cara é um gênio e eu sou uma besta. O melhor que faço é largar a polícia e abrir uma livraria. Isto, se eu ainda souber ler.

Acabei de me vestir e demos uma olhada geral no apartamento. Nada faltava e não havia qualquer indício de o intruso ter entrado nos outros cômodos. Não era um ladrão, estava interessado somente numa coisa, em saber se Rose entrara em contato comigo. Agora, não somente tinha a resposta para essa pergunta como para muitas outras, e o que me deixava apavorado era o método que empregava para obtê-las. Tinha que descobrir com a máxima urgência quem era o raptor e para onde levara Rose. E não sabia sequer por onde começar. De nada adiantava pedir ajuda à Divisão Antissequestro e coisas do gênero. Não se tratava propriamente de um sequestro ou pelo menos não era um sequestro como os que eram noticiados a todo momento pela mídia. Seu objetivo certamente não era resgate em troca de dinheiro. Rose não tinha dinheiro, mas estava de posse de algo que interessava a alguém que não se importara de torturar e matar uma velhinha. Além do mais, se eu não confiava na competência da polícia, confiava menos ainda na honestidade dos policiais.

— Não podemos ocultar inteiramente o ocorrido. Temos que comunicar pelo menos a agressão e... vamos chamar de rapto de testemunha cujo nome será mantido em sigilo para não prejudicar o andamento das investigações. Ou devemos chamar de arrastamento das investigações?

— Espinosa, não adianta voltar toda essa virulência crítica contra você mesmo. Daqui a pouco você vai se culpar pela morte do executivo. Que tal passarmos por um pronto-socorro para darem uma olhada na sua cabeça?

— Bobagem, Welber, não é por fora que ela tem que ser vista.

Descrevi para Welber cada passo meu naquela tarde. Em seguida, repassamos a lista dos nomes ligados à morte de Ricardo Carvalho. Welber, estamos, ou melhor, eu estou espantado com a eficiência do sujeito que tira Rose de minhas mãos como quem tira flores de uma ceguinha, mas não pensamos ainda na possibilidade de ter sido alguém conhecido dela. Somente assim poderia se arriscar a chegar perto de nós dois. Caso fosse visto antes de me agredir, bastaria abrir um sorriso e festejar a coincidência do encontro.

— A outra possibilidade — acrescentou Welber — é eles estarem cumpliciados e toda a cena ter sido uma farsa.

A cabeça ainda doía. E mais do que ela, meu amor-próprio. O incrível é que pessoas estavam morrendo, desaparecendo, sofrendo, em consequência de uma morte que ninguém parecia lamentar e cujo desvendamento também parecia não importar a ninguém além de nós. Liberei Welber.

6

Fiquei imaginando o encontro de Alba com Júlio. Encontro de despedida. Desencontro amoroso. Reafirmação e manutenção do já existente. Amor, versão romântica do hábito, espécie de sempre-unidos com música de Frank Sinatra ao fundo. Claro, eu não estava nos meus melhores dias, além de a cabeça estar doendo mais do que na véspera.

Demos um alerta geral para o rapto de Rose, carregando no fato de um policial ter sido gravemente ferido, para aguçar o espírito de classe. Não acreditávamos nem um pouco que o alerta surtisse qualquer efeito, mas como não dispúnhamos de mais nada, ele era tudo.

No dia seguinte, vi a fotografia de Rose distribuída por fax e computador. Correspondia a qualquer mulher na faixa dos vinte aos quarenta anos de idade. Meu carro foi encontrado no Humaitá. Evidentemente sem nenhuma pista útil. Até mesmo o local onde foi encontrado, perto do túnel Rebouças, apontava para a zona norte e o centro da cidade, como também para toda a zona sul e Barra da Tijuca via Lagoa e Jardim Botânico. Em suma, não faria a menor diferença se o raptor tivesse largado o carro na porta da sua casa.

Telefonei para Bia Vasconcelos. Como eu não tinha nenhuma direção privilegiada, que fosse a mais agradável. Ninguém atendeu. Tentei o ateliê. Atendeu. A voz melodiosa, a maneira educada, gentil e correta de falar, tudo me encantava. Depois dos cumprimentos e comentários de praxe, veio a pergunta fatal:

— Então, inspetor, a que devo o prazer de seu telefonema?

Numa fração de segundo, imaginei a situação inversa. Como seria se eu fosse um designer internacionalmente conhecido, rico, herdeiro de uma fortuna respeitável, e uma policial da delegacia da praça Mauá começasse a me telefonar e a aparecer na minha casa? Será que eu seria todo simpatia e a convidaria para vir a minha casa a fim de nos tornarmos amigos? Merda, Espinosa, policial é policial, seja homem seja mulher.

— Inspetor?

Desculpei-me pelo impróprio da hora (não havia impropriedade alguma), e perguntei se alguém voltara a importuná-la. Respondeu que não. Eu disse que ela não precisava mais se

preocupar, que o perseguidor encontrara o que procurava e que não incomodaria mais ninguém. Ela agradeceu aliviada e aguardou educadamente que eu me despedisse e desligasse. Fim do romance.

Do romance fantasiado por mim, claro. Em relação a Alba eu poderia admitir um início de romance, embora meu grau de certeza fosse pouco elevado, mas em relação a Bia não havia nenhum sinal da parte dela de um mínimo de interesse por minha pessoa. Quando muito poderia me achar um policial curioso, nada mais do que isso. E já era muito.

Com o sequestro de Rose, fui liberado novamente do plantão e voltei ao regime especial. Meu objetivo imediato era encontrar a moça, e eu sabia que a urgência era máxima. A julgar pelo que fez com a mãe dela, o sequestrador não hesitaria em repetir a dose com a filha. O que eu não sabia era o que ele queria. Se fosse dinheiro ou algum objeto, ela poderia tentar ganhar tempo alegando que não estava com ela, mas se fosse uma informação, a julgar pelas técnicas que empregava, poderia ser extraída rapidamente. Não havia para mim nenhuma dúvida de que o assassino mataria Rose uma vez obtido o que queria.

Eram onze e dez da manhã. Acabara de sair da delegacia, o dia estava cinzento ameaçando chuva e meu banco preferido na praça Mauá estava desocupado. Sentei-me, como de costume, de frente para o porto, era o que de melhor havia para ver e, sem que nada de especial a evocasse, lembrei da imagem da irmã de Max, mais personagem que pessoa, habitante de tragédia grega suburbana. Sequer sabia seu nome, não chegara a ver suas filhas, e sua própria casa tinha algo de irreal. Perdera os pais, marido, beleza, dinheiro nunca teve, perdeu a fé, manteve as filhas. Provavelmente perdera o irmão. Max era o candidato perfeito a assassino do executivo, da mãe da secretária, da agressão a mim e do sequestro de Rose... isso, se não estivesse gelado numa gaveta do Instituto Médico Legal. Deste último fato eu tinha quase certeza.

Começou a chuviscar. Era uma boa sugestão para levantar e procurar um lugar para almoçar. Não estava com vontade de comer cheeseburger com milk-shake mas também não tinha disposição para um prato de arroz, feijão, bife e batata frita. Iniciei uma caminhada em direção ao Bar Monteiro. Talvez o sanduíche de pernil e o chope ajudassem a clarear as ideias. Sem contar que ali perto, Carmem, colega de Rose na Planalto Minerações, poderia me ajudar. Tinha sido a única pessoa a manifestar o que me parecera uma preocupação genuína pelo paradeiro da colega. Se até o momento estava guardando algum detalhe para protegê-la, poderia ser mais cooperativa sabendo que Rose corria risco de vida.

A chuva não foi adiante. Alguns pingos ocasionais mas nada que perturbasse a caminhada. No meio do percurso, resolvi passar primeiro na Planalto Minerações. Era hora de almoço e Carmem dispunha de alguns minutos. Não demonstrou nenhuma estranheza por me ver ali mas não quis me acompanhar ao Monteiro, almoçava sanduíche natural que trazia de casa e guaraná diet. Acompanhei-a à sala que servia de copa e refeitório para os funcionários, também toda em preto e branco. Sentamos os dois numa mesa para quatro pessoas. O refeitório ainda estava vazio. Enquanto ela desdobrava meticulosamente o papel laminado expondo um sanduíche de pão preto com uma pasta de cor indefinida, contei-lhe sucintamente o reaparecimento e súbito desaparecimento de Rose. Ficou francamente assustada.

— Não creio que ela tenha mais vinte e quatro horas de vida. Tem que ser encontrada com a máxima urgência.

— O que o senhor quer de mim? Como eu posso ajudar?

— Vasculhando sua memória. Alguma vez Rose falou de algum lugar onde gostaria de ficar retirada? Ou alguém que ela procurasse em caso de necessidade?

— Acho que não. Rose não é uma pessoa voltada para a natureza. Se tiver que escolher um lugar para passar as férias, será uma cidade grande, jamais campo ou praia.

— E ela falava de alguma cidade grande que a interessasse particularmente?

— Nova York, Paris, Londres...

— Aqui no Brasil, nenhuma?

— Não que eu me lembre.

— E hotéis onde ela tenha se hospedado? As pessoas tendem a procurar lugares já conhecidos.

— Ela viajou várias vezes pela companhia acompanhando doutor Ricardo. Viajavam muito para o Norte e Nordeste. Posso fazer um levantamento dos lugares onde se hospedaram, basta consultar nossos arquivos.

— E aqui no Rio, ela precisou se hospedar em algum hotel?

A pergunta era delicada e corria o risco de entrar no terreno das possíveis intimidades entre patrão e secretária. Tinha certeza de que Carmem procuraria proteger tanto um quanto outro. Voltei a frisar que qualquer informação, mesmo relativa à sua vida privada, poderia salvar a vida de Rose. Mas a secretária do agora único diretor da Planalto Minerações não sabia de nenhum hotel utilizado pela colega aqui no Rio de Janeiro, sozinha ou acompanhada.

O sanduíche estava no fim e sua visão me lembrou o que estava à minha espera. Agradeci à secretária e já me levantava para sair quando ela disse, limpando a boca com guardanapo de papel:

— Não sei se tem importância, mas ela contou que quando veio para o Rio com os pais, ficaram hospedados durante uma semana no Hotel Novo Mundo, na praia do Flamengo, enquanto chegava a mobília e acabavam de pintar o apartamento, e que tinha uma lembrança muito boa daquele hotel, foi um tempo em que ela e os pais ficaram juntos, pouco depois o pai morreu.

Não resisti e dei um beijo em Carmem ao mesmo tempo em que procurava um telefone. Ela disse que eu poderia usar o da portaria. Mandei Welber encontrar-se comigo no hall do Hotel Novo Mundo com a máxima urgência, levando uma fotografia de Rose. Saí sem falar com mais ninguém. Sentia as batidas do meu coração. Corri até a avenida Rio Branco e peguei o primeiro táxi. Faltavam quinze minutos para uma hora quando saltei na porta do hotel.

O gerente ficou com os pelos da nuca eriçados quando mostrei a identificação, mas procurou ser o mais simpático possível. Disse-lhe que a sobrevivência de uma mulher estava dependendo da rapidez com que pudéssemos localizá-la, e que havia uma possibilidade de ela ser ou ter sido hóspede do hotel, seu nome é Rose Chaves Benevides. Vendo que não se tratava de nada contra o hotel, o gerente tornou-se totalmente prestativo. Consultou o computador e uma lista manuscrita e diante de ambos balançava negativamente a cabeça.

— Sinto muito, inspetor, nenhuma Rose, nenhuma Benevides e o único Chaves que temos é

homem.

— Ela pode ter-se registrado com outro nome. Verifique as hóspedes, pode eliminar as que estão acompanhadas. Ela é jovem, bonita, tem entre vinte e cinco e trinta anos, cabelos castanhos.

Para surpresa de Espinosa, o hotel tinha uma razoável quantidade de hóspedes mulheres sozinhas. Mas a descrição eliminava um bom número delas. O gerente estava considerando algumas possíveis quando Welber chegou com a foto.

— Ora, é a professora! — exclamou alegremente, para completar em seguida com ar preocupado: — Ela saiu ontem à noite e não voltou até agora, a chave ainda está no escaninho.

Quase que voamos sobre o escaninho, mas conseguimos conter o gesto e manter a compostura. Após as recusas e resistências de praxe, o gerente nos acompanhou até o quarto de Rose. Antes de abrir, tocou duas vezes a campainha e bateu na porta. Não havendo resposta, abriu-a. O quarto estava obsessivamente arrumado. Parecia que a ocupante, nada mais tendo a fazer, passava os dias arrumando as roupas e os objetos. A arrumação dos objetos reproduzia o geometrismo que eu vira no apartamento da mãe. Examinamos o quarto milimetricamente.

As roupas eram todas novas e funcionais. Também os objetos, havia os estritamente necessários. Tudo naquele quarto era novo, comprado logo após a fuga. Em cima da mesa, alguns livros. Romances. Enfileirados ao lado deles, dois volumes com lombada escura sem nada escrito, as duas agendas que faltavam na estante do seu quarto na Tijuca.

A descoberta do refúgio de Rose, apesar de tardia, foi da maior importância. A partir daquele momento, duas coisas podiam acontecer, dependendo do que o raptor estava procurando. Se era uma informação, Rose já deveria estar morta. Ele a teria torturado e ela contaria qualquer coisa. Uma vez obtida a informação, ele a mataria. Mas se o que ele procurava era um objeto ou dinheiro ou qualquer coisa que ela não carregasse na memória, poderia dizer que estava no apartamento do hotel, e neste caso viriam os dois buscar. O que tínhamos a fazer era rezar para que a segunda hipótese fosse a certa. E esperar.

Combinamos com o gerente que esperaríamos dentro do quarto e que ele deveria proceder com toda a naturalidade. Viesse ela sozinha ou acompanhada, deveria entregar-lhe a chave sem comentar nada sobre coisa alguma. Assim que pegassem o elevador ele ligaria para o quarto e deixaria o telefone tocar uma única vez. Pedi uma chave extra para podermos entrar e sair a qualquer momento. Ninguém do hotel, nem mesmo ele, o gerente, deveria entrar no quarto, sob qualquer pretexto. Encomendamos alguns sanduíches e refrigerantes, além de uma garrafa térmica com café. Poderíamos esperar uma hora ou um dia. Mais do que isto seria sinal de que a hipótese correta era a primeira.

Os sanduíches foram comidos no banheiro para não deixar nenhum cheiro forte no quarto fechado. Felizmente estava deixando de fumar. Welber nunca fumara, era a saúde personificada. Lembrei-me dos rapazes da academia de Alba, lembrei-me de Alba, do corpo de Alba, lembrei-me do nosso encontro marcado para aquela noite. Peguei as agendas de Rose. Não podíamos acender as luzes do teto, teríamos que ler com a luz que vinha do banheiro. Tomamos posição e iniciamos nossa vigília confiando no aviso do gerente e na segunda hipótese.

7

As agendas, além de cumprirem sua função específica, funcionavam para Rose como uma espécie de diário íntimo onde registrava de forma bastante abreviada e às vezes cifrada sua vida na Planalto Minerações. O caráter especial daqueles dois volumes devia-se ao fato de neles estarem registrados os encontros e as viagens que fizera com Ricardo Carvalho. Não eram descrições de encontros amorosos nem narrativas de viagens, eram apenas registros acompanhados às vezes de um breve comentário. A relação amorosa teve início há dois anos (aos quais correspondiam as duas agendas) e, ao que tudo indicava, ninguém na Planalto Minerações sabia de nada. Tampouco Bia Vasconcelos parecia estar a par dos encontros do marido com a secretária, ou, se estava, não dava importância ao fato. Não levei muito tempo para ler os dois volumes, não formavam um texto corrido, eram anotações breves, a maioria sem nenhuma importância para o caso.

As formas empregadas por Rose para cifrar as anotações eram tais que qualquer pessoa poderia decifrá-las sem maior dificuldade. Todo segredo escrito é para ser descoberto. A partir de um certo momento e cobrindo os últimos seis meses aparece com bastante constância referências a Nova York, sendo que da primeira vez está escrito apenas “Lucena descobriu Nova York!” seguido de exclamação. A anotação poderia ser uma referência inocente às belezas de Manhattan, não fosse uma outra de data mais recente com a observação “Situação Lucena/Nova York insuportável, alguma coisa tem que ser feita com urgência”.

O barulho do elevador fez com que eu apagasse rapidamente a luz do banheiro. O carpete do corredor amortecia inteiramente qualquer ruído de passos. Barulho de porta batendo e em seguida silêncio absoluto. Acendi novamente a luz. Welber estava imóvel sentado no canto que ficava na diagonal da porta de entrada. Na penumbra, confundia-se com um móvel. No canto oposto ao dele, mais para perto da porta do banheiro, eu relia partes das agendas.

Era possível distinguir nas anotações de Rose duas séries, uma correspondendo ao aumento de intensidade e frequência de sua relação amorosa com Ricardo e outra também crescente em intensidade mas com um evidente travo depressivo. As anotações mais recentes referiam-se quase exclusivamente ao trio Lucena/Ricardo/Nova York, embora não ficasse claro numa primeira leitura se a ligação Lucena/Ricardo era marcada por um sinal positivo ou negativo, podiam ser amigos ou inimigos.

O conteúdo daquelas agendas era por demais pessoal e íntimo para nelas aparecer a frase “Lucena descobriu Nova York” significando que Cláudio Lucena descobrira as maravilhas da cidade. O mais provável era que Lucena descobrira algo que tinha acontecido ou estava acontecendo em Nova York. Poderia ser algo relativamente inocente como o romance de Rose com Ricardo como poderia ser algo mais pesado, algo ilícito que Ricardo estaria fazendo naquela cidade, com o conhecimento de Rose, evidentemente.

Welber estava tão imóvel agachado no canto, que temi a hora em que começaria a roncar. Achei melhor apagar a luz do banheiro, a leitura das agendas poderia me distrair. Entre a porta do banheiro e a cama, havia uma cadeira de braços. Parecia suficientemente desconfortável para uma boa espera. Já estava sentado havia quinze minutos quando Welber

levantou-se para flexionar as pernas. A quebra repentina da imobilidade me assustou.

Às quatro horas da tarde, pedi que procurasse um telefone fora do quarto e ligasse para a delegacia avisando onde estávamos para o caso de chegar alguma informação relativa ao sequestro de Rose. Pedi também que avisasse ao gerente que qualquer coisa que quisesse nos comunicar, além do sinal de aviso combinado, que deixasse o telefone tocar três vezes, e que não saísse da portaria para nada. Welber demorou o suficiente para me preocupar, até que ouvi as batidas combinadas e ele abriu a porta.

— A Divisão Antissequestro informou que o sequestro de Rose não foi feito por nenhum grupo conhecido.

Como a Divisão Antissequestro poderia fazer tal afirmação com tanta segurança em tão pouco tempo? O escuro do quarto ficou mais escuro enquanto eu pensava na resposta. Passou-se uma hora até que um de nós falasse. E foi Welber.

— Inspetor? — Quando me chamava de inspetor, o assunto era sério. — O que está achando?

Ou seja, vale a pena continuarmos aqui esperando enquanto ele pode estar torturando e matando a moça, como fez com a mãe? Essa pergunta já me ocorrera algumas centenas de vezes. E cada vez mais me convencia de que não tínhamos alternativa.

— Welber, acho que, se tiver que acontecer alguma coisa, será a partir do escurecer. Não creio que ele se arrisque a sair com Rose à luz do dia. São cinco e vinte; mais meia hora e entramos no período crítico até dez horas da noite.

Combinamos que a partir daquele momento tudo o que fizéssemos seria no mais absoluto silêncio e sem acender luz nenhuma. O aviso do gerente nos daria quase um minuto de vantagem, mas eu era de opinião de que estávamos tratando com alguém muito mais competente e ousado do que o comum dos bandidos. Quem tira a moça das minhas mãos em plena rua e eu nem consigo ver se é homem ou mulher é capaz de chegar àquela porta sem que o gerente tenha chance de nos avisar.

Welber mantinha um copo d'água e, de tempos em tempos, tomava um gole. O nervosismo deixa a boca seca. Eu, ao invés de água, tomava café. A garrafa térmica estava quase no fim e a mesa de cabeceira já estava entulhada de copinhos de plástico. Se a água obrigava Welber a ir algumas vezes ao banheiro, o café me dava dor no estômago, sobretudo porque tinha comido muito pouco durante todo o dia. As dores de estômago transformaram-se em contrações intestinais. Impossível ir ao banheiro. Nada mais grotesco e desmoralizante do que o policial de vigília ser surpreendido pelo bandido, sentado na privada. Em pouco tempo todo o meu ser estava voltado para o intestino. O mundo transformara-se num tubo. Procurei me distrair com lembranças dos últimos dias, mas as lembranças que afloravam eram as de situações semelhantes. Quando eu era rapaz, fiz uma viagem de ônibus do Rio para Cabo Frio e o ônibus dava a volta na baía de Guanabara. Com menos de meia hora de viagem, começou a dor de barriga. De início era suave e dava para aguentar, mas aos poucos foi ficando mais forte. Não era a primeira vez que fazia aquela viagem e sabia que a primeira parada era depois de uma hora num posto de gasolina quase no fim do contorno, a única parada até Cabo Frio. Com uma hora de viagem, achei que poderia aguentar. Pouco depois avistei as luzes do posto e já fui desabotoando o cinto. O ônibus passou direto. Foi a experiência mais próxima da morte que

tive aos dezoito anos de idade. Não queria reviver a angústia daquele momento no quarto de hotel. Sussurrei para Welber que iria ao banheiro e me esgueirei pela porta sem acender a luz. O medo de ser surpreendido fez com que eu me aliviasse em tempo recorde. Voltei à vigília.

Por volta das oito horas, meu maxilar estava doendo de tanto eu contraí-lo e sentia coceiras pelo corpo. De início pensei em mosquitos mas não ouvira nenhum zumbido, pensei em pulga, mas teriam que ser muitas já que coçava nas mais variadas partes, até que concluí que era mais uma manifestação de nervosismo. Pouco depois, Welber mexeu-se ligeiramente e fez um sinal quase inaudível com a boca. Passaram-se dois minutos e nada. Já não sabia se o sibilo de Welber era um aviso ou ruído de respiração, quando vi sombras no risco de luz debaixo da porta de entrada. Em seguida, o barulho de algo sendo enfiado na fechadura. Não era chave, provavelmente uma gazua, e a fechadura demorou a ceder. Quando a porta abriu, o vulto recortado contra a luz do corredor era indistinto, poderia ser um homem grande ligeiramente agachado ou duas pessoas abraçadas, uma atrás da outra. O vulto chegou a dar um passo dentro do quarto antes de acender a luz quando repentinamente recuou atirando. Não podíamos atirar porque não sabíamos quem iríamos atingir e ele continuou atirando em direção à porta. Os tiros arrancavam o reboco da parede e tiravam lascas do batente. Welber foi o primeiro a cruzar a porta. Rodopiou atingido por um tiro. Quando atravessei a soleira para protegê-lo não havia mais ninguém no corredor. Corri até a escada. Estávamos no terceiro andar. Quando cheguei ao saguão do hotel tudo parecia normal, nem sinal do atirador. Gritei pelo gerente e voltei para socorrer meu companheiro.

8

Welber foi operado de urgência e tiveram que retirar-lhe o baço, mas o prognóstico inicial era animador. Apesar de ter perdido muito sangue, seus vinte e poucos anos de idade contavam a favor de sua recuperação. Saiu da cirurgia para a UTI do hospital. As visitas estavam proibidas. A cirurgia durara mais de três horas. Voltei ao hotel para falar com o gerente, cheguei faltando dez minutos para uma hora. Ambos estávamos tensos e exaustos. O serviço de bar funcionava vinte e quatro horas. Pedi o maior sanduíche do cardápio e uma cerveja.

A expressão do gerente era de perplexidade e medo. A chave do apartamento da professora ainda estava no escaninho, não fora retirada em momento algum. A única explicação que tinha era a de que eles podiam ter entrado pela porta de serviço, sem passar pelo saguão, e terem subido pela escada ao invés de utilizarem o elevador. Como os corredores são atapetados e separados das escadas por uma grossa porta anti-incêndio, os tiros não foram ouvidos do saguão. Apenas os hóspedes do andar escutaram o barulho e foram os primeiros a socorrer o detetive ferido.

— Ele vai sobreviver?

Era a principal preocupação do gerente. Um tiroteio nos corredores já é bastante negativo, um assassinato pode abalar consideravelmente a imagem do hotel. Mas não era apenas isso, o gerente parecia genuinamente abalado com o que acontecera ao meu colega. Agradeci seus votos de pronto restabelecimento e pedi que me fizesse um relato o mais minucioso possível

dos passos da "professora" desde o momento em que se registrou no hotel.

A primeira coisa que o homem fez foi buscar a ficha de entrada preenchida pela moça. No lugar do nome constava "Beatriz de Carvalho", profissão "professora da Universidade Federal do Espírito Santo", endereço "Rua Loren Reno, nº 23, Vitória". O detalhe curioso foi ela ter inventado um nome composto do prenome da mulher do executivo e do sobrenome dele. O desejo dá voltas em torno de si mesmo como um caracol em sua casa.

Ela quase não saía do apartamento, continuou o gerente, vez por outra fazia compras de supermercado na redondeza e se abastecia de livros. Não fizera uma única chamada telefônica e não recebera nenhuma visita. Pagara as duas primeiras semanas em dinheiro. As poucas vezes que se lembrava de tê-la visto sair foram no fim da tarde, início da noite. Numa das poucas vezes em que se falaram, ela contou que estava esperando o marido militar ser transferido para o Rio e que teria que esperar até o próximo semestre letivo para pedir transferência para a Universidade Federal do Rio de Janeiro e que, enquanto esperava, aproveitava a tranquilidade do hotel para ler e escrever. Fazia as refeições no quarto e nunca frequentou as dependências comuns. O gerente achava que o marido militar devia ser muito ciumento.

O que quer que eles tivessem vindo buscar no apartamento ainda estava lá. Não havia muita coisa trazida pela secretária e o campo de investigação era restrito, não seria difícil uma procura minuciosa. O detalhe é que eu não sabia o que procurar. Se fosse dinheiro ou qualquer coisa como joias, diamantes, ouro, não haveria dificuldade em encontrar, mas se fosse documento, carta, recibo ou algo no gênero, daria um pouco mais de trabalho. Eu estava exausto, o local da pancada na cabeça ainda estava dolorido, os olhos ardiam pelo tempo que ficara no escuro olhando para a fresta luminosa debaixo da porta, e o sentimento de fracasso apoderava-se de cada pedaço de mim.

O assassino voltaria para pegar o que não conseguira da primeira vez. Pensei em lacrar a porta do apartamento, ir para casa tomar banho e dormir, e voltar no dia seguinte pela manhã para empreender a mais minuciosa procura de que alguém fosse capaz. Mas lacrar a porta não era suficiente. Quem arranca dois policiais de vigília, tira brincando um lacre da porta. Poderia colocar um guarda de plantão. Mas eu não queria mais ninguém ferido ou morto. Depois de conversar com o gerente, dormi na cama de Rose, com a porta duplamente trancada e com a arma ao alcance imediato da mão. Foi uma noite de sobressaltos, acordei várias vezes por ruídos externos e internos. No dia seguinte, a sensação de não ter dormido.

Não me animei a tomar banho e ter que vestir a mesma roupa da véspera. Pedi café no quarto e iniciei a busca. A primeira varredura seria para procurar dinheiro ou algum objeto cujo tamanho eliminava certos esconderijos possíveis. Comecei pelo banheiro e nada que fosse oco ou pudesse ocultar um objeto deixou de ser examinado. Terminada a primeira etapa da busca, podia afirmar, com um grau de certeza que eu considerava máximo, que não havia dinheiro, ouro ou joias escondidos naquele apartamento. A segunda etapa era mais difícil. Abarcava coisas tão diferentes como carta, bilhete, recibo ou simplesmente um número ou código bancário anotado em qualquer lugar, o que me obrigaria a examinar cada página dos livros e cadernos acumulados por Rose. Ao meio-dia, dei a busca por encerrada. Não encontrei nada que pudesse ser do interesse do sequestrador. Mesmo assim, lacrei a porta e fui para casa, não sem antes montarmos uma campana no hotel.

O confronto no hotel mudara inteiramente o rumo dos acontecimentos em pelo menos dois aspectos. O primeiro é que o agressor não sabia se matara Welber mas podia ter certeza de que toda a polícia estaria atrás dele, o que o obrigaria a dobrar a cautela. O segundo aspecto é que ele sabia que eu viraria aquele quarto de pernas para o ar à procura do que ele fora buscar e que, tendo encontrado, não deixaria lá à espera dele, nem mesmo como isca. A conclusão imediata a que chegaria é que a coisa procurada estava comigo, o que me tornava seu alvo privilegiado. Isso não me deixava nada alegre, sobretudo pelo poder de fogo de que tinha dado provas, mas, em compensação, eu passaria a dar as cartas. A partir daquele momento, ao invés de sair à sua caça, ele é que seria obrigado a me procurar.

Depois de pegar a correspondência que deixara acumular como de costume no escaninho na portaria, entrei em casa com a secretária piscando para mim. Um recado da delegacia sem mais nenhuma utilidade, outro de Alba perguntando o que tinha sido feito de mim, um terceiro de Aurélio, como sempre perguntando se não queria almoçar com ele, e um último do detetive que ficara no hospital, dizendo que o estado de Welber era estacionário. Fui tomar banho, mas antes liguei para a delegacia perguntando se me arranjavam um aparelho bloqueador de grampos. Se ia me transformar em alvo de um assassino preferia que meu telefone não estivesse grampeado.

Tomei um banho demorado, como que para limpar o dia e a noite passados no hotel. Coloquei um congelado no micro-ondas sem olhar o que era e, enquanto esperava esquentar, comecei a responder aos telefonemas. O primeiro foi Aurélio. Como eu não respondera ao seu chamado, foi almoçar sozinho. Estava preocupado comigo. Telefonara para a delegacia e contaram-lhe por alto o tiroteio da véspera. Queria notícias do Welber. Não pude acrescentar nada ao que já sabia. Em seguida, liguei para Alba. Estava no meio de uma aula. Pedi que me ligasse assim que possível. Por fim, liguei para o hospital. Ninguém sabia informar coisa alguma sobre o policial que estava na UTI, tampouco sabiam quem era o detetive que estava lá de plantão. O micro-ondas emitiu os três apitos e almocei lasanha acompanhada com um suco de maracujá que devia estar na geladeira havia uns seis meses.

Alba me ligou às dez para as duas da tarde. Não queria falar muito com ela antes de saber se o telefone estava ou não grampeado. Disse que aguardasse que voltaria a ligar dentro de dez ou quinze minutos. Saí de casa e tornei a ligar de um telefone público. De início não entendeu o que estava acontecendo mas aos poucos foi compreendendo e o que permaneceu lacunar não insistiu para que eu esclarecesse. Falei do tiroteio da véspera e do ferimento de Welber, expliquei que não era seguro sair comigo durante algum tempo até que as coisas acalmassem, que evitasse me telefonar e que era mais seguro que não soubessem que éramos amigos.

— Só amigos? — perguntou.

— Meu bem, amigos já é perigoso, mais do que isso é mais perigoso ainda. Dentro de pouco tempo, poderemos ser o que quisermos com naturalidade. Quando achar que não há mais risco para você, eu telefono.

Voltei para casa achando que poderia ter sido mais carinhoso, que poderia ter-me despedido com um beijo, mas a máquina afetiva ainda estava emperrada.

Perto das cinco horas da tarde, apareceu um técnico da polícia com aparelhos e medidores querendo saber onde estava localizada a caixa de telefones do prédio. Depois de algum tempo

e de subidas e descidas, disse que o telefone estava limpo, “se houve escuta, não foi telefônica”. Quando ele saiu, eu não sabia se ficava contente ou mais preocupado ainda. O que ele estava insinuando? Que poderiam ter plantado microfones no meu apartamento? Isso é coisa de espião, não de bandido.

Não adiantava ficar em casa à espera de um telefonema que poderia não acontecer e que, se fosse para acontecer, o filho da puta saberia como e quando me encontrar. Fui ao hospital ver como estava Welber. Segundo informou o médico de plantão, ele provavelmente sairia da UTI no dia seguinte, seu quadro era estável, o risco maior agora era de infecção. Tínhamos que esperar as próximas quarenta e oito horas.

De volta para casa, à noite, passei num supermercado para me reabastecer de congelados e cerveja. Comprei pão, queijo e presunto como variações possíveis às lasanhas e aos talharins. Se eu tivesse um cachorro, ele certamente ficaria surpreso ao me ver entrar em casa com aqueles embrulhos diferentes.

O delegado me liberou dos plantões com a condição de eu mantê-lo constantemente informado sobre o andamento do caso. Na manhã seguinte, iria à delegacia, queria sondar com as várias equipes que aspectos do caso se tornaram públicos. Adormeci não sei a que horas, com um livro no colo do qual não cheguei a ler uma página e fui acordado no meio da madrugada pelo telefone. O susto me fez pensar imediatamente em Welber, teria morrido? Atendi completamente tonto, esforçando-me por acordar completamente, o que de fato aconteceu quando ouvi a voz do outro lado da linha.

— Inspetor Espinosa, é Rose. Devo transmitir um recado do homem que me mantém presa. O senhor está com o que interessa a ele e ele está comigo. A proposta é que façam uma troca. Voltarei a telefonar para combinar como e quando. — E desligou.

Muito bem. Podemos combinar como e quando. O detalhe que tornava as coisas mais difíceis é que eu não tinha a menor ideia de o *que* eu teria que levar para trocar por Rose.

Parte III

PREFERIA NÃO FAZÊ-LO

1

Rose não tinha qualquer dúvida de que seria executada assim que o sequestrador estivesse de posse da carta. Dizer que a carta estava escondida no apartamento do Hotel Novo Mundo tinha sido a forma que encontrou para evitar a tortura e manter-se viva. No momento, seu seguro de vida era Espinosa, ou melhor, era a crença do sequestrador de que Espinosa estava de posse da carta. No entanto, ela não chegara a falar com ele sobre carta nenhuma. No restaurante, enquanto testava a confiança do inspetor, não falou nada. Quando decidiu contar alguma coisa, apareceu aquele sujeito, derrubou o inspetor, empurrou-a para dentro do carro, algemou-lhe as mãos, amordaçou-a com esparadrapo e obrigou-a a ficar agachada no chão do carro enquanto dirigia.

Estavam havia dois dias num apartamento conjugado, vazio, e as primeiras instruções foram drásticas.

— Vou tirar o esparadrapo de sua boca, mas quero deixar claro que, a qualquer tentativa de gritar ou pedir socorro, parto o seu pescoço como se você fosse passarinho.

E a maneira de ele falar não deixava qualquer dúvida de que cumpriria a ameaça. Não passava pela cabeça dela testar a força do homem.

Era um edifício com muitos apartamentos por andar. Pelo basculante do banheiro chegavam até ela, vindos do poço de ventilação do prédio, barulhos de várias cozinhas, sons de inúmeros rádios e vozes humanas numa mistura que os transformava num ruído indistinto. Pela janela da frente, o barulho do tráfego intenso da rua. Cada vez que o homem precisava sair, colocava o esparadrapo em sua boca, obrigava-a a sentar na privada e a algemava com as mãos para trás presa ao cano de descarga. Da primeira vez obrigou-a a tirar as calças e a calcinha antes de prendê-la no vaso sanitário.

— Isto é para o caso de sentir vontade de fazer alguma coisa.

Voltou uma hora depois com sacolas de supermercado contendo alimentos, refrigerantes, sabonete e papel higiênico. Mandou-a vestir-se novamente, permitindo que se lavasse. Na sala era obrigada a ficar deitada num colchonete em silêncio. Ele ficava em outro colchonete, comendo batatas fritas em pacote, tomando refrigerante e lendo um livro que parecia ser de ficção científica. Não admitia conversa de espécie alguma e em nenhum momento tentou tocá-la. Num canto da sala, no chão, uma bolsa de viagem com mudas de roupa, armas e munição.

A impressão que tinha era de ser indiferente para o sequestrador ela ser mulher. Olhava-a como um objeto útil, um instrumento de eficácia duvidosa e um estorvo do qual se livraria assim que possível. Na verdade, importava-se pouco que ela fosse um ser humano. Procederia da mesma forma caso fosse um animal. A única vantagem a favor dela era a fala porque facilitava a comunicação. Suas ordens eram sempre em voz baixa e inteiramente destituídas de emoção. Mesmo nos momentos mais tensos, como no tiroteio no hotel, não se mostrara nervoso, era funcional e frio como um robô. Não sabia como ele percebera tão instantaneamente que tinha gente dentro do quarto do hotel. Só poderia ter sido pelo cheiro ou por algum ruído imperceptível para ela. Ao mesmo tempo em que a segurava pelo pescoço com um dos braços, recuava atirando. Quem estava dentro do quarto não podia sair e o que tentou foi atingido. Não deu para ver quem tinha sido. Tudo aconteceu muito rápido, em pouco tempo estavam na rua lateral. Ainda caminharam uns trinta metros até o carro estacionado na

praia do Flamengo. Ninguém os perseguiu. Pelo pouco que pôde ver encolhida no chão do carro, achava que estavam em Copacabana, provavelmente no início da rua Barata Ribeiro. Entraram pela garagem e pegaram o elevador de serviço. A única coisa que vira foi o corredor. Estavam no oitavo andar. A única vez em que saíram foi de madrugada para telefonarem para Espinosa. No meio da noite, o homem escreveu o texto e mandou-a ler pelo telefone. Na rua, não se mostrou preocupado, andaram abraçados, com ele segurando-a pelo pescoço. Ainda no elevador, disse uma única frase:

— Lembre-se, qualquer bobagem, mato você como se fosse uma barata.

Nada mais fora dito até chegarem ao orelhão. O que a angustiava era a possibilidade de, num desses telefonemas, Espinosa deixar transparecer que não sabia o que o homem queria.

De volta ao apartamento, ele juntou os colchonetes, prendeu uma das algemas ao braço direito de Rose e a outra ao seu próprio braço esquerdo e obrigou-a a deitar-se ao seu lado.

— Não se preocupe — disse —, eu não me mexo enquanto durmo. — De barriga para cima, como estava deitado, dormiu até clarear o dia sem se mexer.

O apartamento fora pintado recentemente e recebera um chuveiro elétrico novo. Parecia preparado para ser alugado ou vendido. Havia apenas uma lâmpada no teto da sala-quarto, sem globo, e era a que iluminava também a cozinha e o banheiro se a porta ficasse aberta. De qualquer maneira, o homem não permitia que ela a fechasse. Também não ficava olhando quando ela ia ao banheiro. Seu desejo estava voltado para outra coisa.

2

Desde que entrara para a polícia, não foram muito numerosos os momentos de real perigo de vida. Seu cotidiano era feito de relatórios e procedimentos burocráticos mais do que de situações eletrizantes. A maior ou menor exposição ao perigo depende até mesmo do estilo do policial, de suas fantasias, seu destempero, e o estilo de Espinosa estava muito mais para a caça de bons livros do que para a caça de criminosos. O que, no entanto, surpreendia seus colegas de trabalho é que quando convocado para o confronto com bandidos ou quando se empenhava numa investigação, ambas as coisas eram feitas com eficiência. A diferença estava em que, uma vez terminada a tarefa, voltava ao seu recolhimento habitual, à sua condição de estrangeiro. Tinha plena consciência do seu modo de ser e talvez por isso mesmo não tivesse largado a polícia. Não era estrangeiro apenas em relação aos seus colegas e à profissão, era estrangeiro em relação a tudo, seu espaço e seu tempo eram outros. Mais do que o episódio da véspera, ali estava o verdadeiro perigo de vida. Seu modo diferente de ser, somado ao fato de nunca ter sido cooptado pela corrupção policial, tornava-o diferente. Os iguais tendem a se agrupar e a expelir o diferente, aquele cujo desejo não se confunde com o desejo do grupo e por essa razão sofre uma morte social, expelido lenta e gradualmente. Este era o motivo pelo qual procurava se ligar aos policiais mais jovens, recém-saídos da academia de polícia, ainda não corrompidos. Welber era um deles e, no entanto, estava à morte numa UTI de hospital.

Não confiava em seus colegas da delegacia e essa desconfiança abrangia desde o delegado-titular até o carcereiro. Não havia inimizade ou hostilidade em relação a eles, havia apenas a desconfiança que se verifica em animais de espécies distintas obrigados a

compartilhar o mesmo espaço. Os últimos acontecimentos o obrigaram a redobrar a cautela. Esse tinha sido o motivo de sua transferência para a praça Mauá. Uma espécie de quarentena punitiva. Com isso, esperavam que aprendesse a se tornar um igual. Caso não se transformasse, permaneceria no purgatório, ficando claro que o não ser mandado para o inferno dependia apenas do seu silêncio.

Manhã de quinta-feira. Antes de sair, telefonou para a companhia de seguros, informaram que Aurélio tinha ido a Resende mas que talvez ainda voltasse naquela manhã. Estava só, e isso não era novidade, o que era novo naquele momento é que não podia usufruir a solidão, tinha que agir rápido. Estava sem notícias de Welber desde a véspera, mas, antes de passar no hospital, resolveu voltar ao quarto do hotel. O gerente o acompanhou, dizendo que dera ordens expressas para que não tocassem na porta do quarto. De fato, estava lacrado como a deixara. Espinosa agradeceu e pediu que o deixassem a sós. Fechou a porta, tirou o paletó, abriu as cortinas e a persiana. Ficou algum tempo olhando para a praia do Flamengo com o Pão de Açúcar ao fundo, perdido, não se fixando em nada de particular, o pensamento voltado para dentro do quarto. A cena de Welber saindo pela porta e sendo atingido pelo tiro estava mais viva em sua mente do que o cenário que descortinava naquele momento.

Sentou-se na beira da cama e procurou não dirigir o pensamento, deixando-o flutuar sem controle. Quando examinou o quarto dois dias antes, procurava algo que não sabia o que era e que julgava estar escondido. No entanto poderia ser alguma das coisas à sua frente cujo significado e importância em outro contexto ele desconhecia. Como não sabia o que procurava, podia ser algo grande como uma mala ou pequeno como uma chave. Um dos objetos prováveis era precisamente uma chave. Chave de apartamento, cofre de banco, *locker*... Deu-se conta, de repente, de que a procura poderia ser infinita. Se o que estava procurando era uma chave, cada reentrância de móvel, cada fenda, cada cinco centímetros quadrados de superfície do que quer que fosse poderia contê-la. Isso incluía cada centímetro de parede, de teto ou assoalho. Mas, se ao invés de uma chave material fosse um código numérico, poderia estar anotado em qualquer superfície milimétrica, o que compreendia os livros, cadernos e agendas, além de qualquer coisa sobre a qual poderia estar gravado, incluindo-se aí a memória de alguém. Ele poderia ficar naquele quarto até o fim dos seus dias, que continuaria a haver um espaço possível para um objeto possível. Passara-se mais de uma hora. Levantou-se, fechou a cortina e a persiana, vestiu o paletó e saiu.

Welber tinha saído da UTI naquela manhã mas ainda estava com visitas proibidas. O médico de plantão permitiu a Espinosa falar com ele durante cinco minutos. Era um quarto com três leitos mas apenas dois estavam ocupados. As persianas estavam abaixadas e deixavam penetrar pouca luz. As camas eram separadas por um biombo. O outro ocupante dormia ou estava dopado. Welber estava com pelo menos três tubos ligados ao corpo e aparelhos eletrônicos piscavam e alternavam números atrás dele, mas, assim que Espinosa entrou, olhou-o com olhos incrivelmente abertos.

— Como vai, companheiro? Trouxe frutas e flores para você. Cuidado para não trocar umas pelas outras.

Welber estava com a boca tampada com a máscara de oxigênio, o que o obrigava a levantar a borda da máscara para falar.

— Obrigado, parceiro — a voz era um pouco rouca —, acho que você vai ter que arranjar

um substituto para mim.

E, antes de Espinosa dizer alguma coisa, puxou-o pela manga do paletó aproximando o ouvido do inspetor da máscara de oxigênio e falou baixinho:

— Espinosa, vi o cara numa fração de segundo, mas tenho certeza de que tinha algo de familiar. Eu o vi por trás do clarão do tiro e o corredor era pouco iluminado, mas o pouco que vi não me é estranho.

— Alguém da polícia? Alguém da Planalto Minerações? — perguntou Espinosa.

— Não sei, alguma coisa familiar.

A enfermeira entrou com uma bandeja cheia de copinhos contendo comprimidos.

— Sinto muito, senhor, mas ele não pode falar, tem que ficar o tempo todo com a máscara. O senhor precisa sair porque está na hora dos curativos.

Quando Espinosa saía do quarto, entrava outra enfermeira empurrando um carrinho repleto de instrumentos cirúrgicos, gaze, algodão, vidros de vários tamanhos e uma cara ainda mais severa do que a da primeira enfermeira.

Saiu pensando no que Welber dissera. Também tinha a sensação de estar lidando com alguém conhecido ou pelo menos com alguém que, em certos momentos, parecia antecipar-se aos seus atos, como no encontro com Rose. De onde surgiu o agressor? A única pessoa presente era Rose. Mas não seria possível ser ela a agressora. Verdade que lhe dera as costas quando foi abrir a outra porta do carro. Depois era só telefonar e dizer que tinha sido sequestrada. Por que era sempre ela a falar e não o sequestrador? Porque não havia sequestrador, claro. O que Welber vira de familiar era a própria Rose. Mas era inadmissível que alguém torturasse e matasse a própria mãe. Com que intuito faria isso? Para eliminar qualquer suspeita sobre si mesma? O ser humano já dera provas de ser capaz das maiores atrocidades, mas aquilo era uma aberração inconcebível. A verdade, porém, é que ela estava de posse do que estavam procurando. Como tinha obtido? A frase “Lucena descobriu Nova York” poderia indicar o início de um conluio entre ambos?

Talvez Carmem pudesse esclarecer alguma coisa. A recepcionista da Planalto Minerações já não o recebia com o interesse e a excitação das primeiras vezes mas não deixava de ser simpática.

— Dona Carmem está no gabinete do doutor Lucena, mas não deve demorar a sair. Não quer se sentar, inspetor?

Passados quarenta minutos, Espinosa insistiu com a recepcionista:

— Senhorita, dona Carmem vai ficar o dia todo com doutor Lucena?

— Não, inspetor, já está na hora do almoço, deve estar saindo. Ligou um dos ramais internos e:

— Pronto, não disse? Já está livre.

Conversaram na mesma sala da última vez. O sanduíche de Carmem parecia o mesmo, acompanhado do mesmo refrigerante diet.

— Você não varia o seu almoço? — A pergunta pretendia ser um início informal de conversa.

— Isto não é almoço, inspetor, é uma ração de manutenção. Então, inspetor, a sugestão do Hotel Novo Mundo não deu em nada?

— Ao contrário, dona Carmem, ela foi muito útil, tão útil que preciso de sua ajuda novamente.

— Claro. Fico contente por ter ajudado.

— Dona Carmem, com quem a senhora comentou nossa conversa?

— Com ninguém.

— Nem com doutor Lucena? Afinal, ele é seu chefe.

— Disse a ele apenas que o senhor tinha estado aqui e que conversamos durante a hora do almoço.

— Ele não quis saber o conteúdo da conversa?

— Não toda. Perguntou apenas se o senhor ainda estava investigando a morte do doutor Ricardo Carvalho. Respondi que não era nele que o senhor estava interessado, mas em Rose.

— E o que mais a senhora comentou?

— Nada em especial. Falei apenas que o senhor tinha ficado muito interessado quando mencionei o fato de Rose ter se hospedado no Hotel Novo Mundo quando veio para o Rio.

— E não comentou isto com mais ninguém? Com nenhuma colega?

— Não. Com mais ninguém.

— Obrigado, dona Carmem. Posso dar um telefonema antes de deixá-la em paz?

— A recepcionista fará a ligação para o senhor.

Não havia novidade na delegacia. A Divisão Antissequestro continuava sem nenhuma pista de Rose. Tinha um recado de Aurélio dizendo que estaria à uma hora almoçando no local de costume. O relógio do hall do elevador marcava uma e cinco.

Enquanto esperava o elevador, imaginou Carmem entrando no gabinete de Cláudio Lucena e contando em detalhe a conversa que tivera com ele. Afinal, era secretária do dr. Lucena e não dele.

Não demorou três minutos para chegar ao restaurante. Aurélio o recebeu com um grande sorriso.

— Achei que meu recado não o pegaria.

E virando-se para o garçom que passava:

— Garçom, o mesmo aqui para o inspetor.

— E então? Soube pelo pessoal da delegacia do que aconteceu no hotel. Como está o Welber? É grave?

— Tiveram que retirar o baço, foi atingido por um tiro, mas o rapaz é jovem e forte. Vai sobreviver.

— Afinal, Espinosa, o que está acontecendo?

— Não sei, os fatos ainda estão descosturados.

Continuou:

— O que tem a ver um rico executivo de uma multinacional, uma velha pensionista da zona norte e um malandro punguista do subúrbio? Nada, nem acidentalmente essas três pessoas cruzariam seus passos.

O garçom trouxe o sanduíche e o chope. Espinosa deu o primeiro gole sem se dar conta do que estava fazendo, parecia nem ter notado que estava num bar no centro da cidade completamente lotado com gente falando alto à sua volta, via apenas a figura imponente de Aurélio enquanto continuava a falar.

— É evidente que Rose é o elo que articula logicamente essas três pessoas e as três mortes. Pelo relato inicial de Bia Vasconcelos, Rose desapareceu no caminho para a sua casa após um telefonema no qual dizia que precisava comunicar algo de muito importante sobre a morte de Ricardo Carvalho. Dias depois do seu desaparecimento, sua mãe é torturada e morta sem conseguir revelar, porque não sabia, o paradeiro da filha. Tudo indica que Max foi morto e teve seu corpo mutilado e queimado pela mesma razão. Até Rose telefonar e se encontrar comigo, ninguém sabia onde estava. Quem deu a pista e, portanto, inconscientemente sabia onde ela poderia estar foi Carmem, sua colega e secretária de Cláudio Lucena. O curioso é que Lucena é o nome que aparece na agenda de Rose ligado à advertência "Lucena descobriu Nova York", sendo que fica claríssimo que isso não significa um entusiasmo de Lucena pela cidade. Mera coincidência? Não sei. Como você pode ver, meu caro, está baixando uma escuridão mítica.

Antes que Aurélio pudesse dizer alguma coisa, o garçom aproximou-se.

— Qual dos senhores é o inspetor Espinosa? Telefone para o senhor. Disseram que é urgente.

Espinosa voltou do telefone tirando o dinheiro da carteira e botando em cima da mesa.

— Desculpe, companheiro, ainda não é hoje que vamos almoçar juntos, depois nos falamos.

Sanduíche e chope ficaram pela metade.

3

Espinosa não precisou olhar muito tempo para constatar que o corpo não era de Rose. O tamanho não era o mesmo e o estado de decomposição indicava uma pessoa morta há mais de três dias.

— Sabemos que o senhor está procurando uma mulher e como este corpo foi encontrado num local próximo ao daquele outro...

"Aquele outro" era o corpo que Espinosa supunha ser de Max mas que não tinha meios de comprovar. Ficou aliviado por constatar que não era Rose.

— Não é quem estou procurando, doutor, mas muito obrigado por me avisar.

A notícia do rapto da moça e do tiroteio no hotel atravessara rapidamente a cidade. O telefone e o rádio da polícia ainda eram os meios mais eficientes para a circulação de informação.

Na rua, avaliou a possibilidade de voltar a pé para a praça Mauá. Antes de os pais comprarem o apartamento em Copacabana, moraram no bairro de Fátima. Aquela região do centro da cidade fora a terra de sua infância. Lembrou-se de quando estudava no Colégio Pedro II, na Marechal Floriano, e fazia o percurso a pé, todos os dias, sem nenhuma dificuldade. De lá até a praça Mauá era outro tanto, que também fizera inúmeras vezes. Era uma boa oportunidade de refazer um percurso infantil, sobretudo porque a paisagem quase não sofrera modificações.

Certas instituições contaminam a redondeza, rebaixando o nível das moradias, dos moradores, do comércio. É o caso dos cemitérios, como se a morte exigisse uma região de fronteira com o mundo dos vivos. O mesmo acontecia com o IML, cemitério legal, gélido, sem o calor transmutativo dos campos santos. Os prédios vizinhos pareciam desabitados, não havia comércio, salvo dois ou três botequins nos quais a cachaça era o único recurso para se recuperar o calor humano.

Saiu andando pela rua dos Inválidos em direção à praça da República. Apesar da hora e do local, soprava uma brisa agradável, vinda não sabia de onde. Logo na esquina da rua da Relação, o imponente prédio da Polícia Central, decadente, como que purgando as feridas da ditadura, sendo substituído por outro ao lado sem nenhuma característica arquitetônica notável. O casario do lado direito da rua, lado oposto ao da igreja de santo Antônio, empobrecera, as lojas de móveis antigos reduzidas a meia dúzia e a conservação dos sobrados mantida no mínimo necessário.

No final da rua dos Inválidos, atravessou a Visconde do Rio Branco em direção à praça da República. Tomou a estreita calçada central (inexistente na sua infância), que divide ao meio a pista que margeia a praça da República. Do lado esquerdo, o campo de Santana com suas árvores seculares e os esquilos que sobreviveram aos predadores; do lado direito, o prédio do Arquivo Geral e Museu da Justiça, com as armas da República em relevo no alto da fachada. Ao lado, o prédio da 4ª DP, tombado pelo Patrimônio Histórico, numa demonstração evidente de que, pelo menos em seus aspectos visíveis, uma delegacia policial não tem que ser igual à espelunca da praça Mauá. Mais à frente, o minúsculo mas simpático sobrado da Sociedade Brasileira de Geografia, logo depois da rua da Constituição, ele próprio uma peça arqueológica.

Entrou pela rua Senhor dos Passos e logo na segunda quadra parou no Cedro do Líbano, o pequeno balcão em plena rua, com quibes, pastéis, esfihas e sucos. Pretendia terminar o almoço que deixara pelo meio. Eram quase três horas, e as grandes mesas onde as pessoas sentavam ao lado umas das outras tinham lugares disponíveis. Mas não queria se sentar, queria apenas preencher o vazio no estômago, o que poderia ser feito em pé, ali mesmo na calçada.

Retomou a caminhada, invadido pelo cheiro de tabaco que emanava da Charutaria Syria. Como se tivesse fumado um cigarro depois do almoço, coisa de que ainda sentia falta. Dobrou à esquerda na avenida Passos, atravessou a Presidente Vargas desembocando na Marechal Floriano, bem em frente ao Colégio Pedro II. Chegou a sentir na mão a pasta de couro cuja alça era mudada a cada ano para resistir ao peso dos novos livros e cadernos escolares. “Não carrego mais pasta, carrego cadáveres.” Procurou afastar a imagem dos dedos da mãe de Rose espalhados pela mesa da sala. Deteve-se em frente à fachada de pedra e alvenaria do antigo colégio, com suas portas de madeira e ferro, belas escadarias de ferro fundido e mármore.

Quantas vezes subira correndo aqueles degraus, atrasado para o início da aula. Rose não voltara a telefonar, ou melhor, o sequestrador não voltara a se utilizar de Rose para telefonar. Por que não telefonava ele próprio? Welber dissera que ele tinha algo de familiar. Seria essa a razão de ele mandar Rose telefonar? Se ele mesmo o fizesse seria reconhecido? Continuava a andar pela Marechal Floriano em direção à rua Acre. E se estivessem telefonando agora para o apartamento ou para a delegacia? Se isso estivesse acontecendo, o inspetor estaria passeando pelo centro da cidade numa rememoração fora de momento e de propósito. Ao passar pela esquina da rua dos Andradas, olhou para a esquerda e esqueceu-se momentaneamente do que estava pensando. A rua formava um corredor de pequenos sobrados de meados do século passado, com seus minúsculos balcões em ferro batido, as calçadas quase que se tocando na rua estreita, tendo ao fundo o morro do Santo Cristo iluminado pelo sol. A beleza do local era comovente. Dobrando à direita, na rua Leandro Martins, o espírito era o mesmo. "Naquele tempo os crimes eram notícia extraordinária, hoje são cometidos em série." Sem perceber, viu-se na rua Acre, estava praticamente na delegacia.

Espinosa sabia que o sequestrador não telefonaria durante o dia, preferiria a proteção da madrugada, além da proteção extra de pegá-lo sonolento e sem iniciativa para alguma ação eficaz, se é que havia alguma. Sabia também que de nada adiantava ficar acordado a noite toda, isto só contribuiria para deixá-lo ainda mais incapacitado.

Na delegacia todos queriam notícias de Welber. Corria à boca pequena a história de que se tivessem montado um esquema com mais gente dentro e fora do hotel, ele não estaria no hospital. O problema é que um esquema com muita gente poderia incluir o próprio sequestrador. Espinosa tranquilizou os colegas, o médico dissera que Welber estava fora de perigo, mas não podia adiantar nada sobre sua recuperação.

Ficou pensando em como seria a vida naqueles pequenos sobrados da rua dos Andradas, no tempo dos Andradas.

4

O episódio no edifício-garagem estava fazendo um mês. Não houve missa para Ricardo Carvalho. Nem prantos nem festejos. Parecia que todos queriam esquecê-lo. A única a expressar algum lamento era Rose, no momento mais preocupada com sua própria sorte. Se todos estavam satisfeitos com o destino de Ricardo Carvalho, por que procurar culpados? Ao fazer as leis, os homens pretendiam estar expressando no microcosmo humano a ordem do macrocosmo. A função da polícia é capturar os desviantes. As pessoas só têm autorização para se matar num número limitado de casos, fora deles, têm que ser presas e punidas. Espinosa não achava aquela ficção melhor ou pior que as outras. Algumas vezes, fazia pequenas correções por conta própria.

Uma das correções que gostaria de fazer dizia respeito a Bia Vasconcelos. Onde estava escrito que eram incompossíveis? No momento, porém, preferia seguir os caminhos que se demonstraram compossíveis. Ligou para Alba. Esqueceu o nome da magnífica secretária, mas ela não esquecera o seu.

— Como vai, Espinosa? Quando vai começar?

— Começar o quê? — respondeu ele, sem saber se ela sabia com quem estava falando.

— Começar a fazer ginástica, ora essa.

Lembrou-se do nome.

— Adriane, não aguento nem cinco minutos de ginástica.

— Depende da ginástica, não é?

Sempre tinha a impressão de que as coisas naquela academia eram ditas com dupla intenção. Sorriu ao telefone e perguntou se podia falar com Alba.

— Oi, querido, que história é essa de que é perigoso nos encontrarmos?

— Até certas coisas se resolverem, não gostaria que soubessem que você é importante para mim.

— E sou?

Espinosa era sempre surpreendido pelas respostas de Alba. A fração de segundo de que necessitava para continuar, mantendo a aparência de que nada acontecera, era o sinal inequívoco, para Alba, de que acertara no alvo.

— Não precisa responder, meu bem, venha me buscar e mostre com ações.

Quando de noite parou o carro na porta da academia, Alba já o esperava. Não estava com o conjunto de ginástica; vestia jeans, camiseta azul-marinho e tênis da mesma cor, os seios firmes se insinuando livres por debaixo da camiseta. Beijaram-se como se namorassem havia muito tempo.

— Você mora sozinho?

As perguntas também o surpreendiam.

— Moro — respondeu com uma ponta de temor.

— Então me leve para conhecer sua casa, e no caminho me explique essa história de que é perigoso sairmos juntos.

Espinosa contou a história do reaparecimento de Rose, o rapto, o tiroteio no hotel e o telefonema propondo a troca.

— O que eu temo — continuou — é que o sequestrador possa forçar um acordo usando alguém que ele perceba ser importante para mim.

Alba sentiu-se de fato importante, mais acarinhada do que ameaçada. Espinosa teve que insistir no que ele via como ameaça.

— Alba, não sei quem é esse sujeito, mas, sem dúvida alguma, é um assassino frio, provavelmente um psicopata. Já nos viu juntos uma vez e não quero arriscar. Meu apartamento não é lugar seguro, cheguei a pensar que ele tinha grampeado o telefone. Não é um amador.

Esta última frase foi dita quando Espinosa estacionava o carro próximo ao seu prédio. Não estava preocupado com o sujeito naquele momento, provavelmente estava ocupado guardando Rose. A menos que fossem um par.

Felizmente comprara algumas coisas no supermercado. A provisão de congelados dava ainda para uma semana e restava uma boa quantidade de queijos, frios e bebidas. Tinha até sorvete no congelador.

A rapidez pública de Alba contrastava com a lentidão felina com que chegava à intimidade. Andou vagarosamente pela sala percebendo mais os espaços do que os objetos, até se defrontar com a estante de livros. Esboçou um sorriso. Foi até a varanda, voltou-se encostada na grade. Espinosa em pé no centro da sala.

— Seu apartamento é a sua cara.

— Como assim? — quis saber ele.

— Tudo provisório, apesar de encantador.

Sentou-se preguiçosamente no sofá enquanto Espinosa foi buscar as bebidas. Nos filmes era assim que o mocinho fazia; quando ficava embaraçado, aparecia com um copo em cada mão, devia ser um bom recurso quando não se sabia o que fazer com elas.

Fazia tempo que uma mulher não entrava naquele apartamento. Espinosa temia que, quando isso acontecesse, fosse vivido como uma invasão e, em absoluto, não era o que estava sentindo, mas também não sentia como sendo visita. Alba era uma estranha, não sabia quase nada sobre ela, mas era como se tivesse todo o direito de estar ali. E o que mais o deixava satisfeito, não sentira necessidade de se justificar por coisa alguma. Numa das mãos trazia cerveja, na outra refrigerante, e olhava para ela no sofá, um pouco sem jeito, como se tivesse sido surpreendido pensando em voz alta.

Alba não se sentia nem um pouco constrangida apesar de desconhecer praticamente tudo sobre ele. Mas não era sua história pessoal que a interessava no momento, o que a encantava era a sensação de que nele tudo ainda estava por ser escrito, não porque lhe faltasse uma história pessoal mas porque essa história fora escrita sobre uma superfície fácil de apagar.

Enquanto servia cerveja, Espinosa rememorou a noite no apartamento de Alba. As coisas tinham acontecido de forma natural, talvez facilitadas pelo clima do dia anterior. O papel de protetor favorecia aproximações. Também agora havia algo a temer. Mas, que merda, as pessoas não se aproximam amorosamente porque estão com medo, porque há uma ameaça...

Não era tímido. Pelo menos não se sentia tímido. O que havia era uma certa defasagem quanto ao código vigente. Até os animais para se acasalarem se comportam segundo uma sequência de sinais que formam o código próprio da espécie. O problema é que no mundo humano os códigos são extremamente mutáveis de acordo com a época e o lugar, e ele estava sempre na época e no lugar que não eram os seus.

Sentada no sofá, Alba olhava para ele estupefata.

— Espinosa, acho que você está precisando trocar a pilha. — Puxou-o pela perna da calça e ele caiu ajoelhado sobre o sofá segurando as duas garrafas. Colocou-as sobre a mesinha e abraçou Alba. Seu cabelo ainda estava úmido do banho que tomara na academia e a pele cheirava a mulher. Enquanto ela tirava a camiseta pedia a Espinosa que puxasse suas calças pela perna. Junto com as calças jeans vieram as calcinhas até quase a coxa. Depois de se desvencilhar de ambas, Espinosa, de pé, manteve durante algum tempo os pés de Alba pressionados contra sua barriga. Ela deixava-se olhar, segura de sua beleza. Espinosa continuou em pé, tirou a roupa devagar, temendo quebrar a magia, mantendo os pés de Alba contra sua barriga, segurou-a pelos tornozelos afastando-os levemente um do outro e deslizou a cabeça entre suas pernas até perder-se num emaranhado de cheiros úmidos.

Sem entender direito o que estava acontecendo, Espinosa tateava no escuro e o que encontrava era o corpo de Alba, metade em cima do seu, montada sobre uma de suas pernas, e dormindo tão profundamente, que não escutou o telefone tocar. Com muita dificuldade, encontrou o aparelho ao mesmo tempo em que acendia a luz do abajur. O despertador marcava duas e dez da madrugada.

5

Como das outras vezes, Rose leu pelo telefone as instruções do sequestrador, mecanicamente, sem modulação de voz, provavelmente sob ameaça de uma arma. Ele concedia aproximadamente vinte horas de prazo para Espinosa estar com a carta em mãos caso já não estivesse. Ela deveria ser posta juntamente com o envelope original dentro de outro envelope pardo de aproximadamente vinte e cinco por doze centímetros, encontrável em qualquer papelaria e, a partir das dez horas da noite seguinte, Espinosa deveria ficar em casa aguardando telefonema com novas instruções. Caso tentasse pedir ajuda à delegacia ou à Divisão Antissequestro, ele ficaria sabendo antes mesmo de Espinosa desligar o telefone, e o preço da tentativa seriam os dedos de uma das mãos de Rose.

"Então, é uma carta!" Espinosa procurou reproduzir de memória a busca no quarto do Hotel Novo Mundo e não se lembrou de nenhum envelope. É certo que naquele momento não sabia o que estava procurando, e a carta poderia ter passado despercebida. Mas, com certeza, se lembraria de uma carta.

Alba já estava plenamente desperta e olhava espantada para a cara dele.

— O que foi? O que está acontecendo?

O clima de preocupação e temor contrastava com a nudez de ambos. Espinosa não estava disposto a testar a ameaça do sequestrador, ele já dera mostras do que era capaz. Além do mais, poderia de fato estar ligado a alguém da delegacia ou até mesmo ser alguém da delegacia ou da Divisão Antissequestro. Alba continuava a não entender o que estava se passando.

— Tenho aproximadamente vinte horas para encontrar uma carta. É melhor deixar você em casa.

— Você vai sair agora, às duas horas da madrugada, para procurar uma carta? Você está louco? Que carta é essa?

— Não tenho a menor ideia — disse Espinosa, começando a se vestir. A expressão de Alba era de absoluta incredulidade, mas, por via das dúvidas, vestiu-se também.

Com as ruas vazias, em poucos minutos, deixou Alba em casa e, antes das três horas, estava na recepção do Hotel Novo Mundo tentando convencer o gerente da noite de que não faria barulho algum. Às sete horas da manhã, após uma busca minuciosa na qual nenhum espaço capaz de conter um envelope deixou de ser examinado, tinha absoluta certeza de que não havia nenhum envelope naquele quarto. Dormira no máximo duas horas e praticamente não almoçara nem jantara na véspera. Ligou para o restaurante do hotel e pediu um café da manhã completo.

Enquanto comia, pensava no envelope. Pela conversa que tivera com Rose, ficara sabendo que ela praticamente não saíra daquele quarto durante o tempo em estivera desaparecida. Por medida de segurança, poderia ter deixado a carta com alguém de sua confiança, se é que após a morte de Ricardo ainda confiava em alguém. Tudo levava a crer que não. Havia uma remota possibilidade de Carmem ser a guardiã da carta. Afinal, a sugestão do hotel partira dela. Outra possibilidade, também remota, era Bia Vasconcelos. Antes de desaparecer, Rose telefonou para ela marcando um encontro para falar de algo muito importante ligado à morte de Ricardo Carvalho.

Passou em casa para tomar banho, fazer a barba e mudar de roupa, antes de ir ao ateliê de Bia Vasconcelos.

Chegou, sem avisar, poucos minutos depois de Bia guardar o carro na garagem e ligar a máquina de café. Da recepção avisaram pelo interfone que o inspetor Espinosa estava subindo.

— Inspetor, faz tempo que o senhor não aparece.

— Quase um mês desde a última vez em que nos vimos.

— Entre, por favor. Chegou na hora do cafezinho. Alguma novidade?

— Apareceram as primeiras mangas.

Bia não entendeu imediatamente o que Espinosa queria dizer com aquilo, até que ele apontou para a mangueira no quintal.

— Da última vez em que estive aqui, ela estava inteiramente florida, agora estão aparecendo as primeiras mangas.

“Homem estranho”, pensou Bia, “responde sempre coisa diferente da que perguntamos.”

— Realmente, há novidades, mas elas nem sempre são esclarecedoras, frequentemente distorcem e ocultam mais do que revelam.

Bia enchia duas xícaras de café.

— Por exemplo, Rose apareceu.

Bia, segurando as duas xícaras em direção a Espinosa, gesto parado, à espera do que viria a seguir.

— Mas desapareceu em seguida. — Bia entregou uma das xícaras a Espinosa.

— Foi raptada.

Bia, boca semiaberta, olhando para Espinosa, respiração suspensa.

— Das minhas mãos.

Ela sentou-se enquanto Espinosa permanecia de pé.

— Sente-se, por favor, inspetor.

Se a intenção de Espinosa era surpreender, conseguiu.

— O senhor está dizendo que Rose reapareceu e, em seguida, foi raptada quando estava em sua companhia?

— Isso mesmo.

Júlio a prevenira quanto a esse policial. Tinha estado na sua casa numa tarde de domingo com uma história que tanto poderia ser produto de um cérebro delirante como poderia ser uma forma de chantagem. Naquele momento, os dois estavam sentados no sofá, tomando café. Ele nada tinha de desagradável, era mesmo com custo que o via como um policial. Não fosse a arma que vez por outra aparecia sob o paletó, poderia ser tomado como um professor universitário, em nada diferente do próprio Júlio. Mas seria bobagem esquecer que era policial, e policial em serviço.

— Em que o senhor acha que posso ajudá-lo?

A pergunta era acompanhada de uma leve hesitação na fala, imperceptível a qualquer pessoa desprevenida, mas claramente distinta para Espinosa.

— Antes de desaparecer pela primeira vez, Rose estava indo para o seu apartamento após ter-lhe telefonado fazendo alusão a algo muito importante, tão importante que ela suplicava um encontro para aquela mesma tarde. O motivo de ela ter sido sequestrada agora é uma carta que estaria com ela e cujo conteúdo está ligado ao seu ex-marido. O sequestrador me propôs a troca da carta pela vida de Rose. Ocorre que essa carta não está comigo nem está no quarto de hotel onde ela estava escondida. Minha esperança é que ela tivesse lhe trazido essa carta antes de desaparecer da primeira vez.

— Inspetor, como lhe disse naquela ocasião, Rose não apenas não me trouxe nada, como sequer chegou a se encontrar comigo. A última vez em que nos falamos foi no enterro de Ricardo.

A luz da manhã entrava limpa, fresca e brilhante pela grande janela de vidro. Espinosa pousou a xícara de café sobre a mesa de trabalho à sua frente, passou a mão pelo cabelo, como se com aquele gesto fechasse uma ideia, levantou-se e desejou um bom-dia para Bia Vasconcelos, que ficou desconcertada com o desfecho seco e repentino do encontro.

— O senhor não tem nada a acrescentar ao que eu lhe disse?

A pergunta era muito mais para prolongar o encontro do que para saber algo mais.

— Apenas que ela tem poucas chances de sair viva.

E já na escada externa que conduzia ao térreo, acrescentou:

— Não se esqueça das mangas que me prometeu.

Caminhou em direção ao portão, com as mãos nos bolsos, como se estivesse saindo de uma visita dominical a uma tia.

Chegou à Planalto Minerações às dez e meia.

— Bom dia.

— Bom dia, inspetor, quer falar com dona Carmem?

— Se for possível.

— Acho que não deve estar ocupada, o doutor Lucena ainda não chegou.

— Dona Carmem, aquele inspetor está aqui querendo falar com a senhora.

— Ela já vem, inspetor, não quer sentar?

Não, não queria. Da última vez em que sentou, ficou esperando quarenta minutos, a

situação agora era outra, tinha que encontrar urgentemente uma carta, caso contrário a vida de Rose não valeria absolutamente nada. Portanto não tinha tempo para sentar e esperar. Estava para dizer isso à recepcionista quando Carmem apareceu no corredor.

— Pelo menos, desta vez o senhor variou o horário, não precisamos conversar no refeitório.

A frase foi acompanhada de um indiscutível sorriso de boas intenções.

Conversaram na sala que fora ocupada por Rose e que era a antessala do gabinete de Ricardo Carvalho. Espinosa fez uma breve exposição dos acontecimentos que já eram do conhecimento de Carmem, acrescentando os dois telefonemas dados por Rose.

— Como a senhora pode ver, dona Carmem, a vida de Rose depende de uma carta que devo entregar a alguém a partir das dez horas da noite de hoje, carta esta que não tenho a menor ideia de onde esteja. Das duas hipóteses que fiz, a primeira foi descartada, a segunda é a possibilidade de Rose ter deixado a carta sob sua guarda ou de tê-la escondido aqui.

— Comigo não deixou nada, inspetor. Quanto a tê-la escondido aqui antes de ir embora, acho pouco provável. De qualquer maneira, se o senhor quiser, podemos dar uma busca aqui na sala. Não me atrevo a vasculhar a sala do doutor Ricardo. Isso, só posso fazer com autorização do doutor Weil.

— Não se preocupe, não quero fazer uma devassa na companhia, quero apenas encontrar uma carta que é a única chance de Rose sair viva dessa história.

A sala não era grande. Servia de sala de espera para o gabinete de Ricardo Carvalho do qual era separada por uma porta interna ao lado da qual ficava a mesa de Rose, a qual tinha ao lado outra mesa com um terminal de computador. A correspondência acumulada em cima da mesa testemunhava o tempo de afastamento de Rose. Nas gavetas de sua escrivaninha, nada que não fosse estritamente necessário ao trabalho de secretária. Na última gaveta, alguns produtos de higiene pessoal e uma toalha de rosto envolta num saco plástico. Espinosa desenrolou a toalha, abriu e examinou um por um a caixa de absorventes íntimos, verificou se não havia nada colado nos fundos das gavetas e debaixo do tampo da mesa. No fundo, concordava com Carmem que era pouco provável que Rose tivesse escondido a carta naquela sala ou em qualquer outra da Planalto Minerações.

Saiu dali pensando em ir ao apartamento da Tijuca, mas afastou a ideia. Rose não voltara ao apartamento da mãe, assim como não voltara à Planalto Minerações; a carta deveria estar com ela durante o tempo em que esteve escondida e decidiu guardá-la em outro lugar, quando teve que sair para se encontrar com ele. Ou então, e era a pior hipótese, a carta estava e está com ela todo o tempo, na bolsa, num bolso da calça, dentro da blusa, num bolso falso, em algum lugar tão próximo, no próprio corpo, que o sequestrador sequer pensou em procurar. Ela, mesmo sendo obrigada a dar os telefonemas, nada revelou porque seria decretar a própria morte.

Passou numa papelaria e comprou um envelope comum e outro pardo mais ou menos do tamanho do exigido. Colocou um dentro do outro e guardou-os no bolso interno do paletó. Tinha pouco mais de dez horas até a hora marcada pelo sequestrador, e nem adiantava tentar elaborar um plano porque não sabia o que ele iria ordenar.

Inútil tentar qualquer coisa com a irmã de Max. A última esperança era Welber.

6

Não tinham retirado da porta a plaqueta proibindo visitas e Welber continuava monitorado. Seu companheiro de quarto tinha ido embora e Espinosa não teve coragem de perguntar para onde. No corredor, os carrinhos passavam cheios de bandejas recolhidas do almoço, enquanto nos quartos os pacientes aproveitavam para tirar um cochilo antes da sessão da tarde: temperatura, pressão, injeção, comprimido, curativo e tudo o mais que preenche o que resta da vida dos doentes.

Assim que Espinosa entrou, os olhos de Welber se abriram numa prontidão surpreendente.

— Espinosa, que bom ver você. Parece que meu companheiro de quarto não resistiu aos bons tratos, tem gente que é assim, foi maltratada a vida toda, quando é bem tratada, morre. Deve ser para não voltar ao que era antes.

— Welber, apenas ouça, não fale, a não ser no final.

Não estava com a máscara de oxigênio, mas ainda era penoso falar. Espinosa fez um relato minucioso das últimas quarenta e oito horas, omitindo apenas as passagens referentes a Alba. Quando falou na carta, os olhos de Welber brilharam.

— Então, a razão de tudo era uma carta — disse em voz baixa, para ele mesmo.

Espinosa interrompeu o relato:

— Não sei se a razão de tudo, mas pelo menos a razão dos últimos acontecimentos. Não estou certo quanto a ter sido o motivo da morte de Ricardo Carvalho.

Welber ficou ligeiramente agitado.

— Espinosa, não paro de pensar dia e noite e não consigo materializar o fantasma que atirou na gente.

— Não se esforce para lembrar, é pior. De repente, quando você menos espera, a coisa vem à tona. Mas, por favor, se isso acontecer até dez horas da noite, me telefone.

Do hospital Espinosa ligou para a delegacia. Nenhuma novidade, continuavam a afirmar com toda a segurança que era um sequestro isolado, não ligado aos “sequestros normais que rolavam pela cidade”, frase que deixou Espinosa estarrecido. Como é que um policial fala em “sequestros normais”? Há sequestros normais e sequestros anormais? E o mais espantoso era que a polícia participava ativamente do que estava sendo chamado sequestro normal.

O que Espinosa mais desejaria naquele momento era poder suspender toda ação e pensar inteligente e agudamente no que fazer para salvar Rose. A suspensão da ação não encerrava qualquer problema, ele já estava paralisado; quanto a pensar inteligentemente, era o que vinha tentando fazer desde o início daquele caso. Se até a hora estipulada pelo sequestrador não surgisse nenhuma pista quanto ao que fazer, ele estava disposto a ir ao seu encontro com o envelope vazio. Na verdade, não tinha escolha; se confessasse ao sequestrador que não estava de posse de carta nenhuma e sequer sabia do que se tratava, ficaria claro que Rose ocultara dele onde a escondera, e essa informação seria arrancada sob tortura. Uma vez obtida, não haveria por que mantê-la viva. A única esperança de Rose era a crença do sequestrador de que a carta estivesse com Espinosa. O desvalor da vida de Rose aumentava

consideravelmente no caso de o sequestrador ser alguém conhecido, porque neste caso não a deixaria viva para denunciá-lo. Já matara pelo menos duas pessoas, não hesitaria em matar uma terceira, sobretudo para salvar a própria pele.

Saiu da Gávea e dirigiu algum tempo sem destino. Passando por Copacabana, considerou que se não sabia aonde ir nem o que fazer, o melhor era ficar em casa perto do telefone. No caminho, comeu rapidamente alguma coisa a qual dez minutos depois seria incapaz de lembrar o que era. Quando entrou em casa, o piscar da secretária indicava apenas um recado. Do banco, convidando-o a passar na gerência para conhecer as várias formas de investimento para seu dinheiro depositado em conta corrente. Não queria. Até porque o dinheiro não ficaria lá muito tempo. Limpou a memória da secretária, telefonou para a delegacia avisando que estava em casa, sentou-se no sofá da sala e pôs-se a esperar. Dois minutos depois, levantou-se. Impossível ficar ali sentado enquanto a vida de Rose estava em jogo. Nunca se viu, em filme algum, no momento que antecede o desfecho da história, o mocinho ficar sentado em casa, olhando para o teto, esperando passivamente que algo aconteça. O sequestrador disse que telefonaria a partir das dez da noite, de nada adiantaria ficar sentado e esperar, às duas horas da tarde. Mas não via que outra coisa poderia fazer.

Seus colegas, numa situação como aquela, estariam fazendo diligências, interrogando suspeitos, imprensando os informantes, enfim, fazendo o que deve fazer todo policial. Ele, na única diligência que fez naquele caso, deteve um suspeito que soltou em seguida “porque não tinha cara de matador” e que, com toda a certeza, naquele momento dormia o sono eterno numa gaveta do Instituto Médico Legal. Ele sabia que raramente a polícia fazia alguma coisa efetivamente capaz de conduzi-la à solução de um crime, noventa por cento era jogo cênico, e como ele não se prestava a isso, sobravam dez por cento de atividade, que naquele momento ele exercia no sofá da sala.

Tirou do bolso do paletó os envelopes que comprara, colocou dentro do menor uma folha de papel dobrada em quatro, e botou os dois dentro do envelope pardo, sem colar. Deixou-o sobre a mesinha de centro, com uma pistola 9 mm servindo de peso. Era tudo o que estava ao seu alcance fazer naquele momento.

Carmem passara os momentos livres do dia (que foram muitos devido à ausência de Cláudio Lucena) pensando em Rose e no fato de que nem sempre fora simpática com o inspetor Espinosa. Colaborara na medida exata de sua solicitação, nem um pouco mais, e não havia razão alguma para isso, Rose era sua única amiga dentro da companhia e o policial sempre fora gentil e bem-educado.

Enquanto pensava, examinava mais uma vez o ambiente de trabalho de Rose, imaginando onde ela mesma, Carmem, esconderia uma carta. Não estava na mesa de trabalho, nem no arquivo móvel que sua colega mantinha sempre próximo enquanto trabalhava. Pegou o maço de correspondência acumulada e começou a separar o que era comercial e o que era pessoal para Ricardo Carvalho. Dentre a correspondência para Rose uma chamou especialmente sua atenção. Era um envelope endereçado a ela e sem remetente. O que intrigou Carmem foi que a letra era da própria Rose.

Era talvez a única pessoa dentro da companhia que sabia do caso entre Ricardo Carvalho e sua secretária, de como começara há mais ou menos dois anos, dos encontros semanais às terças e quintas, embora tenham sido poucas as vezes em que conversaram abertamente sobre

o assunto. Se o dr. Daniel Weil viesse a saber do caso, Rose teria sido despedida sumariamente, e a situação do próprio Ricardo Carvalho ficaria delicada, mas não se importava com ele a não ser na medida em que sua amiga viesse a ser atingida. Sabia que Ricardo Carvalho não valia nada, e conhecia bem Cláudio Lucena, uma dupla para a qual a palavra ética, se fosse retirada dos dicionários, não faria qualquer falta. Mas gostava de Rose, esperta para certas coisas e ingênua como uma criança quando se tratava de Ricardo Carvalho. Sem dúvida alguma, a morte do chefe e amante pegou-a de surpresa. E agora ali estava aquele envelope, aparentemente dela para ela mesma, no preciso momento em que o inspetor Espinosa perguntava por uma carta perdida.

Enquanto caminhava, Espinosa tinha o pensamento voltado para o confronto com o sequestrador. Em algum momento, seria feita a troca entre aquilo que o sequestrador julgava ser a carta e Rose. Era o momento de maior exposição para ambos os lados. A chamada indústria dos sequestros chegou a ponto de provocar o surgimento de firmas, nacionais e estrangeiras, especializadas na negociação com sequestradores quanto ao valor do resgate e as condições em que deveria ser feito. No caso presente, não havia dinheiro, apenas uma carta, tratava-se de uma simples troca entre uma prisioneira e uma carta. Espinosa achava que a coisa não se passaria dessa maneira. A menos que o sequestrador tivesse tomado medidas extremas de proteção da sua identidade, seria obrigado a matar Rose. Teria que ser pego no ato da troca.

O fato de a letra no envelope ser da própria Rose fez com que Carmem decidisse ligar para o inspetor. Ele era o único, naquela confusão toda, que parecia se importar com ela. Deixara um cartão com os telefones da delegacia e de casa. Tentou os primeiros e informaram que o inspetor Espinosa saíra em diligência e ainda não voltara. Tentou o telefone da residência e atendeu a secretária eletrônica. Deixou o recado. Eram seis horas da tarde e os funcionários da Planalto Minerações preparavam-se para sair. Achou melhor levar o envelope com ela, seria melhor para o caso de o inspetor querer vê-lo. Tinha sido um dia tranquilo com a ausência de Cláudio Lucena.

Sem perceber, Espinosa contornara o bairro Peixoto, descera um pequeno trecho da rua Santa Clara e estava em frente à vila onde Júlio morava. Seis horas da tarde, hora de professor estar em casa. A vaga em frente estava vazia e havia uma luz fraca na parte de cima da casa. Certas pessoas costumam deixar uma lâmpada acesa quando saem, dá a impressão de ter gente em casa. Espinosa achava que o expediente servia apenas para iluminar os passos do ladrão. Todas as casas da pequena vila estavam iluminadas e em todas distinguia-se a luz azulada dos aparelhos de televisão. Tocou a campainha com timidez, como se estivesse invadindo um templo exatamente na hora da missa. Da segunda vez, tocou com mais insistência. A porta da casa ao lado se abriu e apareceu uma mulher de meia-idade com cara de extremo cansaço.

— O professor não está. Se for para entregar alguma coisa, pode deixar comigo.

A voz, além de parecer sair de um instrumento de sopro rachado, não tinha qualquer modulação.

— A senhora sabe aonde ele foi?

— Não. Nem quando ele volta. Só sei que saíram os dois com pouca bagagem.

— Os dois?

— É, ele e a namorada. O senhor é colega dele?

— Sou. Obrigado pela ajuda.

Espinosa continuou descendo a rua Santa Clara e retornou ao bairro Peixoto pela rua Tonelero. A frase da vizinha ainda ecoava, "ele e a namorada". Uma ideia absurda passou pela cabeça. Entrou em casa balançando a cabeça, como se estivesse dizendo não para um interlocutor invisível. Ouviu o recado da secretária: "Inspetor Espinosa, quem está falando é Carmem, da Planalto Minerações. Encontrei uma coisa que talvez seja o que o senhor está procurando. Ligue para minha casa, devo chegar por volta das seis e meia". Eram seis e vinte. Ligou e ninguém atendeu. Voltou a ligar, com intervalos que variavam de dois a cinco minutos, até seis e quarenta e cinco, quando começou a temer uma repetição da história de Rose.

7

Por volta das seis e meia, Welber foi tomado de grande agitação. Apertava o botão da campainha na cabeceira da cama ao mesmo tempo em que gritava chamando a enfermeira. Cada vez que tentava gritar sentia muitas dores, mas gritava mesmo assim. Passou-se muito tempo até que aparecesse alguém do andar. Quando entrou no quarto, Welber estava tentando se levantar e gritando:

— É ele, só pode ser ele!

— O que é isso, meu filho, ficou maluco? Você não pode se levantar, nem gritar desse jeito.

— Preciso falar urgentemente com o inspetor Espinosa. — A boca seca dificultava ainda mais a locução. — Ligue para ele.

— Calma, filho, não está acontecendo nada. Relaxe.

Welber agarrou a enfermeira pela manga do uniforme.

— Ele vai matar Espinosa, como matou os outros e quase me matou.

— Ninguém vai matar ninguém, filho, acalme-se.

— Eu vi, eu vi como num sonho, vi com toda a clareza.

— Calma, você deve ter tido pesadelo.

— Porra, você não entende? Eu vi quem atirou em mim e agora vai matar a moça e Espinosa. Tenho que falar com o inspetor. É urgente.

Quanto mais Welber procurava convencer a enfermeira, mais se agitava e mais ela procurava mostrar que tinha sido um pesadelo.

— Que pesadelo, mulher? Então esse tiro que me furou desse jeito foi pesadelo?

A enfermeira tocou a campainha e pediu a presença do médico de plantão. Quando ele chegou, a enfermeira e a auxiliar estavam tentando manter Welber deitado enquanto ele continuava a gritar. As duas eram de opinião de que deveriam dar-lhe um sedativo, mas não fariam nada sem ordem do médico. Welber gritava que, se o fizessem dormir, estariam

decretando a morte de três pessoas. O médico de plantão propôs um acordo, o detetive se comprometia a ficar calmo enquanto ele providenciava um telefone para plugar na sua cabeceira.

Enquanto um servente entrava com o aparelho de telefone, a enfermeira religava o soro que se soltara com a agitação de Welber. A ligação telefônica não era direta, passava pela mesa na portaria. Welber deu o número da casa de Espinosa e disse que era um caso de vida ou morte. A telefonista informou que ninguém atendia. Welber pediu que ela continuasse insistindo a cada minuto.

— Senhor, não posso fazer isso, tenho que atender às outras chamadas.

— Senhorita, a sua insistência pode salvar duas vidas. Por favor.

— Está bem, vou alternar as demais chamadas com a sua.

Passados alguns minutos, Welber estava a ponto de iniciar nova crise, a telefonista chamou.

— Senhor, agora está dando ocupado sem parar. Vou ficar insistindo, assim que conseguir linha volto a chamar.

Antes mesmo de abrir a porta do apartamento, Carmem ouviu a campainha do telefone tocando. Faltavam quinze minutos para as sete horas. Deveria ser o inspetor Espinosa. Logo naquele dia atrasara-se para chegar a casa. Não abriu a porta a tempo de atender. Na pressa, não chegara a fechar a porta do apartamento e ainda estava com a bolsa a tiracolo e as duas sacolas do supermercado soltas no meio da sala. Ligou imediatamente para o número que gravara de memória. Espinosa atendeu.

— Graças a Deus! — disseram os dois ao mesmo tempo.

Carmem falou sobre o envelope e da certeza de a letra ser de Rose. Não abrira. Parecia ter outro envelope dentro daquele. Não dava para ler nada na contraluz.

— Onde você mora? — perguntou Espinosa.

— Em Laranjeiras, perto do Cosme Velho.

Espinosa pegou o endereço.

— Estarei aí dentro de, no máximo, meia hora.

E quando já ia desligando:

— Não abra a porta para ninguém até eu chegar.

Quando a telefonista do hospital conseguiu linha, o telefone de Espinosa estava na secretária eletrônica. O tranquilizante que puseram no soro ainda não fizera efeito. Welber estava completamente desperto e achando que a dificuldade que estava tendo para falar com Espinosa era invenção da telefonista em combinação com o médico de plantão. Apenas a enfermeira mais velha ficara no quarto. Welber acomodou-se na cama, bocejou algumas vezes. A enfermeira apagou a luz do teto, deixando aceso apenas o pequeno abajur de cabeceira. Welber fechou os olhos e, em poucos minutos, ressonava. Assim que a enfermeira saiu, ele retirou a agulha do soro presa a uma das mãos, sentou-se na cama, puxou com o pé a escadinha e levantou-se, disposto a procurar um telefone no corredor. Caiu, levando junto tudo o que estava em cima da mesinha, além de derrubar a haste de ferro que servia de suporte para o

soro. O barulho deve ter acordado todo o andar.

Espinosa levou menos de meia hora para ir de Copacabana a Laranjeiras. Tocou três vezes a campainha e, quando sentiu que o olhavam pelo olho mágico, disse seu nome. Carmem estava sozinha. Ambos murmuraram qualquer coisa a título de cumprimento e ela retirou o envelope de dentro de um livro.

— Estava o tempo todo à vista. Quando procuramos nas gavetas e no arquivo da sala de Rose, ele estava em cima da secretária junto com a correspondência acumulada. Creio que devia estar lá há três ou quatro dias.

Enquanto Carmem falava, Espinosa abria cuidadosamente o envelope com ajuda de um canivete. Quando retirou o segundo envelope não pode conter a surpresa. Nele estava escrito em letras vermelhas *À polícia* e dentro uma folha de papel tamanho carta repetia em cabeçalho *À polícia* seguido do texto *Os vinte mil dólares são um pagamento para sumirem com a arma...*

Sentou-se na cadeira mais próxima. Não conseguia despregar os olhos da carta. Não estava lendo mais nada, a primeira leitura foi suficiente. A perplexidade era tanta, que sequer soltou uma exclamação. Estava mudo, olhos arregalados, braços esticados segurando a carta na posição de leitura. Passado um instante, murmurou:

— Então, foi isso?

Carmem olhava para ele, excluída de corpo presente, esperando receber alguma migalha de informação.

— Inspetor?

Nada. Nenhuma reação notável.

— Inspetor Espinosa.

Ele girou o corpo em direção a Carmem e disse, quase num murmúrio:

— Não foi assassinato, foi suicídio.

Apesar do caráter lacônico e quase inaudível da comunicação, a moça era esperta e percebeu imediatamente o significado. “Ricardo Carvalho se matou.” Mas o que Carmem não sabia era do conteúdo da carta e do seu destinatário.

— Carmem, para sua segurança, é importante que você não leia a carta, e mesmo essa informação que deixei escapar, faça de conta que não ouviu nem entendeu. Não comente com ninguém sobre o que aconteceu hoje. Você nunca viu carta nenhuma.

Saiu elogiando sua inteligência e perspicácia, e prometendo que, quando tudo terminasse, contaria para ela toda a história.

Do prédio de Carmem, continuou subindo a rua das Laranjeiras em direção ao túnel Rebouças. Quando saiu na Lagoa, tinha se recuperado de metade do susto, faltava a outra metade, a que ocultou de Carmem. Quais os policiais que recolheram a carta? Só poderia ser a guarnição da patrulha que fez a ocorrência no edifício-garagem. Eram dois PMs, dez mil dólares para cada um, eram capazes de dar sumiço na arma, no carro, no cadáver e até mesmo no edifício-garagem. Mas, nesse caso, como a arma foi parar nas mãos de Max? Só se na pressa de se verem livres dela, jogaram-na em algum canto e Max a encontrou por acaso.

Outra possibilidade é Rose ter sido a primeira a chegar ao local, mesmo porque costumava encontrar-se com ele naquele lugar, e, aterrorizada com o acontecido, pegou a carta e a arma e saiu correndo, quando foi interceptada por Max que presenciara tudo. Ela pode ter entregue a Max o revólver e o dinheiro, mas ter ficado com a carta; caso contrário não haveria explicação para o fato de ela estar de posse da carta. Quando chegou ao bairro Peixoto, já elaborara umas cinco ou seis versões para a história. Em nenhuma delas, porém, encaixavam-se os assassinatos de d. Maura e de Max. O que podia considerar como indiscutível é que Max ficara com a arma e Rose ficara com a carta. Restava saber por que duas pessoas foram assassinadas em seguida ao suicídio do executivo.

8

Não acendeu as luzes ao entrar. A única coisa que brilhava na escuridão da sala eram as pequenas luzes vermelha e verde da secretária. Ninguém ligara na sua ausência. A luz da rua, refletindo no teto, iluminava indiretamente móveis e objetos. Cada um adquiria uma densidade própria de acordo com a capacidade de suas sombras se transformarem em outros objetos ou mesmo pessoas. Uma inocente cadeira no canto da sala sugeria um homem agachado, até mesmo o antigo abajur de pé lembrava antigos bandidos de filmes americanos com seus chapéus de feltro. Mas Espinosa não estava suscetível a fantasmas, seu pensamento estava inteiramente voltado para o confronto das próximas horas. Enquanto esperava, deixava o quadro geral assumir novas configurações tornadas possíveis pela descoberta da carta.

O primeiro e imediato benefício que a descoberta produziu em Espinosa foi a eliminação do sentimento de estranheza que se apoderava dele toda vez que tentava encontrar um responsável pela morte de Ricardo Carvalho. Ninguém se encaixava no papel de assassino pelo simples fato de que não havia assassino, o que não significava a eliminação definitiva da hipótese de assassinato. Aquela carta poderia ter sido forjada, embora considerasse pouco provável essa hipótese, já que um exame grafológico poderia atestar sua autenticidade. Mas, se havia esse benefício, ainda que duvidoso, as duas mortes que se seguiram passavam de papel secundário para o papel principal. Eram indiscutivelmente casos de assassinato. Isso, é claro, admitindo-se que o cadáver encontrado queimado e mutilado fosse de Max, o que, àquela altura dos acontecimentos, também era atingido pela dúvida. Mas ninguém, por mais cético que fosse, iria achar que d. Maura cortara os próprios dedos de uma das mãos para com a outra se enforcar com a corda do secador de roupas. Poderia admitir, sem qualquer sombra de dúvida, a existência de pelo menos um assassinato. E se ninguém se encaixava no papel de assassino de Ricardo Carvalho, muito menos ainda no papel de torturador e assassino da mãe de Rose. Os personagens e o cenário geral assumiam novas formas tal qual as sombras da sala. Faltava pouco mais de uma hora para o início do período de prontidão estabelecido pelo sequestrador.

Mesmo dormindo, Welber falava coisas incompreensíveis e se agitava na cama. O sonífero que puseram no soro era suficiente para mantê-lo fora de ação até o dia seguinte, quando o médico de plantão e as enfermeiras já teriam sido substituídos. Havia certo temor de que sua história fosse verdadeira. Foi uma sorte que, com o tombo, não tivesse rompido nenhum ponto. Internamente não sabiam se havia danos. Foi colocada uma enfermeira ao seu

lado durante toda a noite, com ordens de comunicar qualquer alteração e impedir nova tentativa de se levantar.

Espinosa pensou em como estaria Welber naquele momento e em como seria bom poder contar com ele. Poderia ter sido ele próprio, Espinosa, o atingido pelo tiro; para tanto, bastaria ter chegado à porta antes do seu companheiro. Poderia ter morrido, como poderia vir a morrer no encontro desta noite. Um tiro como aquele, pegando alguns centímetros mais para o lado ou mais para cima, e Welber poderia ter morrido ou ficado invalidado. Era como se a vida se esvaísse pelo buraquinho feito pela bala, como um balão de gás.

Rose assumira a estratégia de colaborar com o sequestrador. Em nenhum momento deu a entender que sabia ter sido ele o autor da tortura e morte de sua mãe. Quanto mais pensava na cena dos dedos cortados descrita pelos jornais, mais fria ficava na sua deliberação de matar aquele homem. De preferência, fazendo-o sofrer tanto quanto sofrera a mãe. Não falava, não resistia, não tentava agressões inúteis, físicas ou verbais, esperando o momento em que ele falhasse. Não sabia o que iria fazer. Não poderia ser nada que implicasse um confronto físico, ele era muito forte e a dominaria com facilidade mesmo que estivesse armada com faca ou coisa parecida. Não sabia como, mas iria matá-lo. Por volta das oito horas, o homem colocou uma algema no seu próprio braço e a outra no braço dela, deitou-se de barriga para cima no colchonete, forçando-a a fazer o mesmo ao lado.

— Procure dormir um pouco, a noite vai ser longa.

Fechou os olhos e, em poucos minutos, estava ressonando. O braço dele parecia uma âncora, ela nada tinha a fazer a não ser ficar ao seu lado de barriga para cima, acordada enquanto ele dormia. Então, aquela seria a noite decisiva. O inspetor não podia saber onde estava a carta e, por mais que a procurasse no quarto do hotel, não a encontraria. Rose sabia que o sequestrador não a mataria sem antes estar de posse da carta, mas sabia também que ele não hesitaria em cortar-lhe os dedos como forma de pressionar Espinosa. O homem tinha uma arma que carregava dentro da sacola que estava no canto da sala, distante três metros. Para chegar até ela, teria que arrastá-lo enquanto dormia, e mal conseguia mover-lhe o braço do lugar um único centímetro que fosse.

Faltando meia hora para o início da prontidão, Espinosa levantou-se do sofá, acendeu a luz do abajur e pegou o envelope pardo que deixara em cima da mesa. Retirou a folha de papel em branco e o envelope, e copiou o melhor possível a carta original e o envelope, fechou ambos os envelopes, colocando novamente um dentro do outro e guardou-os no bolso do paletó. Os originais, escondeu-os dentro do livro de Dickens que estava lendo. A espera é feita mais de fantasia do que de realidade, mas Espinosa fazia todo o possível para colocar as ideias em ordem da forma mais realista possível. Procurou recolher todos os fragmentos de imagens, conversas, ideias soltas, e com eles refazer o tecido a partir da descoberta da carta suicida. A começar pela própria carta, que não era de um suicida, mas de um homem de negócios. Custava acreditar que alguém que tivesse deliberado se matar o fizesse com tamanha frieza e cálculo. Ninguém, a não ser o próprio Ricardo Carvalho, era responsável pela sua morte. Não havia assassino a procurar, a não ser apontar o assassino de si próprio. O motivo das outras duas mortes tornou-se claro com a outra peça do mosaico, a informação sobre o seguro de vida de um milhão de dólares. Isso esclarecia tanto o bilhete do suicida como a morte de d. Maura e provavelmente a de Max. Faltava descobrir o autor.

Estava nervoso. Uma das hipóteses para o fato de Rose ter estado até então de posse da carta era a de que teria sido a primeira pessoa a chegar ao carro de Ricardo Carvalho após ele ter cometido suicídio. E isso porque costumava encontrar-se com ele ali naquele lugar, naquela hora, às terças e quintas. Se foi assim, Ricardo matou-se sabendo que Rose seria a pessoa a encontrar o corpo, a carta e a arma, e sabia que ela faria o que ele estava pedindo. O dinheiro era um recurso extra para o caso de alguém chegar antes ou de a polícia ser a primeira a abrir o carro. Isso significava que Rose não sabia que Ricardo pretendia se matar, certamente tentaria impedir, faria uma cena, coisas que ele decerto queria evitar.

Ideias e imagens emergiam aos borbotões. O que não ficava claro era por que a carta estava com Rose mas a arma estava com Max. A não ser que a história contada por Max fosse verdadeira. Rose chegou logo em seguida ao suicídio, viu a carta, pegou a arma, a carta e a pasta e saiu correndo pela escada. Chegando à rua, procurou o primeiro lugar para se livrar do revólver e foi nesse momento que Max a viu. Isso fechava a história da morte do executivo, mas deixava inteiramente em aberto a morte da mãe de Rose e a provável morte de Max. O elemento que ligava ambas as séries era Rose e ela estava naquele momento nas mãos do assassino. A outra hipótese era Max ter assassinado o executivo numa tentativa de assalto e Rose ter presenciado, daí Max passar a persegui-la e ela ter sido obrigada a se esconder. Max, então, torturou a mãe dela para que revelasse o paradeiro da filha. A carta seria forjada mas teria que ser vista por alguém, de preferência a própria polícia, para fazer crer que foi suicídio, mas, em seguida, essa carta teria que ser recuperada e destruída para não ser enviada para exame grafológico, que comprovaria sua falsidade. Daí ele estar naquele momento tentando desesperadamente recuperá-la. Uma terceira hipótese, a mais fraca ainda, era Max e Rose serem cúmplices não na morte do executivo, mas no uso da carta. Isso, porém, não explicava uma série de fatos, tais como a tortura e morte de d. Maura, o tiroteio no hotel, o atentado na rua em Ipanema e o fato de estarem ambos agora lutando pela posse da carta.

Dez e vinte, nenhum telefonema. Talvez fosse melhor pedir ajuda. É muita pretensão achar que se pode resolver sozinho um caso de sequestro. É bem verdade que não se trata de sequestro comum, não há grandes nem pequenas quantias sendo pedidas, o sequestrador quer apenas uma carta, ou antes, bilhete. O problema é que não se trata de entregar o bilhete e receber a moça. Espinosa sabe disso tanto quanto o sequestrador. Uma vez entregue o bilhete, Rose viveria apenas o tempo necessário para a verificação da autenticidade. Espinosa estava disposto a correr o risco. Pedir auxílio ao pessoal da delegacia ou da Divisão Antissequestro poderia significar entregar-se e entregar a carta ao inimigo. Dariam um jeito de ele ser morto "no tiroteio com a quadrilha dos sequestradores". Não tinha saída, ou salvava Rose no momento do encontro ou o mais tardar durante o tempo que o sequestrador levaria para verificar se a carta era ou não autêntica. Se fosse esta a proposta que o sequestrador viesse a fazer. Dez e quarenta, o barulho do telefone assustou Espinosa. Era Alba.

— Espinosa, o que está havendo?

— Não está havendo nada, por quê?

— Porra, por quê? Você me despacha misteriosamente no meio da madrugada e em seguida emudece... é claro que está acontecendo alguma coisa.

— Meu bem, agora não posso explicar... tenho que desligar... preciso deixar o telefone livre... telefono para você amanhã.

Desligou antes que ela dissesse qualquer coisa.

Às onze e quinze, pegou um livro para ler. Desistiu em poucos minutos. Tinha medo de dormir e não escutar o telefone tocar. Impossível ouvir música. O vazio da espera não podia ser preenchido com nada além dos fantasmas de seu próprio imaginário e sempre que tentava retomar o fio do raciocínio era novamente invadido pelo imaginário. Às duas horas da madrugada, já não distinguia claramente a realidade da fantasia.

9

Rose estava imóvel enquanto o homem dormia ao seu lado. Queria saber quem era aquele sujeito que conseguia dormir numa situação como aquela. Teria sido ele o assassino de sua mãe? Até aquele momento, não a tinha maltratado, a não ser pelo fato de mantê-la em cativeiro. As restrições físicas que impunha eram compreensíveis como medidas de segurança. Era a segunda vez que adormecia estando algemados um ao outro. Da primeira vez, chegou a pensar em seduzi-lo, a situação era propícia, mas desistiu da ideia. Tentar seduzi-lo era quase a mesma coisa que tentar seduzir um peixe. A aliança de casado indicava algum interesse por mulheres, mas nas circunstâncias presentes estava tão intensamente obcecado por outra coisa, que sequer tinha possibilidade de vê-la como objeto sexual, apesar da intimidade provocada pela proximidade física. Quase não falava e, quando o fazia, era para transmitir instruções precisas. Em nenhum momento tentou conversar. Ela não apenas não o interessava como mulher como tampouco o interessava como ser humano, até porque ele mesmo, naquele momento, não se parecia muito com um ser humano. Também não sabia o que poderia obter com a sedução. Por acaso ele seria repentinamente tomado de amores por ela e a libertaria? Agradecido pela excelente trepada, retiraria as algemas e a mandaria para casa? A ideia era ridícula, aquele brutamontes não teria arquitetado tudo aquilo para no final ceder aos encantos da vítima. Aquele sujeito não era o Max para quem bastara alguns olhares de moça pudica. Mas se não tinha esperanças de vir a ser libertada, poderia pelo menos retardar o desfecho. Tudo indicava que aquela seria a noite definitiva, e, qualquer que fosse o desfecho, ele não iria deixá-la viva como testemunha. A ideia lhe repugnava, mas dela poderia depender sua sobrevivência.

Virou lentamente o corpo em direção ao homem, mantendo o braço da algema imóvel. Queria dar a impressão de estar fazendo esse movimento dormindo. Fechou os olhos, aproximou seu corpo do dele e passou o braço livre por sobre o seu corpo. Em seguida, ficou imóvel, sem coragem de abrir os olhos para ver se os dele estavam abertos. Estava praticamente montada sobre seu braço esquerdo, a cabeça pousada em seu ombro e a mão sobre sua barriga. Os braços algemados, esticados ao longo dos corpos, pareciam troncos sobre os quais estava montada, sentia a mão enorme entre suas pernas. Procurou manter a respiração cadenciada, de quem está dormindo, e esperou. Nada, nenhum movimento da parte dele. Sentia seu cheiro. Era agradável. Não era cheiro de perfume, era cheiro de homem. Achou que estava ficando excitada. Revoltante, mas era verdade. Passado algum tempo, decidiu prosseguir. Continuava de olhos fechados, mas tinha certeza de que os dele estavam abertos. Deixou a mão que estava sobre a barriga escorregar até a virilha. Manteve a mão apenas pousada, sem nenhuma pressão além da exercida pelo próprio peso, sentindo qualquer

alteração de volume que lhe desse coragem para prosseguir. Passado algum tempo, o volume ainda parecia normal, talvez ligeiramente alterado. Aumentou ligeiramente a pressão da mão. Não houve rejeição, segurou-o como se fossem íntimos. Impossível manter o ritmo normal da respiração e era evidente que a dele também se alterara, mas o corpo continuava imóvel, menos a parte sob sua mão. Rose esperou mais um pouco, os cheiros ficaram mais intensos e o volume debaixo da calça parecia ter atingido o ponto máximo. Devagar, como se ainda temesse acordá-lo, subiu a mão alguns centímetros, desafivelou o cinto, abriu o zíper e enfiou a mão por debaixo da cueca. Estava incrivelmente excitada e ambivalente. Até aquele momento o homem não fizera qualquer movimento. A impressão era de que toda a sua massa muscular aumentava de volume, sem que ele movesse, voluntariamente, um único músculo. De repente, sentiu a mão algemada que estava entre suas pernas mover-se, procurar o botão da sua calça jeans, baixar o zíper, meter-se entre suas pernas arrastando seu próprio braço, o contato da mão revelando o molhado da boceta, e viu-se levantada no ar e ser colocada sentada sobre ele. Somente então olhou-o nos olhos.

Com o braço livre, ele puxou a camiseta dela por cima da cabeça e deixou-a presa junto às algemas do outro braço. Com a mão que estava entre as pernas, forçou-a ficar de pé, apesar das algemas, e abaixou-lhe o jeans e as calcinhas ao mesmo tempo. Em seguida, livrou-se da calça e da cueca. Quando Rose agachou-se sobre seu pau, sentindo-o entrar, deixou-se escorregar devagarinho até embaixo. Foderam algemados, camisetas emboladas no braço das algemas, Rose subindo e descendo como se formassem os dois um êmbolo bem lubrificado. Gozou transpirando raiva e prazer. Continuou sentada, imóvel, tronco ereto, cabeça voltada para cima recusando o olhar do homem. Não queria mudar de posição para não deixar o sangue refluir e ele sair de dentro dela. Manteve contrações ritmadas, durante um tempo impossível de se determinar, até sentir o homem crescer dentro dela. Em nenhum momento se abraçaram ou se beijaram, toda a energia concentrada, ódio e não amor, gozo puro. Quando recomeçaram, o corpo do homem estava banhado de suor, as camisetas emboladas junto às algemas eram utilizadas ora por um ora por outro para enxugar o suor do rosto. Nem o homem nem ela até aquele momento tinham dito uma palavra. Impossível introduzir no gozo da foda a palavra do prazer. Em seu lugar, gemiam, bufavam, gritavam, engasgavam. A segunda vez foi mais demorada. O homem suava por todos os poros, cabelos encharcados, respiração ofegante. Quando terminaram, Rose deixou o corpo relaxar, sentindo uma resistência ao desgrudar-se dele. Não saiu de cima do homem. Sentou-se sobre seu peito, junto ao pescoço, como se fosse uma montaria, comprimindo o rosto dele entre as coxas. Permaneceu um tempo nessa posição, deixando-o sentir o cheiro ácido do sexo. Recomeçou devagar, esfregando a boceta em todo o seu corpo, deslizando pelo suor. Não era capaz de dizer quanto tempo ficou assim, nem quanto tempo depois sentiu o pau do homem intumescer, mas não o suficiente para uma penetração. Continuou se esfregando. Agora ambos suavam abundantemente. O homem tentava voluntariamente uma ereção, mas o esforço parecia inútil. Ajoelhada, com a cabeça do homem entre as coxas, Rose lubrificava vaginalmente seu rosto, deixando que o nariz a penetrasse até sentir que ele perdia a respiração. Sem sair do lugar, girou o corpo, enfiou a cabeça entre as pernas do homem, lambendo e chupando, até obter uma ereção suficiente para sentar-se novamente sobre ele. Tinha que manter o movimento ritmado, lentamente para não perder a posição. O tempo parou. Havia apenas um movimento circular acompanhando o ritmo compassado do corpo. O homem, músculos retesados, veias do pescoço saltadas, parecia

espremer-se como uma fruta oferecendo seu suco. O colchonete estava inteiramente molhado. Gozaram em meio a grunhidos e resfolegamentos. Rose caiu sobre o assoalho. Seu colchonete deslizara para longe. Sentiu o frescor agradável da madeira sob o corpo. Ficou olhando para o teto durante alguns minutos, o homem estava quieto ao seu lado. O suor já secara inteiramente quando voltou-se para ele, precisava ir ao banheiro. Ajoelhou-se ao seu lado e seu rosto estava azulado. Procurou sua respiração, estava morto.

10

Espinosa acordou com o telefone tocando. Deitado no divã da sala, completamente vestido, procurava o aparelho enquanto pensava em Rose transmitindo ordens do sequestrador. Não percebeu imediatamente que era dia. Só despertou inteiramente quando ouviu a voz do delegado de plantão falando seu nome.

— Espinosa, desculpe te acordar a essa hora, mas tem uma ocorrência perto da sua casa. Uma mulher foi encontrada gritando dentro de um apartamento, algemada a um cara morto, os dois inteiramente nus e a mulher repete sem parar que quer falar com o inspetor Espinosa da 1ª DP.

O endereço era na rua Barata Ribeiro, realmente perto da sua casa. Eram seis horas da manhã.

Prédio antigo, com mais de uma centena de apartamentos de quarto e sala conjugados, endereço conhecido do submundo de Copacabana. Dois carros-patrulha da PM estavam parados na calçada em frente à portaria e dois policiais tomavam café no botequim ao lado. Espinosa perguntou qual era o andar e se a moça ainda estava lá. Na portaria do prédio pessoas saíam não para mais um dia de trabalho, mas de mais uma noitada com parceiros anônimos. Subiu no elevador com um soldado de uma das guarnições estacionadas em frente da portaria.

— Porra, o cara morreu como eu queria morrer, só não entendi por que as algemas.

Espinosa ainda não conseguira elaborar um quadro minimamente compreensível da situação. Quando entrou no apartamento, um sargento da PM tentava convencer Rose a ir com ele ao hospital. Ela estava encolhida num canto, enrolada num lençol certamente emprestado por alguém do andar, e dizia frases que nada tinham a ver com o ocorrido. Próximo à janela, também coberto por um lençol cheio de furos de cigarro e que não dava para cobrir-lhe os pés, estava o morto. Espinosa levantou a parte de cima do lençol, descobrindo o rosto de Aurélio.

Detalhes escondidos pelo esquecimento começaram a emergir à consciência, detalhes fornecidos pelo próprio Espinosa durante os almoços que Aurélio marcava com tanta insistência. A experiência do ex-policial, investigador de companhia de seguros, as informações que obtinha nos almoços com Espinosa faziam de Aurélio, agora, retrospectivamente, o suspeito óbvio... e tão impossível.

Rose não olhou quando Espinosa entrou na sala e, mesmo quando ele ficou de cócoras à sua frente, não deu sinal de conhecê-lo. Tremia como se estivesse com frio e apertava o lençol contra o corpo. No pulso, a marca arroxeada da algema.

— Rose, sou eu, Espinosa.

E ela repetia como um autômato:

— Inspetor Espinosa da 1ª DP.

— Rose, eu sou o inspetor Espinosa, não se lembra de mim?

— Inspetor Espinosa da 1ª DP.

— Sim, sou eu, lembra-se?

— Inspetor Espinosa da 1ª DP.

Um tenente da PM aproximou-se, colocou a mão no ombro de Espinosa:

— Inspetor, já vi isso outras vezes, ela está chocada, a pessoa não diz coisa com coisa. O melhor que podemos fazer é levá-la para o Hospital Pinel, lá eles vão saber o que fazer.

— Pinel? Você acha que ela ficou louca?

— É uma espécie de loucura, a pessoa fica repetindo coisas sem sentido, como se estivesse fora de si... Vai ver está mesmo. Às vezes, passa logo, às vezes não passa nunca.

— Não é melhor esperar um pouco? Pode ser que ela volte a si.

— Inspetor, pela experiência que eu tenho, quanto mais cedo cuidarem dela, melhor.

— Tudo bem. Vou com vocês. Pode ser que no caminho ela se lembre de mim.

Pegou as roupas espalhadas pela sala. O tenente ajudou-o a vesti-la. Deixaram a calcinha de lado, seria muito complicado. Vestiram-lhe a calça jeans e a camiseta ainda úmida e amassada. Junto à sacola de Aurélio, estava a bolsa com seus pertences, carteira com dinheiro, cartão de crédito, chaves, escova de cabelos, batom e outras miudezas. Rose deixou a sala sem se dar conta do cadáver estirado no caminho. Não olhou para nada nem para ninguém, e quando olhava parecia não ver. Foi levada sem oferecer qualquer resistência e quando ocupou o banco de trás do carro da polícia, com Espinosa segurando-lhe a mão, era como se nunca o tivesse visto na vida, apesar de, mesmo no hospital, ainda repetir para o médico: “Inspetor Espinosa da 1ª DP”.

Deixou os telefones de casa e da delegacia com a equipe de plantão do hospital e pediu ao tenente da patrulha que o levasse de volta ao local da ocorrência para pegar o carro. De lá foi direto ao Hotel Novo Mundo apanhar roupas limpas e objetos de higiene pessoal para Rose. Pediu à arrumadeira que separasse mudas de roupa, pegou algumas coisas no armário do banheiro, colocou tudo numa sacola de viagem e mandou guardar o resto no depósito de bagagem do hotel. De volta ao hospital, deixou a sacola aos cuidados da atendente e novamente deixou os telefones onde poderia ser encontrado.

Estava com a roupa amarfanhada, barba por fazer, cara de quem não dormira um único minuto, e o estômago vazio e enjoado. Tomou café com leite, pão e manteiga no bar da esquina. O corpo de Aurélio seria removido para o IML. Pegou o carro e foi para casa.

O telefone tocava e a luz vermelha da secretária piscava. Quando atendeu, ouviu uma exclamação e a voz de Welber:

— Espinosa, graças a Deus, tentei avisar você ontem à noite mas puseram bolinha no meu soro — parou para respirar —, Espinosa, o cara que atirou na gente foi o Aurélio, a imagem

dele me veio clara como numa fotografia. Espinosa, você está me ouvindo?

— Estou, Welber. Fique tranquilo. Ele está morto.

— Você o matou?

— Não. É uma história complicada. Passo logo mais aí para lhe contar.

— Você está bem, inspetor?

— Quase tão bem quanto você, companheiro. Até já.

Quando tirou o paletó, viu o envelope com a falsa carta que preparara para o encontro. Foi até o quarto e retirou de dentro do livro de Dickens a original. Aquela carta valia um milhão de dólares para Bia Vasconcelos ou para a companhia de seguros. Das quatro pessoas que sabiam do seu conteúdo, duas estavam mortas e uma estava, até não se sabe quando, semimorta. Cabia a Espinosa decidir sobre o destino que daria a ela. Olhou longamente para o envelope. Preferia não fazê-lo.

Luiz Alfredo Garcia-Roza nasceu em 1936, no Rio de Janeiro, cidade onde vive até hoje. Formado em filosofia e psicologia, escreveu diversos livros nessas áreas. *O silêncio da chuva*, seu romance de estreia, recebeu os prêmios Nestlé e Jabuti, em 1997. De sua autoria, a Companhia das Letras publicou ainda outros romances policiais: *Achados e perdidos*, *Vento sudoeste*, *Perseguido*, *Uma janela em Copacabana*, *Berenice procura, Espinosa sem saída* e *Na multidão*.

3
4
5
6
7
8
9
10
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
Preferia não fazê-lo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
1
2
3
4
5
6